

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

**DEPARTAMENTO DE
LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA**



‘NOVIDADE DE PALLAVRAS’
NO
PORTUGUÊS DO SÉCULO XV

Mário José Silva Meleiro
DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA
(Linguística Histórica)

**Tese orientada pelo
Prof. Doutor Ivo Castro**

2011

A ti, Ana, a ti, Tomás,
pelas horas de ausência,
novamente obrigado.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Ivo Castro,
por todas as orientações e sábios ensinamentos, mas sobretudo pela disponibilidade apresentada para os partilhar, o meu profundo e sincero agradecimento. Também pela compreensão e apoio demonstrados nos momentos em que a investigação não evoluiu como seria de esperar.

Aos meus professores e colegas que, de alguma forma, estiveram presentes, sem referir nomes, não vá algum, inconscientemente, ser ignorado, o meu obrigado por todo o apoio.

À professora Maria Teresa Brocardo, pela disponibilização, em suporte papel, mas sobretudo informático, da *Crónica* de Zurara, o meu reconhecido obrigado.

À FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo apoio com o subsídio de manutenção mensal.

Resumo:

O enriquecimento do léxico, quer através da importação, quer de recursos morfológicos internos, é um processo intemporal na língua. E se não há dúvida que Camões é o grande mentor com a introdução de novas palavras na língua, sobretudo latinismos, também as não há de que antes dele outros contribuíram para o seu engrandecimento. A prova de que este é um processo intemporal temo-la com vários autores anteriores e posteriores ao Renascimento. Porém, existe a convicção de que é a partir do século XV que tal processo se começa a evidenciar, para atingir o seu auge no século XVI, consequência natural do Renascimento e da importância que as leituras dos clássicos então alcançaram. No entanto, um século antes, quer a prosa didáctica, levada a cabo pela produção régia, quer a histórica, pelos cronistas, haviam já aberto o caminho.

O *corpus* de partida para este estudo é, então, a *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes, e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Zurara, das quais apresento um Índice Analítico, a partir do qual será possível identificar os neologismos que elas contêm. Utilizando as palavras do próprio Fernão Lopes, o objectivo é procurar “novidade de pallavras”, daí o título da tese. Num primeiro capítulo abordo, ainda, os principais conceitos de formação de palavras e o papel da tradução na sua importação. Pretendo também tentar mostrar a falsa modéstia assumida pelo próprio Fernão Lopes, relativamente à qualidade lexical, morfológica e sintáctica da sua obra.

Abstract

The enrichment of the lexicon, either from imports or from internal morphological characteristics, is a timeless process in the Portuguese language. If there is no doubt that Camoes is the great introducer of new words in the portuguese language, especially Latinisms, there is also no doubt that before him others contributed to its enrichment.

But this is a timeless procedure. Throughout the ages, many classical forms have entered the language. Evidence that this is a timeless process is given by several authors before and after the Renaissance. However, there is the conviction that it is from the fifteenth century that this process starts, reaching its peak in the sixteenth century, the natural consequence of the Renaissance and the importance of the readings of the classics then reached. However, a century before, either didactic prose, undertaken by royal production, or history, by the chroniclers, had already opened the path.

The corpus of departure for this study is, then, the *Chronicle of D. Fernando*, by Fernão Lopes, and the *Chronicle of the Earl D. Pedro de Meneses*, by Zurara of which I present an analytical index, enabling the identification of the earliest records they contain. Using the words of the chronicler, the objective is to seek “novidade de pallavras”, hence the title of the thesis. The first chapter also contains an approach to the main concepts of word formation and the role of translation in its import process.

Palavras-chave: Linguística Histórica, Português Médio, Primeiras Datações, Fernão Lopes, Zurara-

Key-Words: Historical Linguistics; Middle Portuguese, Earliest Records, Fernão Lopes, Zurara.

Índice Geral

Índice geral	11
Siglas e abreviaturas.....	13
Introdução	15
I. Inovação Lexical	21
1. Formação e importação de palavras: principais conceitos.....	25
II. Datação das palavras	31
1. Os Dicionários Históricos-Cronológicos: o VH-CPM (CD-ROM)	31
2. A elaboração de um Índice Analítico: o programa Lexicon (versão 5.2)	43
3. Índice analítico conjunto da <i>Crónica de D. Fernando</i> e da <i>Crónica do Conde</i> <i>D. Pedro de Meneses</i> (Anexo I).....	51
3.1. Conclusões.....	56
III. Novidade de palavras no século XV	57
1. A <i>Crónica de D. Fernando</i> de Fernão Lopes. Edição de Giuliano Macchi.....	59
2. A <i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i> de Zurara. Edição de Teresa Brocardo.....	61
3. Eventual novidade de ‘pallavras’ na <i>Crónica de D. Fernando</i>	65
3.1. Comentários:	113
4. Novidade de ‘pallavras’ no português do século XV	115
Metodologia – ficha de palavra.....	115
4.1. Novidade de ‘pallavras’ na <i>Crónica de Dom Fernando</i>	119
4.1.1. Comentários:	165
4.2. Novidade de ‘pallavras’ na <i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i>	167
4.2.1. Comentários:	212
Conclusão	213
Referências Bibliográficas	215

ANEXO

Índice Analítico da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*

Siglas e abreviaturas

SIGLA	OBRA
AGC	<i>Dicionário Etimológico do Português Medieval</i> , de Antônio G. da Cunha
BENF	<i>O Livro da Virtuosa Benfeitoria</i>
BLem	<i>Lematização de textos medievais portugueses</i> , edição de J. Barbosa Machado
BOSC	<i>Boosco Deleitoso</i>
CAVA	<i>Livro da Enseñança de Bem Cavalgar toda Sela</i>
CDPM	<i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i>
CESA	<i>Vida e Feitos de Júlio César</i>
CF	<i>Cândido Figueiredo</i>
CGE	<i>Crónica Geral de Espanha (1344)</i>
CHP	<i>Clíticos na História do Português</i>
ChPortDuarte	<i>Chancelarias Portuguesas de D. Duarte 1-2</i>
ChUniPort	<i>Chartularium Universitatis Portugalensis</i>
CIPM	<i>Corpus Informatizado do Português Medieval</i>
CITR	<i>Livro de citraria</i>
COND	<i>Crónica do Condestabre de Portugal</i>
CORDE	<i>Corpus Diacrónico del Español</i>
CP	<i>Castelo Perigoso</i>
Cron1419	<i>Crónica de 1419</i>
CSM	<i>Cantigas de Santa Maria</i>
DESC	<i>Descobrimentos Portugueses</i>
EER	<i>Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance</i>
ELOY	<i>A vida de Santo Eloy</i>
FRAD	<i>Crónica da Ordem dos Frades Menores</i>
GenEst	<i>General Estoria</i>
GRAL	<i>A Demanda do Santo Graal</i>
HG-P	<i>História do Galego-Português</i>
IVPM	<i>Índice do Vocabulário do Português Medieval</i> , de Antônio G. da Cunha

JPM ³	<i>Dicionário Etimológico do Português Medieval</i> , de José Pedro Machado
LEAL	<i>Leal Conselheiro</i>
LOPF	<i>Crónica de D. Fernando</i>
LOPJ ¹	<i>Crónica de D. João I, 1ª parte</i>
LOPJ ²	<i>Crónica de D. João I, 2ª parte</i>
LOPP	<i>Crónica de D. Pedro</i>
MD-CF	<i>Corpus do Português de Mark Davis e Michael Ferreira</i>
OFIC	<i>Livro dos Ofícios</i>
ORTO	<i>Orto do Esposo</i>
PPart, SPart, TPart	<i>Primeira Partida, Segunda Partida, Terceira Partida</i>
REIS	<i>Crónicas dos Cinco Primeiros Reis de Portugal</i>
REIX	<i>Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal</i>
RLor	<i>Sobre Cronologia do Vocabulário Galego-Português</i> , de Ramon Lorenzo
SACR	<i>Sacramental</i>
TROY	<i>Crónica Troiana</i>
VERT	<i>O Livro das Tres Vertudes</i>
VH-CPM	<i>Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval</i>
VITA	<i>O Livro de Vita Christi em Lingoagem Português</i>
VLA	<i>Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal</i> , de João de Sousa
VocGV	<i>Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa</i> , de G. Viana
VocRG	<i>Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa</i> , de Rebelo Gonçalves
ZURC	<i>Crónica da Tomada de Ceuta</i>
ZURD	<i>Crónica do Conde D. Duarte de Meneses</i>
ZURG	<i>Crónica dos Feitos da Guiné</i>
ZURP	<i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i>

Introdução

“A última regra, que na lembrança deve ser a primeira, seja que trabalhemos sempre por investigar a origem dos vocábulos. Porque pela etimologia deles, se sabe a ortografia e pela boa ortografia a etimologia.”

Duarte Nunes de Leão (1576). *Origem, e Orthographia da Lingoa Portuguesa*, p. 189 (regra XX).

Em trabalho realizado anteriormente¹, cimentou-se o interesse pelo estudo do léxico. No meio do regozijo, foram, no entanto, as dúvidas levantadas em determinadas situações que me levaram agora a optar pelo mesmo tipo de tema, mas a um nível diferente de complexidade. Diferente porque tive, algumas vezes, a sensação de ter começado o estudo *in medias res*. Por diversos momentos fiquei na incerteza se determinado latinismo utilizado por Ricardo Reis seria, de facto, criação dele ou se, pelo contrário, já teria sido utilizado por outro autor do Renascimento ou mesmo da época que imediatamente o precedeu e preparou, sobretudo pela grande transformação que provocou na história da língua portuguesa. Na altura, a inexistência de um dicionário que registasse a data da entrada da palavra na língua dificultou o trabalho e obrigou-me a ser cauteloso com algumas afirmações proferidas. Uma consulta a muitos glossários tornou-se uma tarefa hercúlea, em alguns casos mesmo infrutífera. Se hoje o problema não está totalmente resolvido, está, pelo menos, bastante minimizado com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, referência base de datação das palavras para esta investigação.

Perante um estudo lexical mais exaustivo, imediatamente algumas questões se me colocaram: Que época? Que autores? Que textos? A solução foi ir recuando e assim cheguei ao século antes de Camões. Antes de Camões porque se não há dúvida que é ele o grande introdutor de latinismos na língua, também as não há de que antes dele outros contribuíram para o seu enriquecimento. Entre esses humanistas eruditos encontra-se Damião de Góis, Jerónimo Osório, Aquiles Estação, André de Resende e até mesmo Gil Vicente. Mas este não foi só um procedimento do português médio. Ao longo das épocas, formas eruditas ou semieruditas entram na língua. A prova de que esse é um processo intemporal temo-la com vários autores

¹ Dissertação de Mestrado *Latinização do léxico e da sintaxe nas odes de Ricardo Reis*.

posteriores ao Renascimento, como os Neoclássicos Filinto, Garção, Quita, Bocage, ou mais recentemente Antero de Quental, Eugénio de Castro e Fernando Pessoa.

Existe, no entanto, a convicção de que é a partir do século XV que tal processo se começa a evidenciar para atingir o seu auge no século XVI, consequência natural do Renascimento e da importância que as leituras dos clássicos então alcançaram. Mas um século antes, quer a prosa didáctica, levada a cabo pela produção régia, com clara preocupação pedagógica, ética e social, quer a histórica, pelos cronistas, haviam já aberto o caminho. Assim, chegado ao século XV, e refeito do impacto de tamanho *corpus* existente, foi com algum aprazimento que concluí que também aqui tinham de existir trunicações e chegar a uma eleição. Entre a prosa didáctica e a histórica, a escolha recaiu nesta última. O *corpus* de partida para este estudo estava, assim, encontrado: a *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Zurara. A possibilidade de edições informatizadas não foi alheia à escolha.

Após as primeiras pesquisas, tendo apenas como referência o vocabulário clássico, rapidamente concluí que quer as obras, quer a época eram próprias à entrada de palavras provenientes de outras culturas, nomeadamente a arábica. Da pesquisa de latinismos e helenismos, foi um pequeno passo para a procura de primeiras atestações. Além das obras, estava também identificado o objectivo central da tese: levantamento de neologismos na Língua Portuguesa do século XV, com base em duas crónicas dos dois primeiros cronistas portugueses. Utilizando as palavras do próprio Fernão Lopes, o objectivo é procurar “novidade de pallavras”², daí o título da tese.

Num primeiro capítulo, de abordagem aos principais conceitos sobre formação de palavras, com base em processos morfológicos regulares (I.1), é também intenção destacar o papel da tradução na importação de palavras (I.2), ambos como forma de enriquecimento vocabular.

Num segundo, não sendo um capítulo secundário, pretende-se, claramente, preparar o terreno para aquele que procurará trazer mais novidade à investigação, o terceiro. Assim, antes do ponto fundamental deste segundo capítulo, a elaboração de um Índice Analítico (II.3), farei uma análise aos materiais utilizados para chegar ao referido Índice (II.1,2). Numa altura em que proliferam os índices directos das palavras de variadas obras, tarefa facilitada pelas digitalizações e um número significativo de programas informáticos para o efeito, ganha força o qualificativo ‘analítico’. Assim, mais do que uma lista, pretendo construir um glossário das “palavras pertencentes a classes principais e que admitem formação morfológica de neologia

² Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Prólogo, p. 3 (para esta obra sigo a edição organizada por Salvador Dias Arnaut para a Civilização Editora, indicando o capítulo e a página).

(i.e. adjetivos, nomes, verbos e advérbios em *-mente*)”³, muito ajudado pela máquina, é certo, mas em que a última palavra é do homem.

Posteriormente, e já com os resultados obtidos no capítulo anterior, é neste terceiro capítulo que pretendo apresentar a “*novidade de pallavras*”, registadas pela primeira vez na *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes (III.4), e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Zurara (III.5), após uma breve análise às edições de Giuliano Macchi e Teresa Brocardo (III.1,2) que serviram de base a este estudo lexical. Se para algumas a certeza se petrificou após a consulta de dicionários e obras de diversa tipologia, para outras, sobretudo as que apresentam atestação em obras da época de Avis, tendo em conta a sua produção ou tradução, não foi possível tal solidificação. Para estas foi criada uma primeira lista onde se apresentam os possíveis neologismos de Fernão Lopes (III.3).

Por fim, num quarto capítulo, e resultante da análise as duas *Crónicas*, procurarei fazer um estudo comparativo / conclusivo entre os dois primeiros cronistas régios e analisar as afirmações proferidas por Fernão Lopes no Prólogo da primeira parte da *Crónica de D. João I*, que dão o título à tese, no sentido de perceber se são falsa modéstia, ou se, na verdade, são uma prova de consciência linguística, no sentido em que o cronista do povo demonstra conhecimentos superiores à grande maioria, mas muito aquém daqueles que seriam necessários para fazer germinar e acompanhar os embriões do renascimento, nomeadamente através da leitura e tradução dos clássicos, que os próprios príncipes fariam em secretária paralela à dele.

Do ponto de vista literário, é comumente aceite que Fernão Lopes é o primeiro grande prosador português. Nas palavras de Zurara, Fernão Lopes era “*uma notável pessoa (...) homem de comunal ciência e grande autoridade*”⁴, apesar da eventual crítica implícita à sua instrução que estas palavras possam acarretar. Que era conhecedor das obras dos clássicos, porventura lidas na biblioteca de D. Duarte, mostram-no as referências a alguns autores como Tito Lívio, Ovídio, Cícero⁵, Santo Agostinho⁶ e até Aristóteles⁷. A utilização do Latim por Fernão Lopes, ainda que em frases feitas⁸, demonstra alguma formação. Todavia, quer pela eventual crítica

³ Cf. Villalva, in Mateus (2004:949).

⁴ Cf. *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. III.

⁵ Cf. LOPP 6.80 (para a *Crónica de D. Pedro* sigo a segunda edição de Giuliano Macchi – Teresa Amado. Lisboa: IN-CM, 2007, com a sigla LOPP e indicação da página e linha).

⁶ Cf. LOPJ¹ cap. CLXXV, p. 373; LOPJ², cap. CXCIX, p. 452.

⁷ Cf. LOPP, cap. XXIX, p. 136.

⁸ Cf. LOPJ², Cap. XLI p. 103, (cf. também Evang. S. João, 1:14):

“*Ho Arçebispo de Braguua ou outro sy sendo bẽ armado, avia amte sy a cruz de Braguua alevamtada com que costumava visitar as Igrejas e nnaõ quedava de prover amdando huũs e os ou outros, esforçamdo e absolvendo todos, confirmamdo lhe as perdoamças que o Papa Urbano seisto outorguava contra os cismaticos increos revees a Samta Igreja, dizemdo a todos quue tanto que começassẽ ferirnos imiguos quue fõsẽ membrados de dizer [ameude] et verbum caro factũ est (sublinhado meu); e alguũs simplez inoramtes quue esto nãõ emtẽdiaõ pergumtavaõ que queria dizer aquilo, e ou outros por sabor respõdiaõ que queria dizer muy carofeito hee este.*”

ou ainda LOPJ², Cap. CXCIX p. 452:

anterior, quer também pelas referências clássicas, parece ficar aquém em Zurara. A análise lexical paralela, resultante do Índice Analítico das duas obras, permitirá tirar conclusões. Numa primeira abordagem, se ao nível da utilização dos recursos internos da língua para formação de novas palavras parece não haver diferenças, ao nível da introdução de novos termos latinismo, mas sobretudo arábicos, elas deixam antever uma clara supremacia de Zurara. Não será alheio a este factor a diferença de erudição dos cronistas, e muito menos a deslocação da acção do território nacional para o norte de África.

Nas crónicas destes dois cronistas, a Língua Portuguesa abandona os simples relatos históricos dos cronicões, para se embrenhar com a literatura. O recurso, por exemplo, a comparações⁹, metáforas¹⁰, entre tantos outros recursos estilísticos, catapultam-nos já para uma esfera totalmente diferente da tradição cronística anterior. Com um discurso que procura ser claro onde predomina uma linguagem corrente, sobretudo em Lopes, são muitas as marcas de oralidade ao longo dos textos. Resultará daqui, a designação de contador de histórias¹¹.

O relato dos feitos de determinado herói, que tem exemplo esporádico na primeira metade do século XV com *Crónica do Condestabre*, dá lugar em Lopes a uma narração de acontecimentos do reino sempre com a preocupação de “*escprever verdade, sem outra mestura*”¹², apesar de tais relatos serem feitos passado meio século. A procura desta verdade parece mesmo ser levada ao extremo quando afirma “*que logar nos ficaria pera a fremosura e afeitamento das pallavras, pois todo nosso cuidado em isto despeso, nom abasta pera hordenar a nua verdade*”¹³. Assim, a busca da verdade, parece ser truncadora na procura da beleza de expressão, donde resulta a passagem para segundo plano dos valores literários. No entanto, quer ao nível do léxico, quer da sintaxe, mesmo num estado de intensa flutuação, são já muitas as

“E quoamdo taes pesoas sabiam que avia de vir aquelle luguar homde asy viviam, fogiam dali para outros luguares atee que se dali partia; e delles perbom geito fazia casar com as mamcebas que tinhã, asy quebem se compria em sua casa e terra o dito que Samto Agostinho dizem que fallava a seus frades: *Si nom castus tamen cautũ*.” (sublinhado meu).

⁹ Veja-se, a título meramente exemplificativo, esta passagem em LOPP 41.59-71, em que Lopes compara a justiça a uma teia de aranha:

“Assi que bem podem dizer deste rrei dom Pedro, que nom saiom em seu tempo certos os ditos de Salom philosopho e doutros algũus, os quaaes disserom que as leis e justiça eram taaes como a tea da aranha, na quall os mosquitos pequenos caindo, som rreteudos e morrem em ella, e as moscas grandes e que som mais rrijas, jazendo em ella, rrompem-na e vaan-sse; e assi diziam elles que as leis e justiça, se nom compria senom em-nos pobres, mas os outros, que tiinham ajuda e acorro, caindo em ella rrompiam-na e escapavam. El-rei Dom Pedro era muito per o contrairo, ca nẽnhũu, per rrogo nem poderio, avia d’escapar da pena merecida, de guisa que todos rreceavam de passar seu mandado.”

¹⁰ Entre tantos outros exemplos, veja-se esta passagem da LOPJI², cap. XLI, p. 102:

“...que os portugueses nnaõ pareçiaõ mais amte eles que ho lume de huũa pobre estrela amte claridade de lua em seus perfeitos dias”.

ou ainda a metáfora da pomba, em ZURP 251-252.68-89.

¹¹ A classificação de Teresa Amado, transformada em título de livro, fundamenta-se em frases de começo de alguns capítulos, por exemplo, LOPJI², cap. XLIII, p. 195, em que prefere utilizar o verbo *ouvir* em detrimento de ler: “Vos ouvistes no primeiro capitollo desta estória,”

¹² LOPJI¹, Prólogo, p. 2.

¹³ LOPJI¹, Prólogo, p. 3.

preocupações em tornar a Língua Portuguesa um instrumento de comunicação mais sólido, mais rigoroso, mais criativo, no fundo, mais literário.

Com Zurara, privilegia-se de novo o herói individual em detrimento do colectivo. Como historiador do reino, também ele garante a veracidade dos relatos, pois “*do que rrealmente pertemçee a sustamçia nõ pode em outra parte ser mais verdadeyramente escripta que aquy, leixamdo as particullaridades em que nunca se pode achar verdadeira çertydão no que de neçessydade per muitos há de ser sabido*”¹⁴. À semelhança de Lopes, também ele afirma *E por çerto que em este livro tyve eu muito comtrayro cuidado do que allgũs outros estoriaes ã suas obras tenerão, espiçiallmente os gregos, os quaes supriam com fermosas pallavras o que na gramdeza dos feitos mimgoava, e a mÿ foy neçessario fornecer a mimgoa das pallavras com gram-deza dos feitos*¹⁵.

Claro que a pertinência destas reflexões se revela mais ao nível da literatura. E a nível linguístico, ou para ser mais preciso, ao nível lexical e da própria morfologia da história da língua portuguesa? No já referido prólogo da *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes afirma que não vale a pena “*buscar fremosura e novidade de pallavras*”¹⁶. Numa primeira análise, estas palavras parecem não fazer muito sentido, uma vez que na sua obra, e na *Crónica de D. Fernando* em particular, parece encontrar-se um número significativo de primeiras atestações. Procurarei verificar se tal registo inicial não será mais pela sua actividade de cronista e, sobretudo, pela posição privilegiada da conjectura cultural em redor da corte de Avis. E quanto a Zurara? O estudo e a edição da sua obra mostra-nos que tem sido constantemente remetido para segundo plano. Se nas suas palavras anteriores existe alguma espécie de crítica ao seu antecessor, será de esperar uma supremacia da sua obra, quer seja visível através de conhecimentos e referências aos clássicos, quer do ponto de vista da estrutura e sistematização da língua, quer do enriquecimento lexical.

Os resultados, que espero profícuos, serão no final apresentados.

¹⁴ ZURP (186.295-299).

¹⁵ ZURP (179.134-139).

¹⁶ LOPJI¹, Prólogo, p. 3.

I. Inovação Lexical

“Se temos de pedir a alguma bolsa
Termos que nos faleçam, seja à bolsa
De nossa Mãe Latina, que já muito
Nos acudiu em pressas mais urgentes,
Quando em bronca escassez já laborámos,
Ao sairmos das mãos de bruta gente¹⁷”.

Filinto Elísio (1998). *Obras Completas*, vol. I, p. 31.

A linguagem humana caracteriza-se pela mudança. Como que por reacção, todas as línguas terão então de acompanhar esta mudança e evoluir para não entrar no rol das chamadas línguas mortas. Além de factores estritamente linguísticos, outros, como os históricos, sociais ou políticos, podem condicionar esta mudança, sem esquecer, claro está, que a língua “é um sistema em perpétua adaptação às necessidades expressivas dos seus utentes”, mostrando que “existem fases de permanência que alteram com fases de grande alteração (Cardeira 2005:33 e 65). O século XV, ou melhor, a passagem do português antigo para o português médio, mais precisamente a passagem da dinastia de Borgonha para a de Avis, sobretudo no meio século de reinado de D. João I e D. Duarte (1385-1433 e 1433-1438, respectivamente), parece ser uns desses momentos de alteração, se não o grande momento de alteração de toda a história da língua portuguesa. Estamos, pois, a falar da transição do *ciclo de formação da língua* para o *ciclo da expansão da língua*, nas palavras de Ivo Castro. Esperança Cardeira considera, no entanto, que este marco da batalha de Aljubarrota é tardio, uma vez que “as mudanças inovadoras já ocorriam antes dessa data”¹⁸ em ‘franjas de separação’ entre o português antigo e

¹⁷ “Godos e mouros que estiveram longo tempo de posse de Portugal”.

¹⁸ Cardeira (2005:291).

o português médio, em expressão que Magalhães Godinho, onde deve estar incluída a segunda metade do século XIV.

A evolução de uma língua pode verificar-se a vários níveis, mas aquele que terá maior importância neste estudo prende-se, fundamentalmente, com a evolução do léxico da língua portuguesa. É que, como refere Correia Garção, também *ao tempo estão sujeitas as palavras*¹⁹. Esta mutação linguística verifica-se quer ao nível das unidades que deixam de ser utilizadas, os arcaísmos, quer ao nível das unidades que vão entrando na língua, os neologismos, contribuindo para o seu enriquecimento e respectivo aumento do acervo lexical. Os arcaísmos, não desaparecendo da língua, são um valiosíssimo “património lexical”²⁰ que apenas deixam de estar disponíveis na consciência dos falantes, mas que a eles recorrem em diversas situações, sobretudo literárias, quando se pretendem representar e identificar épocas passadas. Quanto aos neologismos, o processo parece ser idêntico, na medida em que todos ficam registados no léxico da língua, mas onde nem todos ultrapassam o período probatório para ter registo nos dicionários.

A “necessidade de denominar novos conceitos e novas realidades” (Correia 2005:9), juntamente com a vontade de enriquecer a língua, vem de há muito tempo atrás. João de Barros, por exemplo, no seu *Diálogo em Louvor da nossa Linguagem*, preconiza o enriquecimento da língua através da criação de neologismos e revitalização de arcaísmos. Assim, ao vocabulário designado como hereditário foram-se juntando novos termos resultado do contacto com outras línguas. Foram vários os factores que colocaram o português em contacto com outras línguas, dando início a um enriquecimento que chega até aos nossos dias. Como refere Rosa Virgínia, “desde os inícios da formação de Portugal, havia contactos com a área franco-provençal: lembre-se que o conde dom Henrique, pai de Afonso Henriques, era borgonhês”²¹.

Sabe-se que o léxico português apresenta vocábulos provenientes de sistemas linguísticos muito variados. Não tendo aqui como objectivo aquela parte do léxico original, ou seja, os vocábulos designados por hereditários, aqueles que segundo Bechara “viviam no léxico da língua quando deixou de ser latim para ser identificada como português, numa passagem ininterrupta no tempo e no espaço”²², procurarei tecer algumas considerações sobre os restantes vocábulos, ou seja, aqueles que a língua absorve posteriormente de outros sistemas linguísticos com vista ao seu enriquecimento, designados por empréstimos. Mas não é objectivo desta investigação fazer o levantamento de todos os sistemas linguísticos que se encontram representados no léxico português, mas sim tentar perceber algumas das razões que estão na base da sua importação. Porque é que se importam palavras? Estará o léxico originário

¹⁹ Correia Garção, sátira II, dirigida ao Conde de S. Lourenço. Sobre a criação de novas palavras a que Garção alude, *vide etiam* os versos 58-62 e 70-72 da *Arte Poética* de Horácio.

²⁰ Correia (2005:11).

²¹ Matos e Silva (2008:99).

²² Bechara (2002:217-218).

desprovido de tal termo? E como é que esses novos termos chegam? Por exemplo, no caso das línguas clássicas, será por conhecimento directo dessas línguas, ou será através de traduções de outros sistemas linguísticos? E relativamente ao português, se é verdade que recebeu muitas palavras alienígenas, também o é que serviu para enriquecer outros sistemas linguísticos. Numa época como a dos descobrimentos, em que Portugal se afirmava ao mundo, era natural a absorção de lusitanismos. O sistema linguístico espanhol, por exemplo, de alguns deles se serviu.

Serão estas as questões a que procurarei responder nas linhas que se seguem e das quais apresentarei no final as conclusões.

1. Formação de palavras: principais conceitos

Segundo Robert Verdonk, a entrada de palavras novas numa língua pode acontecer a dois níveis, ou seja, a nível formal e a nível semântico, sendo que o primeiro pode ocorrer por dois processos: empréstimos de outras línguas (vivas ou mortas) e formação de novas palavras, por composição ou derivação²³. Em palavras similares, Correia (2005:23) refere que para incorporar palavras novas, os léxicos das línguas dispõe basicamente de três mecanismos distintos: a construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua; a reutilização de palavras existentes, atribuindo-lhes novos significados e a importação de palavras de outras línguas. Menciona ainda que além destes mecanismos, considerados os mais produtivos, pode ainda considerar-se uma outra forma de criar novas palavras, a chamada *ex nihilo*, sem dúvida o procedimento menos usual em qualquer estágio da língua. De qualquer forma, o que para este trabalho se torna pertinente não é nenhum em particular, embora possam surgir justificações pontuais, mas sim todos como um conjunto, na medida em que contribuem para o enriquecimento da língua. A percentagem que caberá a cada um será o resultado da análise dos dados recolhidos.

Ora, para um trabalho desta natureza, torna-se imprescindível um dicionário que registe a entrada das palavras na língua. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* é, sem dúvida, um importantíssimo elemento de trabalho. Porém, quando reparamos nos instrumentos de que dispõem os linguistas espanhóis é que verificamos, apesar dos enormes progressos dos últimos anos, o caminho que ainda nos falta percorrer. Até há poucos anos, para um estudo linguístico desta natureza, dispunham eles de um dicionário de referência obrigatória: *Corominas*. Porém, graças à informática, foram criadas grandes bases de dados e uma delas merece destaque: *CORDE*, ou seja, Corpus Diacrónico del Español, criada pela Real Academia Española²⁴. Robert Verdonk, no capítulo “Cambios en el léxico del español durante la época de los austrias”, inserido na *Historia de la Lengua Española*, coordenada por Rafael Cano²⁵, a propósito do confronto entre dicionários históricos e esta base de dados refere: “De esta confrontación resulta que una parte importante de las voces que hasta ahora se vienen

²³ Cf. Rafael Cano (coord.) (2004). *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Ariel, p. 895.

²⁴ Pode consultar-se esta base de dados em <http://corpus.rae.es/cordenet.html>

²⁵ Rafael Cano (coord.) (2004). *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Ariel. O capítulo referido é o 34, páginas 895-916.

considerando préstamos o creaciones de los siglos de Oro, en realidad ya están atestiguadas en el siglo XV o incluso antes”²⁶.

Como mero exemplo desta desatualização dos dicionários, nomeadamente de *Corominas*, fui procurar a palavra *cisterna*, que também se encontra atestada na *Crónica de D. Fernando* (11.14)²⁷. O Dicionário regista o seguinte: “tomado del lat. *cistĕrna* íd., derivado de *cĭsta* ‘cesta’. 1ª doc. cistierna, h. 1350: Poema de Alfonso XI, 1963; cisterna, 1570, C. de las Casas (en Apal. 78d figura solamente como voz latina)”. Ora, o *CORDE* regista três ocorrências anteriores da referida palavra: em 1200 (Almerich, na obra *La fazienda de Ultra Mar*); em 1250 (Anónimo, na obra *Vidal Mayor*) e em 1275 (Alfonso X, na obra *General Estoria. Primera parte*)²⁸.

Assim, apesar de ser no Renascimento que se verifica a grande entrada de latinismos na Língua Portuguesa, nomeadamente com Camões, não é menos verdade que muitos outros faziam já parte do léxico do século XV. Partindo dos latinismos apresentados por Corrêa da Silva²⁹, e num levantamento rápido, verifiquei que em Fernão Lopes já se encontram atestados *avondoso*, *contraíro*, *fruta*, *inimigos*, *mover*, *pacificamenente*, *potência* e em Zurara, por exemplo, *feroz*, *fuzilar*, *humano*, ou *vulgar*. Depois, tendo por base o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, parece que algumas palavras aí registadas com datação do século XVI já estão nos autores do XV. Estou a falar de palavras, por exemplo, como *begue*, que *Houaiss* regista como entrada de Frei António de Gouveia na obra *Relaçam, em que se tratam as guerras e as grandes victorias que alcançou o grande Rey da Persia Xá Abbas do grão Turco Mahometano, & seu filho Amete*. Lisboa, 1608, embora refira que esta palavra tem ocorrências

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 896.

²⁷ Todas as referências são feitas pela edição crítica de Giuliano Macchi, IN-CM, ²2004. Serão sempre feitas pela indicação da página, seguida da linha.

²⁸ Cf. o texto de Afonso X, *General Estoria. Primera parte*. Publicación de Pedro Sánchez Prieto-Borja, Universidad de Alcalá de Henares (Alcalá de Henares), 2002:

“E fueron sueltas por ende las ataduras de los sos braços e de las sus manos, una vez quando oyestes quel prisieran sos hermanos yl ataron las manos yl echaron en el pozo seco, a que llama el latín *cisterna* otra vez de cuandol fizo prender en Egipto e echarle en la cárcel aquella doña Zulaima, muger de Futifar su señor, con la quel casó después el rey Faraón su señor, como es ya contado ante d'esto, e libról d'estas prisiones Dios, que siempre fue él poderoso de Jacob su padre de Josep”.

²⁹ Carlos Eugénio Corrêa da Silva (1972). *Ensaio sobre os Latinismos nos Lusíadas*. Lisboa: IN-CM. Não deixa, no entanto, de questionar: “Como é que se pode escrever um trabalho definitivo sobre os latinismos dos *Lusíadas*, isto é, sobre a contribuição que Camões trouxe ao enriquecimento da nossa língua literária, se nós não sabemos com exactidão qual era o grau de enriquecimento dessa língua na fase imediatamente anterior à publicação do poema?!” (1772:63). Passadas quatro décadas os estudos linguísticos já provaram que era maior do que aquele que o próprio Corrêa da Silva imaginava, se atendermos ao número de latinismos por ele identificados em Camões com registo anterior. Não estarão, no entanto, todos identificados, como aparentam as primeiras pesquisas deste trabalho.

anteriores, porém com outras formas³⁰. No entanto, a forma *begue* encontra-se já atestada em Fernão Lopes, na *Crónica de D. Fernando*³¹.

Em determinados momentos de produção escrita, poderá o autor sentir necessidade de criar uma nova palavra para representar determinada ideia. Os passos a seguir são os anteriormente enumerados e a eleição de um deles, ou de mais do que um, será garantidamente de carácter pessoal. Por exemplo, Fernando Pessoa, exímio conhecedor da língua e literatura latinas, recorria, por hábito, a perífrases verbais e a perfeitos decalques do Latim, neste caso do participípio futuro como *morituros*.

Filinto Elísio, por exemplo, recorre constantemente à construção de novas palavras com recurso a processos morfológicos que a língua lhe permite, mas que não aceitou e, por isso, caíram em desuso. Sobre a formação de palavras de Filinto recorro à opinião de Rodrigues Lapa: “julgou dar relevo ao seu estilo, forjando compostos à custa do grego e do latim. Como era homem de mau gosto, saíram-lhe coisas arrevesadas como estas, que a língua justamente repudiou: «*septi-cole Roma*», «*flamivono alento*», «*regos frigíferos*», «*ebri-festante sumo*», «*ali-potente cisne*», etc.”³². Ainda sobre a alteração semântica introduzida pelo prefixo, refere o mesmo estudioso: “(...) Filinto Elísio (...) para acentuar ainda mais a ideia de negação, escrevia: *in-consolado*, separando por hífen o prefixo da palavra, a fim de lhe dar maior relevo”³³. Mas a grande explicação sobre poesia guardou-a quase para o fim da vida, Numa longa carta a Brito³⁴, considerada uma verdadeira Arte Poética, mas repleta de versos *mui secos*, *mui gramático-prolixos*³⁵, não se coíbe de deixar o seguinte apelo: “*De termos já sabidos formai novos / (Força é que eu vo-lo diga, e que rediga) / Juntando-os com primor em laço estreito, / E sereis de bons Mestres aprovados*.”³⁶ Francisco Solano Constâncio, revisor das *Obras* e seu amigo, havia já salientado que Filinto “foi procurar à língua Latina os vocábulos de que carece a nossa, ora mudando-lhe as desinências, conforme o requer a analogia das duas línguas, ora formando palavras compostas”³⁷. Muitos dos neologismos de Filinto, mesmo que tenham passado por um período probatório, foram apenas unidades de discurso, não chegando a entrar para o sistema da língua, nem tendo, portanto, registo nos dicionários. Parecem ter sido meras necessidades

³⁰ Cf. Houaiss: “s.m. (1608 cf. Pérsia) *ÍND* título honorífico entre os maometanos, posposto ao nome próprio, correspondente a 'dom' ou 'senhor'. ETIM persa-tur. *beg*; Crooke deriva-o do ant. persa *baga*, relacionando-o com o sânsc. *bhaga* 'senhor'; há diversas grafias desta pal. muito anteriores: *cojibequey* (1513), *byqym* (1520), *indobeque* (1552), *cogebequi* (1563), *bec* (1571); há ainda *assadbegue* e *begue* (1608), *beg* (1718), *bei* (1789), *beque* (1884) etc. SIN/VAR *beque*”.

³¹ Cf. 21.22:

“e de França eram hi estes cavalleiros: monssé Beltram de Claquim e o mariscall de França e o begue de Vilhenes”.

³² Lapa (1984: 97-98).

³³ Idem, *Ibidem*, p. 101.

³⁴ Carta ao Senhor F. J. M. D Brito, *Filinto I*, pp. 27-95.

³⁵ *Filinto I*, p. 94.

³⁶ *Filinto I*, p. 79-80.

³⁷ *Filinto I*, p. 15.

comunicativas pontuais e individuais, alguns deles mesmo considerados hápax, tanto quanto pude observar em estudo anterior.

Voltando ao século XV, é comumente aceite que o embrião do Renascimento está já a germinar. E se é verdade que muitos cultismos aparecidos nesta altura não vingaram, como *conhecente* em vez de ‘conhecido’, *emburilharem* vez de ‘embrulhar’, *descerdo* em vez de ‘sem cerco’, *antreconhecer-se* em vez de ‘conhecer-se reciprocamente’, *duçor* em vez de ‘doçura’, *acuitilar* em vez de ‘ferir com cuitelo’, *antredito* em vez de ‘interdito’³⁸, também o é que muitos outros tiveram largo uso durante vários séculos, alguns deles mesmo até aos nossos dias, como *satisfação*, *malícia*, *circunstância*, *abstinência*, *infinito*, *fugitivo*, *evidente*, *intelectual*, *abranger*, *apropriar* ou *reduzir*³⁹. A estes latinismos introduzidos na língua um século antes de Camões, procurarei acrescentar outros a partir das duas crónicas em análise.

O que se verifica é uma clara consciência com língua que necessita de ser valorizada e dignificada, quer do ponto de vista sintáctico, quer lexical. E este princípio pode ocorrer por simples necessidade de denominação de realidades ou objectos novos, ideia já bem antida vincada pelo infante D. Pedro, “consiirando os antigos que o nome de cada hũa cousa he o primeiro conhecimento que sse della pode aver e per elle devem seer as propeiedades do seu significado mostradas trabalharem-sse de poer nomes aas cousas, per que ellas en algũa guisa fossem declaradas”⁴⁰, ou por necessidades pontuais, resultantes das inúmeras traduções que começaram a florescer na primeira metade de quatrocentos. É conhecida a afirmação de D. Duarte no Leal Conselheiro: “que nom ponha pallavras latinadas, nem doutra lynguagem, mas todo seja [em] nosso lynguagem scripto, mais achegadamente ao geral boo costume do nosso falar que se poder fazer”⁴¹. Sobre o *Livro da Vertuosa Benfeytoria*, escreve logo no início da introdução Adelino Calado (1994:VII): “distingue-se como um marco linguístico pela sua posição liminar numa fase crucial do enriquecimento vocabular da língua portuguesa”.

Esta vontade de enriquecimento da língua, no entanto, nem sempre foi possível de manter. Um povo invasor, naturalmente que traz consigo novas técnicas, instrumentos ou produtos e com eles as suas designações originais (Cardeira 2006:32). Os empréstimos lexicais da língua portuguesa são disso um exemplo e a *Crónica* de Zurara parece apresentar bons indicadores que comprovem este princípio, não por relatar os feitos de um povo invasor do nosso país, mas precisamente pelo contrário. E se porventura mais empréstimos ela não incorpora na língua, terá sido pelo facto de lhe ter sido negada a possibilidade de os relar *in loco*.

³⁸ Termos indicados por Mira Mateus, obtidos a partir de *Vida e Feitos de Júlio César*.

³⁹ Cf. Cardeira “Revisitando a periodização do português: o português médio” in *Domínios da Linguagem* – Revista Electrónica de Linguística, ano 3, nº 2, 2º semestre 2009 (www.dominiosdelinguagem.org.br). Para satisfação, malícia e intelectual, Houaiss apresenta, no entanto, o século XIV.

⁴⁰ Cf. *Livro da Vertuosa Benfeyturia*, Calado (1994:19,23-27).

⁴¹ Cf. Piel (1942:373:1-3).

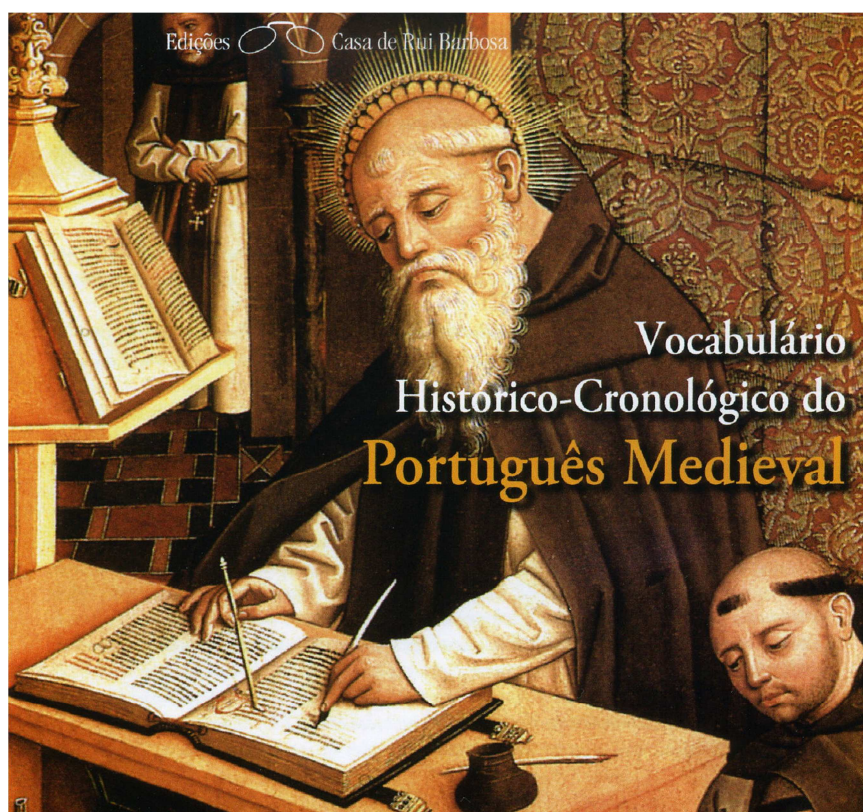
Também os descobrimentos portugueses permitiram a entrada de novas palavras na língua pelo facto dos portugueses trazerem novos produtos com o respectivo nome de origem. Mas o ciclo destas novas palavras não termina em Portugal, pois ao exportá-los para diversos países europeus, exporta também o seu nome.

As traduções de obras, sobretudo latinas contribuíram igualmente para a introdução de um grande número de palavras cultas na língua. Para este enriquecimento, a geração dos Príncipes de Avis teve um contributo inquestionável. O interesse dos príncipes Avis pela cultura, pelo gosto da leitura e pela tradução impulsionou o incremento da historiografia, levando D. Duarte a criar o cargo de cronista-mor e entregá-lo a Fernão Lopes. Ora, só escrevendo é que a língua ganha maturidade. Essa foi a herança deixada pela ínclita geração. É esta maturidade que possibilita e abre caminho à reflexão linguística para, sensivelmente um século depois, se chegar a uma normalização que muito pouco difere da de hoje, passados que estão quase seis séculos. Mas, se é verdade que a tradução é um dos processos de enriquecimento da língua, também o é que tal facto nem sempre se verifica. Para Tarrío, o poeta-tradutor demonstra um enorme empenho em provar a suficiência da língua materna⁴².

⁴² Tarrío (2001: 157-170).

II. Datação de palavras

1. Os Dicionários Histórico-Cronológicos: o VH-CPM (CD-ROM)



Descrição do CD-ROM

O *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval* (VH-CPM), publicado em CD-ROM em Abril de 2007, conta já com alguns antecedentes ao longo dos tempos. Podemos encontrar o seu embrião em 13 de Agosto de 1977⁴³, embrião este que sofreu, naturalmente, evoluções, mas também metamorfoses. Do agigantado e minucioso projecto de 1979, com vista a uma grande publicação em papel de um *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval* (VPM), nasceu esta versão informatizada. Pelo meio pudemos assistir à apresentação “de um projecto alternativo, bem menos ambicioso”⁴⁴, do *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (IVPM), também em papel, cuja finalização se apontava para 1990, mas que apenas viu publicados três volumes (Letra ‘A’ em 1986, letra ‘B-C’ em 1988 e letra ‘D’ em 1994), e pudemos assistir também à primeira versão em CD-ROM do *Vocabulário do Português Medieval*, em 2002.

No menu *Ajuda > Créditos*, localizado na barra de menus, podemos encontrar, precisamente, o percurso deste projecto apresentado em quatro fases (1979-1989, 1999-2000, 2001-2002 e 2003-2006), com a respectiva indicação do coordenador e da restante equipa. Neste mesmo menu podemos ainda encontrar “informações que podem auxiliar tanto na utilização do programa, quanto no esclarecimento do conteúdo do vocabulário”⁴⁵.

A vantagem de uma pesquisa electrónica face à consulta manual em dicionários, glossários e obras afins é inegável. Se por outras razões não fosse, pela rapidez com que se obtém informação, ficava justificada a afirmação anterior. Esse mérito, além de outros, evidentemente, o VH-CPM alcançou.

Das suas principais características, e no campo das qualidades, destaco sobretudo duas, além da possibilidade de comutar o modo da pesquisa entre o ‘português actual’ e ‘português medieval’, recurso sempre útil para o confronto entre dois estádios da língua portuguesa.

A primeira diz respeito ao facto de ser possível ir digitando as letras e acompanhar as possibilidades gráficas de vários verbetes na coluna da nominata. Se para o português actual tal situação não é relevante, ela reveste-se de extrema importância nas pesquisas do português medieval, tal é a variedade de formas, por vezes apresentada para cada entrada. Assim, de um recurso actualmente comum para pesquisas em dicionários e *corpora* informatizados, passamos a ter uma enorme ajuda, pois é possível ir vendo os vários resultados, à medida que vamos digitando caracteres, e escolher/encontrar o pretendido.

⁴³ Cf. Cunha (1986), *Índice do Vocabulário Português Medieval*, vol. 1:A, p. IX (“Da razão do título e dos objectivos da publicação”), embora os trabalhos tenham apenas começado em Janeiro de 1979, com um pequeno grupo de colaboradores, como se pode ler menu *Ajuda > Apresentação*.

⁴⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. IX.

⁴⁵ Cf. menu *Ajuda > Manual do usuário > separador Conteúdo > Menu Ajuda*.

A segunda, porventura a mais importante, diz respeito à opção *Pesquisas* que se encontra na barra de ferramentas. Ao clicar neste menu abre-se uma nova janela onde temos à disposição três possibilidades. A inicial, pesquisas por *Nominata*, permite fazer pesquisas de palavras *iniciadas e/ou terminadas por* qualquer letra ou letras, com preenchimento dos campos em simultâneo (1ª opção/possibilidade), ou apenas com o preenchimento de um dos campos, desde que sejam introduzidas pelo menos duas letras (2ª e 3ª opções/possibilidades). Esta possibilidade reveste-se de extrema importância para quem pretende fazer pesquisas por radicais ou mesmo por afixos, se bem que não seja possível a pesquisa de radicais internos do tipo *-terr-*, em palavras como *aterragem*, *aterrar*, *enterrar* ou *-caval-*, em palavras como *encavalgar*, *encavalgadura* ou *descavalgar*.

A seguinte, pesquisas por **Classe**, permite fazer uma pesquisas por vocábulo *iniciado por e/ou terminado por*, com a respectiva *classificação gramatical* seleccionada. De entre as possibilidades apresentadas para a categoria gramatical, são catorze as seleccionáveis: *adjetivo, advérbio, artigo, conjunção, contracção, expressão, interjeição, locução, numeral, participio adjectivo, preposição, pronome, substantivo, verbo*.

A terceira e última, pesquisas por **Texto**, permite fazer pesquisas de forma a encontrar a palavra desejada, por exemplo (*cronica, coronica, cronyca*) nas abonações de toda a base de dados do VH-CPM. Este é um recurso de inegável utilidade. Necessita, no entanto, de uma maior focalização por parte do utilizador na pesquisa pretendida, pois permite testar a utilização de uma determinada palavra/grafia em diferentes obras, ou verificar as suas possíveis acepções semânticas. Estes resultados não são, no entanto, directos, uma vez que só são visíveis numa nova janela e depois de clicar num dos verbetes listados à esquerda. Esta pesquisa implica, nesta situação, clicar em todos os verbetes resultantes da pesquisa.

Tendo em conta a sua denominação *-Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval-* e mesmo as palavras da *Apresentação* onde se afirma que “visa contribuir, de maneira efectiva, para o melhor conhecimento da evolução histórica do léxico português, estabelecendo um dos elos – e dos mais importantes – da cadeia evolutiva que, a partir do latim vulgar, chegou até o português de nossos dias”, parece haver, no entanto, algumas arestas a limar. Um dicionário que inclui no título a designação de *Histórico-Cronológico* não pode esquecer tal indicação e listar as ocorrências de uma palavra pesquisada por ordem alfabética. Tal situação seria minimizada se houvesse uma opção que permitisse elencar os termos cronologicamente, ferramenta que me parece possível e de introdução fácil nos tempos actuais. É verdade que o VH-CPM apresenta uma hipótese de pesquisa por datação cronológica. Porém, ela refere-se apenas à primeira datação de cada verbete, não permitindo ordenar os vários registos de datação que dentro dele se encontram.

Por exemplo, ao procurar informações sobre o verbo *adorar*, tendo seleccionada a opção *Português Actual*, o que nos é apresentado é uma lista de 42 abonações, com datação alternada entre o XV e o XIV, para chegar à 43ª e 44ª, precisamente penúltima e última, e perceber que, afinal, o verbo *adorar*, também tem registo no século XIII, nas CSM. O modelo seguido no CD-ROM não teve, pois, em conta o esquema a que Cunha tinha dado preferência no IVPM, claramente cronológico e não alfabético, como se pode verificar na informação obtida do mesmo verbo *adorar*, onde apresenta os registos cronologicamente, iniciando, precisamente, pelo século XIII.

Foram mais as opções que divergiram do trabalho de Cunha. Por exemplo, no que diz respeito a informações semânticas de entradas homónimas que constam no IVPM, elas foram simplesmente ignoradas, agrupando agora o VH-CPM tudo na mesma entrada. Repare-se, por exemplo, na informação pertinente que foi eliminada no caso da palavra *ala*, em que no IVPM são apresentadas três entradas, cada uma com um significado diferente ('fila, fileira, lado'; 'asa'; 'lá'), e que o VH-CPM, pura e simplesmente, agrupa e mistura numa só entrada, preferindo uma ordenação alfabética (*ala*, *alas*, *alla*, *allas*), sem qualquer indicação do respectivo significado. Também as acepções de 'venerado' e 'doente, cheio de dores' que constam no IVPM para as entradas separadas de *adorado* não resistiram à evolução tecnológica.

Numa análise mais rigorosa, mas não exaustiva, é ainda possível verificar algumas situações que necessitam de intervenção em versões futuras, agrupadas pelos tópicos que se seguem⁴⁶.

A) Palavras não averbadas

a) Já com registo no IVPM

Numa primeira situação, o VH-CPM simplesmente elimina as palavras que provêm ou do *Elucidário* (V³) ou de *Morais* (M²):

ABADENGO (IVPM, 1311 V³).

ABALROAR (IVPM, sXV M²).

ABARREGAR: (IVPM, *aberregaar* 1345 V³)⁴⁷.

O VH-CPM eliminou também as palavras ou abonações que se encontravam atestadas em obras que faziam parte do *corpus* de extracção do IVPM. Na análise ao CD-ROM não encontrei qualquer explicação para este facto. Encontram-se entre estas obras o *Libro de Monteria* (MONT), os *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a*

⁴⁶ As indicações são feitas tendo por base a pesquisa *Português Atual* uma vez que é sob este lema que são apresentadas todas as formas.

⁴⁷ Regista, no entanto, *abarregado*, na forma *abarregada*, em abonação de CONF.

Marrocos... (MARR), *El Cancionero de Joan airas de Santiago* (CJA), algumas vezes *Descobrimentos Portugueses* (DESC), *Diário da Viagem de Vasco da Gama* (DIAR)⁴⁸.

ABATO: (IVPM, sXIII CJA 1508).

ARNESADO: (IVPM, 1439 MARR I.506.28).

ARREMETIDA: (IVPM, sXV MONT 112.20).

ATRELAR: (IVPM, sXV *atrelar* MONT, 48.3; *atraelar* MONT, 81.3; *atreelar* MONT, 101.12).

CARTEAR: (IVPM, c1499 DIÁR 75.13).

CORROBORAÇÃO: (IVPM, 1460 DESC 572.15).

DESEMBARCAMENTO: (IVPM, SXV ZURC 187.1).

b) Por a obra não fazer parte do corpus de extracção

PRÍNCIPE

Para esta entrada, o VH-CPM apenas apresenta uma única abonação de REIX. Perdem-se, assim, quatro formas históricas com ocorrência em ZURP: *priçipe*, *primçipe*, *príncipe*, *prymçipe*.

Encontram-se nesta situação todas as palavras que têm ocorrência apenas em ZURP, por comparação com as fontes utilizadas pelo IVPM e VH-CPM, entre as quais, *abreviador*, *acuitar*, *alar*, *amaçarocado*, *arnesado*, *azambujal*, *azeitoni*, *azervada*⁴⁹.

c) Com ocorrência em LOPF

PRINCÍPIO

O VH-CPM não regista esta entrada, cuja ocorrência se verifica em LOPF:

*Onde sabee que seu feo nacimiento, muito d'avorrecer, ouve **principio** em este modo.*
(385.14)

Após consulta em Houaiss, verifica-se que a datação é para o século XIV, cuja proveniência vem, precisamente, do FichIVPM⁵⁰.

⁴⁸ Algumas destas palavras não têm ocorrência nas obras em análise. A sua indicação, que não resulta sequer de uma pesquisa, apenas tem como objectivo mostrar o não aproveitamento de informação já recolhida pelo IVPM.

⁴⁹ Apenas se indicam as iniciadas pela letra -A-. Para as outras letras veja-se a lista de Neologismos em ZURP, capítulo III.5, sempre que nos registos não se encontrar a indicação VH-CPM.

⁵⁰ Além deste exemplo podemos ainda encontrar outras palavras que têm ocorrência em LOPF e que não se encontram averbadas no VH-CPM como *frontar* (*frontando* em LOPF), *fulame* (*fullame*), *gaja* (*gajas*), *prior*, *sanhudamente*, *sanhudo* (*sanhudos*), *serventia*, *vereador*, *vestido*, ou *vergonhosa*.

TERREI

O VH-CPM não regista esta forma verbal do verbo *ter*, mas apresenta a forma *terrey*, registada em COND. Não deixa de ser curioso é que a frase onde ocorrem é claramente uma das marcas do aproveitamento que Lopes fez de COND.

*e quãdo esto for eu **terrey** mayz razõ e aazo de vos fazer mercees...* (COND, 9c32)

*e quando esto for, **terrei** eu mais rrazom e aazo de vos fazer mercees...* (LOPF, 438.47-48)

B) Palavras Averbadas

a) Sem abonação de LOPF

LÁSTIMA

Um *Vocabulário Histórico-Cronológico*, não tendo como obrigatoriedade a indicação do registo da palavra em todas as obras, deve, pelo menos, fazendo jus ao nome, procurar indicar as formas históricas, preferencialmente, de forma cronológica. Para esta entrada, o VH-CPM apresenta uma única abonação de INFA, com a forma *lastema*, mas não há qualquer referência a LOPF, obra amplamente trabalhada⁵¹. Consultando apenas o VH-CPM fica-se com a informação de que foi Fr. João Álvares o seu introdutor na língua, quando, na verdade, já Lopes a tinha registado com a variante actual⁵².

*Esta mensagem foi ouvida com grande door e **lastima**,* (LOPF, 438.47-48)

b) Com classificação gramatical errada

FEITICEIRO, Substantivo em vez de adjectivo (séc. XIV, TEST, 222.22)

*[...] catade-me hũa molher **feiticeira**, que saiba ressucitar homem morto [...].*

ATENDER, Substantivo em vez de verbo (séc. XV, LOPJ, II.18.38)

*E a[a] Porta de Miragaya, homde o estauom **atemdendo** como disemos, sayo el-Rey em terra per huuma larga e espaçossa pramcha [...].*

C) Palavras mal averbadas

a) Palavras com gralhas por falta de letras ou letras trocadas

TRAZIMENTO, *regimento* em vez de:

*Na criaçom e **ragimento** dos gaados mandava que nêhũu nom trouvesse gaados seus nem alheos [...].* (LOPF, 89.139)

⁵¹ Pus a hipótese de ter sido identificada como forma verbal, mas também na entrada *lastimar* não há qualquer referência.

⁵² Esta é uma situação que se verifica em mais palavras. Repare-se no caso de *arraiz* apenas com abonação de LOPJ² II.264.19, mas com datação em Houaiss de 1298 (cf. IVP); de *armador* apenas com abonação de ZURG 87.6, mas com datação em Houaiss de 1394 (cf. IVP); de *agomia* apenas com duas abonações de ZURD 189.8 e 268.8, mas com datação em Houaiss de 1325 (cf. JM3);

ESPAÇAR, *eapaçar* em vez de *espaçar*:

[...] estando el rrei dom Fernando em Lixboa, aconteceo de viir a sua corte [...] dona Lionor Tellez [...] por **eapaçar** algũus dias com dona Maria sua irmãa [...]. (LOPF, 57.41)

D) Palavras mal lematizadas

EIBADO

Fazendo uma pesquisa na opção ‘Português Medieval’, o VH-CPM regista a palavra *eibado* e remete para a palavra actual *elvado*. Pelo que pude observar esta palavra não existe. O termo correcto será *eivado*, de *eivar*, com o significado de ‘perder o vigor, enfraquecer-se’.

E) Obras trocadas

LANÇADOR

Apresenta uma abonação como sendo do prólogo de LOPP, P.16, mas, na verdade, é do prólogo de LOPF:

*Era cavallgante e torneador, grande justador e **lançador** e tavollado [...]. (3.15-16).*

CAMANHO

Apresenta uma abonação como sendo do prólogo de LOPF, II.234.1, mas, na verdade, é de LOPJI²:

[...] ficou tanto aaquem delle que **camanho** golpe pemsou que lhe daua, tamanho deu comsigo [...]. (cap. CXI).

F) Datação errada de obras

No menu *Ajuda > Siglas das obras*, para a sigla LEAL (*Leal conselheiro*), podemos ler “O texto é parte do códice do século XV da Biblioteca Nacional de Paris”; para a sigla OFIC (*Livro dos Ofícios*), podemos ler “Manuscrito do Códice C/66, do século XV, da Academia Real de História de Madrid”; para a sigla VERT (*O livro das três vertudes*), podemos ler “Manuscrito 11.515 do século XV, da Biblioteca Nacional de Madrid”; Não é, no entanto, a data apresentada nas abonação da palavra *tesourar*, *torrão* e *trigança*:

TESOURAR (séc. XIV, LEAL, 114.25):

[...] nem desejo de **thesourar** na terra, onde os ladrooens o furtam, ratos o comem, ferrugem e traça o gastam [...].

TORRÃO (séc. XIV, OFIC, 139.34):

*E mais louuo hũũs poucos de **terrões** sem temor ca os canpos e as herdades de Lidia cheos de medo.*

TRIGANÇA (séc. XIV, VERT, 56.41):

*E esta temperança se demostra em todos os sentimentos da senhora assi como nos feitos e abitos de fora porque ella dara o oolhar tardinheiro e sem **trigança**.*

G) Abonações em falta

ACONTIADO

Esta entrada está averbada no IVPM com seis abonações, todas do século XV, uma de REIX, duas de LOPF e três de DESC, obra que se encontra indicada menu *Ajuda > Sigla das obras* do VH-CPM. No entanto, este apenas apresenta três abonações, eliminando todas as de DESC (**1405**, 1436 e 1460) apresentadas no IVPM. Uma dessas indicações é mesmo a mais antiga, reiterada por Houaiss⁵³.

BRACEIRO

Para esta entrada, Houaiss indica o século XIII e remete para o IVPM, que apresenta abonações do século XIII, XIV e XV. Porém, no VH-CPM apenas são apresentadas duas abonações do século XV, uma de LOPF e outra de ZURG. Para um dicionário *Histórico-Cronológico*, faltam dois séculos de existência gráfica à palavra *braceiro*.

BISCOITO

Para *biscoito*, Houaiss indica o ano de 1317 e remete para o IVPM, que apresenta duas abonações do século XIV e onze do XV. Porém, no VH-CPM apenas são apresentadas cinco abonações, todas do século XV, uma de Lopes e quatro de Zurara⁵⁴.

H) Palavras mal datadas

BARROCA

Para a palavra *barroca*, o VH-CPM apresenta quatro abonações, todas do século XV, uma de LOPF. Mas aqui a falha parece não ser só do VH-CPM, pois mesmo não copiando, *ipsis verbis*, o que está no segundo volume do IVPM (letras B-C, de 1988), acrescenta mais uma abonação de ZURD 259.27, mas retira, erradamente, a de LOPJ¹

⁵³ Veja-se a mesma situação para *baía*, apenas com abonações de ZURD e ZURG no VH-CPM, mas com 1456 DESC no IVPM.

⁵⁴ Foram eliminadas todas as abonações provenientes de MARR (vide supra p.33), e MMM (*Monumenta Missionária Africana*).

I.42.14⁵⁵, e corrige, com acerto, a indicação da fonte LOPP 136.52 no IVPM para LOPF136.52)⁵⁶. No entanto, o que é de registar é que tanto o IVPM como VH-CPM apresentam o século XV como datação mais antiga. Ora, na segunda edição do Dicionário Etimológico de Cunha, de 1986, mas não no Suplemento, ou seja, já com registo na primeira edição de 1982, na entrada *barro*, está indicada a palavra *barroca*, com o significado de ‘monte de barro’, com datação de século XIII, século que também Houaiss confirma com indicação de ocorrência em Inq. (*Inquisitiones*. In PMH). O cruzamento de obras do mesmo autor parece, pois, ser deficitário.

Ainda no que concerne a datações, vale a pena observar as divergências entre o VH-CPM e o IVPM, relativamente à primeira atestação, na lista abaixo apresentada:

	<u>VH-CPM</u>	<u>HOUAISS</u>
<i>acalmar</i> , v.	séc. XV	1370 cf. IVPM
<i>adua</i> , s.f.	séc. XV	1375 cf. IVPM
<i>alão</i> , s.m.	séc. XV	1209 cf. JM ³
<i>amarrado</i> , adj.	séc. XV	1344 cf. IVPM
<i>arraís</i> , s.m.	séc. XV	1298 cf. IVPM
<i>castão</i> , s.m.	séc. XV	sXIII cf. IVPM
<i>coroar</i> , v.	séc. XIV	sXIII cf. IVPM
<i>debalde</i> , adv.	séc. XV	sXIV cf. IVPM
<i>deixar</i> , v.	séc. XV	1209 cf. JM ³
<i>divisão</i> , s.f.	1272	1270 cf. IVPM
<i>esquizações</i> , s.f.	séc. XV	sXIII cf. FichIVPM
<i>fanega</i> , s.f.	séc. XV	sXIV cf. FichIVPM
<i>fateixa</i> , s.f.	séc. XV	sXIV cf. FichIVPM
<i>febre</i> , adj.2g.	febre (3), séc. XV	² febre , 1372 cf. Eluc ⁵⁷
<i>florim</i> , s.m.	séc. XV	sXIV cf. IVPM
<i>fornecer</i> , v.	séc. XV	sXIV cf. FichIVPM
<i>fretamentos</i> , s.m.	séc. XV	sXIV cf. FichIVPM
<i>fuzil</i> , s.m.	séc. XV	sXIV cf. IVPM
<i>gascão</i> , adj.	séc. XV	sXIII cf. FichIVPM

⁵⁵ A palavra *barroca* tem 12 ocorrências em LOPJ¹, 7 delas como nome próprio, referindo-se a frei João da Barroca, e as restantes 5 como nome comum.

⁵⁶ Tal alteração dever-se-á mais a uma correcção do próprio Cunha no Suplemento ao IVPM, como se indicou na página 36, sobre a palavra *acotiado*.

⁵⁷ Os números 3 e 2 que acompanham a palavra *febre* identificam a mesma acepção em dicionários diferentes.

jeitoso , <i>adj.</i>	séc. XV	sXIV cf. FichIVPM
laranjeira , <i>s.f.</i>	séc. XV	1258 cf. JM ³
marear , <i>v.</i>	séc. XV	sXIII cf. FichIVPM
mourisco , <i>adj.</i>	séc. XV	sXIII cf. FichIVPM
paul , <i>s.m.</i>	séc. XV	sXIII cf. AGC
porra , <i>s.f.</i>	séc. XV	1209 cf. <i>Leges</i>
princípio , <i>s.m.</i>	não regista	sXIV cf. FichIVPM
sacador , <i>adj.s.m.</i>	séc. XV	sXIII cf. AGC
sala , <i>s.f.</i>	séc. XV	969 cf. JM ³
solução , <i>s.m.</i>	séc. XV	sXIV cf. AGC
tiro , <i>s.m.</i>	séc. XV	sXIII cf. AGC
trabalhoso , <i>adj.</i>	séc. XV	sXIV cf. AGC
trigo , <i>s.m.</i>	séc. XIII	1081 cf. JM ³
trom , <i>s.f.</i>	séc. XIV	sXIII cf. FichIVPM
trombeta , <i>s.f.</i>	séc. XV	sXIV cf. AGC
vestidura , <i>s.f.</i>	séc. XV	sXIII cf. FichIVPM
vinteneiro , <i>s.m.</i>	séc. XV	vintaneiro <i>adj.</i> e <i>s.m.</i> 1361 cf. Desc
vozeria , <i>s.f.</i>	séc. XV	1192 cf. JM ³

Para finalizar esta breve análise do VH-CPM, importa referir e destacar a sua utilidade enquanto instrumento de trabalho lexicográfico com a apresentação de um número significativo de verbetes do português medieval. Assim, de forma rápida, é possível navegar por vários séculos e verificar algumas das diferentes grafias de cada palavra, bem como identificar o seu registo em determinadas obras. Fica, no entanto, aquém das expectativas se tivermos em conta a sua finalidade de ser um *Vocabulário Histórico-Cronológico*, pois apresenta informação desactualizada, uma vez que foi publicado depois de obras de referência, como o *Dicionário Houaiss*, os *Dicionário Etimológicos* de José Pedro Machado e Antônio Geraldo da Cunha, onde já consta informação correta e bem mais antiga, em algumas situações, como é o caso, por exemplo, da palavra *sala*, com cinco séculos de diferença.

Em resumo, a ideia que mais prevalece é a de o VH-CPM parecer uma simples digitalização, aqui e ali deficitária, das fichas do vasto acervo de Antônio Geraldo da Cunha, sem qualquer intervenção crítica por parte da equipa que o produziu. A não inclusão de algumas obras no *corpus* de extracção, como é o caso da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Zurara, permite também algumas antedatações, quer ao VH-CPM, porque o IVPM não a utilizou, quer ao próprio Houaiss, que seguiu o mesmo princípio.

2. A elaboração de um Índice Analítico: o programa *Lexicon* (versão 5.2)⁵⁸

O avanço da tecnologia e o crescente interesse pela lexicografia produziram, nas últimas décadas, um sem número de materiais de trabalho, desde dicionários *on-line*, *corpora* informatizados⁵⁹, índices directos de formas de variadas obras⁶⁰ ou lematizações de textos antigos⁶¹, bem como programas informáticos específicos para a realização destes dois últimos.

Um desses programas informáticos - *Lexicon*- é apresentado pelos seus autores (Projecto Vercial) como sendo “um programa que serve para listar todas as palavras de um texto e verificar o número de ocorrências de cada uma delas”. É, sem dúvida, um programa útil “para quem pretenda fazer um estudo estatístico-lexical ou morfológico de determinada obra ou conjunto de textos”. Sendo esta já a versão 5.2, o programa permite já “a identificação das classes gramaticais e a flexão verbal, quer em textos atuais, quer em textos antigos”⁶².

No ponto 3, sobre Método de Trabalho, que se encontra no Menu *Ajuda > Ajuda*, podem ler-se, ainda, as seguintes indicações:

3.9. O utilizador pode ainda proceder à identificação das classes gramaticais. Esta identificação poderá ser morosa, dependendo da quantidade de palavras existentes ou da velocidade do processador do PC. O utilizador deverá, no menu **Ferramentas**, seleccionar a opção **Verificar Classes Gramaticais**. Aparecerá uma janela com duas opções: **Texto em Português Actual** e **Texto em Português Antigo**. O utilizador deverá seleccionar aquela que melhor convém ao texto em análise.

3.9.1. A base de dados dispõe de 95.700 formas diferentes para o português actual e 123.800 para o português antigo.

3.9.2. Certamente haverá palavras dos textos a analisar que não serão identificadas gramaticalmente. A essas, o programa marca-as com a expressão desconhecida.

3.9.3. Recomenda-se que no final o utilizador verifique os casos de palavras homónimas e que pertençam a várias classes gramaticais.

⁵⁸ Para os comentários a este programa foi apenas utilizada a *Crónica de D. Fernando*.

⁵⁹ Cf. bibliografia.

⁶⁰ O Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) dispõe neste momento de várias obras para consulta em <http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc>

⁶¹ Uma das lematizações utilizadas neste trabalho é a *Lematização de Textos Medievais Portugueses* (versão 4.0), edição de José Barbosa Machado, UTAD, 2002-2007. Cf. *infra* p. 45.

⁶² Cf. <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/lexicon/index.html>

A base de dados do programa *Lexicon*, constituída pelas 123.800 formas diferentes para o português antigo, é formada a partir de várias obras, listadas abaixo:

Abreviatura	Descrição
AP	<i>Auto de Partilhas</i> (1192)
CBAN	<i>Crónica Breve do Arquivo Nacional</i>
CDG	<i>Crónica do Descobrimento e Conquista de Guiné</i> , de G. E. de Zurara (séc. XV)
CDM	<i>Crónica do Conde D. Duarte de Meneses</i> , de Gomes Eanes de Zurara (séc. XV)
CPM	<i>Crónica do Conde D. Pedro de Meneses</i> , de Gomes Eanes de Zurara (séc. XV)
CDAH	<i>Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques</i> , de Duarte Galvão (início do s. XVI)
CDD	<i>Crónica de D. Dinis</i> (início do séc. XVI)
CDF	<i>Crónica de D. Fernando</i> , de Fernão Lopes (séc. XV)
CJ1	<i>Crónica de D. João I</i> - Parte I, de Fernão Lopes (séc. XV)
CJ2	<i>Crónica de D. João I</i> - Parte II, de Fernão Lopes (séc. XV)
CDP	<i>Crónica de D. Pedro I</i> , de Fernão Lopes (séc. XV)
CDS	<i>Constituições de D. Diogo de Sousa</i> (1497)
CGE	<i>Crónica Geral de Espanha</i> (1344)
CP	<i>Castelo Perigoso</i> (séc. XIV)
CRP	<i>Crónica dos Primeiros Sete Reis de Portugal</i> (1419)
CT	<i>Crónica Troiana</i> (meados do séc. XVI)
CTC	<i>Crónica da Tomada de Ceuta</i> , de Gomes Eanes de Zurara (séc. XV)
DSG	<i>A Demanda do Santo Graal</i> (séc. XIV)
EER	<i>Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance</i> (1497)
EV	<i>Estoria do mui nobre Vespesiano emperador de Roma</i> (1496)
FCR	<i>Foros de Castelo Rodrigo</i> (séc. XIII)
FR	<i>Foro Real de Afonso X</i> (finais do séc. XIII)
LC	<i>Leal Conselheiro</i> , de D. Duarte (séc. XV)
LE	<i>Livro da Enseñança de Bem Cavalgar Toda Sela</i> , de D. Duarte (séc. XV)
MP	<i>Livro das Confissões</i> , de Martín Pérez (1399)
LHB	<i>Livro das Histórias da Bíblia</i> (séc. XV)
LMP	<i>Livro de Marco Polo</i> (1502)
NT	<i>Notícia de Torto</i> (1206)
OE	<i>Orto do Esposo</i> (séc. XV)
PMP	<i>Penitencial de Martim Pérez</i> (séc. XV)
RP	<i>Regimento Proveitoso contra a Pestenença</i> (1495?)
S	<i>Sacramental</i> , de Clemente Sanchez de Vercial (1488)
SG	<i>Sumário das Graças</i> (1488?)
TAII	<i>Testamento de D. Afonso II</i> (1214)

TC	<i>Tratado de Confissom</i> (1489)
TM	<i>Testamento Medieval</i> (1193)
TP	<i>Tempo dos Preitos</i> (séc. XIII)
VDT	<i>Vida de D. Telo</i> (séc. XV)
VJII	<i>Vida e Feitos de D. João II</i> , de Garcia de Resende (1533)
VSA	<i>Vidas de Santos</i> (Manuscrito alcobacense – séc. XIII-XIV)
VST	<i>Vida de São Teotónio</i> (séc. XV)

Como o programa tem na base de dados todas as palavras destas obras e as trata simultaneamente, a disparidade de classificações gramaticais seria inevitável, apresentando em alguns casos classificações duplas ou mesmo, por vezes, triplas. Porém, se é verdade que podem aparecer classificações gramaticais que fazem sentido numa determinada obra, noutra elas estão claramente erradas. Veja-se o quadro seguinte:

lema	palavra	classe	conjug. verbal
alvo	alvo	<i>nomc</i> ⁶³ / adj	
amar (amo)	amo	vb / nomc	<i>pres ind</i>
baixar (baixo)	baixo	vb / adj	<i>pres ind</i>
Beira	Beira	<i>nomc</i> / nomp	
caminhar	Caminha	vb / nomp	<i>pres ind</i>
cavar	cava	vb / nomc / adj	<i>pres ind</i>
juntar	junta	vb / <i>nomc</i> / adj	pres ind

Relativamente à utilização do *Lexicon* e ao resultado da sua listagem para o texto da *Crónica de D. Fernando*, e pormenorizando o que acabo de referir, os resultados permitiram chegar a algumas conclusões, elencadas nos seguintes tópicos:

a) Casos em que está errado o lema:

lema	palavra	classe	conjug. verbal
área (areia)	area	nomc	
cantar (catar)	catados	vb	part
celada (cilada)	cellada	nomc	
cuitela (cutela)	cuitellas	nomc	
enlição (eleição)	enliçom	nomc	

⁶³ As palavras e classificações que não se encontram em LOPF vão assinaladas a negrito e itálico. Dentro de parêntesis é indicada a forma correcta.

b) Casos em que está errada a classe gramatical:

lema	palavra	classe	conjug. verbal
baio	bayo	adj (nomc)	
cão	caãos	nom (e adj)	
cismático	cismatico	nomc (adj)	
claro	claro	adj (adv)	
corda	corda	nomc(e adj.)	
cumpridoiro	compridoiro	nomc (adj)	

c) Casos em que está errada a conjugação verbal:

lema	palavra	classe	conjug. verbal
achar	achavom	vb	imperf conj (imperf ind) ⁶⁴
cair	caera	vb	fut imperf (pret m-q-p)
ver	veerom	vb	fut imperf (pret perf)
viver	viva	vb / adj	pres ind (imper)

d) Casos em que estão erradas todas as classificações, excepto a própria palavra:

lema	palavra	classe	conjug. verbal
alçar (alçada)	alçadas	vb (nomc)	patr
alvo (alva)	alva	adj (nomc)	
apostar (aposto)	aposta	vb/nomc (adj)	pres ind / part
apor (aposto)	aposto	vb (adj)	part
arrancar (arrancada)	arancada	vb (nomc)	part
buscar (busca)	busca	vb (nomc)	pres ind
calmo (calma)	calmas	adj (nomc)	
cunhada (cunhar)	cunhada	nomc (vb)	(part)
extremo (estremar)	estrema	nomc/adj (vb)	(prés ind)
fundar (funda)	funda	vb/adj (nomc)	pres ind
gançar (gança)	gaanças	vb (nomc)	pres ind
ser (serão)	seraão	vb (nomc)	fut imperf
ver (verão)	veraão	vb (nomc)	fut imperf

⁶⁴ Esta é uma eventual falha de formatação do programa que, em LOPE, à excepção de apenas 4 formas com indicação de imperfeito do indicativo (*abastavom, conselhavom, coutavom, escaramuçavom*) considera todas as outras terminações -avom como sendo do imperfeito do conjuntivo.

Perante a apresentação de resultados tão divergentes, fruto de trabalho mecânico, o passo seguinte será eliminar as várias hipóteses, identificando com rigor a sua classificação em determinados contextos e contribuindo para uma apresentação o mais rigorosa possível das várias listagens de cada texto. Por palavras mais práticas, é distinguir que *forom juntos* (291.50) deve ser identificado como o pretérito perfeito do verbo *ir* e o adjectivo *junto* ‘em companhia de’ e a mesma expressão *forom juntos* (428.33 e 559.7) como o pretérito perfeito do verbo *ser* e o particípio do verbo *juntar*⁶⁵. É procurar distinguir as três acepções com que *guarda* ocorre: ‘vigilante’, ‘vigilância, protecção’ e ‘cumprimento, respeito; conservação, preservação’. Apresento, no esquema abaixo, uma amostra mais significativa de palavras onde se verifica necessidade de intervenção após o resultado do processamento do programa.

lema	palavra	classe	conjug. verbal
além	aallem	nomc / advl	
acha	achas	vb / nomc	pres ind
acontecer	acontecera	vb	pret m-q-p / fut imperf
acontiado	aconthiado	<u>desconhecida</u> (nomc)	
acontiado	aconthiados	adj (nomc)	
acontiado	acontiados	adj (p. adj. e nomc)	
acordar	acordo	vb / nomc	pres ind
açor	açores	nomc / nomp	
acorrer	acorrerdes	vb	infp / fut conj
acorrer	acorro	vb / nomc	pres ind
acrescentar	acrecentardes	vb	infp / fut conj
adiantar	adeantado	vb (nomc)	part
adiantar	adeante	vb / advl	pres conj
afogar	afogara	vb	pret m-q-p / fut imperf
aguçar	aguça	vb / nomc	pres ind
ajudar	ajuda	vb / nomc	pres ind
ajudar	ajudas	vb / nomc	pres ind
alçar (Alçada)	Alçada	vb / nomp	part
alçar (alçada)	alçadas	vb / nomc	part
além	allem	nomc / advl	
alvo (alva)	alva	adj (nomc)	
alvo	alvo	nomc / adj	
amar (ameia)	amea	vb + pronp (nomc)	imper
ameaçar (ameaça)	ameaça	vb / nomc	pres ind

⁶⁵ Ocorrem mais três situações deste tipo, mas com introdução de advérbios ou complementos no seu interior: *forom alli juntos* (365.14); *forom depois juntos* (373.121) e *forom em Santarem juntos* (589.8-9).

amar (alva)	amo	vb / nomc	pres ind
apostar	aposta	vb / nomc	pres ind / part
apor (aposto)	aposto	vb (adj)	part
área (areia)	area	nomc	
armar (arma)	arma	vb / nomc	pres ind
armar	armada	vb / nomc (os dois)	part
armar	armadas	vb (também nomc)	part
arrancar (arrancada)	arrancada	vb (nomc)	part
sossegar (sossego)	assesego	vb / nomc	pres ind
sossegar (sossego)	assesego	vb / nomc	pres ind
até (hasta)	asta	prep / nomc	
avé (haver)	avee	inter (vb)	(imper)
haver (advir)	aveher	vb	inf
haver (advir)	avehera	vb	fut imperf (pret m-q-p)
haver (advir)	avehesse	vb	imperf conj
haver (advir)	aveho	vb + pronp (vb)	pres ind (pret perf)
avir (advir)	avenha	vb	pres conj
haver (haveres)	averes	vb (nomc)	infp
aventureiro (Aventureiras)	Aventureiras	adj (nomp)	
avindo (advir)	aviindo	adj (vb)	(ger)
avindo (avir)	aviindo	adj (vb)	(part)

Como conclusão, posso dizer que o programa *Lexicon* é uma ferramenta essencial para uma primeira listagem das palavras de um qualquer texto. A sua interface é de fácil percepção e permite uma escolha de entre várias hipóteses, donde se destaca possibilidade de, no menu das *Ferramentas*, verificar o número de ocorrências, mas sobretudo todas as Classes Gramaticais. Esta elencação, que por vezes desvirtua completamente a pesquisa, exige um trabalho redobrado e minucioso na sua correcção. Apresenta ainda erros de classificação, uma vez que todos os pretéritos imperfeitos do indicativo terminados em *-avom*, à excepção de quatro, são classificados como pretéritos imperfeitos do conjuntivo. Apesar destas particularidades, este foi o programa escolhido para a listagem de todas as palavras o que implicou seguir à risca as recomendações do ponto 3.9.3 dos seus autores (*Recomenda-se que no final o utilizador verifique os casos de palavras homónimas e que pertençam a várias classes gramaticais*). O programa *Lexicon* é, sem dúvida, um excelente instrumento de trabalho, mas é também um instrumento de trabalho para manusear com algum cuidado.

Relativamente à *Lematização de Textos Medievais Portugueses* (versão 4.0), edição de José Barbosa Machado, UTAD, 2002-2007, ela apresenta-se sobretudo como um material

extenso, pela quantidade de obras que fazem parte do *corpus* de extracção, e automaticamente da listagem de todas as palavras nelas contidas. É neste tipo de lematizações que se vê o resultado, puro e duro, do que os referidos programas são capazes de fazer em segundos, talvez minutos devido às suas extensões (neste caso são 6451 páginas), antecipando os resultados em um intervalo de tempo incomensurável quando feito à mão, numa leitura e análise tão rigorosas e cansativas, quase como desesperantes.

A existência destes trabalhos contribuem para o enriquecimento do estudo do português médio e são uma mais-valia para os investigadores, na medida em que passam a dispor de mais ferramentas de trabalho. O único senão dirá respeito à confiança progressiva que vamos depositando nas máquinas, esquecendo as recomendações do ponto 3.9.3 dos autores do programa *Lexicon*.

A este propósito veja-se, por exemplo, na *Lematização* de Barbosa (BLem) a classificação do advérbio *eramá*, atestado em LOPF sob a forma *eramaa*, como imperfeito do indicativo de *ser*, com a indicação de *vb+pronp* (p. 5612); a classificação do substantivo *follosa*⁶⁶, como feminino do adjectivo *foloso* (p. 3061); *fferragem* e *fforragem* ambas lematizadas para *ferragem* (p. 2989-2990); *escaramuçamdo* lematizado para *escapar* (p. 2619); *bulhom* lematizado para *bulhar* como sendo forma verbal no presente do indicativo, ou mesmo a classificação do adjectivo *husavees*, como imperfeito do indicativo do verbo *usar* (p. 6171). Como uma lematização deste tipo tem sempre por base um programa informático (presumo que o *Lexicon*) que lista as palavras segundo uma base de dados previamente carregada a partir de um determinado número de obras, verificam-se sempre algumas incoerências. Tais discrepâncias podem dizer respeito a classificações pontuais, ou mesmo a todos ou quase todos os campos apresentados, incluindo a própria palavra, como se verifica no seguinte quadro da *Lematização* de Barbosa:

lema	palavra	classe	conjug. verbal
<i>ansejo</i> (ensejo)	amçejo	nomc	
<i>doer</i> (de)	<i>doe</i> (de)	vb (prep)	pres conj
<i>liçenca</i>	<i>lecenca</i> (leçença)	nomc	
<i>cuidar</i> (condado)	<i>coindado</i> (condado)	vb / nomc	part

Relativamente a esta situação, ela só parece ser possível, presumo, devido a uma digitalização deficitária da *Crónica de D. Fernando*, em princípio a de uma versão em CD-ROM levada a cabo pela Biblioteca Nacional – *Biblioteca Virtual de Autores Portugueses* (1999), que teve por base a edição impressa pela IN-CM e organizada por Giuliano Macchi, em

⁶⁶ Cf. *infra*, entrada FELOSA, p. 41.

1975. Um forte argumento a favor de que seria esta a edição de partida é o facto de muitos dos erros aí presentes se repetirem na *Lematização de Textos Medievais Portugueses* (versão 4.0) como é o caso de *aliūs* em vez de *algũus* (p. 368), *Castellla* por *Castella* (p. 1123), *coindado* por *condado* (1757), *contrario*⁶⁷ por *contrairo* (1634), *Fernanado* por *Fernando* (p. 2986), *lecenca* por *licença* (p. 3798), *Isabell* por *Isabell* (p. 3863), *vallessem* por *vallessem* (p. 6198), com a indicação de que têm ocorrência exclusivamente em LOPF. No entanto, e porque a lematização engloba vários textos, há outros erros coincidentes com a edição da Biblioteca Nacional, mas porque têm registo noutras obras além de LOPF, não é possível afirmar, com tanto rigor como para aqueles, que têm a mesma proveniência. Refiro-me a palavras como *irmano* em vez de *irmão* (p. 3562), *fronteira* por *fronteiro* (p. 3104), *Franca* por *França* (p. 3087), *fortaleza* por *fortalleza* (p. 3080), *doe* por *de* (2269), *ciquo* por *cinquo* (p. 1303), *castelos* por *castelos* (p. 1127), *cosmo* por *colmo* (p. 1702).

Na *Crónica de D. Fernando*, digitalizada no referido CD-ROM, encontram-se ainda as seguintes gralhas, corrigidas na *Lematização de Barbosa*, *Casteila* por *castella*; *cheoou* por *chegou*; *Conçallvez* po *Gonçallvez*; *depôs* por *depós*; *donzelllas* por *donzellas*; *eel-rrei* por *el-rrei*; *eeteencom* por *eeteençom*; *Femando* por *Fernando*; *lrmaão* por *Irmaão*; *milll* por *mill*; *villla* por *villa*⁶⁸.

⁶⁷ Esta seria a única forma com metátese em LOPF face às restantes 31 *contrairo(s)*.

⁶⁸ Esta comparação é feita tendo por base a segunda edição da IN-CM, organizada por Giuliano Macchi – Teresa Amado, em 2004.

3. Índice analítico conjunto da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (Anexo I)

“faltam glossários organizados para todas as crónicas [de Fernão Lopes]”

G. Macchi (2004). *Crónica de D. Pedro I*, p. LXIX.

A dificuldade de encontrar e perceber determinados significados, ajudado pelo mote de Macchi, avultou o interesse pela elaboração de um Índice Analítico, não de todas as obras de Lopes, para já, mas pelo menos da *Crónica de D. Fernando*. Seria, pois, mais fácil, partindo duma lista de palavras trabalha e não simplesmente elencada, chegar àquelas que foram introduzidas pelo cronista.

Quem opta por trabalhar um determinado texto medieval, uma das primeiras dificuldades com que se depara é a falta de um ‘bom’ glossário, de preferência geral. Digo geral, porque, apesar de em cima da mesa estarem vários, o que se verifica é uma dupla sensação. Primeiro, porque aquela palavra que tanto se procurava, finalmente está registada em determinado glossário, gáudio. Segundo, porque, afinal, o significado não é bem este, ou não é mesmo nada este, melancolia. Um bom exemplo para o que acabo de referir é o caso da palavra *aguça* (LOPF 44.101; 73.7), que no glossário da *Vida e Feitos de Júlio César*, elaborado por Maria Helena Mira Mateus, com nova publicação pela Fundação Calouste Gulbenkian (Mateus 2010, III volume), tem o significado de ‘pau aguçado’ e na *Crónica de D. Fernando* o de ‘cuidado, interesse, diligência’. É o caso da palavra *adúbio* (LOPF 321.68) que o IVPM remete para ‘adubo’, apresentando este duas acepções com o significado de ‘adorno, ornamento’ e ‘condimento, tempero’, bem diferentes daquele que ocorre na crónica de Lopes, ‘arranjo, reparação’. Assim, o que se verifica é que cada glossário regista apenas a acepção que mais se adequa ao contexto da obra.

Acontece também outra situação com algumas palavras, como é o caso de *grave*. Está registada nos glossários como adjetivo, ‘duro, penoso’, mas o que para mim é pertinente é encontra-la registada como substantivo. E, depois, quando se encontra com essa classificação,

verificamos que ainda não é bem essa que faz sentido no texto em análise. É aqui que a investigação é produtiva e permite acrescentar algo de novo ao glossário que se vai construindo.

Assim, depois de redobradas duplas sensações, e encorajado pela observação de Macchi sobre a “falta de glossários organizados para todas as crónicas [de Fernão Lopes]” (LOPP, IN-CM, 2004, p. LXIX), autor incontornável para o estudo do português médio, aprofundou-se a vontade de elaborar um Índice Analítico da *Crónica de D. Fernando*.

Normalmente, os glossários que acompanham os textos raramente constituem uma base suficientemente ampla de trabalho. E se o que acompanha a segunda edição da *Crónica de D. Pedro I*⁶⁹, elaborado por Macchi, é um recurso importante para o leitor da actualidade menos familiarizado com o português médio, ele fica muito aquém daqueles que, por variadíssimas razões, necessitam de um trabalho mais exaustivo. A simples listagem de programas informáticos fica igualmente distante das verdadeiras acepções de cada palavra. Exemplificando: a forma *aviindo* ocorre duas vezes na *Crónica de Fernando*, lematizadas por Barbosa Machado⁷⁰ para *advir* e classificadas como adjetivos. Ora, uma delas pertence, de facto, ao verbo *advir*, ‘suceder, acontecer’, e está no gerúndio; a outra pertence ao verbo *avir* ‘reconciliar’, e está no particípio.

Como esta, muitas outras formas são iguais, mas remetendo para classificações e acepções diversas, pelo que é pertinente a sua desambiguação, tarefa a aplicar ao longo do Índice Analítico.

Algumas observações sobre este Índice Analítico.

Foram eliminados todos os Antropónimos. Assim, por exemplo, para a forma do adjetivo *clara*, apenas foram contabilizadas duas ocorrências, retirando a terceira – Clara. O mesmo para outras siruações: covas – Covas; cruz – Cruz; curral – Curral; donzela – Donzella; duque – Duque; façanha – Façanha; faria – Faria; ferro – Ferro; furtado – Furtado; ilha – Ilha; leis – Leis; mercadores – rrua dos Mercadores; moor – Moor; novo – Novo; nova – (rua) Nova; novas – (Torres) Novas; outeiro – Outeiro; paredes – Paredes; pedra – Pedra; ponte – Ponte (de Lima); porto – Porto; santa – Santa (Maria); vaca – Vaca; velho – Velho; vitoria – Vitoria.

Foram eliminados todos os Topónimos.

Apenas se apresenta a primeira localização para cada palavra, com significado inequívoco. Há casos em que o sentido é diferente, mas também aqui o objectivo é indicar a ocorrência dessa diferença, pelo que se apresenta apenas uma localização (*conto*, *grave*, *corda*, *coroa*, *correr*, *comprida(s)*, *comprido(s)*, *cunhada*, *defeso*, *descendo*, *divido*, ...).

⁶⁹ A *Crónica de D. Fernando* apenas possui um índice Onomástico.

⁷⁰Cf. *Lematização de Textos Medievais Portugueses* (versão 4.0), edição de José Barbosa Machado, UTAD, 2002-2007.

Por vezes, nem sempre se afigurou, de forma clara, a classificação gramatical, sobretudo na distinção entre o particípio passado e o adjetivo verbal⁷¹. Assim, optei por considerar apenas particípio (vb P) as formas que integravam quer tempos compostos, como “*e emmendar os danos e malles que os d’estes rregnos **ham rrecebidos** ataa o tempo d’ora*” (LOPF 594.38-39), “*depois que **ouve armadas** viinte gallees pera mandar em ajuda d’el-rrei de França*” (LOPF 405.5-6), “*E **temdo** jaa **açertada** sua rremdiçã e de XV cristãos*” (ZURP 623.1050-1051) ou “*E **tinham acordado** de lhe tomaar a terra e as outras barquetas que ficassem largas*” (ZURP 448.121-122), quer verdadeiros particípios absolutos, como “*A molher que o posera dentro, **acabadas** estas rrazões, disse estonce ao iffante:*” (LOPF 358.107-109), “*Estas rrazões assy **acabadas**, ell rrey mādou llogo lamçar pregão*” (ZURP 208.851-852). Para todos os outros casos adoptei a classificação de adjetivo verbal (adj vb), como em “*e veendo como todos estavom **alvoraçados***” (LOPF 214.27-28), ou “*E assy forã **abastados** ate que lhe levarã o mamtyemnto destes rregnos*”(ZURP 575.1021-1022).⁷²

Quando se trabalha com um número significativo de palavras, obrigatoriamente tem de se recorrer a programas informáticos que façam uma primeira classificação. O programa atrás descrito, *Lexicon* (versão 5.2), foi o utilizado nesta tarefa. Como normalmente para as terminações *-ado(a)/(s)* é atribuída a classificação de particípio⁷³, procurei fazer todas as desambiguações. Certamente ter-me-ão passado algumas.

No caso dos verbos, foi acrescentada a classificação gramatical do modo e tempo, onde optei pela classificação já utilizada pelo CIPM. De referir que dentro de cada entrada verbal, e para uma mais rápida localização, sobretudo em verbos com um elevado número de formas (*dar* (33), *dizer* (43), *fazer* (46), *haver* (55)), preferi elencar as formas por ordem alfabética em detrimento de uma ordem modo-temporal, como se poderá verificar, por exemplo, com as formas *fezera* e *fizera*, *hiis*, *vaamos* e *vou*, ou *penso* e *pensso*. As reduções utilizadas são as seguintes:

⁷¹ A distinção levanta interrogações. Veja-se Ana Maria Brito in Mateus (⁶2004:374 e 727) e Cunha (¹⁰1994:493).

Mira Mateus, no pormenorizado Glossário da *Vida e Feitos de Júlio César* (vol. III), elenca dentro da entrada do verbo, apenas as formas de particípio que são utilizadas nos tempos compostos (*ter* e *haver*) e as de particípios absolutos (cf. s.v. *acabar*). Apresenta depois, em entrada à parte, a classificação de adjetivo verbal (adj. v.), para as restantes (cf. s.v. *acabado*). Casos como *abraçado* e *ceso* são considerados apenas adjetivos (adj.), apesar de origem verbal. Não é este, porém, o entendimento de José Carlos de Azeredo (³2004: 242-243), que apresenta uma distinção mais simples: “*O particípio é sintaticamente uma forma do verbo apenas quando, invariável e com sentido ativo, integra os chamados tempos compostos ao lado do auxiliar ter. Fora daí, o particípio se torna um adjetivo [...], tanto pela forma - já que é variável em gênero e número -, quanto pelas funções, pois, assim como o adjetivo, pode ser adjunto adnominal (cf. o livro novo/livro rabiscado) ou complemento predicativo, quando constitui a chamada voz passiva (cf. Estas aves são raras/Estas aves são encontradas apenas no pantanal)*”.

⁷² Mesmo com esta distinção, não deixaram de existir casos de difícil interpretação, como na frase “*Pera coelhos, rraposas e lebres e outras semelhantes salvajêes monteses*” (5.59.60), optei por considerar os três adjetivos, subentendendo *animais*. No VH-CPM *monteses* é classificado como substantivo.

⁷³ Cf. BLeM *adeantado*, vb part (s.v. *adeantar*) em vez de substantivo; *alçadas*, vb part (s.v. *alçar*) em vez de substantivo; *arrancada*, vb part (s.v. *arrancar*) em vez de substantivo; CIMP *arrenegados*, PP m.p., (s.v. *arrenegar*) em vez de substantivo. O mesmo para as terminações *-oso/a(s)*, normalmente classificadas como adjetivo. Veja-se infra a entrada FELOSA, p. 87.

vb IP	presente do indicativo	vb CF	futuro do conjuntivo
vb IPI	imperfeito do indicativo	vb C	condicional
vb IPP	pretérito perfeito do indicativo	vb I	imperativo
vb IP+	pretérito m-q-p do indicativo	vb INF	infinitivo
vb IF	futuro imperfeito do indicativo	vb INFL	infinitivo pessoal
vb CP	presente do conjuntivo	vb P	particípio
vb CPI	imperfeito do conjuntivo	vb G	gerúndio

Na listagem das formas verbais, foram eliminados os pronomes enclíticos, pelo que formas do tipo de *fazendo-a*, *achou-ho*, *mandou-nos*, *acolherom-sse*, *dar-lhe*, apenas são grafadas *fazendo*, *achou*, *mandou*, *acolherom*, *dar*. Registam-se, porém, os casos em que a eliminação desse pronome deixaria a forma verbal numa terminação não característica, resultado, precisamente dessa pronominalização. Estão nesta situação palavras como, por exemplo, *abrian-as*, *armaren-se*, *assentaron-o*, *casá-lla*, *mantee-llo*, *combatê-lla*, *fornece-llas*, *hirde-vos*, *vaamo-nos*. Manteve-se também o pronome em todos os casos de mesóclise, em formas como *aqueentar-nos-emos*, *dizer-vos-hiam*, *gradecer-vo-llo-á*, *lança-llas-hia*, *chegar-me-hei*, *decer-m'ei*.

O índice está organizado por ordem alfabética da cabeça do lema⁷⁴, mantendo assim agrupadas, na coluna da palavra, à direita, todas as suas variantes. Nesta coluna, a forma redonda serve para indicar proveniência de LOPF e a forma itálica para indicar a de ZURP. Uma organização alfabética de toda esta segunda coluna seria mais pertinente para uma rápida localização das formas medievais, mas afastaria as diferentes grafias da mesma entrada, um dos objectivos deste índice. Assim, houve necessidade de fazer remissões de todas as palavras que se encontravam em entradas alfabéticas diferentes, como *daga* (cf. *adaga*), *fouto* (cf. *afouto*), bem como algumas dentro da própria letra, como *avondar* (cf. *abundar*) *fame* (cf. *fome*). Para outras, pela fácil percepção, como *christão*, *deçiplina*, *emderemçar*, *ezquerda*, *imigos*, *majestade*, *philosofo*, não foi feita qualquer remissão.

No caso destas entradas remissivas, desde que se verifique a sua ocorrência efectiva, é sempre apresentado o masculino do singular para os nomes masculinos e adjectivos e o feminino do singular, para os nomes femininos, como *bastecimento* (cf. *abastecimento*), *omrroso* (cf. *honroso*), *fouteza* (cf. *afouteza*). Nos restantes casos mantém-se a forma registada

⁷⁴ Na coluna da lematização, apresenta-se, em maiúsculas, por norma, a forma actual da cabeça de lema. Há, no entanto algumas excepções (*ênader*, *membrar*, *mostrança*, *nembrança*...).

nos textos, como em *amoestações* (cf. *admoestação*)⁷⁵ ou *frorões* (cf. *furão*), apenas com ocorrências no plural. Para os verbos foi utilizado o infinitivo, como *aviir* (cf. *advir*), *bastecer* (cf. *abastecer*), mesmo este não tendo ocorrência na obra, como *asolver*, *assolver* (cf. *absolver*). Foram também feitas remissões entre as entradas relacionadas, como *acostumar* (cf. *costumar*) / *costumar* (cf. *acostumar*); *acoutar* (cf. *coutar*) / *coutar* (cf. *acoutar*); *apenhar* (cf. *penhorar*) / *penhorar* (cf. *apenhar*); *ajuntamento* (cf. *juntamento*) / *juntamento* (cf. *ajuntamento*); *aportalecer* (cf. *portalecer*) / *portalecer* (cf. *aportalecer*);

Nos casos em que para a mesma entrada ocorrem classificações gramaticais e/ou significados diferentes e simultaneamente um grande número de ocorrências, pese embora algumas vezes tenham sido tratados, nestes casos é apresentado o número dentro de parênteses rectos, indicando que a desambiguação não foi feita. Indicam-se, no entanto, as localizações das respectivas classificações e significações. Em alguns casos, o trabalho seria demorado e, eventualmente, pouco profícuo, pois, em vez de um número (75) para duas classificações de *poder*, nome e verbo, teríamos dois, por hipótese, 50 nomes e 25 verbos.

Casos como *da/da*; *se/se*, que podem ser ‘prep’ e ‘vb’ não foram trabalhados.

Nos casos de desambiguação entre as preposições e os nomes, por exemplo *par*(por)/*par*, e os advérbios e adjetivos, por exemplo *preto* (perto)/ *preto*, o número de ocorrências dos segundos é efectivo, ou sejam, foram excluídos da contagem as preposições e os advérbios. Assim, das 6 ocorrências de *par*, apenas se indica 1 para o nome (LOPF 508.30)⁷⁶ e das 13 de *preto*, apenas se indicam as 3 que têm, efectivamente, a função de adjetivo (LOPF 166.22; 460.32; 592.40).

No campo da localização é apresentada a primeira ocorrência, salvo se o significado não for claramente explícito na classificação gramatical ou significação. Nestes casos, procurei apresentar uma localização inequívoca. Por exemplo, no caso de *cuidado*, classificado gramaticalmente como nome com o significado de ‘preocupação’, entre a primeira ocorrência – *eviinham os falcoeiros e outros que de fazer aves tiinham cuidado*. (4.41-42) – e a segunda – *El-rrei de Navarra, posto em gram cuidado por a promessa que feita avia a el-rrei dom Henrrique* (19.3-4) –, preferi esta última.

Regra geral, foram eliminados os advérbios. Em alguns casos, quando homónimos com outra classe gramatical, como *claro*, ou no caso de *eramá*, por se verificar datação anterior à registada em Houaiss e *passamente*, por ter origem em substantivo, mantiveram-se. Mantêm-se,

⁷⁵ Neste caso em particular, *amoestações*, a lematização para o masculino do singular seria sempre uma escolha minha, elegendo uma forma gráfica não atestada no texto, em detrimento de outras perfeitamente possíveis: *amoestação*, *-çom*, *-çõ*, *-çãm*, ou *-çã...*

⁷⁶ Nos casos em que o nome faz parte de uma locução, esta desambiguação foi também feita, neste caso, *a par de*, com 3 ocorrências (509.19; 510.34; 523.14).

no entanto, os advérbios de modo, derivados de adjetivo⁷⁷, no sentido de perceber se têm atestação antes do próprio adjetivo.

Foram, ainda, eliminados todos os numerais, quer cardinais quer ordinais, consciente de alguns deles terem clara utilização como adjetivo (LOPF 15.7). Mantive, no entanto, *quinto* com o significado de ‘imposto’, *terça* ou *nona* como horas canónicas.

3.1. Conclusões

⁷⁷ Foram portanto eliminados os advérbios de modo *aadur*, *asinha*, *debalde* e *toste*.

III. Novidade de palavras no Português do século XV

1. A *Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes*. Edição de Giuliano Macchi

A *Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes*, cuja data de produção não ultrapassará o ano de 1443⁷⁸, teve apenas no século XIX a sua primeira edição⁷⁹. Digo apenas porque se atendermos a que a *Crónica de D. João I* teve a sua também primeira edição dois séculos antes (1644) e a de *Crónica de D. Pedro* foi estampada em 1735, facilmente se percebe que não foi a predilecta dos editores. Não se pretende aqui fazer um levantamento, nem superficial nem exaustivo, das suas edições, nem tão pouco o estudo dos 40 códices conhecidos que constituem a sua tradição manuscrita. Essa tarefa foi já exemplarmente feita por Giuliano Macchi, na introdução⁸⁰ da edição crítica que levou a cabo em 1975, publicada numa segunda edição pela IN-CM, em 2004, com revisão do texto por ele próprio e Teresa Amado. Interessa antes perceber e analisar algumas das opções na fixação do texto que serve de base a este trabalho de investigação: ‘*novidade de palavras*’ na *Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes*.

Não querendo meter a foice em seara alheia, ficam sem qualquer observação as opções que dizem respeito à transcrição do manuscrito. A sega aos bravos segadores, merecedores de todos os elogios, que depois de ceifadas as volubilidades e as contradições⁸¹, nos possibilitam uma leitura mais descansada de tantos textos medievais, muitos deles de valor incalculável e valores bem actuais, património cultural riquíssimo para o estudo da formação e solidificação da língua e do país. Só a análise das fontes e um profundo conhecimento do *usus scribendi* do cronista permitirá, com autoridade, optar por uma variante em detrimento de outra. Assim, as minhas observações, mais do que com as escolhas da selecção de variantes, prender-se-ão com as opções para o critério gráfico da edição, elencadas na introdução, sobretudo as que dizem respeito à alinha g), introdução de “apóstrofes e alguns acentos, sobretudo para distinguir futuros e homógrafo”⁸², entraves a quem pretende fazer um estudo do seu vocabulário, resultantes dessas mesmas opções.

⁷⁸ Segundo Teresa Amado (Tavani 1993: 179, s.v. *Crónica de D. Fernando*).

⁷⁹ *Chronica do Senhor Rei D. Fernando, Nono rei de Portugal*, in «Collecção de Livros Ineditos de Historia Portugueza, dos reinados de D. Dinis, D. Afonso IV, D. Pedro I e D. Fernando publicados de ordem da Academia Real da Sciencias de Lisboa pela comissão de Historia da mesma Academia», tomo IV, Lisboa, 1816

⁸⁰ Cf. Introdução, sobretudo pp. XI-XXX, em Lopes, Fernão (2004). *Crónica de D. Fernando*. Edição de Giuliano Macchi. Lisboa: IN-CM.

⁸¹ Idem, *ibidem*, pp. XXXI.

⁸² Idem, *ibidem*, pp. LXVIII.

Do ponto de vista lexicográfico, é até pertinente registar todas as grafias que determinadas palavras conheceram da pena do cronista/copista, única forma hoje possível de estudar quer a sua evolução em particular, quer a da língua em geral. No entanto, com a intenção de dissipar dificuldades de leitura, o editor tem, por vezes, necessidade de fazer intervenções nesse sentido. É aqui que surgem divergências nas edições.

Assim, ao nível da introdução de acentos, se o critério era distinguir o mais-que-perfeito face ao futuro (em casos de pronominalização, como é o caso de *gradecer-vo-llo-á*, que não se confunde com o pretérito, não faz sentido), conforme acontece em duas situações na edição, como *livrará* (499.53) / *livrara* (66.46) e *mostrará* (239.56) / *mostrara* (227.16; 255.116; 287.134; 413.9), ele deveria ter sido aplicado a todas as outras. Mas, na verdade, apenas são distinguidos esses dois casos referidos. Em primeiro, porque as seguintes palavras - *perdoará* (498.41), *herdará* (414.40), *encaminhará* (526.31) e *seguirá* (246.49) ocorrem uma só vez, pelo que não seria necessária a sua acentuação. Em segundo, porque se os verbos são irregulares, não faz sentido o acento, uma vez que o futuro difere do mais-que-perfeito: *dará* (78.31; 415.86; 511.68; 518.44; 594.40) / *der*; *saberá* (596.89) / *souber*; *poderá* (220.49) / *pudera*; *prazerá* (232.45), / *prouvera*; *será* (259.58; 275.16, 21; 475.17; 502.44; 256.31; 572.34) / *for*; *dirá* (492.26) / *dissera*; *hirá* (330.35) / *fora* (também ocorre a 2ª sg. ‘*hirás*’ (508.28)); *fará* (58.38; 151.53; 242.36; 246.41; 330.35; 359.116) / *fizera*; *teerá* (239.54,58) / *tivera*. O que se pode concluir é que este princípio não foi utilizado com rigor em todos os casos. E se uma possível justificação encontra argumentos no facto de se querer manter a forma original, tal entende-se para palavras como *gaanhara* (ganhará) (309.81), o mesmo não se pode entender em formas como *chamara* (31.6), *espantara* (443.10), *passara(á)* (37.7; 255.130) / *passara* (71.63; 283.11; 356.46; 366.37,39; 493.51; 502.49; 504.45), *levara(á)* (255.131) / *levara* (108.37; 174.37; 281.68; 577.71), *devera* (357.78; 411.59).

Relativamente à forma verbal *serám* (513.18), 3ª sg. do futuro do indicativo, como clara distinção da homógrafa *seraão* (112.25; 128.28; 337.60, 72; 591.6), compreende-se a acentuação, mas já não se compreende tão bem, embora se aceite, a acentuação da forma verbal do futuro *sofrerám* (484.25), como distinção da forma do pretérito perfeito, uma vez que este tempo não ocorre na obra. É mais pertinente, assim, a distinção entre formas como *tirarom* (112.24; 477.1; 505.66), 3ª pl. do pretérito perfeito, e *tiraróm* (610.20), 3ª pl. do futuro do indicativo.

Porém, esta distinção temporal ficou por fazer relativamente às formas homógrafas das primeiras pessoas do plural do presente e do pretérito perfeito do indicativo. E se é verdade que, em certa medida, parte dos argumentos apresentados se esvanecem em palavras como *contamos* (235.10; 279.20; 325.14; 385.4; 541.5), *enviamos* (410.49), *fallamos* (518.23; 609.10), *ficamos* (17.3), *nomeamos* (88.48), porque só ocorrem no pretérito perfeito, ou em palavras como

curamos (22.48; 178.28; 229.48; 286.108; 310.90; 327.75; 353.75; 392.30; 401.65440.26; 551.128), *desejamos* (483.20-21), *esperamos* (572.46), *ousamos* (410.54), *protestamos* (410.44), *rrogamos* (28.46; 32.40), porque só ocorrem no presente, eles avivam-se em casos onde, claramente, são homógrafas, condição referida pelo editor, como *achamos* (142.45; 343.3), 1ª pl. do presente, e *achamos* (47.67; 128.26; 138.39; 275.18; 325.15; 418.25; 425.3), 1ª pl. do pretérito perfeito, *leixamos* (35.73; 159.57; 182.105; 236.32; 340.44-45), 1ª pl. do presente, e *leixamos* (15.5; 69.4; 399.4), 1ª pl. do pretérito perfeito. Também nos casos de pronominalização a utilização do acento circunflexo não foi utilizada de forma regular, como de pode verificar na forma *fornece-llos* (11.15-16) *fornece-llas* (262.45) face a *metê-llos* (266.41)⁸³, *prendê-llo* (380.48), *combatê-lla* (129.11-12), entre outros.

A utilização da acentuação para diferenciar homógrafas, como refere Macchi, é fundamental para uma melhor leitura e mais fácil interpretação do texto. Essa aplicação verifica-se certa na grande maioria dos casos, como em *às* (19.7), único caso registado com acento grave na contracção, face aos 59 de *aas*, para se distinguir do artigo definido feminino *as*. O mesmo se pode dizer de outras homógrafas, nomeadamente de *allá* (33 ocorrências)⁸⁴ / *alla* (6 ocorrências) com distinção do advérbio de lugar do substantivo *ala* (lado). No entanto, não fazem sentido as quatro formas de *já*, com acento, face às 160 que aparecerem de *ja*, sem acento, uma vez que não há qualquer pertinência na distinção. Não é, também, coerente a utilização relativamente à distinção da forma verbal *há* do artigo definido feminino *ha*. Para *há* verificam-se 20 ocorrências e para *ha* 7. Todavia, considerando as frases *assi por proveito / dos poboos quecada hũu de vós ha de rreger comopor / espiciall amor e boa voontade que vos tem* (237.19-21) e *e consiirando eu como o meestre de Santiago de Castella / vos há feitos algũus deserviços em esta guerra*, (437.17-18), verifica-se uma ausência clara de acentuação, o que deverá aumentar o número de 20 para 22 das ocorrências verbais e diminuir para 5 o do determinante. Não é também coerente a utilização do acento agudo por três vezes na forma *alló*: *e enquanto aquell escudeiro alló esteve* (562.39); *e contou a el-rrei e aa rrainha todo o que lhe alló avehera*. (562.44); *e nom podia alló hir*. (573.64), deixando uma por acentuar: *e el-rrei dom Fernando por fraqueza de sua door nom podia / allo hir*, (559.7), sendo o sentido o mesmo. Igualmente na utilização do pronome pessoal da primeira pessoa *nós*, “*Nem nós nom achamos que el-rrei dom Henrrique*” (142.44-45) face a “*Nos nom achamos que Gonçallo Vaasquez d’Azevedo*” (343.3), das homógrafa *porque* e *porquê*, “*mas porque vio o logar fraco e nom deffenssavell*” (113.58) e “*e nom moiramos assi sem porque!*” (135.56), bem como na distinção da locução à pressa, “*assi que alli era toda a pressa da batalha,*” (35.54-55) face a

⁸³ Neste caso, *entom mandou tomar duas barcas e metê-llos frades todos em ellas sem barqueiros*, pronominalização com o próprio complemento directo expresso. Na edição da Bibliotheca de Classicos Portuguezes (1895) *metter os frades*.

⁸⁴ A forma *alá* ocorre apenas uma vez (343.21).

“como souberom que era perdida partirom a pressa caminho de Saragoça” (50.42.43). A forma *mice*, com apenas uma ocorrência, destoa das catorze *micé*.

Relativamente à acentuação de *àquell* (305.55)⁸⁵, sendo o único caso de registo com acento grave na contracção, face às 11 ocorrências da forma *aaquell*, aceita-se a colocação, se bem que a interpretação da frase não gera dúvidas, pelo facto de se perceber que pratica a acção: *e o fidallgo / tornasse o quelhe dera àquell com que vivia* (bem diferente de *e ao fidallgo / tornasse o que lhe dera aquell com que vivia*).

Por fim, na *Crónica de D. Fernando* verificam-se ainda alguns casos, quanto ao número de ocorrências das palavras, que merecem um comentário. Na linha 2 da página 599 está registada a forma *Lisboa*, única na Crónica, face às restantes 128 com a grafia *Lixboa*. Esta excepção ganha mais relevo quando consultado o índice onomástico (p. 621) e se verifica que não há qualquer registo dessa forma. Aparece sempre *Lixboa* com a indicação de todas as localizações, onde se inclui a 174.2, (indicação do capítulo e da linha, modelo do autor, igual a 599.2, com a indicação da página e da linha).

Outras situações semelhantes acontecem com as formas: *mays* (498.23)⁸⁶, com apenas este registo, face aos 477 da forma *mais*; *houve* (472.31), com apenas este registo, face aos 135 da forma *ouve* (ter⁸⁷); *merce* (23.69) com apenas este registo, face aos 108 da forma *mercee*; *sooldos* (194.51) com apenas este registo, face aos 77 da forma *solldo(s)*.

Assim, se não há dúvidas, porque as não há, que a utilização da acentuação gráfica é uma mais-valia para a leitura e compreensão da obra, os critérios aplicados neste pequeno número de situações encontradas, poderia ter tido uma aplicação mais uniforme.

⁸⁵ Na organizada por Dias Arnaut para a Civilização Editora, *aquel*, (cap. LXXXVII, p. 230).

⁸⁶ Cf. o aparato crítico. O sentido é claramente de quantidade, apesar do registo *mas* em algumas edições, como na organizada por Dias Arnaut, (cap. CXLII, p. 393).

⁸⁷ A forma homónima *ouve*, do verbo *ouvir*, não aparece registada.

2. A Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Zurara. Edição de Teresa Brocardo

A *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara, sucessor de Fernão Lopes como Guarda-Mor da Torre do Tombo a partir de 1454, é um longo texto repartido por dois livros onde o novo cronista do reino relata os factos ocorridos em Ceuta. Praça portuguesa desde 1415, teve no Conde Pedro de Meneses, homem *que amdava desejoso de se allevamtar naquello que lhe seu nobre e grande samgue rrequeria* (ZURP 198.588-590)⁸⁸, ao ponto de, perante as recusas dos seus antecessores⁸⁹, se oferecer como primeiro capitão, dando assim início à aventura africana. É esta capitania de 22 anos, até à sua morte em 1437, no norte de África que Zurara relata quase em exclusivo, tão poucas são as mudanças de cenário⁹⁰, satisfazendo a vontade do Africano, D. Afonso V.

Escrita no final da sexta década do século XV, *açerca de* 1458 e 1460, e passado quase o mesmo período temporal da acção da *Crónica*, Zurara tem a vantagem, face a Lopes, dos factos a relatar serem muito mais recentes. Não só por esta razão, deixa o cronista claro logo no primeiro capítulo que, também ele, deixará na sua obra a ideia *do que rrealmente pertemçee a sustamçia nõ pode em outra parte ser mais verdadeyramente escripta que aquy* (ZURP 186.295-297).

O interesse pelo estudo desta crónica, face às demais de Zurara, sobretudo à *Crónica da Guiné*, foi sendo colocado em segundo plano. Se atendermos ao estudo lexical feito para o português do século XV, e mais particularmente ao processo de datação de palavras da língua portuguesa, perceber-se-á ao longo deste trabalho que muitas dessas datações são tardias, precisamente porque estudos desta natureza, desde a década de oitenta, principalmente A. G. Cunha, e mais recentes como o *Dicionário Houaiss*, não a tiveram em consideração.

Mais do que qualquer crítica textual à edição de Teresa Brocardo, até porque não sendo esse o propósito, esta é uma área de interesse recente e ainda a sistematizar conceitos, o intuito passa por parcos contributos no sentido de melhoramento do texto, resultantes de quem tem como objectivo fazer um índice directo de todas as palavras da crónica para, assim, poder obter material de trabalho. É graças à informática que tal tarefa se torna simples, quanto olhada a umas décadas atrás.

⁸⁸ Citam-se as páginas seguidas das linhas.

⁸⁹ Cf. capítulo quinto: O Condestabre, porque além da idade *tinha temçom de se apartar pera serviço de Deus*, Gomçallo Vaz Coutinho, também por idade e *por outras cousas que ho ympidiã* e Martÿ Affomso de Mello, por pressões dos que o acompanhavam.

⁹⁰ Cf. Brocardo (1997:10).

Quando se edita uma obra em português de uma fase pretérita da língua, podem ser vários os objectivos que a norteiam. No caso da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Zurara*, eles são explicados por Teresa Brocardo na respectiva introdução, onde não pretende editar um texto no sentido de se destinar exclusivamente “ao leitor estudioso da história da língua”, mas também “a muitos outros leitores” dada a importância do seu conteúdo. E termina afirmando que se trata “portanto, também de *dar a ler o texto da Crónica*, agora de forma propositadamente mais abstracta, a um público menos restrito. Este segundo objectivo, determinaria, ao contrário do primeiro, a introdução de alterações na transcrição”⁹¹. São estas alterações gráficas, da exclusiva responsabilidade do editor, que nos mostram, portanto, variações da mesma palavra em diferentes edições, que é diferente de variação e instabilidade da forma gráfica à época ou mesmo a registo de de outra palavra por opção do copista. A este respeito, e sobretudo para os estudos linguísticos, ganha pertinência o qualificativo *crítica*, quando passamos a ter edições que no aparato apresentam as respectivas variantes. Foi o que aconteceu com esta edição de Teresa Brocardo, apesar de ela própria afirmar que “esta não é uma edição crítica”⁹² onde se podem acompanhar as variantes do manuscrito G (Manuscrito 146.B.7 da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa) que não sendo apenas gráficas, revestem-se da maior importância para um estudo linguístico da forma “morfologicamente diferente”, como os exemplos referidos por Teresa Brocardo “chorades” / “choraes”; “descreudos” / “descridos”⁹³. A estes procurarei adicionar outros.

Ainda sobre as opções do editor ao procurar uma fixação do texto, se bem que não a única, são por vezes tomadas decisões no sentido de preservar ao máximo o manuscrito. Nada a opôr. Todavia, em trabalhos lexicais deste tipo, ajuda-nos o computador a isolar palavras, aqui entendidas como uma sequência gráfica delimitada por dois espaços em branco. Daqui resultaram duas situações de difícil percepção. A primeira, *çea-voga*, para a qual não encontrei solução rápida ocorre nesta passagem: *Emquamto a galle girou pera hyr de çea-voga sobre a barca, as fustas pequenas forã logo dereitamente a ella e começarã de a combater*, (421.829[826]). Não tendo dúvidas que o elemento *voga* ‘remada’, criação, aliás, de Zurara, era a base deste suposto, e não havendo informação no aparato, a solução passou pelo confronto com a edição publicada nos *Inéditos da História Portuguesa*, onde as palavras se encontram separadas: *Emquamto a galle girou pera hyr deça voga sobre a barca*, (vol. II, p. 399)⁹⁴. Melhorou, mas a ajuda foi pouca, pois a leitura continuava sem sentido. Duas hipóteses, a partir

⁹¹ Cf. Brocardo (1997:155).

⁹² Cf. Brocardo (1997:154).

⁹³ Cf. Brocardo (1997:170).

⁹⁴ *deça voga* é também o registo que se encontra na edição Fac-similada da ed. do Abade Correia da Serra, 1792, Academia das Ciências de Lisboa, Porto, 1988.

da entrada *voga*, registada em Morais, ambas locuções: *dar voga* ‘remar para diante’, mais difícil, e *de uma voga* ‘de uma remada’⁹⁵, mais aceitável.

O outro caso prendeu-se com a palavra *gramsolla*. Neste caso, a dúvida dissipou-se mais facilmente, também com a ajuda de Morais⁴: “Lè-se esta palavra como uma só nos Ined. II. 402. *Mandarom o bergantim a filhar a guarda, e quando forom dentro acharom grançolla, pelo qual nom ousarom de sair fora: deve ler-se gran folla*, grande marulhada, turvação, do mar. V. Folla”⁹⁶.

Neste tipo de trabalhos, por norma, as classes gramaticais fechadas não são alvo de desambiguação, tal é o seu elevado número de ocorrências. Depois, à medida que a leitura vai sendo apurada para determinadas palavras, vão surgindo casos que mereciam um tratamento diferenciado, como entre o artigo e a interjeição nesta passagem: *O companha pusylanyma de corações molharigos e afiminados, dezei-me por que chorades. He porvemtura com themor daquelles mouros que ally estam fora amedoremados e espamtados?* (218.77-80).

Para satisfazer os dois objectivos a que se propôs, e procurando conciliar conservação e legibilidade, Teresa Brocardo introduz a respectiva pontuação e conserva as grafias do manuscrito, incluindo as geminadas, as etimológicas ou não, a alternância entre <i> e <y> para representar a semivogal e as diferentes representações da nasalidade, sobretudo o <m>, o qu, de facto, se veio a revelar uma das características de Zurara comparado com Lopes, como melhor se poderá observar no Índice Analítico das duas obras.

Uma das questões sensíveis na edição de textos antigos prende-se com a acentuação. Tornar um texto quatrocentista legível “a muitos outros leitores” implica, como seria de esperar, introduzir acentos gráficos que os ajudassem em desambiguações, sobretudo de homógrafas. A este respeito, apenas duas observações. Sendo a forma verbal do presente do indicativo do verbo *ser* quase sempre grafada <he>, não recebeu acento gráfico por não se confundir com a conjunção, mas acentuou, mas “há em todo o manuscrito apenas três ocorrências desta forma grafada <e> que se acentuaram”⁹⁷. Com a informática a serviço da linguística, verifica-se que são quatro as ocorrências, em 207.812, 420.823[820]⁹⁸, 543.241 e 691.481. Quanto às formas verbais, acentuam-se “as formas da segunda pessoa do plural dos verbos em “-er” com crase, como <devês>, <fazês>, <poderês>, que são bastante frequentes no manuscrito”. Este é um procedimento que também se estende aos verbos da primeira conjugação, pelo que pude apurar em formas como *aballês* (256.174), *acabassês* (678.158), *acharês* (292.1081; 654.604), *ẽbaratês* (359.378), *guardês* (499.278[279]), *mãdarês* (531.1090[1089]), *pemsês* (204.728) e *tomassês* (562.699[698]).

⁹⁵ Em Morais *em duas vogas* ‘em duas remadas’, com abonação de Couto, 5.4. I.

⁹⁶ Cf. Morais⁴ s.v. *gransolla*.

⁹⁷ Cf. Brocardo (1997:158).

⁹⁸ Verifica-se em alguns capítulos uma deficiente numeração das linhas no formato em papel pelo que o número entre parêntesis rectos diz respeito à edição informatizada, utilizada com muito maior frequência e rapidez.

3. Eventual novidade de ‘pallavras’ na *Crónica de D. Fernando*

Nesta lista de palavras apenas se apresenta uma abonação de LOPF para cada entrada, pois o objectivo é assinalar a sua ocorrência na obra. No entanto, vão indicadas todas as localizações onde podem ser encontradas.

Outra indicação base desta lista são as atestações simultâneas de obras que surgiram ou poderão ter surgido na mesma época. E se em alguns casos, pela datação das obras, podemos apresentar alguma certeza nas afirmações, noutros a dúvida de quem foi o introdutor faz algum sentido. Assim, perante a ocorrência de uma palavra em várias obras, podemos identificar três situações:

- 1º. Pela sua datação anterior a Lopes, por exemplo LOPF, face a AVES, GRAL ou ORTO. Nestes casos, com datação anterior segura, a palavra é automaticamente excluída deste trabalho de investigação.
- 2º. Pela datação das obras em que a palavra ocorre percebe-se que o introdutor deverá ter sido Lopes. Por exemplo um registo em LOPF, face a CONF, PAUL ou ZURP, que são posteriores, a palavra faz parte da lista posterior (novidade em LOPF).
- 3º. Pela datação das obras, quer apresente uma informação mais geral, como apenas o século XV, ou mais exacta, quando se conhecem limites temporais ou mesmo o ano, não podemos afirmar que tenha sido Lopes o primeiro a registá-la na língua. Assim, para o conjunto das obras/autores que se encaixam num período de mais ou menos 20 anos, entre 1418 (nomeado guarda-mor)⁹⁹ e finais da quarta década 1438-40, o máximo 1443 (data limite para a publicação da crónica de D. Fernando¹⁰⁰) estaria reservada esta alínea, como salvaguarda/possibilidade de também poderem ter sido os introdutores de determinada palavra na língua (no fundo, estamos a falar dum período da renovação do léxico em redor da época dos príncipes de Avis). Por exemplo, se uma palavra aparece registada em obras com uma datação mais exacta como CAVA, LEAL, OFIC e LOPF, e sabendo da ligação de Lopes à corte, como se pode afirmar que o introdutor é Lopes e não D. Duarte ou D. Pedro? Ou mesmo o contrário, por que

⁹⁹ Mais correctamente seria a data de 1415, incluindo também o Livro de Montaria, uma vez que se aponta como data inicial da sua feitura (1415-1433), pois D. João de Portugal já acrescenta ao seu título “Señor de Ceuta”, conquistada precisamente a 21 de agosto de 1415. No entanto, esta não é uma edição trabalhada para efeitos de datação das palavras. Para mais esclarecimentos *vide* a entrada TRELA, p. 158.

¹⁰⁰ Segundo Teresa Amado, in Tavani 1993:179.

razão não teria sido Lopes, atendendo à proximidade e envolvimento na corte, a ‘introduzir/sugerir’ determinado termo?

Para esta terceira situação é importante o contributo da época de Avis na renovação lexical. Num ambiente cultural propício que primava pela produção textual (escrevia-se e mandava-se escrever, traduzia-se e mandava-se traduzir), é difícil falar em vocabulário de D. Duarte, D. Pedro ou mesmo de Fernão Lopes. Será antes mais correcto falar de vocabulário de Avis, pois se um dos autores desta época não deixou a palavra grafada pela sua pena, conhecia-a certamente. É como se a palavra fosse regularmente utilizada oralmente, até ao momento oportuno de se tentar perpetuar pela escrita. Veja-se por exemplo o caso do verbo *agasalhar*, com registo desde o século XIII. É nesta época de renovação lexical, não só por influências externas ou de traduções, mas também graças aos recursos internos da língua, que surgem um sem número de derivados. A partir deste verbo encontramos dois derivados formados no século XV, precisamente com registo em obras do círculo de Avis: *agasalhamento* e *agasalhador*. Por razões difíceis de explicar, D. Duarte regista o primeiro no *Leal Conselheiro* e Fernão Lopes o segundo da *Crónica de D. Fernando*. Será injusto, e até imprudente, dizer que o monarca conhecia apenas um e o cronista apenas o outro. Numa situação oposta, o que se verifica é o registo nas duas obras da mesma palavra, como primeira atestação, *desencarregamento*. É este deambular de um conjunto de palavras nesta época específica, vocabulário de Avis, que torna desnecessária uma atribuição a um autor, mas a um conjunto deles. Se por razões lexicográficas de primeira atestação tem de haver a identificação de uma obra, trata-se, então, mais de um factor cronológico do que léxico-cultural. No final desta lista se tirarão as respectivas conclusões.

A listagem das obras dos dois grupos que interessam a este trabalho acima referidos é a que se encontra a seguir. Para a primeira, aquela que contém as obras pertencentes a um círculo mais restrito e de mais provável conhecimento, as siglas que as identificam serão apresentadas na entrada ‘atestações simultâneas’ a **negrito**¹⁰¹. Para a segunda, que contém obras com datação mais genérica, as siglas serão apresentadas em *itálico*. À excepção de LOPF, cujas localizações são indicadas por mim (página e linha, 2ª edição de Macchi), todas as outras, regra geral, são as que constam no IVPM e no VH-CPM. Os casos divergentes serão indicados. Apenas se indicam as localizações das obras das primeiras quatro letras, correspondentes aos três volumes

¹⁰¹ Apesar de algumas palavras como *ala*, *avanguarda*, *cubelo*, *defensável*, *desabafado*, *escaramuça*, *escaramuçar*, *esquerdo*, *forragem*, *frontaria*, *fronteiro*, *ladeira*, *maçar*, *reguarda*, *requesta*, *requestar*, *salvo-conduto*, *tranca*, *virotão*, *vistoso*, terem ocorrências em COND, esta obra é aqui considerada apesar de se verificar um “aproveitamento sistemático por Fernão Lopes (...) que a elegeu como importante modelo de discurso narrativo”, cf. T. Amado (Tavani 1993:186-188). Da eventual evolução gráfica das formas coincidentes se retirarão conclusões.

publicados do IVP, no sentido de poder fazer uma comparação com o VH-CPM. Da letra -E- à -Z-, apenas se indica a obra onde a palavra tem ocorrência.

No campo da etimologia, para as palavras formadas por derivação, apresenta-se em letra redonda a base e em itálico os afixos. Para a composição ambos os elementos em itálico.

A lista do *corpus* das atestações simultâneas é a que se segue:

BENF: *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, D. Pedro, (entre 1418-1425).

CART: *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, D. Duarte, (1428-1438)

CAVA: *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, D. Duarte, (<1438)

LEAL: *Leal Conselheiro*, D. Duarte, (1428-1438)

LOPP: *Crónica de D. Pedro*, Fernão Lopes (1430-1440)

MONT: *Livro de Montaria*, D. João I (1415-1433)

OFIC: *Livro do Ofícios de Cícero*, D. Pedro (trad.) (1433-1438)

VITA: *Vita Christi* (trad.) (<1428-1438)

CESA: *Vida e Feitos de Júlio César* (trad.) (<1466)

SALA: *Documentos Gallegos de los siglos XIII al XVI*, Andrés Martínez Salazar.

DESC: *Descobrimentos Portugueses*, (1057-1460)

MARR: *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 relativos a Marrocos*, (1415-1540)

CITR: *Livro de citraria e experiencias de algús caçadores* (séc. XV)

CONF; *Tratado de Confissom* (Chaves, 8-8-1489)

CONT: *Contemplaçom que fez o santo sam Bernardo segundo as seis oras canonicas do dia*, (séc. XV)

ESOP: *Livro de Esopo* (trad.) (séc. XIV?/XV)

FRAD: *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (séc. XV)

MMA: *Monumenta Missionaria Africana*, (?)

REIS: *Crónica dos cinco Reis (Crónica de Portugal de 1419)*, Códice do Porto

REIX: *Crónica dos sete Reis (Crónica de Portugal de 1419)*, Códice de Muge

ROBI: *Diálogo de Robin e do Teólogo*, (séc. XV)

SBER: *Vida de S. Bernardo* (trad.) (séc. XV)

SINA: *Livros de Sinais*, (séc. XV) [*SIGNAIS que pertencem aa egreja*. Edição de Mário Martins. *Boletim de Filologia*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, t. 17, p. 311-326, 1958. Reprodução de parte do códice alcobacense 218, do século XV]

SOLI: *Livro do Solilóquio de Sancto Agostinho* (trad.) (antes de 1415-com certeza antes de 1437)

TERS: *Trasladação dos corpos de são Bento e sua irmã santa Escolástica*, (séc. XV)

VERT: *Livro das Três Vertudes* (trad.) (séc. XV)

YSAC: *Livro de Ysaac* (séc. XV)

ABASTADAMENTE, adv. (3) ‘de forma abastada’.¹⁰²

*e estes faziam viir e enviavom do rreino grandes e grossas mercadarias, em guisa que fora as outras cousas de que em essa cidade **abastadamente** carregar podiam*, (6.98).

Outras ocorrências: 29.51; 93.15.

Etimologia: abastado + *-mente*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas¹⁰³: VITA 24b13, 61c40; CESA III.14§28.2; FRAD 27.31¹⁰⁴.

Obs.: Segundo MD-CF, com registo em ChUniPort (vol. 3, 1420-1460).

O adjetivo está atestado no século XIV.

ABRAÇO, s.m. (1) ‘ato de abraçar, de apertar entre os braços; amplexo’.

*Proposto d’aver despenssaçom pera casarem ambos, eram os jogos e fallas antr’elles tam a meude, mesturados com beijos e **abraços** e outros desenfadamentos de semelhante preço*, (198.36).

Etimologia: regr. de abraçar.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: BENF 47.1; LEAL 195.2; VITA 23.47; FRAD II.23.23.

Obs.: MD-CF e BLeM registam também a sua ocorrência em CP.

O verbo está atestado em 1255.

ABREVIAMENTO, s.m. (1) ‘ato ou efeito de abreviar; abreviatura’.

*declarando logo certas condições quando hũu d’elles morresse primeiro, com clausullas que por **abreviamento** dizer nom curamos*.(548.34-35).

Etimologia: abreviar + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF 138.2; VITA 113d13; SEGR 15v; YSAC 80.9.

Obs.: O verbo está atestado no século XIV.

¹⁰² Por norma, os advérbios deadjectivais (+ *-mente*) não são averbados nos dicionários, pese embora algumas excepções (em Houaiss, por exemplo, *absolutamente, certamente, chãmente, efetivamente, felizmente...*, entre outros). Assim, o interesse do registo aqui destes advérbios, mais do que uma possível primeira datação, procurará encontrar eventuais situações em que se verifique uma datação do advérbio anterior ao adjetivo, mostrando o uso oral corrente deste último na língua, apesar do registo gráfico posterior.

¹⁰³ Todas as localizações indicadas são as que constam no IVP (letras -A- a -D-) e no VH-CPM (-E- a -Z-). O objectivo desta rubrica não passa por fazer o levantamento de todas as obras onde a palavra possa ter ocorrência, mas simplesmente provar que ela tem registo em alguma das que cumpre o requisito apresentado na introdução deste ponto, ou seja, datadas da primeira parte do século XV, preferencialmente entre 1418-1443. Naturalmente que se surgirem outras localizações, provenientes quer de *corpora* informatizados, quer de lematizações, elas serão indicadas no campo das observações.

¹⁰⁴ Nas localizações do IVP, o segundo número arábico, o que indica a linha, está sempre em itálico (IVP), ao passo que no VH-CPM está em redondo. Assim, por exemplo, numa indicação como FRAD I.3.5, I.91.28, II.152.17, a primeira e última localização provêm da edição em papel e a do meio do CD-ROM. Se os registos forem os mesmos, apenas se apresentam os do IVP, todos em itálico. Será possível, assim, retirar conclusões no final deste capítulo sobre a utilização, ou não utilização, das diferentes abonações apresentadas nas duas obras.

ADORADO, adj. (1) ‘cheio de dores, doente’.

*veendo el-rrei cada dia mais **adoorado**, e temia-sse que fallecendo per morte, (376.50).*

Etimologia: de *a-* + *dor* (*dōlōr*, *ōris*) + *-ado*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Atestações simultâneas: VITA 94b49, 159d26.

Obs.: Com o significado de ‘venerado’, do século XIII, não ocorre em LOPF.

O substantivo está atestado no século XIII.

AFERRAR, vb. (4) ‘investir contra, abalroar, atacar’.

*e Joham Focim capitam, que hia em hũa naao, quisera que **aferrarom** com ellas, certeficando que as veenceriam, (262.26).*

Outras ocorrências: 262.37; 263.63; 444.27.

Etimologia: de *a-* + *ferro* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Atestações simultâneas: REIS 128.16, 129.14; REIX I.129.23, II.264.19; CESA II.6§9.1.

Obs.: As duas abonações de REIS não constam no IVPM.

O substantivo está atestado em 1136.

FOUTAMENTE, adv. (3) ‘afoitamente, corajosamente’.

*Gill Fernandez, a que natureza proveera de boom esforço e ardimento, **foutamente** começou de dizer: «Amigos, esforçaae e nom ajaaes temor; (124.25).*

Outras ocorrências: 134.43; 181.76.

Etimologia: de *fouto* + *-mente*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: INFA 99.10; LOPJ² 173.11; VITA 181c35.

Obs.: O adjetivo *afouto* está atestado no século XIV.

FOUTAR, vb. (1) ‘afoitar; tornar-se ousado, atrever-se’.

*aalem d’esto, que as gentes simprezes eram muito enganadas com ellas, tomando hũuas moedas por outras, e muitos se **foutavam** de as falssarem fora de sua terra e as tragiam depois ao rreino, e andavom todas de mestura. (193.10).*

Etimologia: de *fouto* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LOPJ² 36.37; VITA 137d34.

Obs.: As atestações simultâneas são para a forma *afoutar*.

O adjectivo *afouto* está atestado no século XIV.

FOUTEZA, s.f. (4) ‘afoiteza, coragem, atrevimento’.

*e per **fouteza** desordenada, com cobiiça de gaanhar honrra, dar a vantagem que tiinha por ssi em ajuda de seus emmiigos? E ja nom he de negar que pellejando tantas por tantas cada hũus averiam que fazer por sua honrra; moormente aazar que cobrassem os outros tall melhoria sobr’elles, isto certamente nom foi **fouteza** mas foi sandia prosunçom, (443.12, 18).*

Outras ocorrências: 476.35; 534.30.

Etimologia: de fouto + -eza.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: OFIC 40.3; REIX II.233.12.

Obs.: O adjectivo *afouto* está atestado no século XIV.

AFOUTO, FOUTO, adj. (2) ‘corajoso, ousado, destemido’.

*e como era muita gente de pee sahindo **afouto** por o acostumado huso que tiinham, hordenouo prioll de lhe lançar hũa cellada; (478.34).*

*portanto fallou assi **fouto** contra os do seu consselho, (420.87).*

Etimologia: do lat. *fautum*, supn. do v. *favêre*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: GRAAL 92a26; VERT 108.9; CESA II.2§14.4.

Obs.: Houaiss regista *afouto* com data do século XIV e com indicação de menos usado que *afuito* com datação, em itálico, do sXVI. A datação de *afouto* tem por base o IVPM, onde Cunha apresenta uma abonação de GRAAL, classificada como texto do século XIV¹⁰⁵. O VH-CPM elimina esta abonação, indicando apenas as obras do século XV¹⁰⁶. A questão parece não ser pacífica sobre o tratamento de obras que garantidamente são anteriores às cópias conhecidas. Além de GRAAL, o mesmo acontece, por exemplo com *O Livro da Montaria* (do século XV, mas conservado em manuscrito do XVI), *Livro do Esopo*, *Livro de Citraria* ou *Castelo Perigoso*.

AGASALHADOR, s.m. (2) ‘hospitaleiro, acolhedor’.

*Amava justiça, e era prestador e graado, muito liberall a todos, e grande **agasalhador** dos estrangeiros. (3.19)*

Outras ocorrências: 347.19.

Etimologia: rad. do part. *agasalhado* + -or.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: VERT 132.38.

Obs.: Apesar do radical ser do XIII, só passado dois séculos se assiste à formação deste derivado em ‘-dor’. O mesmo se pode dizer para *agasalhamento*, que não tendo registo em LOPF, ocorre em LEAL.

Tendo em conta a única ocorrência em VERT, e se atendermos ao facto de, como refere M^a. de Lurdes Crispim¹⁰⁷, o *incipit* do manuscrito de VERT da Biblioteca de Madrid se referir que foi traduzido “por «mandado» da rainha D. Isabel, mulher de D. Afonso V (1447-1455)”, seria mais adequado atribuir a primeira atestação a LOPF¹⁰⁸.

O adjectivo está atestado no século XIII.

¹⁰⁵ Cf. p. XIX da introdução do primeiro volume, letra -A-.

¹⁰⁶ Com esta alteração, parece que o VH-CPM foi mais do que uma digitação das fichas constantes no fichário da casa Rui de Barbosa, como se pode ler na apresentação: “Tivemos, assim, oportunidade de, no espaço de quase dois anos, rever todo o trabalho, com o concurso de especialistas, procurando, sempre que possível, expurgá-lo de imperfeições decorrentes do facto de não termos podido contar até o final com a orientação firme e experiente de seu autor”.

¹⁰⁷ Pisan (2002:31) e Tavani (1993:244), s.v. *Espelho de Cristina*.

¹⁰⁸ *Agasalhador* figura nesta lista pela hipótese também levantada por Crispim (cf. Pisan 2002:33) da tradução ter sido efetuada fora de Portugal entre 1430 e 1455.

ALA, s.f. (8) ‘fila, fileira, lado’.

*pôs el-rrei em hũa **alla** que fossem a cavallo o conde dom Tello seu irmão e dom Gomez Pirez de Porras prior de Sam Joham e outros fidallgos ataa mill de cavallo, em que hiam muitos cavallos armados. Na outra **alla** da maão direita d’os que hiam tambem de pee,* (22.35, 38).

Outras ocorrências: 25.11; 34.42,46; 35.51; 71.61; 532.27.

Etimologia: do lat. *āla*, *ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: MONT 19.12; REIX I.114.66; CESA II.18§64.2.

Obs.: Apesar da sua utilização com o valor semântico apresentado por Cunha no IVPF de ‘asa’¹⁰⁹ e também o advérbio de lugar ‘lá’, para tais situações não encontrei registo em LOPF. O VH-CPM omite a abonação de MONT, obra retirada do *corpus* de extracção do dicionário.

ALCÁÇOVA, s.f. (2) ‘castelo, fortaleza’.

*ca el, como Lixboa foi cercada, mandou logo rrepayrar a **alcaceva** de Santarem de boa e fremosa cerca com que foi mui deffensavell,* (310.88).

Outras ocorrências: 469.12.

Etimologia: do ár. *al-qaṣba*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Atestações simultâneas: REIX I.134.29; CESA III.5§12.1.

Obs.: Houaiss, na forma histórica (f. hist.), além de datar do séc. XV as formas *alçaçova*, *alçaçeu*, *alcaceva*, *alçaçoua*, apresenta a data de 1136 para a forma *alcazeua*. A não ser uma gralha, até porque na entrada do verbete apresenta a datação do séc. XV, não a consegui localizar.

ALIADO, adj. vb. (1) ‘partidário, cúmplice’.

*foi grande alvoroço em-na cidade por esta sospeita, dizendo o poboo contra algũus moradores d’ella que eram da parte d’el-rrei de Castella, por aazo de Diego Lopez, cujos servidores e **aliados** eram,* (265.11).

Etimologia: part. de *aliar* (do lat. *adlīgō*, *ās,āre,āvi,ātum*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: CESA II.3§6.4; BENF 215.16, 237.3; OFIC 156.13.

Obs.: A segunda abonação de BENF não consta no IVPF.

MD-CF apresenta para *alyado* duas abonações da *Crónica de Afonso X* (Manuscrito P) in CGE. Antedatação face a Houaiss.

AMAINAR, vb. (1) ‘diminuir a força de (vento, mar); afrouxar; arriar’.

*«Senhor, boas novas, ca aqui teendes a frota de Castella que viimos buscar». Elle **amainou** logo, e todallas outras gallees callarom as vellas;* (441.64).

Etimologia: segundo Houaiss, de origem obscura, provavelmente do catalão *amainar*. CF² apresenta como etimologia o latim hyp. *ad-maniare*.

Tipo de unidade: importação (catalão).

¹⁰⁹ Para este significado o IVPF, e também o VH-CPM, apresenta duas abonações: FRAD, II.159.1 e ESOP, 23.17.

Atestações simultâneas: CESA III.14§3.3.

AMAVIOSO, adj. (1) ‘que demonstra delicadeza, afável, amável’.

Foi gram criador de fidallgos e muito companheiro com elles; e era tam amavioso de todollos que com elle viviam que nom chorava menos por hũu seu escudeiro quando morria come sse fosse seu filho. (3.10).

Etimologia: de amavio + -oso. Segundo Houaiss, de origem controversa, mas certamente da base *amar*. CF² apresenta, com interrogação, a etimologia do lat. *amibilia*, pl. de *amabilis*?

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF 62.16, 103.9, 107.33, OFIC 192.15; VITA 6d48; VERT 79.33.

Obs.: O substantivo está atestado no século XV.

AMORIO, s.m. (9) ‘sentimento de amizade, simpatia’.

«Senhor, el-rrei dom Henrrique de Castella meu senhor me envia a vós com sua mensagem, como aquell que deseja aver boa paz e amorio convosco e seer vosso verdadeiro amigo sem nêhũu engano: (12.48)

Outras ocorrências: 13.70; 179.22; 180.42; 237.19; 242.47; 250.31; 294.36; 546.37.

Etimologia: de amor + -io.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF 113.6, 143.18, REIX II.275.30, VITA 110.24, 1447 DESC 451.41; ESOP 63.5; FRAD I.71.17.

Obs.: O VH-CPM não regista a data de 1447 DESC constante no IVPM e em Houaiss (que remete para RL). De qualquer forma, MD-CF apresenta para *amorio* uma abonação da CGE.

Antedatação face a Houaiss.

O substantivo está atestado em 1275.

APOSENTADORIA, s.f. (1) ‘hospedagem, hospedaria’.

E pera sse esto melhor fazer, mandou que todollos bispos e meestres e comendadores e quaaesquer outras pessoas a que ouvessem de dar pousadas de pousentadaria, que tevessem casas nas villas e logares de seu senhorio, que as corregessem todas ataa certo tempo, (9.171).

Etimologia: de aposentador + -ia.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LEAL 294.27.

Obs.: Houaiss apresenta a data de 1451 DESC, remetendo para o IVPM, onde são, no entanto, também apresentadas mais abonações, e mais antigas, como é o caso de LEAL e LOPF. Esta opção encontra-se explicada no ponto 4.2.2.4, do detalhamento dos verbetes¹¹⁰. Para este estudo em particular, o interesse recai precisamente nas obras anteriores a 1451. Como este é um procedimento que ocorre com mais palavras, passarei a classificá-las como ‘palavras com data e forma gráfica anteriores’.

O adjetivo está atestado em 1344.

¹¹⁰ Ponto 4.2.2.4: “No caso de haver várias formas históricas datadas do mesmo século, indicou-se a data da grafia correspondente à actual, para evitar mal-entendidos”.

APROVAÇÃO, s.f. (1) ‘confirmação de ato; consentimento’.

*e partirom o meestre de Santiago e algũs fidallgos de Portugall pera Badalhouce, honde el-rrei estava, pera veerem a **aprovaçam** que fazia das cousas que foram hordenadas per seu procurador.* (565.8)

Etimologia: do lat. *apprōbātio*, *ōnis*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIX 332.124; VITA 81c14.

Obs.: Houaiss apresenta a data de 1460 DESC, remetendo para o IVPM. Das cinco obras aqui apresentadas, todas são de datação anterior a 1460, pelo que esta é, também, uma ‘palavra com data e forma gráfica anteriores’¹¹¹.

MD-CF também regista *aprouaçam*, no ChUniPort (vol. 1, 1300), e *aprouaçom*, em ChPortDuarte.

Antedatação face a Houaiss.

ARAUTO, s.m. (3) ‘o que conduzia mensagens; portador, correio’.

*El-rrei dom Pedro e o principe com sas gentes partirom do Gronho e veheron pera Navarrete; e d’alli enviou o principe a el-rrei dom Henrrique hũu seu **arauto** com hũa carta* (27.11).

Outras ocorrências: 31.4,12.

Etimologia: do fr. *héraut*. Para CF²⁵ do baixo lat. *haraldus*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: BENF 290.25; CART 104; REIX II.189.28; 1439 MARR I.56.21.

Obs.: O VH-CPM omite as abonações de CART e 1439 MARR, apresentadas no IVMP. Esta última obra, foi retirada do *corpus* de extracção do dicionário.

ARVOREDO, s.m. (1) ‘aglomeração de árvores’.

*Os alaãos, com as treellas cortas, foram filhar o porco em hũu espesso **arvoredo**,* (353.64).

Etimologia: do lat. *arbōrētum*, *i*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: MONT 191.43.

Obs.: Para Houaiss1452 LOPO. Como ocorre em MONT e LOPF, é mais uma ‘palavra com data em obra anterior’. O VH-CPM omite a abonação mais antiga, MONT. Para Kremer 1485¹¹².

¹¹¹ Parece, no entanto, não se aplicar o princípio enumerado no ponto 4.2.2.4, referido na nota anterior, uma vez que das formas históricas registadas *aprouaçam* (LOPJ²), *aprouação* (REIX e VITA), *aprouaçom* (1460 DESC) e *aprouação* (LOPF) a forma escolhida não será a que mais corresponde à actual. O que se verifica, em várias situações, é uma preferência por obras com data expressa, face a obras para as quais, normalmente, se indica apenas o século. É o caso aqui, mas também o de *aposentadoria*, *arvoredo*, *defensável*. Excepção é o caso de *depósito* (cf. s.v. DEPÓSITO).

¹¹² KREMER, Dieter (2004). *Primeiras datações*. Trabalho não publicado. Apenas apresenta o ano de registo da palavra, sem a fonte. De qualquer forma, e para esta palavra em concreto, a datação é tardia.

BOMBARDA, s.f. (1) ‘máquina de guerra que arremessava, por meio de cordas e molas, grandes pedras’.

*e alli mandou fazer engenhos e carros e **bombardas** e outros percebimentos de guerra.* (473.58).

Etimologia: do it. *bombarda* (1311).

Tipo de unidade: importação (italianismo).

Atestações simultâneas: LEAL 149.27; 1439 MARR I.66.25; CESA III.15§37.2.

BROLADO, adj. vb. (3) ‘bordado’.

*ca el-rrei dom Fernando a seu rrequerimento lhe enviou estonce em presente seis allaãos e seis sabujos, todos com collares **brollados** e foziiis de prata dourados, e as treellas d’elles d’ouro fiado,* (142.37).

Outras ocorrências: 166.23; 460.36.

Etimologia: part. de *bordar*. Segundo Houaiss “do germ. *bruzdôn> lat. *brozdare, com alt. do grupo raro -sd- para -sl-, donde port. medv. *broslar*, depois, com troca de -sl- por -rl-, *brorlar* e, por dissimilação, *broslar*; daí, com assimilação do -s- ao -l-, var. do sXV *brollar* e sXVI *bordar*, sempre no sentido de ‘ornar (pano, estofa, tela) com fios de algodão, lã, ouro etc.’; as var. *broslar* e *bordar* coexistem até o sXVIII, quando *broslar* e der. caem em desuso; na tradição lexicográfica port., este v. *bordar* e o v. homônimo der. de ¹*borda* + -ar ‘seguir junto à borda de, orlar, margear, delimitar as margens’ reúnem-se sob um mesmo verbete; o elo semântico entre os dois voc. não justifica, porém, que se deixe de levar em conta suas orig. distintas”.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: CESA II.18.90.1.

BULADO, adj. vb. (1) ‘determinado ou manifestado por bula’.

*gaanhando d’elle que podessem enleger confessor que os compridamente asolvesse, avendo d’esto leteras **bulladas** de que husarom em foro de conciencia,* (397.55).

Etimologia: part. de *bular* (de bula+ -ar).

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: FRAD I.20.19¹¹³; II.31.14; II.84.13.

Obs.: O substantivo está atestado no século XV.

BULHÃO, s.m. (3) ‘espécie de punhal’.

*Em aquell dia aa tarde, depois que dançarom e ouverom vinho e fruita, mandou o conde por hũa cota muito louçaã e hũu **bulhom** bem guarnido, a guisa de basalarte, e por hũa faca mui fremeosa que lhe trouverom de Ingraterra,* (365.18).

Outras ocorrências: 372.98,101.

Etimologia: segundo Houaiss, de origem obscura.

Tipo de unidade: (?)

Atestações simultâneas: 1410 DESC 224.20; CART 15v.

¹¹³ No VH-CPM, como FRAD I.2019.

Obs.: Apesar da abonação de uma obra com data expressa anterior a 1418¹¹⁴, engloba-se nesta lista pelo seu significado. Houaiss apresenta três entradas para esta palavra. Na primeira, datada de 1440, consta na terceira acepção o significado de ‘peça das guarnições dos arreios das mulas’, igual à que consta no IVPM com data de 1410¹¹⁵. Para a segunda, datada de 1899, com proveniência de CF¹, apresenta o significado de ‘espécie de punhal’. Apesar de no IVPM não constar com esta acepção, parece-me ser a que faz aqui sentido.

Antedatando a Houaiss, para a acepção 3.

CAMAREIRA, s.f. (1) ‘serviçal encarregada da manutenção dos aposentos de uma rainha’.

Era de gram casa de donas e donzellas e camareiras e outra gente meuda, desi d’escudeiros e muitos officiaes, e graada e prestador a todos: (355.19).

Outras ocorrências: 371.54; 559.21; 583.69.

Etimologia: do lat. *cāmērārius*, *ī* (fem. de *camareiro*)

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: FRAD I.273.29; VERT 61.26.

Obs.: MD-CF e BLEM registam também a sua ocorrência em CP. O masculino *camareiro* (36.80; 406.27; 524.42; 579.11) está atestado no século do XIV.

CANONICAMENTE, adv. (1) ‘de acordo com os cânones’.

e escrevendo suas cartas ao emperador e rreis e principes christãos como este dom Bertolameu aviam enlegido e criado canonicamente em papa por verdadeiro pastor da Egreja? (396.45)

Etimologia: do gr. *kanonikós*, *ê, ón* (> lat. *cănōnīcus*, *a, um*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: SBER 125.9.

Obs.: MD-CF regista duas ocorrências para este advérbio, uma nos Textos Notariais (Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI, 1300-1400) e outra em CHP (1402-1499). BLEM regista também uma ocorrência no *Livro das Confissões*, de Martín Pérez, que data de Alcobaça, 1399. Assim, tal como o adjetivo, também o advérbio tem ocorrência no século XIV, antedatando o IVPM e o VH-CPM.

CARDEALADO, s.m. (1) ‘dignidade de cardeal’.

e nêhũu nom foi perant’elle: por a quall rrazom os escomungou da mayor escomunhom e os privou dos cardeallados, e fez outros cardeaaes de novo, (393.55).

Etimologia: do lat. medieval *cardinalātus*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: FRAD II.77.28; II.259.16.

Obs.: As duas ocorrências de FRAD são variantes *cardealadego* e *cardenaladego* respectivamente.

¹¹⁴ Cf. p. 60, ponto 3.

¹¹⁵ Para a discrepância destas datas, veja-se o ponto 4.3 do detalhamento dos verbetes.

CARIDOSA, adj. (1) ‘que tem ou que demonstra caridade’.

Era ainda de muita esmolla e muito caridosa a todos, mas quanto fazia todo danava, (230.76).

Etimologia: de caridade + -oso.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: OFIC 129.14; VITA 2c39; VERT 47.5.

Obs.: MD-CF apresenta também uma abonação de ELOY.

O substantivo está atestado no século XIII.

CARRIAGEM, s.f. (3) ‘quantidade de carros; carraria’.

e porque entenderom que ainda podiam hir sem empacho dos emmiigos ataa Elvas, hordenarom que todollos homens de pee e carriagem fossem pello caminho dereito ante a avanguarda, (430.27).

Outras ocorrências: 430.35; 430.41.

Etimologia: segundo Houaiss, de “orig. contrv.; AGC deriva do it. *carriagio* (a1363) ‘bagagem, equipamento que um exército levava em viagem’; há quem suponha vir do provç. *carriatge* ou do fr. ant. *charriage* ‘objetos carregados, bagagem’, com infl. de *carro*”.

Tipo de unidade: importação (?)

Atestações simultâneas: REIS, 119.31; REIX I.115.74; CESA II.5§3.3, II.8§4.6.

Obs.: A abonação de REIS não consta no IVPM.

CAUTELA, s.f. (1) ‘precaução, cuidado, prudência’.

e d’hi em diante poserom em ssi grande guarda e rregimento, vellando a cidade de noite e de dia, teendo cautella e avisamento grande em todos seus feitos e defenssom. (266.34).

Etimologia: do lat. *cautēla*, ae.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: BENF 30.23; LEAL 193.10, 360.6; REIX II.159.121, II.314.27; VITA 134.16, 142d12, 181d37; FRAD I.3.5, I.91.28, II.152.17, SEGR 7v, 19; VERT 66.24;

Obs.: As três abonações de VITA, bem como a segunda de FRAD, não constam no IVPM.

MD-CF apresenta uma abonação de BOSC e outra, tal como BLEM, da CGE.

Antedatação face a Houaiss.

CAVALEIROSO, adj. (2) ‘próprio de cavaleiro, valoroso’.

Nun’Allvarez, veendo que os seus nom davom volta e que os castellaãos chegavom acerca d’onde ell estava, aderençou contra elles com gram virtude cavalleirosa, a algũus impossivell de creer, (484.49).

Outras ocorrências: 524.40.

Etimologia: de cavaleiro + -oso.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF 109.8, 190.21; OFIC 27.1, 39.11; LEAL 250.18, CESA III.18§8.3.

Obs.: Pelas obras em que se encontra, claramente pertencente ao vocabulário de Avis.
O substantivo está atestado em 1277.

CAVALGANTE, adj. (1) ‘que anda a cavalo; cavaleiro, cavalgador’.

Era cavallgante e torneador, grande justador e lançador a tavollado; 3.15;

Etimologia: de cavalgar + -nte.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: FRAD II.137.3.

Obs.: O verbo está atestado em 1262.

CENSURA, s.f. (1) ‘crítica, condenação’.

sometendo os ditos rreis e seus rreinos a censsura e sentença ecclesiastica hindo contra esto per algũa guisa. (183.112).

Etimologia: do lat. *censūra*, ae.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIX II.56.51.

Obs.: MD-CF regista uma ocorrência nos Textos Notariais (Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI, 1300-1400), outra em CHP (1402-1499) e outra ainda em ChPortDuarte.

Antedatação face a Houaiss.

CISMÁTICO, adj. (3) ‘dissidente; aquele que se separou da comunhão duma igreja’.

por a quall rrazom os escomungou da mayor escomunhom e os privou dos cardeallados, e fez outros cardeaaes de novo, dando-os por cismaticos e membros talhados da Egreja, (393.56).

Outras ocorrências: 459.11; 532.46.

Etimologia: do gr. *skhismatikós*, *é, ón* (> lat. ecl. *schismātīcus*, a, um).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: SBER 95.9, 114.28, 142.6; ROBI 200.12, 200v5.

Obs.: O VH-CPM não regista nenhuma abonação de ROBI.

COMUNICADO, adj. vb. (1) ‘transmitir, passar (conhecimento, informação, opinião) a alguém’.

nós isto fazer nom podemos, porque nas obras dos antiigos que ante de nós fezerom estorias taaes cousas nom achamos nas escripturas a nós per elles comunicadas; (47.68).

Etimologia: do lat. *commūnīcō*, *ās, āre, āvī, ātum*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIX I.108.26; VITA 7b17, 21d24, 133d15; SEGR 68v; SBER 83.2, 91.27.

Obs.: As duas primeiras abonações de VITA não constam no IVPM.

CONCLAVE, s.m. (7) ‘reunião cardeais’.

E este segredo que os cardeaaes antre ssi tragiam de enleger nom foi porém tanto guardado que o cardeall de Grifollio, ante per dias que entrassem ao conclavi, nom disse

hũu dia a este dom Bertollameu que cedo poeria sobre seus hombros hũu mui grande carrego; (387.62).

Outras ocorrências: 387.68; 387.70; 388.107; 389.124; 392.34; 396.34.

Etimologia: do lat. *conclāvē*, is.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: VITA 4c4.

Obs.: Provável introdução na língua pela tradução, a partir de VITA.

CONJECTURA, s.f. (1) ‘hipótese, presunção, suposição’.

*O iffante, preso per maginaçom e posto mui firme so jugo do amor, per **congeitura** das cousas que viia tiinha em gram preço e desejava muito as que nom pareciam; (359.123).*

Etimologia: do lat. *conjectūra*, ae.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: MONT 193.1.

Obs.: O VH-CPM omite a abonação de MONT.

COTA, s.f. (4)

1. ‘espécie de corpete’.

*e hũu grande roby golpado em castom d’ouro com grandes graãos d’aljofer arredor, e rreligairos e anees d’ouro e camafeus e outras joyas de gram preço, afora sayas e **cotas** e cipres de dona, (166.30).*

2. ‘revestimento da parte superior da armadura de um cavaleiro’.

*As armas mandou el-rrei mudar a esta guisa: do cambais mandou que fizessem jaque; e da loriga, **cota**; e da capelina, barvuda com camalhom; e os que eram bem armados haviam de teer barvuda com seu camalho e estofa e **cota** e jaque e coxotes e canelleiras franceses e luvas e estoque e daga e grave. (305.58, 61).*

3. ‘tipo de gibão, muito usado pelos homens nobres; espécie de casaco curto, semelhante ao colete’.

*Em aquell dia aa tarde, depois que dançarom e ouverom vinho e fruita, mandou o conde por hũua **cota** muito louçaã e hũu bulhom bem guarnido, a guisa de basalarte, e por hũua faca mui fremosa que lhe trouverom de Ingraterra, e deu todo ao iffante. (365.17).*

Etimologia: do fr. *cotte*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: CART 180; LEAL 224.23 (acepção 2); CESA III.15§34.2 (acepção 1); VERT 112.33 (acepção 1).

Obs.: Para a acepção 1 e 3, parte superior da indumentária feminina e masculina, respectivamente. Para a acepção 2, de carácter mais militar. O IVPM apenas indica a terceira acepção, onde engloba todas as obras. Houaiss, para todas as acepções (cf. ⁴cota), apresenta o séc. XVI, remetendo para AGC. No IVPM, o próprio Cunha apresenta 11 abonações, todas do século XV. O VH-CPM omite a abonação de CART, LOPO e MMM.

Antedatcação face a Houaiss.

COURAÇA, s.f. (2) ‘zona de defesa, protecção; resguardo’.

em tanto que com a muita beestaria foi o combate tam grande per hũa parte, que Abenfallos, capitam mouro que hi viinha, cobrou a coiraça que dizem de Callaforra, e tomarom o alcaçar velho e fezerom em elle seis portaaes, (66.26).

Outras ocorrências: 370.31.

Etimologia: do lat. *cōriācēa* (fem. do adj. *cōriācēus*, a, um)

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIS 145.9, 147.31; REIX I.158.1.

Obs.: Em LOPF não se regista o sentido de ‘armadura de metal’, que serve para proteger as costas e o peito dos golpes.

COVAL, s.m. (1) ‘divisão da terra em diversas covas para sementeira’.

O pam de todollos covaaes era carretado pera a villa e gaados afastados dos estremos pera dentro do rreino; (101.12).

Etimologia: de cova + -al.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas:

Obs.: Parece ser possível aceitar dois significados para esta palavra. Em época de guerra tornava-se necessário recolher o maior número de mantimentos (neste caso *pam*) para as vilas. Donde vinha esse trigo? Das covas ‘à superfície’, ou seja, das terras divididas em partes (covas) que estavam plantadas e era necessário ceifá-las, debulhar o trigo e transportá-lo para local seguro ou das covas ‘subterrâneas’, isto é, do “Celleiro subterraneo, a que antigamente chamavão *Silo*” onde se conserva “o trigo talvez por cinco, seis, ou mais annos, sem a mais leve corrupção”¹¹⁶, como refere Viterbo. Neste segundo caso, não seria mais do que um restabelecer as reservas da vila, estando o produto (*pam*) disponível, mas extramuros. A origem latina de *covus*, a, um, var. arc. do lat. *cavus*, a, um ‘cavado, oco’ também parece fortalecer esta hipótese. MD-CF é o único a indicar uma ocorrência em *Estoria de Dom Nuno Álvares Pereira*¹¹⁷, o que indica a provável fonte de onde Lopes a recebeu. O registo que se verifica na CGE é como topónimo (*E fez hũa trasnoytada e passou Tupuel e foy pousar a Espinal de Coval*). O substantivo está atestado em 1128.

CUBELO, s.m. (1) ‘torreão em forma de cubo que havia em antigas fortificações, substituído pelo baluarte’.

Entom moverom os batees com os rreis em dereito do cubello (290.49).

Etimologia: de *cubo* + -elo.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: COND 28c18.

Obs.: Houaiss apresenta para esta palavra datação do século XVI, segundo Morais².

O substantivo está atestado em 1297.

¹¹⁶ Cf. explicação mais pormenorizada em Viterbo, s.v. *cova*.

¹¹⁷ Na edição de Mendes dos Remedios, *couaões* de (1911:208); na de Adelino de Almeida Calado *covaaes* (1991:200,15): “mandava-o todo encovar polla terra em bõos *covaaes*”.

CUNHO, s.m. (1) ‘peça para marcar moedas’.

*scilicet, florñis taaes como el-rrei tiinha husança de mandar fazer, e reaaes de prata dos sinaaes e **cunho** d’el-rrei dom Pedro de Castella, de quatro maravidiis cada hũu rreall.* (170.25).

Etimologia: do lat. *cŭnĕus*, i.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: 1422 SALA 135.7 (L¹)

Obs.: Esta palavra é um bom exemplo da confusão de datações: Houaiss apresenta a data de 1422, remetendo para o IVPM). O IVPM regista três abonações, uma de LOPF (*cunho*), outra de 1500 CAMI (*crunho*) e a data de 1422 SALA (*cuño*), data esta apresentada em RLor, como observação ao dicionário de Machado. Mais uma vez, Lorenzo é remetido para segundo plano por Houaiss quando, na verdade, é ele o autor desta antedatação. Por fim, como o VH-CPM apenas apresenta a abonação de LOPF, se se consultar apenas esta obra, fica-se com a noção de que Lopes é o introdutor.

O verbo *cunhar*, por sinal, é datado por Houaiss no séc. XIV, remetendo para o IVPM. Ora, o IVPM e também o VH-CPM apresentam o séc. XV, ambos com uma abonação de PAUL, datada, segundo os próprios autores na explicação da respectiva sigla, de 1502¹¹⁸, século XVI, portanto. Quanto a AGC, que apresenta para este verbo o ano de 1813, na 3ª edição, 2ª impressão, de 2007, bem como no Suplemento que a acompanha (portanto posterior a Houaiss, ao IVPM e ao VH-CPM) não vem qualquer correcção. Esta 3ª edição, na verdade, mais não é do que uma simples reimpressão da 2ª, de 1986, desactualizada. Na página da editora Lexikon¹¹⁹ aparece já referência à quarta edição, à qual ainda não tive acesso.

MD-CF regista também uma abonação em ChPortDuarte.

DEBATE, s.m. (3) ‘discussão; altercação’.

*E sobre estas cousas ouve muitos **debates**, fallando-sse todo per aquelles de que fiavom,* (42.52).

Outras ocorrências: 298.32; 334.24.

Etimologia: do fr. *débat*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: BENF 134.3; OFIC 137.19; CAVA 61.31; CESA Pról.§2.1, II.12§7.1; VERT 75.31; FRAD II.188.6.

Obs.: MD-CF regista também uma abonação na GenEst.

DEFENSÁVEL, adj. (5) ‘defendível, defensível’.

*Quando el-rrei dom Henrrique chegou a Guimaraães, achou o logar mais **defensavell** e melhor percebido que Bragaa, (111.4).*

Outras ocorrências: 113.58; 307.19; 310.89; 521.79.

Etimologia: do lat. *dēfensābilis*, e.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: CESA II.4§29.1, III.5§31.4; 1447 DESC 456.11.

¹¹⁸Pode ler na explicação da sigla PAUL “conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502”.

¹¹⁹

[http://www.lexikon.com.br/index.php#\[request_source\]livro_ficha.php|col_esquerda|chave=&pagina=1&id=5](http://www.lexikon.com.br/index.php#[request_source]livro_ficha.php|col_esquerda|chave=&pagina=1&id=5)

Obs.: ‘Palavra com data e forma gráfica anteriores’. Houaiss prefere a obra com data expressa (a1447 DESC)¹²⁰, remetendo para o IVPM, onde são apresentadas abonações de obras mais antigas, como COND, e LOPF. O VH-CPM omite a abonação de 1447 DESC.

DEGOLAÇÃO, s.f. (1) ‘decapitação’.

*E quando veo aos dezenove dias do mes d’agosto, na festa da **degollaçom** de Sam Joham Baptista, (459.18).*

Etimologia: do lat. *dēcollātio*, *ōnis*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: FRAD II.112.21, II.185.18.

Obs.: O IVPM apresenta a abonação FRAD II.112.21 e o VH-CPM de FRAD II.185.18. MD-CF confirma as duas.

DEPÓSITO, s.m. (1) ‘armazenamento, poupança’.

*segundo ouvistes compridamente, por aazo de gram despesa da guerra começada assi per mar como per terra, todo sse gastava que nom ficava nêhũa cousa pera **deposito**, (191.125).*

Etimologia: do lat. *dēpōsītum*, *i*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LOPP 12.35; 1438 DESC S.504; VERT 129.31.

Obs.: Neste caso em particular, Houaiss prefere a indicação do século XV em detrimento da data exacta de 1438, remetendo para o IVPM. Neste caso nem se coloca a questão abordada no ponto 4.2.2.4, do detalhamento dos verbetes, uma vez que a forma histórica é a mesma.

MD-CF regista ainda duas abonações em ChPortDuarte e uma de LOPP. BLeM regista também uma ocorrência no *Livro das Confissões*, de Martín Pérez (1399).

Antedatação face a Houaiss.

DESACORRIDO, adj. vb. (2) ‘sem auxílio, socorro; abandonados’.

*e el rrespondia aos fidallgos que lhe em isto fallavom que os seus aviam casas e terras em que abastadamente podessem viver, e os que viinham **desacorridos** aviiam mester bem apousentados e fazer-lhes muitas mercees; (93.16).*

Outras ocorrências: 94.21.

Etimologia: part. de *desacorrer* (*des-* + *acorrer*).

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Atestações simultâneas: SBER 133.4.

Obs.: BLeM e MD-CF apresentam abonações da CGE. Antedatação face a Houaiss.

O verbo está atestado no século XIII.

DESCARGA, s.f. (1) ‘retirar a carga da embarcação, descarregamento’.

*e estando hũa naao e hũa barcha ante a villa aa **descarga**, veherom outros navios dos emmiigos e tomarom a naao (105.7).*

¹²⁰ Também aqui a escolha pela forma histórica que mais se aproxima da actualidade parece não fazer sentido, *defenssauees* (a1447 DESC) face a *defensavell* ou *defensável* (LOPF), por exemplo. Verifica-se, sim, a preferência por obras com data expressa.

Etimologia: segundo Houaiss, “f. snc. divg. do port. medv. *descarrega* (pronunciado [descárrega]), regr. de *descarregar*”.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas:

Obs.: Encontra-se em Houaiss a informação de ocorrência nas *Ordenações Afonsinas*, mas já indicada em JPM³: “*descarga* está por *descarrega*, der. regressivo de *descarregar*. Séc. XVI (Morais²). *Descárrega* no séc. XV: «...navio, que for achado aas oras da guarda da Cidade, filhãdo carrega, ou *descarregaa*...», *Ord.*, I, tít. 62º, § 18, p. 357”. Informação proveniente de R Lor “1445?-1447?: *descarregua*: “«qualquer naujo...filhando carrega ou *descarregua* ou metendo homeens» (Desc. Port. 156.5)”. Este apresenta ainda uma abonação para a forma *descarga* “1489 «sobre rarason da barcajeen e pasajee e carga e *descarga*» (Ferro 197.4)”.

O verbo está atestado em 1228.

DESCASAR, vb. (1) ‘separar(-se),divorciar’.

*E per aazo de taaes conselhos, jamais o iffante nom perdeo cuidado de casar com sua sobrinha e **descasar**-se de dona Maria per morte; (363.73).*

Outras ocorrências: 200.83; 379.10.

Etimologia: de *des-* + *casar*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Atestações simultâneas: REIX 198.19.

Obs.: Houaiss não leva em consideração a datação de R Lor, de 1105, “pro suis filiabus casare uel descasar” (Ferreiro III,62.18), ao apresentar o séc. XV, remetendo para o IVPM.

Também para o verbo *casar* prefere a data de 1192, proposta por JPM² “et si ista mulier militis *casauerit* cum pedone, faciat forum de pedite” (*Leges*, p. 483) à de R Lor 929 “suos muros petrinos et suo casare uel suo exito” (Dipl. 22).

O verbo está atestado em 1192.

DESCIMENTO, s.m. (1) ‘descida, queda’.

*dizendo que seu talante era que os mercadores de sua terra fossem rricos e abastados e nom lhe fazer cousa que fosse em seu perjuizo e **decimento** de sua honrra. (7.124).*

Etimologia: de *des* + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: CESA III.15§21.3.

Obs.: MD-CF apresenta uma abonação de BOSC.

O verbo está atestado em 1244.

DESCONTENTAR, vb.(1) ‘ficar insatisfeito; desagradar(-se), desgostar(-se)’.

*ca de corpo e geesto natureza lhe dera tam boa parte que nêhũu senhor se **descontentaria** de a aver por molher: (175.49).*

Etimologia: de *descontente* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LEAL 279.30, VITA 25d26, 29c40, 30.27/28, 135c7, 135c9, 138c21; VERT 111.11.

Obs.: O VH-CPM apresenta mais três abonações de VITA que não constam no IVPM.

O substantivo está atestado no século XV.

DESCULPAÇÃO, s.f. (1) ‘desculpa’.

*e como em semelhantes feitos muito de rrecear nom se esguarda nêhũa **desculpaçom** nem espaço de saber a verdade, forom sem mais deteença todos metidos a tormento*, (265.18).

Etimologia: de desculpar + -ção.

Tipo de unidade: derivação sufixal

Atestações simultâneas: LEAL 46.20.

Obs.: JPM³ faz referência a esta forma numa observação dentro do verbo *desculpar*: “Parece ter existido um v. *desaculpar*, como se verifica pela presença de *desaculpação* no séc. XV: «...filha por sua *desaculpaçom* dizer que he homem», *L. Cons.*, cap. 13, p. 46”.

O verbo está atestado em 1352.

DESEMPACHADO, adj. vb.(1) ‘desobstruído, aliviado, livre’. Cf. DESEMPACHADO.

*e matando-o elle morreria sem porque, com gram pecado de minha alma, e eu era per força leixar o rreino e me hiria fora d’elle, e per esta guisa seeria ella **desempachada** de mim*. (518.33).

Etimologia: part. de *desempachar* (*des-* + *acorrer*).

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Atestações simultâneas: OFIC, CAVA, LOPP.

Obs.: O verbo está atestado no século XV.

DESENCARREGAMENTO, s.m. (2) ‘alívio de culpa; absolvição’.

*mas porém que oolhando ell em esto serviço de Deus e **desencarregamento** de sua conciencia e proll de seu poboo, pois a Deus aprouguera de o poer em paz com seus contrairos*, (193.18).

Outras ocorrências: 281.70.

Etimologia: de *desencarregar* + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LEAL371.8.

Obs.: Com registo apenas nestas duas obras pelo que se considera vocabulário de Avis.

O verbo está atestado em 1269.

DESGARRADO, adj. vb. (1) ‘separado, extraviado, tresmalhado; sem vigor, entusiasmo (?)’.

*e que quanto mais entrasse pello rreino, alçando-lhe os mantiimentos, que tanto viinriam mais **desgarrados** e melhores de desbaratar*. (251.20).

Etimologia: part. de *desgarrar* (*des-* + *garra* + *-ar*)

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Atestações simultâneas: a1436 DESC 356.3.

Obs.: Este particípio serve de datação ao verbo¹²¹, mas serve também para mostrar o registo de um derivado anterior à sua base, pois *garra* apenas é datada 1567¹²². O significado é figurativo.

O VH-CPM não indica a abonação de DESC.

O substantivo está atestado em 1567.

¹²¹ Cf. detalhamento dos verbetes, ponto 4.3.3.1.

¹²² Cf. o mesmo procedimento para *agarrar*.

DESPACHADAMENTE, adv. (1) ‘de maneira despachada, com despacho’.

*e entom desembargou-lho, e foi entregue de todas estas cousas, as quaaes lhe o duque fez aver muito **despachadamente**. (54.41).*

Etimologia: de despachado + -mente.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LEAL 93.12; CAVA 107.26; VITA 98d3.

Obs.: O adjectivo também é do séc. XV. Pelas obras em que ocorre, percebe-se a importância das obras traduzidas no enriquecimento vocabular. D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, “reproduz no capítulo 87 uma parte dum capítulo de *Vita Christi*”¹²³. É também neste círculo cultural que o cronista se movimenta e disso deixa registo. Vocabulário de Avis.

O adjectivo está atestado no século XV.

DESPEDIR, vb. (1) ‘despedir-se, separar-se de’.

*Alli sse **despedirom** d’el-rrei todollos senhores e fidallgos portugueeses, e ell tornou-sse pêra Badalhouce e elles ficarom com a rrainha em Ellvas. (577.76).*

Etimologia: do port. ant. *espedir* (sXIII) (do lat. *expetĕre* < *petĕre*, com mudança de pref.)

Tipo de unidade: derivação prefixal

Atestações simultâneas: REIX II.56.56, II.243.46, II.243.53, II.150.136; FRAD I.375.3, I.70.22.

Obs.: O VH-CPM apresenta mais quatro abonações para esta variante de *espedir* do que as que constam no IVPM provenientes, certamente do Suplemento ao IVPM. No entanto, como Cunha não regista a abonação de LOPF, ela continua sem figurar no VH-CPM

O verbo tem, no entanto, registos anteriores na CGE, como o provam MD-CF, BLeM e o CIPM, mas também em CSM e CHP (1260-1300), para o CIPM.

Antedatação face a Houaiss.

O verbo *espedir* está atestado no século XIII, e *pedir* em 1152.

DISTINTA, adj. (2) ‘extinta, sem continuidade de sangue; separada, interrompida’.

*assi que a direita linha da erança fosse de todo **destinta**, que estonce o rregno ficasse desembargado aa iffante dona Beatriz e que os naturaas do rregno fizessem todos menagem que em tall caso ouvessem ella por sua rrainha e senhora. E morrendo ella primeiro que seu marido, nom ficando em Portugall filho ou neto d’el-rrei dom Fernando, assi que a erança fosse **destinta** sem herdeiro d’ell ou d’esta iffante, (548.46, 51).*

Etimologia: do lat. *distinctus*, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: VITA 7Bb29; FRAD I.11.15.

Obs.: MD-CF regista também cinco abonações (*destinta* [1], *destinto* [1], *destintos* [2], *distintos* [1]) em ChPortDuarte e doze (*destintas* [7], *destinto* [1], *destintos* [1], *distinta* [1], *distinto* [2]) em *Corte Enperial*.

Antedatação face a Houaiss.

¹²³ Cf. Tavani 1993:685.

DITADO, s.m. (3) ‘título de propriedade emitido ou recebido pelos reis de Portugal no sXVI’.¹²⁴

e o **ditado** do duque, como sse entom chamava, era este: «Dom Joham, pella graça de Deus rrei de Castella e de Leom e de Tolledo e de Galliza e de Sevilha e de Cordova e de Mollina e de Geem e do Algarve e d’Aljazira, duque d’Allancastro e senhor de Mollina»; (236.34).

Outras ocorrências: 282.79; 593.10.

Etimologia: do lat. *dictātus*, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: OFIC 2.7; VITA 7c12; BENF 22.21.

Obs.: Com várias ocorrências anteriores como se verifica em MD-CF: *ditado* em SACR e BOSC; *ditados* em TPart e CGE; *ditada* em CHP; *ditadas* em TROY; *dictadas* em ORTO. No entanto, com este significado apenas ocorre em LOPF e SACR.

O VH-CPM apresenta mais a abonação de BENF.

DIVISA, s.f. (1) ‘emblema simbólico’.

que o conde hordenou por guarda das quintãas e casaaes que cada hũu tevesse senhos pendoões de sua **divisa**, (465.24).

Etimologia: do fr. *devise*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: BENF 24.5; VITA 5c16; VERT 41.30.

Obs.: BLEM e MD-CF apresentam uma abonação da CGE, mas com o significado de ‘ideia, sentença’ (“E a esto cada hũu dava sua **divisa**, segundo seu entender”).

EMPACHO, s.m. (5) ‘obstáculo, embaraço, impedimento, estorvo’.

ca me parece, se vo-llo per outrem mandara dizer, que nom fora minha voontade desabafada; ca asaz **d’empacho** ouverees vós d’aver, mandardes-me demandar como se eu fosse hũua dona de mui maa fama». (358.95).

Outras ocorrências: 376.49; 414.44; 430.25-26; 526.34.

Etimologia: regr. de *empachar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: BENF, OFIC, LEAL, CESA, REIS, REIX, LOPP, VITA, FRAD, VERT, CONT.¹²⁵

Obs.: Pela quantidade de obras e ocorrências, palavra usual na época de Avis, registada em todas as principais obras. De notar o antónimo *desempacho*, em MONT 100.39 e LEAL 271.16. O verbo está atestado no século XV.

EMPACHAR, vb (3) ‘obstruído, entravado; sobrecarregado’. Cf. DESEMPACHADO.

E a enteençom d’el-rrei era que esta frota jouvesse aa entrada do rrio de Sevilha pera embargar que nẽhũu navio podesse hir nem viĩr com mercadarias nem outros mantiimentos

¹²⁴ Segundo Houaiss.

¹²⁵ A partir da letra -E-, as atestações simultâneas provêm do VH-CPM, pelo que não serão indicadas as localizações. No entanto, sempre que se justifique, serão indicadas outras localizações no campo das observações (Obs.). O levantamento, tal como se disse na introdução deste capítulo, não pretende ser exaustivo, mas sim indicador de ocorrências simultâneas.

pera a dita cidade; e empachado longamente aquell porto per esta guisa, que Castella rreceberia tam gram perda e dano por esta rrazom que seeria a el mui grande vantagem pera cumprir sua voontade. (137.16).

Outras ocorrências: 143.6; 258.52.

Etimologia: do provç. ant. *empachar* (do fr. ant. *empeechier*)

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: OFIC, CAVA, CESA, REIX, VERT.

EMPARAMENTADA, adj. vb. (1) ‘decorar com paramentos; colocar adornos ou enfeites’.

A cama era bem emparamentada, e a cubricama d’hũu tapete preto com duas grandes figuras de rrei e de rrainha na meatade, (460.31-32).

Etimologia: part. de *emparamentar* (*em-* + *paramento* + *-ar*).

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Atestações simultâneas: BENF, VERT.

Obs.: Houaiss regista apenas *paramentar* com datação de 1516 (cf. DBLiv).

BLem e MD-CF registam *emparamẽtasse* com abonação da CGE.

Verbo derivado com antedatação anterior face à base registado por Houaiss.

O substantivo está atestado no século XIII.

ENCAMINHAR, v. (24) ‘dirigir(-se)’.

e passando acerca da villa do Gronho, que tiinha da parte d’el-rrei dom Pedro, nom a pôde cobrar, e encaminhou pera a cidade; (61.6).

Outras ocorrências: 85.19; 86.34; 115.7; 154.58; 151.50; 165.7; 169.16; 246.47; 250.29; 254.86; 259.58-59; 284.34; 357.61, 62; 362.36; 370.35; 383.6-7; 384.37; 440.49-50; 451.8; 478.32; 505.69; 526.31.

Etimologia: de *en-* + *caminhar*.

Tipo de unidade: derivação prefixal

Atestações simultâneas: BENF, OFIC, LEAL, CAVA, CESA, REIS, REIX, LOPP, VITA, VERT, SBER.

Obs.: A abundância de localizações em VITA pode indicar o primeiro registo da palavra e a influência que teve nas obras de Avis, bem como nas de Lopes. A ser assim, estaríamos perante o primeiro registo numa obra traduzida, revelando ser este um dos mecanismos de enriquecimento vocabular.

O verbo está atestado no século XV.

ENCAMINHAMENTO, s.m. (3) ‘acção de encaminhar’.

pois el espalhava todas suas gentes, e se poinha em poder e consselho do conde dom Joham Affonso Tello e d’outros, que por covardo encaminhamento lhe faziam entender que sse non triguasse a poer batalha, (121.56).

Outras ocorrências: 308.33-34; 384.33.

Etimologia: de *encaminhar* + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal

Atestações simultâneas: OFIC, LEAL, CAVA, CESA, VITA, VERT.

Obs.: Cf. obs. s.v. **ENCAMINHAR**.

O verbo está atestado no século XV.

ENFIM, adv. (1) ‘por fim, finalmente’.

*Sobr’esto ouve muitos conselhos, e **enfim** acordarom que a fosse cercar, pollas muitas viandas que n’aquella comarca avia;* (63.17).

Etimologia: prep. *em* + *fim* (do lat. *fīnis*, *is*)

Tipo de unidade: composição.

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, REIX, LOPP, CESA, TERS.

Obs.: BLem e MD-CF apresentam abonações da CGE.

A preposição está atestada em 1152 e o substantivo no século XIII.

ESCABELADO, adj. vb.(1) ‘despenteado, desgrehado’.

*As donas e donzellas que eram na cidade, veendo aquesto, sahiam aas rruas e praças, chorando **escabelladas**,* (66.32).

Etimologia: part. de *escabelar* (de *es-* + *cabelo* + *-ar*).

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Atestações simultâneas: CESA.

Obs.: MD-CF apresenta também, para *escabelada*, uma abonação da *Demanda do Santo Graal*, texto proveniente do CIPM. A esta forma corresponde *estavelada*, tanto em BLem como na edição de Piel - Irene Nunes.

O substantivo está atestado no século XIII.

ESCARAMUÇA, s.f. (6) ‘1 combate, luta, conflito’.

*e nom tenerom jeito de cercar a cidade salvo como quem pousa de caminho, como quer que foi feita hũa **escaramuça** na ponte em que foram presos algũus portugueses:* (252.42).

Outras ocorrências: 267.2; 269.2, 13; 481.7, 11.

Etimologia: do it. *scaramuccia*.

Tipo de unidade: importação (italianismo)

Atestações simultâneas: REIX, CESA.

Obs.: BLem e MD-CF apresentam abonações da CGE.

Houaiss data este substantivo do século XIV, remetendo para o FichIVPM. No entanto, o VH-CPM, digitalização desse fichário, regista apenas abonações do XV.

ESCARAMUÇAR, vb. (5) ‘combater ou lutar em escaramuça’.

*e os de dentro sahiam fora, assi de cavallo come de pee, e **escaramuçavom** com elles;* (111.12-13).

Outras ocorrências: 267.14, 18; 269.3, 6.

Etimologia: de *escaramuça* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: REIS, REIX, CESA, VITA.

Obs.: Houaiss data este verbo do século XV, com remissão para o FichIVPM, mas BLem e MD-CF apresentam abonações da CGE, pelo que se trata de uma antedatação face a Houaiss.

O substantivo está atestado no século XIV.

ESCUSAMENTE, adv. (11) ‘escondidamente, ocultamente’.

e nom quis tornar com este rrecado a Carmona, mas mandou a pressa, o mais escusamente que sse fazer pôde, tirar a molher e os filhos do logar, ante que fosse cercado; (152.89).

Outras ocorrências: 203.3; 213.2; 214.30; 357.56, 70; 463.15; 467.76, 78; 533.21; 591.8.

Etimologia: de escusa + -mente.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, REIS, REIX, LOPP.

Obs.: O adjectivo é do século XIII. Pelas obras em que ocorre, faz parte do vocabulário de Avis.

O substantivo está atestado no século XIII.

ESQUERDO, adj. (3) ‘do lado esquerdo’.

Aa mão ezquerda da batalha, honde estavom os que hiam de pee, pôs el-rrei em hũa alla que fossem a cavallo o conde dom Tello seu irmão (22.33).

Outras ocorrências: 34.39; 413.21.

Etimologia: segundo Houaiss, “orig. duv.; prov. de uma língua pré-romana hispano-pirenaica, da mesma orig. do basco ezker(r); é possível que o voc. se tenha estendido de uma zona de língua basca, na época visigótica; cp. esp. *izquierdo*, cat. *esquerre*.”

Tipo de unidade: importação (?)

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, CAVA, REIS, REIX, CESA, FRAD, SEGR.

Obs.: A abonação do século XIV da CGE, apresentada por BLem e MD-CF diz respeito a nome próprio: “que era alcaide, que avya nome Esquerdo”.

ESTANDARTE, s.m. (1) ‘insígnia, bandeira’.

e mais a gallee rreall, que era hũa grande e fremosa gallee em que avia largas e espaçosas camaras, a quall el-rrei mandou mui nobremente guarnecer d’estendarte e muitos pendoões e tenda e aparelhos de cordas de seda, onde avia de viir a iffante; (165.15).

Etimologia: do fr. ant. *estandard*.

Tipo de unidade: importação (galicismo)

Atestações simultâneas:

Obs.: A informação de ocorrência nas *Ordenações Afonsinas* encontra-se em JPM³: “«e em a mão seestra hum *estendarte* das nossas armas em signal de seu daudilhamento», *Ord.*, I, título 54, § 4, p. 321”.

ESTOFA, s.m. (1) ‘espécie de capacete de tecido, couro, malha ou similar, usado por baixo do elmo; coifa’.

e os que eram bem armados haviam de teer barvuda com seu camalho e estofa e cota e jaque e coxotes e canelleiras franceses e luvas e estoque e daga e grave. (305.60).

Etimologia: do fr. ant. *étoffe*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: CESA.

FACA, s.f. (3)

1. ‘espécie de cavalgadura de porte médio; hacaneia’.

*e pagavom de solldo ao de cavallo tari com **faca** armado aa guisa, trinta solldos por dia, que eram oito dobras por mes, e ao genete viinte, que eram por mes cinco dobras, e ao de cavallo sem **faca** quinze solldos. (119.17, 20).*

Etimologia: segundo Houaiss, “orig. contrv.; ger. tido como red. do port. medv. *facanea*, actual *hacanéia*; segundo JM, pode provir directamente do esp. ant. *haca*, hoje *jaca*, de mesmo sentido ‘cavalgadura’”.

2. ‘instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo

*Em aquell dia aa tarde, depois que dançarom e ouverom vinho e fruita, mandou o conde por hũa cota muito louçaã e hũu bulhom bem guarnido, a guisa de basalarte, e por hũa **faca** mui fremosa que lhe trouverom de Ingraterra, e deu todo ao iffante.(365.18).*

Etimologia: segundo Houaiss, “orig. contrv.; os étimos propostos abrangem, entre outros, o lat. *fālcūla*, ae, dim. de *falx*, *falcis* ‘foice, roçadeira, garra ou cutelo de podar’ (Adolpho Coelho); um ár. hsp. *farḥa* ‘filhote, rebento novo’, a que se atribui, p. ext., o signif. ‘faquinha’, não doc.; o fr. *hache* ‘archote, facho’, para o qual se supõe evolução divg. de signif. para *faca*, justificado pela semelhança da correspondência fonética entre o fr. *roche* e o port. *roca*, o fr. *vache* e o port. *vaca*; para Mansur Guérios, um afr. sudanês *faka*, *faga*, *baka* etc.) ou banto *i-vaka*, *ni-vaka* etc. todos com signif. ‘objeto cortante’; as várias hipóteses parecem difíceis de justificar quanto a aspectos fonéticos ou insuficientes quanto a aspectos semânticos”. Para Aurélio “de *faca*², com alter. semântica, por metáfora gíriesca, poss.”¹²⁶

Tipo de unidade: importação (?)

Atestações simultâneas: CITER.

Obs.: O significado de ‘cavalgadura’ é o que se encontra na abonação de CAVA, com ocorrência também em LOPJI. Tendo em conta a passagem nesta última obra: “*cada huum bem armado de (hum) bom caualo, e mais huma mulla hou rocim hou faca como mylhor podesse [...]*”, parece ser também este aqui o caso, onde se diferencia o pagamento, mediante os animais apresentados. Outra interpretação possível será entender *faca* como uma marca que era aplicada aos melhores cavalos, distinguindo-os assim dos restantes, e recebendo mais por essa qualidade. MD-CF apresenta também uma abonação do *Livro de Falcoaria do Emperador Enrique da Alemanha*, do século XV.

A antedatação que BLeM apresenta com o registo de duas abonações em *Vidas de Santos - Manuscripto Alcobacense*, portanto do século XIII/IV, parece ser um erro mecânico, pois as três localizações que encontrei são: “*nem per ventuyra ã este spaço ho ãmiigo cruel me revolve e **faca** husar de meos maaos feitos que ante husava*”; “*e de sua penitência com o qual nos Deos **faca** vivere*” e “*- O filha ã chores nem **facas** planto*”.¹²⁷

¹²⁶ Para *faca*² apresenta: do fr. ant. *haque* < ingl. med. *hakeney* (actual *hackney*), pelo esp. ant. *haca* (actual *jaca*).

¹²⁷ Exemplos extraídos de CIPM, VS3.

FACHO, s.m. (1) ‘material inflamável que se acende; archote (?)’.

*Nom seguio el-rrei dom Fernando, depois que teve esta paz firmada por sempre, o dito do profeta Isayas n’aquell logar honde disse que fariam das espadas **fachos** e das lanças podadeiras (303.6)¹²⁸.*

Etimologia: do lat. vulg. **fascũlo* (der. do lat. *fax*, *fācis*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: SEGR.

Obs.: MD-CF apresenta uma abonação de *Contemplacao de Sam Bernardo*, na passagem “A uirgem maria segundo se diz comeo por cee a tres grãos de facho”.

FALTA, s.f. (1) ‘falha, erro, engano’.

*que assi a ell como aos outros senhores e gentes d’armas que alli eram fossem pagadas suas gajas e estados e solldo a cada hũu sem nẽhũua **fauta** que em ello ouvessem. (41.7).*

Etimologia: do lat. **fallĩta* (fem. de **fallitus* ‘faltado’, por *falsus*, part. pas. de *fallẽre*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: VERT.

Obs.: MD-CF apresenta oito abonações em TROY, todas na locução *sem/sen falta*, além de várias outras que data do século XV, como no *Livro de Falcoaria do Emperador Enrique da Alemanha*, ou no *Miragre de Santiago*.

Antedatação face a Houaiss.

FAVORIZAR, s.f. (1) ‘favorecer’.

*Segundo ouvistes em seu logar, el-rrei dom Fernando tiinha declarado por aquell que sse chamava Clemente septimo, cuja parte **favorizava** el-rrei de França e el-rrei de Castella e algũus outros senhores. (459.5).*

Etimologia: de favor + -izar.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LEAL, VITA.

Obs.: Pelas obras em que ocorre será mais um dos termos a contribuir para o enriquecimento lexical com o vocabulário de Avis.

O substantivo está atestado no século XIV.

FELOSA, s.m. (1) ‘pequeno pássaro’.

*em guisa que nẽhũua ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou e abetarda, ataa o pardall e pequena **follosa**, que ante que suas ligeiras penas a podessem poer em salvo, primeiro era presa do seu contrairo: (5.55).*

Etimologia: de origem obscura

Tipo de unidade: (?)

Atestações simultâneas: CESA.

¹²⁸ Esta seria uma das máximas bíblicas conhecidas por Fernão Lopes, a ponto de a citar. No entanto, ou houve um lapso no termo facho, ou ele, de facto, tem também na época o significado de ‘arado’, pois a passagem de Isaías refere “*Ele julgará as nações, e dará as suas leis a muitos povos, os quais das suas espadas forjarão relhas de arados, e as suas lanças, foices. Uma nação não levantará a espada contra outra nação, e não se adestrarão mais a guerra* (Isaías 2:4). Passagem, aliás contrariada na própria bíblia em Joel “*Proclamai isto entre as nações: Declarai a guerra! (...) Forjai espadas das relhas dos vossos arados, e lanças das vossas foices. Mesmo o enfermo diga: Eu sou guerreiro* (JI 4:9-10).

Obs.: Houaiss tem averbadas as duas formas *folosa* e *felosa*, sendo que apenas apresenta datação para esta última, indicando CF¹ (a1899), ou seja, antes de 1899, mas sem localizar a obra onde ocorre. A identificação de *follosa* como adjetivo, lematizado para *foloso*, por parte de BLEM é claramente erro informático.

FLECHA, s.f. (1) ‘seta’.

e eram as frechas tantas alli honde o corpo de Deus estava e pellos outros logares d’arredor que temor grande os fazia d’alli partir. (521.75).

Etimologia: do fr. *flèche*. Segundo Houaiss, “a forma *frecha* é mais ant. e mais vulg. em Portugal, mais tarde substituída pela forma erudita retomada do fr. *flèche*”.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: VERT, CESA.

Obs.: Houaiss data a forma *flecha* do século XV, apresentando na f. hist. a variante *frecha*. No entanto, o VH-CPM, para a palavra *frecha* apresenta 8 atestações, todas do XV, e para a variante *flecha* apresenta apenas 2 sob a forma *frecha*, sendo uma repetida, a de ZURC, e a outra do séc. XIV, de TROI. No entanto, a passagem onde se encontra registada, *mays tragiã todos frechas et seetas de moytas maneyras*, não coincide com a edição consultada, *mays tragiã todos saetas feytas de moytas maneyras*. Aqui se verifica como a opção dos editores pode alterar a datação de determinados termos.

FOLGADAMENTE, adv. (1) ‘de maneira folgada; largamente’.

de guisa que muito aginha foi feita hũa grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d’area, tall per que folgadamente podiam hir a través seis homens a cavallo; (115.24).

Etimologia: de folgado + *-mente*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LEAL, CAVA, FRAD.

Obs.: MD-CF apresenta ainda duas abonações de BOSC e uma da Cron1419 e BLEM apenas desta última.

O adjetivo está atestado no século XIII.

FORRAGEM, s.f. (1) ‘erva para alimentação do gado’.

Nos lugares honde pousavom, ao termo d’elles hiam aa forragem, fazendo gram dano em paões e vinhos e gaados, (467.72).

Etimologia: do fr. *fourrage*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: REIS, REIX, CESA.

FOUTO, adj. cf. AFOUTO

FRONTARIA, s.f. (16) ‘fortificação situada na fronteira’.

e seguindo seu caminho, passou pello rreino de Navarra e chegou a vista de Callaforra, na frontaria de Castella, (59.64).

Outras ocorrências: 106.27; 117.67; 119.7; 121.66; 142.46; 169.11; 251.9; 427.8, 22; 431.74; 433.5; 467.61; 525.9, 17; 256.44.

Etimologia: de *fronte* + *-aria*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: REIS, REIX.

Obs.: O substantivo está atestado no século XIII.

FRONTEIRO, s.m. (28) ‘Capitão duma praça de guerra situada na fronteira’.

*e el-rrei, veendo esto, leixou seus **fronteiros** n’aquella comarca e encaminhou pera Tolledo, que ja tiinha sua voz d’elle;* (86.34).

Outras ocorrências: 108.30; 119.1, 10; 123.13; 124.29; 125.1, 3; 126.32; 127.4, 16; 253.62; 326.45; 421.21; 423.22; 425.3, 6; 427.1; 428.33; 429.1, 3, 8; 463.4; 475.5, 7, 19; 477.1, 19.

Etimologia: de *fronte* + *-eiro*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: REIX.

Obs.: Houaiss apresenta as duas classificações gramaticais, mas a data que apresenta é para o adjetivo, não dando qualquer indicação para o substantivo, o que normalmente costuma fazer¹²⁹. A sua ocorrência parece ser, no entanto, posterior, pois apenas aparece registada com dez abonações da CGE (MD-CF), donde nove como substantivo e uma como adjetivo, além das várias ocorrências em obras já do XV. Faltará, assim, a indicação da primeira datação para o substantivo em Houaiss, à semelhança do que acontece, por exemplo com, ¹*alvo*, *andar*.

O substantivo está atestado no século XIII.

GANHA-DINHEIRO, s.m. (1) ‘trabalhador a quem se paga jornal (salário por um dia de trabalho); jornaleiro’.

*Nos logares hu sse costuma d’aver **gaanhadinheiros**, que sse escusar nom podem, mandava leixar per numero certo os que ss’escusar nom podessem,* (315.130).

Etimologia: de *ganhar* + *dinheiro*.

Tipo de unidade: composição.

Atestações simultâneas: CONT.

Obs.: Houaiss não apresenta data nem etimologia para esta palavra. O VH-CPM apresenta uma abonação de CONT, do séc. XV. MD-CF apresenta ainda duas abonações de Constituições do Bispado do Porto, de 1497.

O verbo está atestado no século XIII e o substantivo em 1269.

GALEOTA, s.f. (3) ‘pequena galé de até 20 remos’.

*hũu d’aquelles cavalleiros que sse veherom de Castella pera el-rrei dom Fernando, o quall se partio primeiro com seis gallees e duas **galliotas** aos quinze dias de junho,* (137.12).

Outras ocorrências: 439.7; 441.68.

Etimologia: do it. *galeotta*. Segundo Houaiss, “para Nasc, orig. vern. dim. de *galé*”.

Tipo de unidade: importação (italianismo).

Atestações simultâneas: REIX.

¹²⁹ Ponto 3.3.1.3 do detalhamento dos verbetes: “Quando o verbete apresentava classe dupla (por exemplo, “adj.s.m.”) e a datação correspondia a uma dessas classes apenas, fez-se o registro da data no seu campo próprio, mas informou-se, dentro do campo da etimologia, a qual das classes a data correspondia”, s. v. *divisor* ou *timor*.

Obs.: Houaiss apresenta o século XIV, remetendo para o FichIVPM. Todavia, o que o VH-CPM regista são apenas obras do século XV.

GASTAMENTO, s.m. (1) ‘gasto, despesa, dispêndio’.

*Dous grandes malles rrecebeo o rreino por esta guerra que el-rrei dom Fernando com el-rrei dom Henrrique começou, de que os poboos depois tiverom grande sentido: o primeiro, **gastamento** em grande cantidade d’ouro e prata que antiigamente pellos rreis fora entesourado, (187.6).*

Etimologia: de gastar + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: VERT.

Obs.: BLem indica a sua ocorrência em LEAL, bem como MD-CF, de que apresenta três abonações, e ainda uma do ChUniPort (vol. 3, 1400).

O verbo está atestado no século XIV.

GASTO, s.m. (1) ‘despesa, dispêndio’.

*Dous grandes malles rrecebeo o rreino por esta guerra que el-rrei dom Fernando com el-rrei dom Henrrique começou, de que os poboos depois tiverom grande sentido: o primeiro, **gastamento** em grande cantidade d’ouro e prata que antiigamente pellos rreis fora entesourado, do quall, por aazo d’ella, foi a Aragom levada mui gram soma d’ouro, como ja teendes ouvido; o segundo, isso meesmo foi **gasto** de muita multidom de prata por a mudança das moedas que el-rrei fez por satisfazer aas grandes despesas dos solldos e pagas das cousas necessarias aa guerra; (187.9).*

Etimologia: part. dito irreg. de *gastar* (lat. *vastō, ās, āre, āvī, ātum*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIX, LOPP, VITA.

Obs.: MD-CF apresenta ainda uma abonação de ChPortDuarte.

GOVERNANÇA, s.f. (4) ‘governação’.

*moormente que pera tall **governança** compria d’aver pessoas que soubessem as condições dos poboos, (549.77).*

Outras ocorrências: 550.87; 551.126; 602.26.

Etimologia: de governar + -ança.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, OFIC, LEAL, CAVA, CESA, REIX, VITA, TERS, VERT.

Obs.: Segundo BLem e MD-CF, também com registo em CP.

O verbo está atestado no século XIII.

GRANDIOSO, adj. (1) ‘extraordinário, que impressiona’.

*El-rrei dom Fernando era **grandioso** de voontade e querençoso d’aquello que todollos homens naturallmente desejam, (91.3).*

Etimologia: do esp. *grandioso* (1599).

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Atestações simultâneas: VERT.

Obs.: AGC e JPM³ mantêm a data do século XVI, Houaiss antedata para o XV (cf. FichIVPM). Quanto à data apresentada por Houaiss para a etimologia espanhola (1599), ela é tardia, apesar da observação¹³⁰. No CORDE é possível identificar este vocábulo numa poesia de Alfonso de Villasandino (*Cancionero de Baena*), entre 1379 - a 1425: “*Conde, non de los menores / mas igual de los mayores, / por que los estorvadores / vean cómo es **grandioso** / el alto Rey dadivoso / e virtuoso*”.

BLem e MD-CF apresentam uma ocorrência da CGE.

Antedatação face a Houaiss.

GUIA, s.f. (2) ‘pessoa que guia, orienta outros’.

*e elles alli, esteve a **guia** queda e disse contra o iffante: «Estas som as casas que vós demandaaes».* (370.40).

Outras ocorrências: 380.46.

Etimologia: regr. de *guiar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: REIX, VITA, FRAD.

Obs.: O verbo está atestado no século XIII

IGNORANTE, adj. (1) ‘que não sabe’.

*e nom como algũs autores **ignorantes** da verdade poserom em seus livros,* (331.55).

Etimologia: do lat. *ignōrans, āntis* (part. pres. do v. lat. *ignōrō, ās āre, āvī, ātum*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: BENF, REIX, VERT, SEGR.

Obs.: Segundo BLem, também com registo em CP. JPM³ mantém o século XVII, com indicação proveniente de RLor de que anteriormente se encontram as formas *anarante* (Gil Vicente) e *inhorante* (Sá de Miranda).

O verbo *ignorar*, segundo Houaiss, apenas está datado em 1563 (HPint I 41), verificando-se, assim, uma entrada na língua do adjectivo participial anterior ao verbo.

IMPETRAR, vb. (1) ‘pedir, implorar, rogar, suplicar’.

*e lhe apresentarem rrotullos e soplicações, **impetrando** d’elle graças na forma que sse costuma demandar,* (396.50).

Etimologia: do lat *impētrō, ās, āre, āv ī, ātum*.

Tipo de unidade: importação (latinismo)

Atestações simultâneas: BENF, REIX, VITA, SBER.

Obs.: Com ocorrências em outras obras como CP, segundo MD-CF e BLem, *Virgeu de consolaçon* e ChPortDuarte, em MD-CF e 1454 *Desc. Port.*, em RLor.

¹³⁰ Cf. introdução a Houaiss, campo da datação, ponto 4.3.5 “Em casos isolados, haverá discrepância entre a data apurada para um vocábulo português e aquela dicionarizada para o seu étimo numa língua estrangeira. Quando tal coisa sucedeu, o campo da datação foi preenchido e, por vezes, fez-se a enumeração das formas históricas documentadas, admitindo que o fato talvez se devesse a diferenças entre as fontes do português e as fontes da língua estrangeira usadas para a determinação da etimologia:” e campo da etimologia, ponto 44.6: “Na etimologia de vocábulos provenientes de outras línguas que não o latim e o grego, regista-se o étimo próximo em itálico, com inserção, entre parênteses, em redondo, da data de sua primeira ocorrência na língua estrangeira (se a data se encontra consignada nas fontes consultadas)”.

IMPOSSÍVEL, adj. (3) ‘que não tem possibilidade; irrealizável’.

*posto que gram desejo d’esto ouvessem, hũa tall contradiçom que nẽhũu pensava seer cousa pera acabar, posto que começada fosse, e quasi **impossivell** de seer.* (308.29).

Outras ocorrências: 484.40,49.

Etimologia: do lat. *impossibilis*, e.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LEAL, REIX, VERT, SBER, FRAD.

Obs.: Rlor apresenta ainda 1436 *Desc. Port.*

INDIGNAMENTE, adv. (1) ‘de forma não digna’.

*rrequerido no começo d’esta guerra per el-rrei dom Henrique que lhe desse tregoa, per nẽhũa guisa lha quis outorgar, teendo que ell **endinamente** ocupava os rreinos de Castella que per herança dereita conviinhm aas filhas d’el-rrei dom Pedro seu irmão,* (141.17).

Etimologia: de indigno + *-mente*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: VERT.

Obs.: MD-CF e BLEM registam também a sua ocorrência em CP e em LEAL.

O adjectivo está atestado no século XIV.

INTRÍNSECO, adj. (1) ‘inerente; peculiar’.

*a primeira, porque aquello que em algũus he causa **intrinseca** das outras maneiras de sandice he em estes causa de taaes amores:* (220.41).

Etimologia: do lat. *intrinsecus*, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIX, SEGR, SBER.

ITÁLICO, adj. (9) ‘relativo ou pertencente à Itália antiga’.

*Elle morto, ficarom em Rroma dezeseis cardeaaes, scilicet, doze ultramontanos e os outros **itallicos**, aos quaaes perteencia o direito de enleger;* (386.31).

Outras ocorrências: 386.44; 387.51, 52, 53; 388.81; 392.36; 395.20; 396.35.

Etimologia: do lat. *itālicus*, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: SBER, SEGR.

Obs.: BLEM e MD-CF com indicação da forma *Ytalica* em CGE, como *nomp*.

JAQUE, s.m. (2) ‘espécie de saio militar’.

*As armas mandou el-rrei mudar a esta guisa: do cambais mandou que fizessem **jaque**; e da loriga, cota; e da capelina, barvuda com camalhom; e os que eram bem armados haviam de teer barvuda com seu camalho e estofa e cota e **jaque** e coxotes e canelleiras franceses e luvas e estoque e daga e grave.* (305.58, 61).

Etimologia: do fr. ant. *jaque*. Segundo Houaiss, “a tradição lexicográfica costuma apontar como orig. do fr. o esp. antigo *jaque* (mod. *jaco*) ‘cota de malha de manga curta’ <

ár. *xaqq*, étimos rejeitados no TLF [Trésor de la Langue Française], dic. em que se diz que o fr. é que foi o idioma irradiador do voc. para as outras línguas românicas; s.v. *jaque*, Corominas não registra a acp. *jaco*; afirma apenas que na acp. aragonesa ‘cada uma das duas bolsas dos alforjes’, o voc. tem uma var. *jeque* ‘id.’ que provém do ár. *xiqq* ‘metade de uma coisa, parte de um todo’, der. do v. ár. *xaqq* ‘rachar, dividir’; segundo o autor, o subst. ár. *xaqq* ‘entre pernas’, der. da mesma raiz, tem tb. o sentido nuclear de ‘divisão em duas partes’ ”¹³¹.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: CESA.

Obs.: Viterbo refere que na “Na Baixa Latinidade se disse *Jacke*, ou *Jacque*”¹³².

LADEIRA, s.f. (1) ‘inclinação de terreno; encosta de montanha’.

e hindo assi cuidando, oolhou por deante pello caminho contra hũuas aldeas altas que ssom acerca de Villa Boim, e vio nas ladeiras a carriagem e homens de pee que hiam hordenados como compria; (430.35).

Etimologia: fem. substv. de *ladeiro*.

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Atestações simultâneas: LEAL, COND.

Obs.: O adjectivo está atestado no século XIV¹³³.

LANÇADOR [lançador a tavolado], s.m. (1) ‘praticante de exercício militar antigo que consistia em lançar por terra um castelo de madeira com tiros de arremesso’.¹³⁴

Era cavallgante e torneador, grande justador e lançador a tavollado; (3.16).

Etimologia: rad. do part. *lançado* + -or.

Tipo de unidade: derivação sufixação.

Atestações simultâneas: CAVA.

Obs.: JPM não regista este vocábulo e AGC propõe no suplemento à segunda edição, para a forma *lançador*, a data de 1634 (MNor 52.16). Por sua vez, Houaiss antedata AGC (1597 cf. DioD⁵), mas ainda em data muito posterior a LOPF. RLor, a propósito da entrada *tavolado*, na correcção a JPM, apresenta a seguinte abonação da *Cronica Troiana*: “bufurdando et lançando a trauado” (II. 242.13), o que vem provar tal prática muito antes de LOPF. Assim, será de crer que a designação do executante de tal exercício, o *lançador*, não seja apenas criação na época de Avis, mas sim de registo mais antigo. BLEM e MD-CF apresentam, por exemplo, a forma *allançador*, com atestação na CGE. Por outras palavras, se o verbo *lançar* está atestado no século XIII, e na língua dessa altura já se verificava, embora em menor quantidade, a formação de palavras derivadas por sufixação, nada garante que este derivado não fosse de utilização oral corrente, muito anterior, em redor desta temática.

O VH-CPM apresenta esta palavra com uma abonação trocada de LOPP em vez de LOPF.¹³⁵

O verbo está atestado no século XIII.

¹³¹ Em CF² encontramos “de *Jacoh*, n. p., segundo Körting”.

¹³² Cf. Viterbo, s.v. *jaqueta*.

¹³³ Houaiss e AGC apenas apresentam o século. BLEM indica apenas obra, CGE. A localização completa encontra-se em RLor, que corrige JPM: “«e guyouhos muy bem o pastor per hũa costa *ladeira*» Cr.1344 (281aV)”.

¹³⁴ Cf. Morais⁴, s.v. *tavolado*.

¹³⁵ Cf. p. 35, alínea E).

LANÇAMENTO, s.m. (1) ‘entrada’.

*Outros afirmam este **lançamento** do conde dom Fernando dentro na villa muito pello contrairo, (112.48).*

Etimologia: de lançar + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: SEGR, SBER.

Obs.: MD-CF com indicação de atestação também em VITA.

O verbo está atestado no século XIII.

LAVRAMENTO, s.m. (1) ‘cunhagem de moeda’.

*e per tall **lavramento** gaanhava el-rrei em cada marco de prata quatro libras e quatorze solldos, e d’aqui pagavom os custos. (189.58).*

Etimologia: de lavar + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: VERT¹³⁶.

Obs.: O verbo *lavar* está atestado em 1209.

MD-CF não regista a abonação de LEAL, mas apresenta uma abonação de Gomes:Vitoria¹⁴ (*Mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XV*).

O verbo está atestado no século XIII.

LEGÍTIMO, adj. (5) ‘concebido no matrimónio; lido, verdadeiro’.

*que pois el-rrei dom Pedro era morto, que el ficava erdeiro nos rreinos de Castella e de Leom, ca era bisneto **legítimo** d’el-rrei dom Sancho de Castella, (101.22).*

Outras ocorrências: 210.46; 549.57; 554.41; 611.23.

Etimologia: do lat. *lēgītīmus*, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, REIX, LOPP, SOLI, FRAD.

Obs.: Houaiss não leva em consideração a proposta de AGC, do século XIII, nem a correcção apresentada por RLoR a JPM³ (sem indicação), do século XVI para o XIII em *Foro Real*, abonação também constante em BLeM. Segundo MD-CF, também atestado em *Primeira Partida* e *Terceira Partida* de Afonso X e ChUniPort (vol. 1, 1300).

LIGA, s.f. (6) ‘aliança, pacto, ligação’.

*e lhe rrequerio que pollo gram divedo de linhagem que antre as casas d’Ingraterra e de Castella ouverom em hũu, desi pollas **ligas** e amizades que com o dito rrei meu senhor e comigo tiinha feitas, o quisesse ajudar a cobrar seu rreino e senhorio. (28.34).*

Outras ocorrências: 238.45; 297.17; 298.26; 344.38; 409.15.

Etimologia: regr. de *ligar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: LOPP.

¹³⁶ O VH-CPM, além da abonação de LOPF, apresenta uma outra como sendo de LEAL, o que na verdade corresponde a VERT, com o significado de ‘bordar’: “*E trabalharssea dauer muy fremosos lenções bem largos e bem obrados de lauramento [...]*.”. Cf. p. 35, alínea E).

Obs.: Em BLEM todas as ocorrências lematizadas para o verbo *ligar*, com indicação da possibilidade de vb/nomc.

O verbo está atestado no século XIII.

MAÇAR, vb. (1) ‘golpear, dar pancada com maça ou maço’.

ca o corpo era bem armado de hũuas assaz cortes solhas, de guisa que os golpes maçavom o corpo e nêhũu damno faziam na carne: (485.60).

Etimologia: de maça + -ar.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, COND.

Obs.: JPM³ apresenta uma abonação de REIS “«... (...) e outros tomauão della & tostauanna e maçauanna & bebiaõ della...», Reis⁵, p. 99”. BLEM e MD-CF com indicação de atestação em CGE (*maçou*).

O substantivo está atestado no século XIV.

MANADA, s.f. (1) ‘rebanho de gado, especialmente bovino, cavalor ou muar’.

e como foram em seu poder, trauntavom-nas de tall guisa que hũu levava depois viinte e trinta ante ssi, como manada de mansso gaado. (457.62).

Etimologia: Para Houaiss “de orig. contrv.; do esp. *manada*, segundo Corominas, der. de *mano* ‘mão’ (< lat. *mānūs*, *ūs*) + suf. -ada, origin. ‘o que cabe na mão, punhado’, depois ‘ajuntamento, grupo, conjunto de pessoas ou animais reunidos’ e, com restrição de sentido, ‘ajuntamento de animais, esp. gado’; na tradição de Leite de Vasconcelos, propõe-se tb. o lat. medv. **manuata*, fem. substv. de *mānūātus*, a, um, part. pas. de *mānūāri* ‘rapinar, roubar’, der. do lat. *mānūs*, *ūs* ‘mão’”.

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Atestações simultâneas: FRAD, SBER, VERT, CONT.

Obs.: Houaiss data esta palavra do século XV (cf. FichIVPM). BLEM apresenta uma abonação da CGE, também referida por MD-CF, que acrescenta ainda VITA e ELOY. RLor, no entanto, antedata o século XVI proposto por JPM para 1222 “(trad.) «ao da manada das ovelhas quatro quarneiros e da manada das vaquas huma vaqua» (*Leges* 590); 1223 (trad.) «da manada das ovelhas... da manada da uacas» (id. 596)”.

MARÉ, s.f. (1) ‘movimento periódico das águas do mar’.

mas taaes avia hi dos mareantes que eram muito contrairos a esto, dizendo que as gallees per esta guisa hiam em muito gram periigo, porque quando vehesse a jusante da maree lança-llas-hia em poder da frota de Portugall, (143.20).

Etimologia: do fr. *marée*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: LEAL.

Obs.: Houaiss, que apresenta o século XV (cf. FichIVPM), não leva em consideração a data de AGC de *maree* XIV, nem a de JPM³ que apresenta uma abonação de 1377 “«se ujerem quatro ou çinquo baixees de hũua maree», Desc., I, S., p. 53”, sem fazer qualquer referência a RLor, que corrige o século XVI apresentado na primeira edição. BLEM apresenta ainda a indicação de ocorrência em CP.

O VH-CPM não indica a abonação de LOPF.

MEDIANEIRO, s.m. (1) ‘mediador’.

*vos rrogamos e rrequirimos da parte de Deus e do martir Sam Jorge que sse vos praz que nós sejamos boom **medianeiro** antre o dito rrei dom Pedro e vós, que no-llo façaes saber, (29.48).*

Etimologia: de mediano + -eiro.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, REIX, FRAD, VERT.

Obs.: Houaiss data esta palavra, como adj.s.m., do século XV (cf. FichIVPM), com indicação de que a datação é para o adjetivo. No entanto, JPM³ apresenta já o século XIV, indicando a proposta de RLor: “«ou rrazõ *medianeira* ontre os omês», versão galega da *General História*, 260,33”. Para o substantivo, RLor apresenta ainda uma abonação de VITA.

Para o adjetivo *mediano*, está registado o século XVII em JPM³, que RLor não corrige¹³⁷, o XV em AGC e Houaiss e, segundo MD-CF, o XIV, com várias abonações da GenEst.

O adjetivo está atestado no século XV.

MINGUADAMENTE, adv. (1) ‘de modo minguado; escassamente’.

*e depois a leixou, e viveo **mingoadamente**, morrendo mui afastada do que a sua honrra perteezia. (186.42).*

Etimologia: de minguado + -mente.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: SEGR.

Obs.: O adjetivo está atestado no século XIII.

MONSTRO, s.m. (1) ‘qualquer ser ou coisa contrária à natureza; anomalia’.

*e d’esta guisa, por nossos peccados, foi estonce o corpo mistico da Egreja feito com duas cabeças, assi como corpo **monstruu**, que era fea cousa de veer. (411.71).*

Etimologia: do lat. *monstrum*, i.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: CESA.

Obs.: Para JPM³ do século XVI, sem correcção de RLor, com abonação d’ *Os Lusíadas* “«...olha o assento / De Pegu, que já mōstros poucoaram, / Mōstros filhos do feo ajuntamento / Dhũa mulher & e um cão», *Lus.*, X, 122”

MORGADO, s.m. (1) ‘bens vinculados em certos sucessores de uma família, a quem vão passando sem se poderem vender ou dividir’.

*Joham Lourenço da Cunha, filho de Martim Lourenço da Cunha, senhor do **moorgado** de Poombeiro. (198.23).*

Etimologia: do lat. medv. *maioricātus* (der. do lat. *māior*/maior, *ōris* ‘mais velho’).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LOPP.

¹³⁷ RLor apresenta antedatação a JPM para *medianeiro* com uma abonação de GenEst, mas não para *mediano*, com várias ocorrências nesta mesma obra, segundo MD-CF.

Obs.: JPM³ apresenta uma datação anterior para a forma *maiorgado*, em 1317: “«E assi deuent herdar o dicto feu, per maneyra de *mayorgado*...», em *Desc.*, I, p. 28), forma histórica que Houaiss não tem em consideração. BLeM apresenta também a indicação de registo em CP. Para Kremer 1397.

MOSTRANÇA, s.f. (3) ‘mostra, aparência’.

*e todos lhe conselharom que todavia posesse a batalha, ca sse soamente fizesse **mostrança** e possese duvida em nom querer pellejar, que os mais do rreino se partiriam d’elle e se hiriam pera el-rrei dom Pedro, (23.64).*

Outras ocorrências: 400.33; 443.4.

Etimologia: de mostrar + *-ança*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: OFIC, LEAL, CAVA, REIX, VERT, SEGR.

Obs.: Sem registo em Houaiss. Segundo MD-CF, também atestado em VITA, com a forma *mostrança* e em ChPortDuarte com plural *mostranças*. JPM³ apresenta uma abonação de 1426 (*Desc.*, I, S., p.107) “«com *mostranças* fingidiças e non uerdadeiras»”, sem fazer qualquer referência a RLor, que a acrescentou à sua primeira edição.

O verbo está atestado no século XIII.

MUDA, s.f. (1) ‘o processo de troca parcial ou total da plumagem’.

*ca ell mandava chamar todos seus monteiros, no tempo pera ello perteente, e nom sse partiam de sua casa ataa que os falcoões sahiam da **muda**, (4.40).*

Etimologia: regr. de *mudar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: CITR.

Obs.: Relativamente a CITR, a informação mais generalizada é que é um texto do século XV conservado em um manuscrito do século XVI. MD-CF apresenta também uma abonação de *Livro de Falcoaria do Emperador Enrique da Alemanha*.

O verbo está atestado em 1262.

MULTIPLICAÇÃO, s.f. (1) ‘acto ou efeito de multiplicar’.

*e davam-lhe por ella viinte e sete livras, que eram viinte e sete barvudas, nom parando mentes aa fraqueza da moeda mas aa **multiplicaçom** das livras. (190.98).*

Etimologia: do lat. *multiplīcātio*, *ōnis*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: REIX, SEGR, VERT, FRAD.

NEBRI, adj. (1) ‘espécie de falcão usado em altanaria’.

*Quando mandava fora da terra por aves, nom lhe tragiam menos de cinquenta antre açores e falcoões **nevrís** e girofalcos, todos primas. (4.48).*

Etimologia: prov. esp. *neblí*. Segundo Houaiss, para “Corominas, prov. alt. de **niblo*, pal. irmã do it. *nibbio* ‘milhafre’ < lat.vulg. *nibŭlus* < **milvŭlus*, dim. de *milvus* ‘id.’; o vocábulo alterou-se na Espanha muçulmana por haver sido popularmente relacionado com o nome da cidade de *Niebla*”.

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Atestações simultâneas: CITR.

OBJECTO, s.m. (2) ‘tudo o que é perceptível por qualquer dos sentidos’.

*he tam doente em taaes homêes que nom julga o **ogeito** da cousa que vee tall quall elle he mas tall quall a elle parece; ca ell jullga a ffea por fremosa, e aquella que traz damno seer a elle proveitosa; e portanto todo juizo da rrazom he sovertido acerca de tall **ogeito**, (220.45, 48).*

Etimologia: do lat. *objectūs, ūs*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: BENF.

Obs.: Também atestado em VITA, segundo MD-CF.

PASSEAR, vb. (2) ‘andar a passo, mover-se devagar’.

*E andando-sse Joham Fernandez **passeando** pella camara com aquell veeo na mão, ficou-sse em joelhos ante ella, (488.32).*

Outras ocorrências: 571.23.

Etimologia: de *passo* + *-ear*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LOPP, CAVA.

Obs.: O substantivo está atestado em 1008¹³⁸.

PASTA, s.m. (1) ‘porção de matéria sólida aglutinada’.

*e que levou dezooito quintaaes d’ouro em **pasta** pera dar a el-rrei d’Aragom por este casamento, (157.20).*

Outras ocorrências: 162.36.

Etimologia: do lat. *pāsta, ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LEAL.

Obs.: BLem, para a forma *pastas*, apresenta ainda uma ocorrência em CAVA, o que se veio a verificar uma troca do ‘a’ pelo ‘o’: “O primeiro, temor das penas do inferno e das leix presentes postas per os senhores ou per aquelles que sobre nos teem poder e regimento” (Piel 1986:93).

PEDINTE, s.m. (2) ‘aquele que pede’.

*e segundo ainda dito dos santos mais justa cousa he castigar o **pedinte** sem necessidade que lhe dar esmolla, (314.84, 109).*

Outras ocorrências: 314.109.

Etimologia: de *pedir* + *-nte*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, SEGR.

Obs.: O verbo está atestado em 1152.

¹³⁸ Houaiss indica, indevidamente, a data a partir de JPM³, uma vez que este não faz qualquer referência à correcção que Rlor lhe faz, pois a datação da primeira edição era de 1084 (Rlor 1968:272).

PEJADO, adj. vb. (1) ‘que tem a capacidade completa; repleto, pesado’.

Em esto encherom-sse as gallees de Castella de tantos homens que as faziam mais de pejadas que de ligeiras, e começaram de rremar contra as naaos e gallees dos portugueses. (262.53)

Etimologia: part. de *pejar* (de *peia*).

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: CAVA.

Obs.: Com o significado primitivo de *peia*, no sentido de tal situação provocar ‘embaraço, impedimento, empecilho’.

O substantivo está atestado em 1111.

POIMENTO, s.m. (1) ‘acção de pôr ou depositar’.

efoi-sse pera elle, de que foi bem rrecebido e dos senhores da corte, e pôs-lhe el-rrei grande poymento de dinheiros e deu-lhe terras e fortellezas, (384.36).

Etimologia: de *poêr* + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: LOPP, SEGR.

Obs.: Primeira atestação em LOPP, segundo RLor. Com registo em CF.

O verbo está atestado no século XIII.

POLÍCIA, s.m. (1) ‘cultura, civilização’.¹³⁹

E feito hũu dia juntamente de todos pera ouviir porque eram chamados, propôs hũu por sua parte dizendo que antre todallas obras da pollicia e rregimento do mundo nom fora achada nêhũa arte melhor nem mais proveitosa pera mantiimento e vida dos homens que era a agricultura. (311.17)

Etimologia: do lat. *pōlītīa*, *ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: BENF, VERT.

Obs.: Termo utilizado na verdadeira acepção do grego *politeía*, *as*.

POTÊNCIA, s.f. (1) ‘faculdade; virtude’.

porque a virtude extimativa, que he emperatriz das outras potencias da alma acerca das cousas senssivees, he tam doente em taaes homens que nom julga o ogeito da cousa que vee tall quall elle he mas tall quall a elle parece; (220.43).

Etimologia: do lat. *pōtentīa*, *ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LEAL, FRAD, TERS, SEGR.

Obs.: Em MD-CF também com indicação de VITA.

¹³⁹ Segundo Morais: “cultura, perfeioamento de nação culta, e politica, ou polida, nas obras de mecanica, no saber, artes liberais, racionais, no governo, e administração interna da Republica, principalmente no que respeita ás comodidades, i.é, limpeza, aceyo; fartura de viveres, e vestiaria; e á segurança dos Cidadãos”. Veja-se ainda o seguinte verso d’ *Os Lusíadas*: “Na polícia da vossa Europa rica” (VII.12.8).

PRASMADO, adj. vb. (5) ‘censurado admirado’.

*a estes assiinadamente mostrava el-rrei grandes gasalhados e partia com elles muito graadamente, entanto que era **prasmado** d’os de sua terra, (93.12).*

Outras ocorrências: 120.50; 254.107; 534.41, 596.88-89.

Etimologia: part. de *prasmare* (do cast. *blasmar*).

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Atestações simultâneas: OFIC, LEAL, CAVA, COND, REIX.

Obs.: Cf. nota sobre o significado de PRASMARE.

PRASMARE, vb. (4) ‘censurar, acusar’¹⁴⁰.

*tall que nêhũa por estonce era a ella semelhavell em bem parecer e dulcidom de falla, sofrendo-nos porém de a **prasmare** d’algũuas cousas em que nom onesto e muy solltamente fallarom. (227.9)*

Outras ocorrências: 230.79; 255.113; 443.11.

Etimologia: segundo CF²⁵ do cast. *blasmar* (do lat. *blasphēmō*, *ās*, *āre*, -, -).

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, CAVA, OFIC, LOPP, VERT.

Obs.: Ainda sem registo no CIPM.

PRASMO, s.m. (2) ‘censura, acusação’.¹⁴¹

*«Senhor, bem vos diz minha senhora, rrecebe-a vós, pois aqui estaaes, ca vos nom he **prasmo** nêhũu: (358.110).*

Outras ocorrências: 363.70.

Etimologia: regr. de *prasmare*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: BENF, CAVA, OFIC, LEAL, REIX, LOPP, VERT.

Obs.: O verbo está atestado em 1344.

PRECATAR, vb. (1) ‘acautelar(-se), prevenir(-se)’.

*que por covardo encaminhamento lhe faziam entender que sse non triguasse a poer batalha, ca onde sse nom **percatasse**, toda Castella lhe obedecería; (121.58);*

Etimologia: segundo Houaiss, de origem obscura. AGC e JM acreditam estar relacionado a *precauer*, já Nascentes relaciona ao espanhol *precatar* ‘advertir, considerar’, com troca de prefixo (*per* por *pre*). Este verbo espanhol, composto de *per* + *catar*, segundo o *Diccionario de la Lengua Española*, apresenta, no entanto, significados mais próximos do contexto de LOPF do que os apresentados, como ‘advertir, considerar, cuidar’ e ‘darse cuenta clara de algo, tomar conciencia de ello’.

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Atestações simultâneas: ESOP.

¹⁴⁰ Segundo Morais: “reprehender de algum vício, ou acção malfeita” e Viterbo: “vituperar, arguir, estranhar, criticar, reprehender, abominar”.

¹⁴¹ Segundo Morais: “censura, repreensão, nota” e Viterbo: “nota, mancha, culpa, defeito, censura, vituperio”.

Obs.: A propósito do *Livro do Esopo*, Ivo Castro refere que Leite de Vasconcelos, “observa que o manuscrito, sendo paleograficamente datável do século XV, apresenta alguns arcaísmos de linguagem que levam a supor seja cópia de uma tradução mais antiga (século XIV)”¹⁴². Ainda sem registo no CIPM.

PRINCESA, s.f. (1) ‘mulher de príncipe’.

*El-rrei dom Pedro, mui ledo da rreposta, foi entanto veer a **princesa** sua molher em hũa villa que dizem Guchesma, (17.12).*

Etimologia: do fr. *princesse*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Atestações simultâneas: BENF, VERT¹⁴³.

Obs.: Pelas obras em que está atestado, e mesmo pela etimologia, é tentador considerar-se este termo mais próximo do francês do que do latim. Atribuir-lhe, no entanto, a certeza de ser através da tradução para português do *Le Livre de Trois Vertus* de Christine de Pizan que entra na língua é algo mais difícil de sustentar. A possível proximidade da versão para português e mesmo da relação entre estas¹⁴⁴, dificulta a tarefa. Se para a *Vertuosa Benfeytoria*, Adelino Calado (1994:XX, XXXVIII, XL) situa a sua feitura entre 1418-1425, como mais provável 1429¹⁴⁵, M^a de Lourdes Crispim, que elabora esta edição crítica das *Tres Vertudes*, apresenta algumas hipóteses mais conjecturais (p. 35), sobre esta tradução, de qualquer forma posteriores. Em uma delas figura a possibilidade de não ter ocorrido em Portugal, mas sim na corte de Borgonha entre 1430-1455 e enviada, posteriormente, à corte portuguesa (p.33). Não querendo fazer depender, exclusivamente, informações lexicais como um caminho a ter em conta na possível datação de textos medievais, neste caso até forçado, o facto é que tais elementos podem revelar-se um contributo importante. Uma coisa é certa, existe um número razoável de palavras que apenas ocorre, por exemplo em CESA e VERT que não deverão deixar de ser levados em conta no enriquecimento, directo, do léxico do português.

PROSEGUIMENTO, s.m. (2) acto de prosseguir’.

*Desi trabalhou logo d’encaminhar com os fidallgos que maneira aviam de teer no **proseguimento** da guerra e por que preço cada hũu, (169.17).*

Outras ocorrências: 177.13.

Etimologia: de prosseguir + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, OFIC.

Obs.: O verbo está atestado no século XIV.

QUERENÇOSO, adj. (3) ‘que sente afecto, amor; afectuoso, amoroso’.

*El-rrei dom Fernando era grandioso de voontade e **querençoso** d’aquello que todollos homẽes naturallmente desejam, que he acrecentamento de sua boa fama e honrroso estado: (91.3-4).*

¹⁴² Cf. Tavani 1993: 408, s.v. *Livro do Esopo*.

¹⁴³ Podem ainda ser encontradas mais duas ocorrências em *História dos Reis de Portugal* in *Crónica Geral de Espanha de 1344*, segundo MF-CF.

¹⁴⁴ Cf. Tavani 1993: 683.

¹⁴⁵ Em MF-CF as datas apresentadas são de 1430-1443.

Outras ocorrências: 348.54; 351.3.

Etimologia: de querença + -oso.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF.

Obs.: Houaiss (tal como RLor) apresenta a *Crónica de D. Pedro I*, de Lopes, como primeira datação (cf. FLCron). O VH-CPM apresenta uma abonação de BENF que ainda não consegui localizar.

O substantivo está atestado no século XIII.

RATIFICAR, vb. (2) ‘confirmar, validar’.

*e el-rrei dom Pedro mandou outra vez Joham de Cayom seu alcaide-moor que chegasse a el-rrei dom Fernando e lhe rrequerisse que **rratificasse** outra vez a amizade que feita aviam; (47.52-53)*

Outras ocorrências: 401.68

Etimologia: do lat. medv. *ratificare*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: FRAD.

Obs.: Houaiss não leva em consideração a antedatação de 1409, indicada em JPM³, proposta por RLor, com a variante *retificar* “«delle Retificar o dicto testemoyo» (Ferreiro VII, 32.5)”. Eventualmente, o excerto é curto para deduzir o significado preciso¹⁴⁶, ficando a hipótese de ter considerado esta uma variante do verbo *re(c)tificar*. Tal hipótese não se vem a confirmar, uma vez que o data do século XV, remetendo para o FichIVPM¹⁴⁷. O substantivo *ratificação* tem ocorrência anterior, em REIX.

RECLAMAR, vb. (1) ‘opor-se por meio de palavras; queixar-se’.

*presente a rrainha dona Johana e outros muitos que dizer nom curamos, **rreclamou** os esposoiros e casamento que avia feito com o conde, (336.34-35).*

Etimologia: do lat. *rēclāmo, ās, āre, āvī, atum*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: FRAD.

Obs.: A datação para este verbo é posterior ao seu derivado nominal *reclamação*, com datação proposta por RLor para 1409.

REGUARDA, s.m. (2) ‘retaguarda’.

*sem mais deteença se foi rrijamente à **rreguarda**, onde viinha Gonçallo Vaasquez d’Azevedo, e deu-lhe aquellas meesmas novas; (431.56).*

Outras ocorrências: 532.26.

Etimologia: do it. *retroguardia*.

Tipo de unidade: importação (italianismo).

Atestações simultâneas: REIX, COND.

Obs.: Em Houaiss é possível verificar, na entrada *retaguarda*, a indicação “registram-se as f. *reguarda* e *retroguarda* no sXV”. No Elucidário, podemos encontrar a seguinte explicação: “era o que hoje dizemos *Retaguarsa*, que he o ultimo esquadrão na batalha. Nella costumavão pôr os

¹⁴⁶ Veja-se, a este propósito, a observação de Mateus (2010:98, III vol., nota 2)

¹⁴⁷ No VH-CPM apenas ocorre uma abonação de REIX.

soldados, de quem se fazia menos confidencia. Entre os grandes Privilegios que ElRei D. Diniz concedeo aos Cavalleiros da Villa de Aljazur no Alemtejo foi, que nunca *na Oste* tivessem o lugar da *Reguarda*, por ser o menos perigoso.”

REPARTIR, vb. (6) ‘dividir(-se) em partes, separar’.

*e por o gram pesar que el-rrei d’esto ouve, se partio assi e se foi pera a villa de Touro; e d’alli **rrepartio** suas gentes aa frontaria de Graada, (117.66).*

Outras ocorrências: 143.14; 195.71; 320.36; 327.64; 430.23.

Etimologia: de re- + *partir*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Atestações simultâneas: OFIC, LEAL, REIX, COND, LOPP, FRAD, VERT.

Obs.: O verbo está atestado no século XIII.

REPOSTEIRO-MOR, s.m. (1) ‘fidalgo que serve um rei, rainha, ou pessoa nobre, em seus aposentos’

*E sse algum disser quem husava ante das cousas que a estes cavalleirosos officios pertence, dizee-lhe que fazia todo o alferrez-moor; e o officio que agora he do camareiro-moor suhia de seer do **rreposteiro**-moor. (524.42).*

Etimologia: do lat. **repositarius*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LOPP.

Obs.: O VH-CPM apresenta, em entrada separada, *reposteiro*, com abonações de REIX e 1365 CAMP. O mesmo se verifica em Houaiss, com datação de 1320 (cf. RLor) e com três acepções: 1 cortinado que serve para substituir ou dissimular uma porta; 2 pano ou peça de estofa que, a modo de cortina, cobre as portas interiores dos palácios, de casas, igrejas etc. 3 (1552) criado do paço a quem compete cerrar os reposteiros”. Confrontando o significado da terceira acepção com aquele que apresenta para a entrada *reposteiro-mor* (‘fidalgo que, nas grandes solenidades, descobria a cadeira dos soberanos e colocava almofadas para que eles se ajoelhassem’), sem datação, parecem ser muito restritos, tendo em conta a própria justificação textual de Lopes.

REPOUSAR, vb. (1) ‘descansar’.

*e chegou el-rrei a hũa villa do iffante dom Pedro que dizem Arrens, e alli esteve dous dias **rrepousando**; (59.52)*

Etimologia: do lat. *rēpausō, ās, āre, -, -*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: LEAL, OFIC, COND, TERS, VERT.

Obs.: Ainda sem registo no CIMP.

REQUESTA, s.m. (8) ‘querela, briga, contenda’.

*eu nom erreí em me armar contra vós, salvo contra el-rrei dom Pedro, cuja he a **rrequesta** d’esta batalha». (38.38).*

Outras ocorrências: 434.27,44; 435.1; 437.1; 438.42,49,52.

Etimologia: regr. de *requestar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: COND, VERT.

Obs.: O verbo está atestado no século XV.

REQUESTAR, vb. (4) ‘procurar, buscar, granjear’.

Como Nun’Allvarez mandou rrequestar Joham d’Azores, filho do meestre de Santiago, e a rrazom por que sse demoveo (433.1).

Outras ocorrências: 433.16,22; 437.22.

Etimologia: do lat. vulg. *requaesitāre. Segundo Houaiss, “v. freq. do lat. vulg. requaerere ou do lat. cl. rēquīro, īs, ěre, quīsīvī, quīsītum, ‘buscar, procurar, por muito tempo’ ”.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: OFIC, COND.

Obs.: Ainda sem registo no CIMP.

RIA, s.m. (1) ‘canal ou braço do mar’.

e rremarom pera a outra parte d’aalem contra Rribatejo e meterom-sse em certas rrias que hi há, onde nom podiam rreecer nojo ainda que as gallees dos emmiigos as seguir quiseram. (263.60).

Etimologia: do esp. *ria* (1495).

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Obs.: O VH-CPM apenas apresenta uma abonação de LOPF, mas Houaiss apresenta a data de 1416 (cf. Desc), provavelmente de RLor, que corrige o séc. XVII apresentado por JPM, segundo Moraes.

Quanto à data apresentada por Houaiss para a etimologia espanhola (1495), ela é tardia. No CORDE é possível identificar este vocábulo na *Crónica de veinte Reyes*, no ano de 1325: “e el rio dende que es fuerte e peligroso, e si se non adobasen esta, puede que seria grant dapño de toda esa **ria** e grant peligro de aquellos que por ende pasasen”.

ROMPIMENTO, s.m. (1) ‘abertura’.

e fezerom a pressa correger mui bem aquell rrompimento do muro, porque em outro dia esperavom semelhante e muito moor combato, (66.44).

Etimologia: de romper + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: CAVA, REIX, FRAD.

Obs.: O verbo está atestado em 989.

RÓTULO, s.m. (1) ‘rolo de pergaminho em que se escrevia’.

E sse o por medo enlegerom e nom aviam por verdadeiro papa, quem os costrangeo a gaanhar d’elle graças e beneficios pera ssi e pera seus servidores e amigos, e lhe apresentarem rotullos e soplicações, impetrando d’elle graças na forma que sse costuma demandar, (396.49).

Etimologia: do lat. *rōtūlus*, i.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: SEGR.

SAGEZA, s.f. (1) ‘sabedoria, prudência’.

*Este conde dom Joham Affonso que dissemos era estonce o moor privado que el-rrei dom Fernando avia e de que moores cousas fiava por sua discriçom e **sajeza**, e seeria de hidade de saseenta anos. (165.5).*

Etimologia: de sage + -eza.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: SBER, VERT.

Obs.: O adjectivo está atestado no século XIII.

SACRISTIA, s.f. (1) ‘asa anexa a uma igreja’.

*Os seus, quando virom que el esto mandava fazer aos frades, quiserom rroubar a **sancristia**, (266.45).*

Etimologia: do lat. medv. *sacristia*, *ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: SINA.

Obs.: Houaiss apresenta uma entrada mais antiga *sancristia* (XV cf. FichIVPM) remetendo para *sacristia*, com data, em itálico, de 1651, sem qualquer remissão à anterior. Seria pertinente, pois, a informação da f. hist. do século XV *sancristia*.

SEGUIMENTO, s.m. (1) ‘consequência, resultado; continuação’.

*E pois elle e el-rrei dom Henrrique eram na Espanha dous fiees defensores da ffe, que nom quisessem tam a meude arder em guerra, por **seguimento** de nom justas vontades, (284.23).*

Etimologia: seguir + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, CAVA, SEGR.

Obs.: O verbo está atestado no século XIII.

SEM-RAZÃO, s.f. (5) ‘injustiça, injúria, afronta, ultraje’.

*e que, pois elle era theudo de manteer seus poboos em dereito e justiça, que rrecebendo elles damno e **semrrazom**, e ell hi nom tornasse, que daria a Deus d’ello grave conta. (8.156).*

Outras ocorrências: 9.184; 326.29-30; 465.18; 518.29.

Etimologia: de sem + razão.

Tipo de unidade: composição.

Atestações simultâneas: REIX.

Obs.: Apenas com registo anterior em REIX, o que do ponto de vista também lexical, reforça a atribuição de autoria desta crónica a Fernão Lopes.

A preposição e o substantivo estão atestados no século XIII.

SERVENTIA, s.f. (1) ‘trabalho de servente, serviço’.

*e alli faziam audiencia a todollos que andavom servindo que demandados eram por quaaesquer cousas, por nom seerem torvados da **serventia**. (309.74).*

Etimologia: de servente + -ia.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: Desc.

Obs.: Houaiss apresenta o século XV remetendo para o FichIVPM. O IV-PMV não regista, porém, esta palavra¹⁴⁸, apesar de ter registo em AGC e Houaiss e este remeter para o FichIVPM. AGC, à semelhança de Houaiss, apenas apresenta o século. Só Rlor apresenta a data e a abonação com identificação da obra, informação aproveitada por JPM³: “1422 «...eram *seruementias*», em Desc., I, S., p. 101; em 1427: «...os lavradores desse termo ham tantas persseguiooes com cepta e ssysas e *seruintijas* pera as torres», *idem*, p. 479”. MD-CF apresenta ainda ocorrências em ChPortDuarte, Foraes¹⁴⁹.

SOLENIZAR, vb. (1) ‘comemorar ou celebrar publicamente; tornar solene’.

*Mas que ora, em cima de seus dias, posto atras seu desprezamento do mundo que ante mostrava, aceptara a enliçom que lhe fora feita, seendo coroado e **sollemnizado** por papa como nom devia, querendo seguir a vãagloria do mundo, sem curando da saude de sua alma nem do poboo cristaão: (392.45).*

Etimologia: de solene + -izar.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: FRAD.

Obs.: Para Rlor, 1448 em CDGH¹⁵⁰.

Ainda sem registo no CIMP.

O substantivo está atestado no século XIV.

TARI, adj. (1) ‘tipo de freio que faria parte do arreio a ginete’.

*e pagavom de solldo ao de cavallo **tari** com faca armado aa guisa, trinta solldos por dia, (119.17).*

Etimologia: (?)

Tipo de unidade: (?)

Atestações simultâneas: CAVA.

Obs.: Apenas registado em CF, com esta abonação de LOPF, mas sem significado.

TREMOÇO, s.m. (1) ‘grão de tremoceiro, planta leguminosa’.

*e compravom com ella hũa mealha de mostarda ou d’alfelloa ou de **tramoços** e semelhantes cousas: (188.38).*

Etimologia: do gr. *thermós* ‘quente’ (falando-se de banho, bebida, alimento etc.), pelo ár. *turmūs* f. vulg. de *turmus*. Corominas, (do hispanoárane *turmūs* (ár. *túrmus*) e este do grego *thermós* apresenta como primeira documentação a forma *altarmuz* em 1328-35 (*Conde Luc.*). Indica ainda *tremoço*, como forma portuguesa, e *entremoço* ou *atramoz* como castelhana, uma vez que o norte conservou o romance *llobí* de *lūpīnus*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Atestações simultâneas: CITR¹⁵¹.

¹⁴⁸ Se pesquisarmos a palavra *audiência*, reparamos que a abonação engloba a palavra *serventia* no final: “[...] alli faziam audiencia a todollos que andavom servindo que demandados eram por quaaesquer cousas, por nom seerem torvados da serventia. (sublinhado meu)”. Não se compreende, pois, a sua não inclusão.

¹⁴⁹ Obra apresentada sem qualquer outra indicação.

¹⁵⁰ Colección Diplomática de Galicia Histórica. Santiago de Compostela. Vol. I, 1901 (91.7,9).

TRASFEGO s.m.(1) ‘ação ou efeito de trasfegar, trasfega, trasfegadura’.

*Dona Maria avia ja ante d’esto rrecebidas novas d’algũus de casa d’el-rrei, assi parentes como criados, hũus d’ouvida e outros de presumçom, do **trasfego** que sse começava d’ordenar antr’ella e o iffante, percebendo-a que sse avisasse; e seendo torvada por taaes rrazões, estonce o foi muito mais quando vio o rrecado do filho; (366.44).*

Etimologia:, regr. de *trasfegar*, mas de origem obscura, segundo Houaiss. Corominas, com dúvida, propõe como hipótese dois étimos para o esp. *trasegar* (1493) antes *trasfagar*, o mesmo que o port. *trasfegar*, o lat. vulg. **transfricāre* ‘roçar prolongadamente, manusear’ com dissimilação do segundo -r-, ou o lat. vulg. **transfaecāre* ‘revolver as fezes’, de *faex*, *faecis* ‘fezes’.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Atestações simultâneas: 1436 (Desc. Port.c349.31).¹⁵²

Obs.: Houaiss dá a indicação de “s.m. (sXVI cf. DNLeFern) m. q. **trasfega** (s.f. (1858 cf. MS⁶) acção ou efeito de trasfegar; trasfegadura, trasfego”, pelo que se trata de uma antedatação. Para Kremer em 1366.

O verbo está atestado no século XIV.

VASILHA, s.f. (1) ‘vaso para guardar líquidos; pipa, tonel, barril’.

*e aas portas paredes travessas e pontes levadiças e cadafaises, e fornece-llos d’armas e cubas e d’outras **vasilhas**, segundo os logares honde cada hũus eram. (11.16).*

Etimologia: do b. lat. *vasilīa* (do lat. *vās*, *vāsis*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: FRAD.

VIROTÃO, s.m. (2) ‘grande seta’.¹⁵³

*O iffante com as gallees ante Lixboa, como os da cidade conhecerom que eram de Castella, começaram de lhe tirar aos trões e **viratoões**, e quiseram armar sobr’ellas; (450.43).*

Outras ocorrências: 485.57.

Etimologia: de *vira* + *-ote*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: REIX.

Obs.: O substantivo está atestado no século XIII.

VISTOSO, adj. (1) ‘que atrai a vista; agradável de ver’.

*Avia bem composto corpo e de rrazoada altura, fremoso em parecer e muito **vistoso**, (3.7).*

Etimologia: *vista* + *-oso*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: BENF, LEAL, OFIC.

Obs.: O substantivo está atestado no século XIII.

¹⁵¹ Indicação também referida por JMP³, s.v. *tremoço*: *Livros de Falcoaria*, no B.F.¹, I, p. 224.

¹⁵² Segundo JPM³, embora sem o referir, após correcção de RLor.

¹⁵³ Aumentativo de *virote* ‘seta pequena’, de *vira* ‘tipo de seta muito aguda’.

VOLTAR, vb. (4)

1. ‘virar’.

*e que estonce Fernam Sanchez de Thoar, que era hũu dos cavalleiros que el-rrei dom Henrrique consigo levava, tirou el-rrei dom Pedro de cima, e **voltou** el-rrei dom Henrrique sobre elle, (83.80).*

2. ‘regressar, retomar’.

*e os castellaãos que tiinham ja vencidos os primeiros, **voltarom** sobr’elle, e foi vencido e preso. (272.32).*

Outras ocorrências: 351.20; 430.46.

Etimologia:, do lat. **voltāre*. Segundo Houaiss do “lat. vulg. **volvitare*, freqüentativo de *volvĕre* ‘rolar, revirar, rodar; enrolar; fazer decorrer (o tempo), passar; falar (continuamente); pensar, meditar etc.’ ”.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Atestações simultâneas: CAVA.

Obs.: Ainda sem registo no CIMP.

ZOMBEIRO, adj. (1) ‘que ou aquele que ri de alguém ou de algo, zombador’.

*e fallou em isto tantas vezes e assi de praça que o ouve el-rrei de saber, e disse aos que hi estavom que nom curassem de seus ditos, ca era hũu villaão **zombeiro**, filho de hũu azemell de seu padre. (255.120).*

Etimologia: de zombar + *-eiro*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Atestações simultâneas: OFIC; VERT.

Obs.: Além do adjectivo ‘zombeiro’ encontra-se ainda atestado no séc. XV o verbo ‘zombar’ em VERT, e o substantivo ‘zombaria’ em LEAL, OFIC e VERT.

Sem regista em Houaiss.

O verbo está atestado no século XV.

3.1. Comentários

Ao longo da lista de possíveis neologismos (1ª atestações) foram sendo indicadas dois tipos informação que agora se revela mais pertinente: o tipo de unidade apresentado pela palavra e, no campo das observações, a data da primeira atestação, sempre que se estava perante um termo formado por derivação.

Assim, é agora possível perceber que o mecanismo de enriquecimento vocabular, através da importação de palavras, nomeadamente latinismo, demonstra a capacidade de renovação do léxico (pré-renascimento), bem como forma novos derivados quer da mesma época, como *mediano* e *medianeiro* (XV), mas também com vários séculos de distanciamento, como *pedir* (1152) e *pedinte* (XV), *romper* (989) e *rompimento* (XV). Algumas palavras, como *conclave*, poderão ter entrado na língua através da tradução, pois ocorrem, pela primeira vez, em obras desta natureza.

O VH-CPM demonstra um procedimento contraditório, os seja, em muitas situações omite abonações que constam nos três volumes publicados por Cunha, como em *ala* (MONT) *amorio* (1447 DESC) *arauto* (CART, 1439 MARR), *cismático* (ROBI), *cota* (CART, LOPO e MMM), *defensável* (1447 DESC), *desgarrado* (a1436 DESC), *maré* (LOPF). No caso de *arvoredo* e *conjectura*, apenas com ocorrência em LOPF e MONT, a não utilização desta última obra no *corpus* de extracção¹⁵⁴ atribuem, assim, a LOPF a primeira atestação. Para tal facto não encontrei explicação. Para muitas outras insere localizações que não constam nos três volumes publicados por Cunha, como em *aferrar* (REIS), *aliado* (BENF), *carriagem* (REIS), *cautela* (VITA e FRAD), *cismático* (SBER), *comunicar* (VITA), *descontentar*(VITA), *ditado* (BENF), *espedir* (REIX, VESP e FRAD), Partindo do facto de este dicionário ser apenas a digitalização do Fichário, tais referências constarão no Suplemento elaborado pelo próprio Cunha (cf. e remeter para esta explicação).

Seria exaustivo, e linguisticamente pouco proveitoso, fazer o levantamento de todas as entradas que JPM³ aproveita de RLor. No entanto, uma conclusão é possível retirar: há, em muitas delas, um “inconfesso furto”¹⁵⁵. Se é verdade que em muitas palavras consta no final da entrada a indicação (*Lorenzo*), como em *trela*, *ouriçar*, *reedificar*, em muitas outras tal não se verifica, como em *legítimo*, *maré*, *ria*. Esta opção de indicar Lorenzo parece prender-se com o facto de tais palavras terem todas, ou quase todas, ocorrência em obras castelhanas ou galegas. Parece, assim, que Machado assume como importante a contribuição de datas provenientes de

¹⁵⁴ Outras obras que não fazem parte do *corpus* de extracção do VH-CPM, além de MONT, são CART, MARR, MMM.

¹⁵⁵ Classificação atribuída por Telmo Verdelho ao *Elucidário* de Viterbo sobre o aproveitamento dos trabalhos de Fr. Bernardo da Encarnação (Verdelho e Silvestre 2007:26)

obras externas, eventualmente de mais difícil acesso, mas não sente necessidade de indicar as internas, eventualmente porque também seria capaz de as encontrar. Tudo passaria como facto irrelevante, não fossem obras posteriores de referência como o *Dicionário Houaiss*, ao atribuir a datação à quase totalidade das suas entradas a indicação da fonte de muitas dessas palavras¹⁵⁶. O seu a seu dono, e não é isso que se verifica em muitos casos. Ou seja, Houaiss apresenta como primeira datação para palavras como *boroa*¹⁵⁷, *cunho*, a origem em JM³, e *casar*, ao IVP³, quando, na verdade, elas já tinham sido antedatadas por Lorenzo, no caso de JPM³ muitas vezes sem qualquer referência.

Ao longo deste levantamento foram surgindo palavras cuja datação se verificou anterior à época estabelecida para as atestações simultâneas, sobretudo provenientes de pesquisas efectuadas em MD-CF. Mantiveram-se na lista para tratamento de dados relativamente a antedatações a Houaiss.

¹⁵⁶ No detalhamento dos verbetes, campo da datação, ponto 4.1., percebe-se a importância desta minha observação ao ler-se: “Para a datação do vocabulário medieval, até o século XV, nossas principais fontes foram o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, do filólogo José Pedro Machado (JM), retrodatações levantadas por estudiosos, como o Prof. José Alves Fernandes (JAFernC), da Universidade Federal do Ceará, e abonações documentadas por Antônio Geraldo da Cunha e colaboradores”.

¹⁵⁷ Após RLor ter corrigido JPM com uma abonação da CSM 55 (“«pan, mais non de borõa» (53)”), as três obras de Cunha (AGC, IVP³, VH-CPM, nestes dois últimos com forma *barõa* (?)) passaram a registar esta ocorrência apenas, até chegar a Houaiss e atribuir a datação a JM³.

4. Novidade de ‘pallavras’ no português do século XV.

Metodologia – ficha de palavra

O resultado do Índice Analítico elaborado foi uma listagem de palavras que foram sendo eliminadas ou porque a sua datação, tendo por base o Dicionário Houaiss, era anterior à *Crónica de D. Fernando* ou à *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, consoante os casos, ou porque eram de registo simultâneo e, por isso, englobaram-se na lista anterior. Para as restantes, pelo que pude apurar, encontram a sua primeira atestação em uma destas crónicas de Lopes e Zurara. Assim, foi elaborada uma ficha de palavra constituída pelos seguintes pontos:

ENTRADA, classificação gramatical (nº de ocorrências) ‘significado’

Etimologia:

Tipo de unidade:

Registos:

Obs.:

Entrada:

Para a entrada de cada palavra são apresentadas quatro informações, respeitando a seguinte linearidade: **lema** da forma, normalmente, no português actual em maiúsculas, ‘**ALFÉLOA**’; **classificação gramatical** ‘s.f.’; o **número de ocorrências** entre parêntesis curvo ‘(1)’ e, por último, o **significado** ‘massa de açúcar’. A seguir a cada entrada apresenta-se a respectiva abonação. Para as restantes ocorrências apenas se indica a localização.

Etimologia:

Sobre o campo da etimologia, são quatro os dicionários de referência para a pesquisa: *Houaiss*, *Machado*, *Cunha* e *Corominas*, não descurando eventuais informações de outras obras. No entanto, a etimologia apresentada é a que costa em Houaiss, uma vez que, regra geral, reúne informações apresentadas pelos outros autores. Um exemplo ilustrativo deste procedimento verifica-se na entrada *peitoril*, “ETIM lat. **pectorile*, segundo AGC, JM e Nascentes”, ou, de forma mais pormenorizada, em *sobressalente*, cuja primeira atestação se verifica em ZURP, “ETIM orig. contrv.; AGC registra, com dúvida, “talvez de um **sobressaliente* < *sobre-* +

saliente”; Nascentes deriva do esp. *sobresaliente* (1575) ‘que sobressai’, do v. *sobresalir* ‘sobressair, exceder’; JM oscila entre uma form. vern. *sobre-* + *saliente* e o cast. *sobresaliente*”.

Tipo de unidade:

Neste campo será registado o tipo de unidade que a palavra apresenta. O objectivo é poder tirar conclusões de dois tipos: em primeiro, perceber a quantidade, e a respectiva origem, de palavras importadas, para assim perceber eventuais influências; em segundo, detectar mecanismos internos da língua na formação de novas palavras, nomeadamente a derivação e a composição. O que se pretende mostrar é a evolução do léxico derivado, ou seja, verificar o espaçamento temporal entre o registo da palavra primitiva e o seu derivado, mas também o inverso, como me parece acontecer.

Registos:

Neste ponto, o objectivo é apresentar toda a informação encontrada sobre o registo das palavras que são novidade em LOPF e ZURP.

Num trabalho desta natureza, o ideal era ter um *Tesouro da Língua Portuguesa*, instrumento de trabalho há muito ambicionado. Um dicionário desta natureza, teria de ter, como sabe quem trabalha com datações, várias actualizações, pois novas datas vão sendo apresentadas constantemente. Mateus (1974:8), num dos primeiros inventários das palavras de uma obra, a propósito das “palavras atestadas nos dicionários históricos como tendo aparecido nos textos literários em época posterior ao século XV” apresenta, sobre a palavra *artéria*, a seguinte indicação: “está assinalada no *Dicionário Etimológico* de José Pedro Machado, como tendo entrado na língua no século XVI. O seu emprego na obra que estou a analisar [*Vida e Feitos de Júlio César*] prova que podemos anteciper de um século a sua utilização em textos literários”. Ora, desde 1974¹⁵⁸, muitas outras obras, literários e não só, foram analisadas, o que permitam, constantemente, novas antedatações. Nas palavras finais de Mateus (1974:8), “Quando o inventário das palavras começadas por uma única letra do alfabeto nos propõe formas como as indicadas acima, que vêm enriquecer os materiais organizados que possuímos para o estudo da língua portuguesa arcaica, muito mais podemos esperar de um levantamento exaustivo do léxico, não apenas deste texto mas de toda a produção literária portuguesa”. E assim foi. Como o desenvolvimento de meios mecânicos, nomeadamente informáticos, foi possível a digitalização de inúmeras obras e a consequente elaboração de listas de palavras. O passo seguinte foi uma catapulta de antedatações. A este propósito refere Robert Verdonk, no capítulo “Cambios en el léxico del español durante la época de los austrias”, inserido na *Historia de la*

¹⁵⁸ Agora com segunda edição (Mateus 2010)

*Lengua Española*¹⁵⁹, coordenada por Rafael Cano, a propósito do confronto entre dicionários históricos (Corominas) e a base de dados *CORDE*, *Corpus Diacrónico del Español*, criada pela Real Academia Española: “De esta confrontación resulta que una parte importante de las voces que hasta ahora se vienen considerando préstamos o creaciones de los siglos de Oro, en realidad ya están atestiguadas en el siglo XV o incluso antes”¹⁶⁰.

Outra hipótese, ainda, era ter todas as obras medievais disponíveis, informatizadas, para uma consulta rápida e objectiva. Para lá caminharemos. O responsável pela Biblioteca de Amsterdão, numa entrevista concedida após a decisão de digitalizar todas as obras, a começar pelas mais antigas, respondeu peremptoriamente: “dentro de alguns anos, se não estiver na internet não existe”. Como nenhuma das duas é possível, torna-se imperativo recorrer a obras da área, desde dicionários etimológicos, cronológicos, vocabulários, lematizações, *corpora* informatizados ou programas informáticos de concordância.

Assim, o que se pretende neste campo é apresentar as ocorrências de cada palavra cuja primeira atestação ocorra em LOPF ou em ZURP. Serão também, adicionalmente, indicadas as ocorrências nas outras obras de Lopes (LOPP, LOPJ¹ e LOPJ²) e Zurara (ZURC, ZURG e ZURD), deixando de fora todas as indicações referentes a obras posteriores. Para tal, sirvo-me, particularmente, de nove obras/trabalhos¹⁶¹ para confirmar a efectividade do primeiro registo em LOPF e ZURP. São eles:

JPM³: *Dicionário Etimológico* de José Pedro Machado, 3ª edição.

RLor: *Sobre cronologia do vocabulário Galego-Português - Anotação ao ‘Dicionário etimológico’ de José Pedro Machado*, de Ramon Lorenzo (1968).

AGC: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, 3ª edição, 2ª impressão (2007).

IVPM: *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, de Antônio Geraldo da Cunha, (os três volumes publicados: letra A, 1986; letras B-C, 1988 e letra D, 1994).

VH-CPM: *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval*, edição em CD-ROM (versão 1.0), publicado pela Casa Fundação Rui Barbosa, tendo por base o projecto do IVPM de Antônio Geraldo da Cunha (2007).

BLem: *Lematização de textos medievais portugueses* (versão 4.0), edição de José Barbosa Machado, UTAD, 2002-2007.

¹⁵⁹ Cano, Rafael (coord.) (2004). *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Ariel. O capítulo referido é o 34, páginas 895-916.

¹⁶⁰ *Idem, Ibidem*, p. 896.

¹⁶¹ Para além destes, considerados principais, foram também consultados outros glossários e *corpora* informatizados, bem como o programa informático *Phrasis* - versão 2.2, edição do Projecto Vercial, 1999-2009. Ao *Corpus Lexicográfico do Português* (DICIweb), recorreu-se sempre que uma palavra não foi encontrada, na expectativa de que tivesse ocorrência nos dicionários do século XVI.

MD-CF: Mark Davies e Michael Ferreira, *O Corpus do Português*:

www.corpusdoportugues.org/x.asp.

CIPM: *Corpus Informatizado do Português Medieval*, da FCSH-UNL, mais propriamente o **DVPM** - *Dicionário de Verbos do Português Medieval*:

<http://cipm.fcsh.unl.pt/verbos/indiceverbos.jsp>

Houaiss: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, CD-ROM (versão 2.0).

Por vezes, parecerá informação repetida, mas o que se pretende é poder tirar conclusões que resultam do confronto entre as três obras de Cunha (AGC, IVPM, VH-CPM), confronto entre JPM³ e RLe, informação nova de MD-CF e BLe e, por fim, perceber se é possível antedatar a informação que consta em Houaiss.

Como nem todos os estes trabalhos registam todas as palavras que, pelo que apurei, tem a sua primeira atestação nas duas *Crónicas* em análise, só serão indicados aqueles onde tal vocábulo se encontra averbado, evitando assim informação repetida do tipo ‘não registado’.

Por fim, uma última informação relativa à apresentação das palavras. Antes de cada forma histórica¹⁶² indicada é apresentado o século, seguido da fonte e localização, se tal se confirmar na obra/trabalho de origem¹⁶³. Dado verificarem-se algumas discrepâncias nas siglas das obras adoptadas por parte dos vários autores, uniformizei todas as que dizem respeito às obras em estudo de Fernão Lopes (LOPF) e Zurara (ZURP). Os casos em que tal não se verifica é porque se encontram dentro de citações. Para todos os outros casos se mantêm as siglas adoptadas por cada autor, devendo consultar-se a respectiva tabela de siglas onde se apresenta a devida discriminação. Esta simples apresentação permitirá ter uma visão mais exacta e crítica sobre os trabalhos apresentados, ou seja, aqueles mais minuciosos nas informações, localizações apresentadas, face àqueles mais gerais, mais informatizados.

Observações (Obs.):

Este é um campo reservado a considerações que se julguem pertinentes sobre cada entrada. Nele serão registadas todas as informações que possam contribuir para qualquer esclarecimento de determinada palavra.

¹⁶² Para o IVPM e Houaiss apenas se indicam as formas históricas do século XV e desde que diferentes na que se verifica na respectiva entrada. Apresentam-se, no entanto, as formas posteriores se a própria palavra datada por Houaiss apresentar uma primeira datação tardia face a LOPF ou ZURP.

¹⁶³ AGC, por exemplo, só no suplemento à segunda edição passou a introduzir a localização de cada palavra. Assim, nos casos em que tal se verificar, sabemos de antemão que tal informação se encontra no Suplemento. Por sua vez, BLe apresenta apenas a obra onde tal palavra ocorre, sem a localização, mesmo quando introduz abonações.

4.1. Novidade de ‘pallavras’ na Crónica de D. Fernando

Numa primeira análise, foram identificadas algumas palavras com primeira atestação em LOPF, sobretudo provenientes de obras como JPM³, AGC, IVPM, VH-CPM e Houaiss, mas que com o decorrer do confronto entre elas, da consulta de *corpora* informatizados ou lematizações (sobretudo MD-CF, CIPM e BLem) e dicionários ou glossários (sobretudo Viterbo, Moraes) se veio a confirmar ocorrência em obras anteriores. Assim, de tais palavras que se vieram a revelar falsas primeiras atestações em LOPF, apenas se apresenta informação que comprova tal antedatação. Encontram-se nesta situação palavras como:

apenhar (*apenhar, apenhavom*):

Houaiss, XV (cf. IVPM): 1364 em Rlor, proveniente do Vocabulário português do século XIV, de Machado, publicado na *Revista de Portugal* (RP XXVII, 235.31).

camalho (*camalho, camalhom*):

Houaiss, XV (cf. IVPM): 1359 em Viterbo, com a seguinte abonação de Doc de Pendorada de 1359, “*Ficou a Gil, Pelo costume do Porto, o cavallo do dito Vasco de Sousa, seu Padre, e huma espada, e huma lança, e huma loriga de cavallo, e duas ffalhas, e huum elmo com sseu camalho, e humas luvas d’ aço, e huuns coixotes, e caneleiras velhas de coiro, e huum escudo, e çapatos de ferro huuns*”.

comendadeira (*comendadeira*):

Houaiss, XV (cf. IVPM): 1396 em JPM³, s. f. de *comendador* (o masculino em 1214) com indicação de ocorrência em *Desc.*, I, S., p. 442, N.º 588.

confusamente (*confusamente*):

IVPM, LOPF 48.6¹⁶⁴: com atestação em *Corte Enperial*, segundo MD-CF.

femençar (*femençando*):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): 1344 em MD-CF e BLem, com atestação na *Cronica Geral de Espanha*, com a forma *femençava*, mas também com várias formas da variante *afemençar*.¹⁶⁵

¹⁶⁴ Houaiss, por norma, não regista advérbios de modo. Este é um dos casos. Cf., no entanto, nota 102.

¹⁶⁵ Cf. as formas *afemêçada, afemeçou, afemêçouha, afemençada, afemençalla, afemençar, afemençou, affemêçando, affemençado, affemençouhas*.

fornada (fornadas):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): séc. XIII em JPM³ e AGC. Sobre a palavra primitiva *forno*, Houaiss data-a de 897, segundo JM³. Ora, como RLor corrige JPM (que na 1ª edição apresenta a data de 977, corrigida agora para 897, com abonação de *Dipl.* 8), este, na terceira edição, aproveita a informação de RLor, sem a citar¹⁶⁶, e Houaiss, que segue esta terceira edição, atribui-lhe a localização.

grou (grou):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): AGC XIV e JPM³: XI, “segundo L. V., na *Rer. Lus.*, III, p. 265. Séc. XI: «Quomodo uadit ad nium de *grou*», *Leges*, p. 347”. Houaiss não leva em consideração a data apresentada por JPM³ para *grou*, mas leva-a para a forma *niun*, como primeira datação para *ninho*, embora interrogada.

milanês (millaneses):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): 1357 em JPM³, com proveniência omitida de RLor, “«...aos mercadores *mjlaneses*», *Desc.*, I, 106”.

miradoiro (miradoiro):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): 1141 em JPM³, “«...ad fove de arrugio quod uenit de pousada et inde ad petram de *miradoiro*», em *Chanc.*, p. 152.

rigoroso (rrigoroso):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): em *Boosco Deleitoso*, segundo MD-CF, “e se he *rigoroso* em a justiça, dizem que he cruel” e ainda “e outros dizem que he cruel e *rigoroso*”.

usável (husavees)¹⁶⁷:

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): 1272 em JPM³, com proveniência omitida de RLor: “«da *usauil* moeda», em *Portel*, p. 71”.

veludo (velludo):

Houaiss, XV (cf. FichIVPM): 1415 em JPM³, “«...panos douro e de sseda e de sirgo Escudos de gustar e chapeletas de prumas e *veludos* e penas pera pera empenar roupas...», em *Desc.*, I, S., p. 463”.

¹⁶⁶ Se é verdade que JPM refere muitas vezes que a informação provém de RLor, como *mantel*, *nomeação*, *perna*, *remanescente*, *remanescer*, *remate*, *remir*, *remissão*, *repicar*, *sobreventa*, *sobrevir*, *solenizar*, *vela*, *tornear*¹, *trancar*, *trela*, (sobretudo se são de obras castelhanas) outras há em que essa informação não é indicada, como em *arrancar*, *fugir*, *usável*, *mal-crente*, *mantéu*, *milanês*, *palanco*, *pontifical*, *postar*, *pousentador* (*RLor), *prestar*, *propor*, *resíduo*, *rude*, **sacadaria*, *sacador*, **seitosamente*, *teso*, **torneamento*...

¹⁶⁷ Houaiss não apresenta datação para esta palavra.

ALFÉLOA, s.f. (1) ‘massa de açúcar’.

e compravom com ella hũa mealha de mostarda ou d’alfelloa ou de tramoços e semelhantes cousas, (188.38).

Etimologia: do ár. *al-halāua* ou *al-haluā*. Corominas apresenta, primeiramente, ‘matalahuva’, **batalhalúa*, do hispano-árabe *al-hábba* ‘*al-hulûwa* ‘el grano doce’, com a informação de que em português antigo ocorre o registo ‘batafaluga’ 1318 (cf. Michaëlis, RL XIII, 268-9) e, depois, outro descendente da raiz árabe *hulw*, com indicação de registo em português de **alféloa**, ‘masa de açúcar o melaza’. Nos *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal* é apresentada a indicação que deriva de *heluon* ‘doce’¹⁶⁸.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, *alféloa* (“«e taaes hi avia que sse mantinha em *alfelloa*», *F.L.*, J., Iª parte, cap. 148, p. 306”)¹⁶⁹.
- AGC: XV, *alfelloa*¹⁷⁰.
- IVP: XV, *alfelloa* (LOPF 55.38; LOPJ¹ 269.25)¹⁷¹.
- VH-CPM: XV, *alfelloa* (LOPF, 55.38; LOPJ¹, 269.25)¹⁷².
- BLem: XV, *alfelloa* (LOPF; LOPJ¹)¹⁷³.
- MD-CF: XV, *alfelloa* (LOPF).
- Houaiss: XV, *alfelloa*¹⁷⁴ (cf. IVP).

Obs.: Na *Orthographia* de Feijó, além do significado apresentado, é feita uma advertência a eventuais utilizações erradas por metátese: “**Alfeloa**. massa de assucar branco, que se faz a modo de páosinhos delgados, e compridos: e não Alfeola”¹⁷⁵.

Apesar de Viterbo não registar *alféloa*, regista o seu derivado *alfeloeiro*, com a indicação clara de ocorrência no século XV, embora posterior a LOPF. “*Alfeloeiro*. O que fazia doce de qualquer qualidade. Hoje chamamos Alféloa ao doce de assucar, ou melaço posto em ponto. Por huma Lei d’El-Rei D. Manoel de 1496 se determina, ‘que não haja Alfeloeiros, e que pena haverão’. Delles trata a Orden. nova, e antiga L. V. tit. 101”¹⁷⁶.

¹⁶⁸ Sigo a edição Fac-símile de 2004, da livraria da Alcalá - *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal de João de Sousa*, p. 40.

¹⁶⁹ JPM, para as obras de Lopes, indica o número da parte em algarismo romano e os números do capítulo seguido da página em arábicos.

¹⁷⁰ Na primeira edição do seu *Dicionário Etimológico* (1982), A. G. Cunha apresenta apenas a datação para cada palavra. No suplemento para a segunda edição (1986), além da datação, passou a introduzir a obra com a respectiva localização. Para o registo desta obra apenas se apresentam as formas históricas diferentes da actual.

¹⁷¹ O IVP, para as obras de Lopes, indica o número da parte, em algarismos romanos, e os números do página (em redondo) e da linha (em itálico) em arábicos.

¹⁷² O VH-CPM, para as obras de Lopes, indica o número da parte, em algarismos romanos, e os números do página e da linha em arábicos.

¹⁷³ BLem, na sua lematização, apenas indica as obras em que cada vocábulo tem ocorrência. Só em alguns casos apresenta abonações, mas também só com a indicação da obra, sem a localização. Apresenta, separadamente (cf. lista p. 40), uma lista de todas as obras utilizadas e a respectiva datação.

¹⁷⁴ Por norma, Houaiss indica a(s) forma(s) histórica(s) de cada palavra com grafia(s) diferente(s) da actual (cf. justificação apresentada, Tomo I, p. XXX (ed. em 6 vol. Círculo de Leitores), para a versão em papel, e em Ajuda > Conhecendo o Dicionário > Detalhamento do verbete > Campo da datação [4.2 e segs.]), para a versão em CD-ROM).

¹⁷⁵ Feijó, João de Morais Madureira (¹⁰1824). *Orthographia, ou Arte de Pronunciar com Acerto a Lingua Portuguesa*. Lisboa: Na Impressão Régia, p. 171-172

¹⁷⁶ Sigo a edição de 1798/1799. As localizações são dadas pelo nº romano para o volume e arábico para as páginas: I.84.

De resto, esta palavra tem ainda registo em vários dicionários, Morais assinala *alféloa* e remete para *alfenim*: “*massa delicada de assucar mui alvo*”¹⁷⁷, e vocabulários, Rebelo Gonçalves apresenta-a com a indicação da variação *arféloa*¹⁷⁸.

Myriam Benarroch, na sua tese de doutoramento sobre o contributo dos arabismos no português do século XVI, regista esta palavra com a indicação de que se encontra atestada pela primeira vez na *Crónica de D. Fernando*¹⁷⁹. Não é pertinente, pois, a datação do ano de 1500 que Kremer apresenta, provavelmente a *Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel*¹⁸⁰.

ALMÁRCOVA, s.f. (1) ‘espécie de arma, tipo cutelo’.

*lhe deu com hũa **almarcova** na mão do cavallo, o quall cahiu logo com elle* (126.25).

Etimologia: Provavelmente de origem árabe.

Tipo de unidade: importação (arabismo(?)).

Registos:

- IVPM: XV, (LOPF 38.25).
- VH-CPM: XV, *almarcova* (LOPF, 38.25).
- BLem: XV, *almarcova* (LOPF).
- MD-CF: XV, *almarcova* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Sem registo em três das obras base (JPM³, Rlor e AGC). Em todas as outras, o que se verifica é sempre a apresentação de uma única abonação, precisamente a de LOPF¹⁸¹.

ALROTAR, vb. (1) ‘fazer barulho, pedir esmola aos gritos’.

*porém mandou el-rrei que quaaesquer homens ou mulheres que andassem **alrrotando** e pedindo e nom husassem de mester, que taaes como estes fossem vistos e catados pellas justiças de cada hũu logar; (314.87).*

Etimologia: Houaiss apenas indica que “segundo JM, var. de *arrostar*”. Já para este verbo apresenta a seguinte explicação: “orig. contrv.; deve provir do lat. *eructo*, *ās*, *āvi*, *ātum*, *āre* ‘ter arrotos, arrotar, vomitar’, ou mais prov., do v. lat. *ructāre* ‘arrotar, dar golfadas’ (fonte de *eructāre* e de *ructus* ‘aroto’, com *a-* protético); segundo AGC, proviria do v. lat. **eruptāre* (formado a partir de *eruptus*, part. pas. de *erumpere* ‘sair impetuosamente, fazer uma saída arrebatada, precipitar-se, romper, fazer rebentar’), em lugar de (*e*)*ructāre* ‘arrotar’ ”¹⁸². Corominas remete também para o verbo *erumpere* ‘precipitarse afuera’.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, remete para o verbo *arrostar*, onde depois regista a forma *alrotar* dando a seguinte informação “ant., deve ser var. deste v. [arrostar]; séc. XV?: «Mandamos, que... assy homees ,

¹⁷⁷ Sigo a 4ª edição, de 1831. As localizações são dadas pelo nº romano para o volume e arábico para as páginas: I.83.

¹⁷⁸ Gonçalves, Rebelo (1940). *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, p. 43. Em nenhum outro local encontrei esta variação.

¹⁷⁹ BENARROCH, Myriam (2000). *Des premiers dictionnaires (Jerónimo Cardoso) aux textes: l’apport lexical des arabismes dans la langue portugaise du XVIe siècle*. Université Paris III – Sorbonne Bouvelles, tome 2, p. 510.

¹⁸⁰ KREMER, Dieter (2004). *Primeiras datações*. Trabalho não publicado.

¹⁸¹ Cf. também Morais⁴ e CF²⁵.

¹⁸² Para uma informação mais pormenorizada, consultar em Houaiss, s.v. *arrot-*, onde se verifica que AGC seguiu o Dicionário da Academia (1976).

como molheres, que andarem *alrotando*, e pedindo, nom usando d’outro mester, sejam vistos e catados pelas Justiças de cada huum lugar», *Ord.*, livro IV, título 81, § 9, p. 288; hoje ainda se emprega, mas raramente; cf. Morais¹⁰”.

- IVPM: XV, *alrrotar* (LOPF 89.87).
- VH-CPM: XV, *alrrotando* (LOPF, 89.87).
- BLem: XV, *alrrotando* (LOPF).
- MD-CF: XV, *alrrotando* (LOPF).
- Houaiss: XV, *alrrotar* (cf. IVPM).

Obs.: RLor não antedata JPM que indica o séc. XV, com interrogação. De qualquer forma, com abonação posterior a LOPF.

Para Kremer 1435.

ANGUADO, s.m. (1) ‘espécie de alamar; cordão’ (?).

*ca el-rrei dom Fernando a seu rrequerimento lhe enviou estonce em presente seis allaões e seis sabujos, todos com collares brollados e foziiis de prata dourados, e as treellas d’elles d’ouro fiado, e trinta azcumas todas com contos e **anguados** de pratas dourados, que levavom quareenta e seis marcos de prata em guarnimento; (142.39).*

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- IVPM: XV, s.m. (?) (LOPF 43.39).
- VH-CPM: XV, subst. *anguados* (LOPF, 43.39).
- BLem: XV, adj. *anguados* (LOPF).
- MD-CF: XV, *anguados* (LOPF).

Obs.: Sem registo em JPM³, RLor, AGC e Houaiss. Parece não haver consenso nem de classe gramatical nem de género. Nos dicionários consultados, apenas encontrei registado o substantivo feminino *anguada*¹⁸³, o que explica a interrogação do IVPM e contraria a certeza do VH-CPM. Quanto à proposta de BLem, o adjetivo será apenas resultado de classificação mecânica, eventualmente resultante da terminação *-dos*. No entanto, e apesar de na maioria das edições da *Crónica de Dom Fernando* aparecer o substantivo masculino na frase “*trinta azcumas todas com contos e **anguados** de pratas dourados*”, o feminino encontra-se registado na edição da Biblioteca de Clássicos Portugueses, de 1895: “*trinta azarmas, todas com contas e **anguadas** de prata douradas*”¹⁸⁴, o que pode mostrar dupla interpretação do manuscrito. Na edição de Macchi, o aparato crítico não faz qualquer referência a esta alternância.

APAVESADO, adj. vb. (3) ‘protegido com paveses (armação protectora, constituída de escudos ou tábuas, que se colocava na borda das embarcações); empavesado’.

*e as mayores naaos estavam deante todas com as alcacevas contra o mar, armadas e **apavesadas**, percebidas de trões e outros arteficios pera sse defender; (469.12)*

*A frota como pousou ante a cidade, lançaram todos os batees fora armados e **pavesados**, (475.15).*

Outras ocorrências: 475.18.

¹⁸³ CF²⁵ regista a forma feminina *anguada* com indicação de forma antiga e com o significado de ‘espécie de alamar’, com indicação de ocorrência em Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*. Também com registo feminino em VocRG, p. 65, e VocGV, p. 77.

¹⁸⁴ LOPES, Fernão (1895). *Chronica de El-Rei D. Fernando*, Lisboa: Escriptorio, vol. I, p. 131.

Etimologia: part. de *apavesar* (de *a-* + *pavês* + *-ar*).

Para Houaiss a origem está no “it. *pavese* (1340), proveniente da locução (*scudo*) *pavese* ‘(escudo) de Pávia, cidade da Itália’; para o verbo ‘pavesar’ apresenta a etimologia do it. *pavesare* (*pavezare* 1376) ‘ornar com paveses’, o que torna o verbo denominativo.

Em *Corominas* a explicação, sendo semelhante, é mais completa: “palabra comum a todos los romances y lenguas europeas, tomada del it. *pavee* íd., de origen incierto, al parecer idéntico a *Pavese*, ‘perteneciente a Pavía’, donde se supone que se fabricaron primero los paveses. 1ª doc.: 2º cuarto S. XV. (...) Por la misma época aparece el port. *pavês*; (...) Como em Itália es más antiguo que en los demás países y allí es sumamente frecuente desde el S. XIV, el origen italiano puede darse por seguro.” *Corominas* apresenta, ainda alguns derivados, como *pavesada*, *pavesina*, *empavesar*, *empavesado*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- JPM³: XV, *apavesar*: “«...e as mayores naaos estavom deante todas com as alcacevas contra o mar, armadas e *apavesadas*...», *F. L., J.*, vol. II, cap. 133, p. 111”¹⁸⁵.
- AGC: XV, (LOPF 133.12).
- IVPM: XV, part. adj. (LOPF 133.12).
- VH-CPM: XV, part. adj. *apavesadas* (LOPF, 133.12), *pavesados* (LOPF, 135.15)¹⁸⁶.
- BLEM: XV, adj. *apavesadas* (LOPF); vb. *pavesados* (LOPF; LOPJ¹; LOPJ²)¹⁸⁷.
- MD-CF: XV, *apavesadas* (LOPF); *pavesados* (LOPF)¹⁸⁸.
- CIPM: *apavesadas* (LOPF).
- Houaiss: XV, adj. *apavesado*, *apauesado* (cf. IVPM).

Obs.: Segundo Houaiss, confirmando a informação anterior de *Corominas*, o substantivo *pavês* tem registo também no séc. XV (f. hist. *paueses*, *pauues*) com o significado de ‘escudo, protecção’ e só em 1553 (*pavezes*) aparece com o significado de ‘bandeira, galhardete’. De acordo com BLEM, de todas as obras apresentadas em que *pavês* tem ocorrência (LOPJ¹, ZURD, RP), verifica-se que o primeiro registo é de Lopes na *Crónica de D. João I*. Assim, o que se confirma é o registo gráfico, em LOPF, de palavras derivadas, *apavesadas* e *pavesados*, antes da primitiva.

Parece, então, que o primeiro a utilizar o *a-* (em *apavesadas*, LOPF) e o *em-* (em *empavesada* LOPJ¹) protéticos na parassíntese foi Fernão Lopes, denotando perfeita consciência da construção de palavras, como forma de enriquecimento da língua, com variações da palavra primitiva.

O substantivo está atestado no século XV.

¹⁸⁵ JPM³ troca a obra, pois a abonação que apresenta é da *Crónica de D. Fernando* e não da de *D. João I*.

¹⁸⁶ VH-CPM também regista *pauesados* como substantivo: LOPJ², 71.35 e 148.2. JPM³ também já havia dado essa indicação, embora de forma confusa. Na entrada do verbo *pavesar*, apresenta uma abonação com um substantivo, com a seguinte observação: “*Pavesado* já também ocorria no mesmo século: «...e hordenarom sua *pavesada* pera escaramuçar com os Castellaãos...», (*F. L., J.*, I, cap. 113, p. 217).

¹⁸⁷ BLEM regista ainda o verbo *pavesar*, com as formas *pavesada* (LOPJ¹; LOPJ²; ZURP) e *pavesadas* (LOPJ¹) e também o verbo *empavesar* com a forma *empavesada* (LOPJ¹).

¹⁸⁸ O Corpus do Português MD-CF não trabalha a *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, pelo que se justifica, assim, a ausência do seu registo.

APREGOAMENTO, s.m. (2) ‘pregão; proclamação, divulgação’.

*E tornou ell outra vez alta voz dizendo: «Arreall, arreall», assi como ante dissera. E elles, a que pouco prazia de tall **apregoamento**, nêhũa cousa rresponderom mais que da primeira, (606.35).*

Outras ocorrências: 609.4-5.

Etimologia: de apregoar + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- IVPM: XV, (LOPF 176.35).
- VH-CPM: XV, *apregoamento* (LOPF, 176.35).
- BLem: XV, *apregoamento* (LOPF).
- MD-CF: XV, *apregoamento* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: JPM, RLor e AGC registam apenas o verbo *apregoar*, 1269, 1265 e séc. XIII, respectivamente. Lorenzo apresenta ainda o advérbio *apregoadamente* na *Crónica de Castilha*. O verbo está atestado no século XIII.

ARRAIA, s.f. (1) ‘a camada social mais baixa da sociedade; plebe, ralé, arraia-miúda’.

*«Prendestes-me como nom deviees, disse elle, mas pois assi he, leixaae vñr a **arraya** meuda das vinhas, ca elles me tiraróm d’aqui». (609.19).*

Etimologia: do ár. *ar-raHya* ‘rebanho’, p. ext. ‘ovelhas (da igreja), súbditos, plebe’.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, *arraia*¹ “No séc. XIV, por cit. de F. L., (J., I, cap. 43, p. 86): «Desta guisa... se levantaram os poboos em outros lugares, seemdo gramde cisma e divisom amtre os grandes e os pequenos. O qual ajuntamento dos pequenos poboos, que se estomçe assi juntava, chamavom naquell tempo *arraya meuda*...» Deste passo parece deduzir-se que no tempo de F. L. a locução teria menos uso; hoje, porém, é corrente, pelo menos em Lisboa.”
- IVPM: XV, *arraya meuda* (LOPF 177.19; LOPJI¹ 75.22).
- VH-CPM: XV, *arraia* (LOPF, 177.19; LOPJI¹, 75.22).
- BLem: XV, *arraya* (LOPF; LOPJI¹; LOPJI²); *arraia* (LOPJI²).
- MD-CF: XV, *arraya* (LOPF).
- Houaiss: XV, *arraya meuda* (cf. IVPM).

Obs.: Com este significado, a primeira utilização deste vocábulo parece ser na expressão *arraya meuda*, nas duas obras de Lopes. JPM³ destaca a antiguidade do uso oral face ao registo escrito, com a dedução acima apresentada. Esta é uma boa palavra para demonstrar como o VH-CPM não aproveitou informação contida no IVPM. Neste, Cunha apresentou a palavra *arraia* com quatro entradas diferentes, dando o respectivo significado para cada uma (‘fronteira’, ‘peixe’, ‘povo, gente’ e ‘embarcação antiga’) e a(s) correspondente(s) abonações. No VH-CPM, tudo foi reduzido a uma entrada, com omissão de dois significados e respectivas abonações:

ARRANCADA, s.f. (2) ‘partida súbita e violenta; arrancamento, arrancadela’.

*E quando o porco assi naceo, o outro alaão Rrabez deu hũa **arrancada**, e o Bravor teve-se quedo; e quando Rrabez vio que sse o porco saya e que o nom desatreellavom, fez hũa grande **arrancada** per hũu mesto mato, levando após ssi o page e o outro alaão. (353.55, 57).*

Etimologia: fem. substv. de *arrancado*, part. de *arrancar*. Sobre este verbo, de origem controversa, Houaiss refere que é “voc. hsp., doc. desde as origens do port.; há várias hipóteses de etim., principalmente a partir do germ. *hring* ‘romper as fileiras (de soldados)’; daí, ‘debandar, separar, desenraizar’;” informação proveniente de Corominas, como menciona na entrada *arranc-*.

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Registos:

- AGC: XV.
- IVPM: XV, (LOPF 99.57).
- VH-CPM: XV, *arrancada* (LOPF, 99.57).
- BLEM: XV, vb. part. *arrancada* (LOPF).
- MD-CF: XV, *arrancada* (LOPF).
- Houaiss: XV, *rancada* (cf. IVPM).

Obs.: BLEM não faz a distinção e junta esta forma às do particípio do verbo *arrancar*. Tal junção elimina três séculos entre a datação da base e o nome deverbal criado por Lopes. Ainda sobre a datação do verbo *arrancar*, Houaiss indica as datas de 1188-1230, remetendo para JPM³, e apresenta na f. hist. *rancauerit*, como sendo a mais antiga atestação, além de duas outras, uma do séc. XIII, *arrãcar*, e outra do séc. XIV, *arincar*. São evidentes as diferenças de registo entre estas formas, com a primeira a evidenciar ainda marcas claras do sistema verbal latino. A serem estas marcas, de cariz evidentemente latino, consideradas para datações de palavras da língua portuguesa, deveria Houaiss ter levado em conta a informação apresentada por RLor (p. 29), que JPM³ aproveita sem citar, ao antedatar este mesmo verbo para o ano de 1114, com abonação do mesmo documento “qui autem *arrancauerit* armas in uilla perdat eas” (*Leges* 360.10).

O verbo está atestado em 1188-1230.

ARREPICAR, vb. (1) ‘repicar, tocar’.

*E assi foi de feito, ca logo como souberom na villa que elle era preso meterom mão a **arrepicar** os signos, (610.21).*

Etimologia: JPM³, RLor, AGC e Houaiss apenas apresentam o verbo *repicar*, de re- + *picar*, com registo desde o séc. XIV¹⁸⁹, e não a variante precedida do a- protético, fenómeno com representação ao longo dos vários períodos da língua, aqui registada pela primeira vez em LOPF. Sobre a etimologia do verbo *picar*, encontra-se em Houaiss uma completa explicação: “voc. de criação expressiva, formado a partir de uma base onom. **pic-* (ou **picc-*) ‘golpe’ + -ar; como se trata de palavra espalhada por quase todas as línguas românicas (exceto o romeno), a sua form. expressiva deve remontar ao lat.vulg.; AGC reitera a criação expressiva do voc. e afirma que o v. deve remontar, prov., ao lat. vulg. **piccare*, de **pīccus*, forma expressiva de *pīcus*, i ‘picanço (ave)’; cuja orig. tem a mesma raiz, alusiva aos golpes a que esse

¹⁸⁹ RLor 1968:315.

pássaro se dedica; da idéia de ‘golpear’ passou-se à de ‘ferir’; Corominas observa que a onom. foi criada duas vezes, em lat. e em romance; uma, com -c (*pic-*) e outra com -cc (*picc-*); cp. esp. *picar* (sXII), fr. *piquer* (sXII) ‘demolir com golpes de objeto pontudo’ e it. *piccare* ‘morder, espicaçar, picar’ e *picchiare* (1353) ‘bater repetidamente, golpear’;”

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- IVPM: XV, (LOPF 177.21).
- VH-CPM: XV, *arrepicar* (LOPF, 177.21).
- BLem: XV, *arrepicar* (LOPF).
- MD-CF: XV, *arrepicar* (LOPF).

Obs.: Para o verbo *repicar*, o VH-CPM continua a apresentar três abonações, todas do séc. XV, (LOPJI², 331.31; ZURD, 155.19; ZURD, 52.23), mesmo com informações de datação do séc. XIV registadas já em Rlor, AGC e Houaiss.

O verbo *picar* está atestado em 1269.

ARVORADO, adj. vb. (1) ‘subido, espigado (referente a mastro, mastaréu)’.

Hindo elles assi d’esta guisa, seendo ja horas de meo dia, virom os mastos das gallees de Castella que jaziam longe arvorados, em hũu lugar que chamam Saltes; (441.61).

Etimologia: part. de *arvorar*. Sobre a etimologia deste verbo, *arvorar* (de árvore + -ar), pode ler-se em Houaiss a seguinte indicação: “AGC considera de orig. contrv. a acp. ‘içar, levantar’; nesta acp. *arvorar* seria var. de ¹*alvorar* e esta, por sua vez, proviria do it. *alberare* ‘guarnecer de árvores (plantar), pôr mastro numa nave’; assim, ¹*alvorar* não só teria etim. ligada ao voc. it., mas tb. remissão a *arvorar* como f. divg.;”.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, *arvorar*¹ “No séc. XV, o adj. *arvorado*: «virom os mastos das gallees de Castella, que jaziam longe *arvorados*», *F.L., F.*, II, cap. 124, p. 92”.
- IVPM: XV, (LOPF 124.61).
- VH-CPM: XV, *arvorado* (LOPF, 124.61).
- BLem: XV, vb. *arvorados* (LOPF).
- MD-CF: XV, *arvorados* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: A forma verbal *alvorando* tem registo em CAVA, com o significado de ‘levantar-se, empinar-se’: “*Pera tras me pode [sc. o cavalo] derribar alvorando, pulando, saltando, logo no começo começando a correr [...]*.”¹⁹⁰ Assim, o significado que aqui se verifica é diferente, é precisamente o da forma divergente, como refere Houaiss na etimologia.

O substantivo está atestado em 984.

AZINHAL, s.m. (1) ‘aglomerado de azinheiras’.

ajuntou suas companhas e foi-sse apousentar acerca de Sam Domingos da Calçada, em hũu azinhall mui grande que hi está; (21.8).

Etimologia: de *azinha* + -al.

¹⁹⁰ CAVA, ed. de Piel, p. 21, linha 17.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, *azinhal* (“«...e ele disse que na Lemtisqua no *azinhall* d’Arronches...», F. L., J., II, cap. 157, p. 342”).
 - AGC: XV, *azinhall*.
 - IVPM: XV, *azinhall* (LOPF 5.8; LOPJI¹ 174.8).
 - VH-CPM: XV, *azinhal* (LOPF, 5.8; LOPJI¹, 174.8).
 - BLem: XV, *azinhall* (LOPF; LOPJI¹; LOPJI²).
- MD-CF: XV, *azinhall* (LOPF); 1498, *azinhall* (Cortes Portuguesas); 1498, *azinhal* (Cortes Portuguesas).
- Houaiss: XV, *azinhall* (cf. IVPM).

Obs.: Houaiss indica, por gralha, o século XIV, remetendo para o IVPM. No entanto, o que o IVPM apresenta, bem como o VH-CPM, é o século XV, com duas abonações de Lopes. No séc. XIV encontra-se atestado *azinha* e no XIII *azinheira*, o que é indicativo do registo escrito de uma palavra derivada antes da primitiva.

Esta é uma palavra onde se nota a importância da dimensão e variedade do *corpus* de extracção e de obras consultadas para a elaboração de um Dicionário Cronológico. Assim, se pretendêssemos averiguar as ocorrências da palavra *azinhal* no séc. XV, teríamos JPM³ só com referência a LOPJI², o IVPM e o VH-CPM só com referência a LOPF e LOPJI², MD-CF só com referência LOPF e Cortes Portuguesas e BLem só com referência às três obras de Lopes, LOPF; LOPJI¹; LOPJI². Em nenhuma se encontram as cinco referências identificadas. Isto não permite, como é óbvio, quão arriscado seria, garantir que cinco é o número total de ocorrências desta palavra no séc. XV.

O substantivo está atestado no século XIV.

BARROCAL, s.m. (1) ‘lugar onde há muitos barrocos (monte de terra ou pedra); barranco’.

cobrindo-sse ell e os seus o melhor que podiam antre as vinhas e barrocaaes que hi avia muitos, (482.26).

Etimologia: de barroca + *-al*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1680, (AOCad I.71).
- IVPM: XV, *barrocaaes* XV (LOPF 137.26).
- VH-CPM: XV, *barrocaaes* XV (LOPF, 137.26).
- BLem: XV, *barrocaaes* XV (LOPF).
- MD-CF: XV, *barrocaaes* (LOPF).
- Houaiss: XV, *barrocaaes* (cf. IVPM).

Obs.: JPM³ e Rlor não registam esta palavra. Houaiss indica o séc. XV e remete para o IVPM que confirma, tal como o VH-CPM, a única ocorrência em LOPF. AGC, não apresentando a palavra na 1ª edição (1982), apresenta-a no Suplemento à 2ª edição (1986, p. 15), datando-a de 1680. Cunha corrige mais tarde (em 1988, no IVPM, volume 2: B-C, p. 7) esta data, com a abonação de LOPF, atestação mais antiga até agora encontrada. A ‘terceira’ edição do seu Dicionário Etimológico, elaborado pela Lexikon em 2007, mantém o data/erro da segunda (1680), o que prova a ligeireza com que se utilizam os termos ‘edição’ e ‘reimpressão’. Não houve, pois, correcções.

A palavra primitiva *barroca*, ‘monte de barro’ é datada do séc. XIII por JPM³, AGC e Houaiss, mas, incompreensivelmente, do XV para IVPM e, por defeito, para o VH-CPM. Repare-se que o vocábulo é introduzido no suplemento à segunda, em 1986, mas não é actualizado no segundo volume do IVPM (letra B-C), em 1988.

O substantivo está atestado no século XIII.

BASALARTE, s.m. (1) ‘espada pequena, adaga’.

*Em aquell dia aa tarde, depois que dançarom e ouverom vinho e fruta, mandou o conde por hũa cota muito louçaã e hũu bulhom bem guarnido, a guisa de **basalarte**, e por hũa faca mui fremosa que lhe trouverom de Ingraterra, e deu todo ao iffante.*(365.18).

Etimologia: Para Corominas: “voz de existencia dudosa. 1ª doc. hasta 1300”.

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Registos:

- IVPM: XV, (LOPF 102.18).
- VH-CPM: XV, *basalarte* (LOPF, 102.18).
- BLem: XV, *basalarte* (LOPF).
- MD-CF: XV, *basalarte* (LOPF).

Obs.: JPM, RLor, AGC e Houaiss não registam esta palavra.

O IVPM apresenta o significado de ‘veste’, mas, neste caso, penso aplicar-se mais a acepção de ‘arma de guerra’, como se verifica no *Glosario de voces de Armería*¹⁹¹, em que se apresenta o significado de ‘arma punzante’, com duas abonações do *Cancionero de Baena*, e como refere também Salvador López Quero¹⁹²: “*Es poco relevante la variedad de armas en el Cancionero. Se han podido documentar las siguientes: azcona, basalarte, cañas, destal, gorguz, quadrillo y venablo. (...) En cuanto a las armas restantes, basalarte, ‘espadín o espada corta’, se documenta por vez primera en el Cancionero*”

O corpus electrónico CORDE apresenta uma ocorrência para *basalarte*, também nas poesias do *Cancionero de Baena*, datadas entre 1406 e 1435. A entrada na língua portuguesa parece, pois, ser por via castelhana.

BEGUE, s.m. (2) ‘título (ou cargo) honorífico correspondente a dom ou senhor’.

*e de França eram hi estes cavalleiros: monssé Beltram de Claquim e o mariscall de França e o **begue** de Vilhenes* (21.22).

*o conde da Ilha e dom Bernall conde de Ossona e o bastardo de Bearmem e monssé Berni de Villamur e **el-begue** de Vilhenes;* (57.19).

Etimologia: Houaiss deriva-o do persa-tur. *beg*, com indicação de que “Crooke deriva-o do ant. persa *baga*, relacionando-o com o sânsc. *bhaga* ‘senhor’”¹⁹³.

Tipo de unidade: importação (persa).

Registos:

- JPM³: 1513, *begue* “«Despemdeo em ir arrecadar os seis centos pardaos de *Cojibequey* que devia a El Rey», Afonso de Albuquerque, *Cartas*, V, p. 48”.

¹⁹¹ *Glosario de voces de Armería*, apuntes reunidos por D. Enrique de Leguina, Madrid, Librería de Filipe Rodríguez, 1912, p. 375.

¹⁹² “Léxico militar en el *Cancionero de Baena*” in *Juan Alfonso de Baena y su Cancionero. Actas del I Congreso Internacional sobre el Cancionero de Baena (Baena, del 16 al 20 de febrero de 1999)*. Eds. Jesús Luis Serrano Reyes and Juan Fernández Jiménez. Baena: Ayuntamiento de Baena / Diputación de Córdoba. pp. 259-278.

¹⁹³ Exposição mais pormenorizada encontra-se em JPM³, vol. I, p. 409-410.

- AGC: 1513, *cojibequey*.
- IVPM: XV, (LOPF 5.22; 16.19).
- VH-CPM: XV, *begue* (LOPF, 5.22), *el-begue* (LOPF, 16.19).
- BLem: XV, *begue* (LOPF).
- MD-CF: XV, *begue* (LOPF), *el-begue* (LOPF).
- Houaiss: XV, (1608 cf. Pérsia).

Obs.: Houaiss apresenta diversas grafias desta palavra muito anteriores à data apresentada, embora com grafias diferentes: *cojibequey* (1513), *byqym* (1520), *indobeque* (1552), *cogebequi* (1563), *bec* (1571); há ainda *assadbegue* e *begue* (1608), *beg* (1718), *bei* (1789), *beque* (1884). No entanto, tendo em conta só a grafia *begue*, é possível antedatar a indicação de Houaiss em cerca de um século e meio, na obra de Lopes.

BICADA, s.f. (1) ‘borda, ponta, extremidade de uma serra, monte’.

Em este comeos sobreveo o gram porco, seguro e desacompanhado de sabujos e d’alaãos, exudrado por a gram calma que fazia, e veo nacer per a bicada de hũu monte junto com a armada hu jazia o iffante e seu page dormindo. (352.46).

Etimologia: Para Houaiss do fem. substv. do part. *bicado*, de *bicar* (bico + -ar). Corominas, na entrada *bico*, refere “ ‘parte saliente de la cabeça de las aves’; según muestran el port. y ast. *bico* e las formas análogas de muchos dialectos franceses, retorromances y sardos, no se trata de un derivado del verbo PICAR, sino del celta *beccus*¹⁹⁴ íd. (de donde cat., oc., fr., *bec*, it., *becco*¹⁹⁵), que en muchas partes sufrió progresivamente el influjo fonético de aquel verbo.”

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Registos:

- IVPM: XV, (LOPF 99.46).
- VH-CPM: XV, *bicada* (LOPF, 99.46).
- BLem: XV, *bicada* (LOPF).
- MD-CF: XV, *bicada* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Houaiss, data o verbo *bicar* do século XV (a.sXV cf. IVPM), mas com a indicação de ser “datado a partir do feminino substantivo do particípio” onde se pode verificar que o particípio, ou outras formas verbais, servem como datações para os verbos¹⁹⁶. Verifica-se também a situação em que os femininos substantivados de adjectivos participiais podem ser datados de qualquer das formas flexionadas do verbo, acrescentando-se, no final da etimologia, a indicação: ‘datado a partir do (particípio ou verbo)’, de acordo com o caso. Ora, aqui, a situação é algo especial, pois a forma feminina substantivada, é datada a partir do seu particípio masculino. Assim, o verbo é datado a partir do seu particípio, mas que não é particípio, porque foi substantivado na forma do feminino *bicada*. As formas verbais de *bicar* (nominais e flexionais) só passados quatro séculos, segundo os *corpora* utilizados, é que encontram registo na língua, como se pode verificar na f. hist. apresentada por Houaiss: sXV *bicada*, 1858 *bicado*, 1881 *bicar*.

¹⁹⁴ Cf. Houaiss s.v. *bic-* do lat. imp. *beccus*, *i* ‘bico, sobretudo o do galo’.

¹⁹⁵ Cf. *Ortographia*, Leão, onde regista ‘*bico*, *becco*’ como “vocábulo que tomamos dos Italianos”, p. 52.

¹⁹⁶ Cf. detalhamento dos verbetes, ponto 4.3.3.1.

BÓIA, s.f. (1) ‘objecto flutuante sobre a água’.

*E hindo ellas assi aas vellas com mingnado vento que todas aviam, por fortuna encaminhar o que d’ellas hordenado tiinha, deu estonce tam gram vista a algũus pescadores que a duas e tres legoas virom **boyas** de rredes que no mar jaziam; (440.52).*

Etimologia: do fr. ant. ou dial. *bouée* ‘sinal flutuante’, prov. do francês. **baukan* ‘sinal, bóia’. Para Corominas, donde esta informação provém, “no está bien estudiada la história del vocablo en francés”¹⁹⁷.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- JPM³: XV, *bóia* “«Sospiros por fengidores / Aguyar lhe fez cantigua / sabendo que nos amores / sam *boyas* dos desfavores...» C. Ger., I, p. 76”.
- AGC: XV, *boya*.
- IVPM: XV, *boya* (LOPF 124.52).
- VH-CPM: XV, *boyas* (LOPF, 124.52).
- BLem: XV, *boyas* (LOPF).
- MD-CF: XV, *boyas* (LOPF).
- Houaiss: XV, *boya* (cf. IVPM).

Obs.: Segundo JPM³, o verbo *boiar* provém de *bóia*, ambos datados do séc. XV. Houaiss, que também apresenta este procedimento, verbo denominal, portanto, data-o do séc. XIII, remetendo para o IVPM e este, por sua vez, para RLor. Significa isto que a palavra primitiva só encontra registo escrito dois séculos depois da derivada, precisamente em LOPF.

BOIANTE, adj. (1) ‘que bóia, flutuante’.

*As gallees de Purtugall que andavom pella costa, tomarom algũuas naaos **boyantes** e hũu barco no rrio de Pontevedra, (105.14).*

Etimologia: Para Houaiss de *boiar* + *-nte*. Para Corominas é precisamente de *boiante* que se forma o “íngl. *buoyant* íd. [1578], *to buoy* ‘boyar’ [1596], que se tomaria directamente del castellano o del português en lá época de los grandes descubrimientos, pues en francés no existen formas semejantes”¹⁹⁸.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: XV, *boyante* (LOPF, 31.14).
- IVPM: XV, *boyante* (LOPF 31.14), (1441 MARR I.534.24).
- VH-CPM: XV, *boyantes* (LOPF, 31.14).
- BLem: XV, *boyantes* (LOPF)¹⁹⁹.
- MD-CF: XV, *boyantes* (LOPF).
- Houaiss: 1441, *boyante* (cf. IVPM).

Obs.: JPM³ e RLor não registam esta palavra. Houaiss apresenta a data de 1441 remetendo para o IVPM. Ora, aqui são apresentadas duas abonações: uma de LOPF e outra de MARR, datada, precisamente, de 1441. Isto leva-me a concluir que Houaiss considera a *Crónica de D. Fernando* posterior a esta data. Se tivermos em consideração que, não havendo uma data exacta, os estudos indicam que ela deverá ter sido escrita “nos finais da quarta década do século XV ou

¹⁹⁷ Para um maior aprofundamento, cf. s.v. *boya*.

¹⁹⁸ Cf. s.v. *boya*.

¹⁹⁹ Forma identificada como adjetivo, mas lematizada para *boante*, talvez *bo[i]ante*.

no início da seguinte, em qualquer caso antes de 1443”²⁰⁰, ficamos com uma margem de dois anos para a elaboração de LOPF.

O VH-CPM omite a abonação de 1441 MARR, apresentada no IVMP, o que vem confirmar a discrepância entre estes dois elementos de trabalho. Aliás, O VH-CPM omite todas as abonações referentes a esta obra (cf. *arauto* e *bombarda*), o mesmo é dizer que omite a própria obra.

O verbo está atestado no século XIII.

BOFAR, vb. (1) ‘expelir pela boca; golfar’.

e ella levantou outra voz e disse: «Jesu filho da Virgem, acurre-me»: e esta foi sua postumeira pallavra, dando o sprito, e bofando muito sangue d’ella. (372.104).

Etimologia: Para Houaiss de bofe + -ar, com a seguinte explicação “segundo Corominas, origin. var. gráf. de *bufar*, firma-se depois como f. divg., de mesma orig. onom.”.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLEM: XV, *bofando* (LOPF).

- MD-CF: XV, *bofando* (LOPF).

Obs.: À excepção de BLEM, que lematiza o gerúndio para *bofar*, AGC, VH-CPM e IVPM indicam o verbo *bufar* para a forma *bofando*. O IVPM menciona mesmo *bofar*, remetendo para *bufar*. JPM³ regista apenas *bufar*, sem indicação em LOPF, e RLor não apresenta nenhum registo.

Se atendermos à explicação de Corominas acima apresentada, percebemos que é um verbo que diverge de *bufar*. Para este, Houaiss apresenta a datação do séc. XV (com a f. hist. *bofar*) e com o significado de ‘expelir (ar, sopro, vapor ou outra emanação) com força’. Para *bofar*, Corominas apenas indica que se forma depois, sem especificar quando é esse depois, mas a que Houaiss atribui data recente (a1913 cf. CF²), com o significado de ‘expelir pela boca; golfar; sair às golfadas’, precisamente o que me parece que ocorre em LOPF. A utilização do ‘o/u’ parece, pois, ser distintiva na matéria expelida.

O substantivo está atestado no século XV.

Ainda sem registo no CIPM.

CABO, s.m. (1) ‘ponta ou porção de continente que avança mar adentro’.

e levava cem mill livras pera pagar solldo aa frota de Portugall; e a través do cabo de Santa Maria de Faarom chegarom a ella as gallees de Castella e matarom o meestre com outros e d’elles cativarom, e queimarom a naao e tomarom os dinheiros. (145.62).

Etimologia: do lat. *caput*, *ītis* ‘cabeça, parte superior, bico, ponta, cabo, extremidade’, com o seguinte complemento “através do lat. vulg. *capus*, i, do qual se orig. os voc. român. correlatos romn. *cap*, it. *capo*, engad. *ko*, friul. *kaf*, fr. *chef*, provç. cat. *cap*, esp. port. *cabo*, todas com ampla diversificação semântica”.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- Houaiss: XV, ²*cabo* (acepção 6).

²⁰⁰ Cf. Teresa Amado, in G. Tavani e G. Lanciani (1993). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, p. 179.

Obs.: Esta palavra tem registo em todos os trabalhos que fundamentam esta pesquisa, com datações a partir do séc. XIII, e com várias acepções apresentadas, mas sem lhes fazer as respectivas abonações.²⁰¹ A exceção é feita ao IVPM que apresenta uma distinção bastante detalhada. Assim, regista *cabo* como ‘acidente geográfico’ e apresenta duas abonações de Zurara (ZURD, 250.21 e ZURG, 5.18). No entanto, com este mesmo significado aparece antes, em ZURP, obra não incluída no seu *corpus* de extracção, e aparece ainda antes, em LOPF, como se atesta no exemplo acima. Por defeito, o VH-CPM também não atesta esta acepção em LOPF.

CALUGA, s.f. (1) ‘cachaço e espádua do porco’.

*e entom foi feita a mais fremosa azcumada de seu braço que até ali fora vista nem ouvida antre monteiros, porque as cuitellas da azcuma entraram pellos polpoões da coxa e cortarom os ossos e as juntas e sahirom as cuitellas com toda a asta pello conto da azcuma da outra parte da **calluga** da espalda.* (353.72).

Etimologia: (?)

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- IVPM: XV, *calluga* (LOPF 99.72).
- VH-CPM: XV, *calluga* (LOPF, 99.72).
- BLem: XV, *calluga* (LOPF).
- MD-CF: XV, *calluga* (LOPF).

Obs.: JPM³, Rlor, ACG e Houaiss não registam esta palavra. O significado é retirado de CF²⁵.

CANELO, s.m. (1) ‘pedaço de ferradura; ferradura velha, gasta’.

*e em cahindo assi ambos, começou o cavalo bullir rrijamente com as mãos e com os pees; e perneando assi rrijamente, acertou o **canello** da ferradura da mão ho tecido d’hũa fivella das solhas de Nun’Allvarez,* (485.66).

Etimologia: de *canela*, do fr. ant. *canele*, com a seguinte explicação em Houaiss: “(...) para a acp. ‘parte anterior da perna’, a orig. é contrv.: AGC e JM relacionam a *cana*, prov. *cana* + *-ela*, e segundo Nasc., do lat. **cannella*, em vez de *cannŭla*, ae ‘pequena cana’ ”.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, *canelo* “«As ferraduras leves e curtas de *canellos* fazem melhoramento», António Galvão, *Tratado da Cavalaria de Gineta*, p. 45”.
- AGC: XVI, *canello*.
- IVPM: XV, *canello* (LOPF 138.66).
- VH-CPM: XV, *canello* (LOPF, 138.66).
- BLem: XV, *canello* (LOPF).
- MD-CF: XV, *canello* (LOPF).
- Houaiss: XV, *canello* (cf. IVPM).

Obs.: Rlor não propõe antedatação para o séc. XVI apresentado por JPM.

MD-CF regista ainda *canello* em Bento Pereira, *Tesouro da lingua portuguesa 1*, (1697), com o significado de ‘pedaço de ferradura’.

²⁰¹ BLem apresenta 38 obras em que ocorre a palavra *cabo(s)*.

CARNAGEM, s.f. (1) ‘matança de animais para alimentação’.

*e chegarom muito mais acima aas leziras d’Aalbaçotim e d’Alcoelha, e alli matavom muitos gaados e faziam **carnagem** trariam pera a frota. (476.47).*

Etimologia: de carnar²⁰² + -agem.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, *carnagem* “«... õde todas fazerã aguoadã, lenha & *carnagẽ* de lobos marinhos...», Góis, I, cap. 35, p. 68”.
- IVP: XV, (LOPF 135.47).
- VH-CPM: XV, *carnagem* (LOPF, 135.47).
- BLem: XV, *carnagem* (LOPF).
- MD-CF: XV, *carnagem* (LOPF)²⁰³.
- Houaiss: XV, (cf. IVP).

Obs.: Rlor não propõe antedatação. AGC não regista.

No corpus MD-CF são apresentadas cinco abonações para *carnagem*, uma de LOPF, duas da *Estoria de Dom Nuno Alvares Pereyra* e duas do *Diário de bordo de Fernão de Magalhães*. E se esta última obra, porque posterior a LOPF, não merece análise, o mesmo já não se pode dizer da *Coronica do Condestabre*, o que, neste caso, provocaria antedatação. Após confirmação na edição²⁰⁴, verifiquei que a forma *carnagem* nas passagens em causa, “e a **carnagem** demonstrava que era muyta gente posta em batalha” e “andando de hũa parte a outra fazendo passar toda **carnagem**, que era maa de passar, pella ponte” correspondia à forma **carriagem**, quer na edição de 1911, de Mendes dos Remedios²⁰⁵, quer na de 1991, de Adelino de Almeida Calado²⁰⁶. O significado apresentado no vocabulário da edição de 1911 é de ‘o mesmo que multidão ou serie de carros’ e no glossário da de 1991 é de ‘grande número de carros para transporte’, bem diferente, portanto, desta passagem de LOPF.

Para Kremer 1507.

O verbo *carnar* não apresenta datação em Houaiss, mas o substantivo *carne* está atestado no século XIII.

CECEAR, vb. (1) ‘pronunciar as consoantes sibilantes apoiando nos dentes a ponta da língua’.

E foi sua morte viinte e tres dias de março de mill e quatrocentos e sete, avendo entom de sua hidade trinta e cinco anos e sete meses: homem de boom corpo, branco e rruivo, e ceceava hũu pouco na falla; (85.11).

²⁰² *Carnar* (carne + -ar): ‘Proceder à matança de animais para fazer reserva alimentícia de carne’. Este significado justifica a formação da palavra por via latina (de *caro*, *carnis*, ‘carne’), como sugere Corominas. JPM apresenta, no entanto, proveniência do francês: “Do fr. *carnage*, tirado do picardo ou do normando; o ant. fr. *Tinha charnage*, der. de *char*. Quanto ao lat. *carnaticu-*, vj.: Henry F. Muller, *L’Époque Mérovingienne*, p. 260”.

²⁰³ No MD-CF podem ainda encontrar-se mais duas ocorrências para *carnagem* na *Estoria de Dom Nuno Alvares Pereyra*

²⁰⁴ No MD-CF não são apresentadas quaisquer indicações sobre capítulo ou página. Aqui se pode verificar a importância da informática em estudos linguísticos desta natureza. Alguns segundos e as localizações estão feitas.

²⁰⁵ Cf. p. 18, linha 31 e p. 163, linha, 31. No final da edição é apresentado um vocabulário onde se pode encontrar a palavra *carriagem* (p. 217), com indicação de três ocorrências. Duas delas são as assinaladas, a outra é também na p. 18, linha 20.

²⁰⁶ Cf. p.17, linha 24 e p. 156, linha 24.

Etimologia: de *cê + cê + -ar*, com justificação de “talvez pelo esp. *cecear* (1272-1284), der. do nome da letra, com a acp. ‘pronunciar o s como c’”, informação retirada de Corominas²⁰⁷.

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Registos:

- JPM³: XV, *cecear* “«...homem de boom corpo, bramco, e ruivo, e *çeçeava* huum pouco na falla», *F. L., F.*, cap. 24, p. 69”.
- AGC: XV, *çeçeear*.
- IVPM: XV, (LOPF 24.11).
- VH-CPM: XV, *ceceava* (LOPF, 24.11).
- BLem: XV, *ceceava* (LOPF).
- MD-CF: XV, *ceceava* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Um dos problemas de pesquisa dos *corpora* informatizados, como o MD-CF ou o CORDE, é que só reconhecem a palavra exacta, pelo que se torna difícil procurar formas flexionadas dos verbos. O mesmo se pode dizer relativamente a palavras mais antigas que apresentam várias grafias. Só o seu conhecimento exacto permite a sua pesquisa. Neste ponto, mérito para o VH-CPM que, tanto na pesquisa para o português actual, como para o português medieval, é possível ver o surgimento das várias formas, à medida que vão sendo digitadas as letras.

Ainda sem registo no CIPM.

CIPRE, s.m. (1) ‘perfume de Chypre(?)’.

e rreliqairos e anees d’ouro e camafeus e outras joyas de gram preço, afora sayas e cotas e cipres de dona, (166.31).

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- IVPM: XV, (LOPF 49.31).
- VH-CPM: XV, *cipres* (LOPF, 49.31).
- BLem: XV, *cipres* (LOPF).
- MD-CF: XV, *cipres* (LOPF).

Obs.: Apenas registado em CF², com dúvidas no significado e na atribuição de género, “m. (ou f.?)”, e cita a abonação de LOPF.

COBRICAMA, s.f. (1) ‘coberta da cama’.

A cama era bem emparamentada, e a cubricama d’hũu tapete preto com duas grandes figuras de rrei e de rrainha na meatade, todas d’aljofar graado e meaão, (460.32).

Etimologia: segundo Houaiss, “agl. do snt. *cobre cama* determinada pela perda de tonicidade do el. *cobre*, o que levou a ser grafado com -i em lugar de -e”.

Tipo de unidade: composição.

- IVPM: XV, (LOPF 130.32); (1452 LOPO 19.7).
- VH-CPM: XV, *cubricama*²⁰⁸ (LOPF, 130.32).

²⁰⁷ Cf. s.v. *ce*, linhas 14 a 23, onde Corominas apresenta a data [1272-84, Gral. Est. I, 302b1].

²⁰⁸ Lematizado para *cobrecama*.

- BLEM: XV, *cupricama* (LOPF).
- MD-CF: XV, *cupricama* (LOPF).
- Houaiss:

Obs.: No IVPM e no VH-CPM, que omite a abonação de LOPO, estão, precisamente lematizadas para *cobrecama*, sem perda da tonicidade do primeiro elemento, como refere Houaiss na etimologia. Este não apresenta, no entanto, datação para esta palavra. O verbo e o substantivo estão atestados no século XIII.

COLMEIRO, s.m. (1) ‘molho de colmo ou de palha’.

e ventando estonce hũu vento soaão, tomou hũu d’aquelles que estavom fora hũu collmeiro aceso posto em hũua lança e deitou-ho dentro em cima das choças, e começarom d’arder. (274.41).

Etimologia: de colmo + *-eiro*. Corominas apresenta alguma relutância em relação a esta origem: “quizá del lat. *cŭlmus* ‘tallo o caña del trigo’, pero más bien parece tratarse de un * *Cŏlmos* afín, perteneciente a outra lingua indoeuropea, probablemente el céltico”²⁰⁹.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- RLor: 1206, **colmeiro* “«*colmeeiro* de mea liura de cera» *Leges* 535)²¹⁰”.
- IVPM: XV, *collmeiro* (LOPF 79.41).
- VH-CPM: XV, *collmeiro* (LOPF, 79.41).
- BLEM: XV, *collmeiro* (LOPF).
- MD-CF: XV, *collmeiro* (LOPF).

Obs.: JPM, AGC e Houaiss não registam esta palavra.

O substantivo está atestado em 1277.

COXIA, s.f. (1) ‘nas antigas galés, corredor por entre os remadores onde ficavam os comitres a vigiá-los’.

e mandou poer por nobreza muitos e grandes dentes de porcos monteses, encastoados ao longo da coxia d’amballas partes da galee, e todollos rremos pintados, e outros logares por fremosura. (166.18).

Etimologia: Para Houaiss do it. *corsia* (1492), com a seguinte explicação: “ ‘corrente de água, corredor us. como passagem ao longo de espaços laterais ocupados’, der. do lat. *tar. cursivus* ‘que percorre’, do lat. *cursus*, *us* ‘corrida, caminho, percurso’ ”;

Tipo de unidade: importação (italianismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«...e com a lamça nas mãos pella coxia ao longo...», *F. L., J., I*, cap. 139, p. 278”.
- RLor: XV, “«leixou a galle... e com a lamça nas mãos pella coxia ao longo» (*D. João I, I*, 278)²¹¹”.

²⁰⁹ Cf. s.v. *cuelmo*.

²¹⁰ Como JPM não regista esta palavra na primeira edição, nem na terceira, RLor apresenta-a antecedita de asterisco. Parece, no entanto, haver alguma confusão de significados entre a palavra abonada *colmeeiro* e a sua lematização para *colmeiro*. Como se verifica em Morais ou em Viterbo, os significados são diferentes. Para *colmeiro*, ‘o que colma as casas; o feixe de colmo para as cobrir’ e ‘pavêa, braçado, molho, não só de Colmo, ou palha centêa; mas também de palha triga, painça, ou milha’, respectivamente. Para *colmeeiro*, ‘o que cuida das colmeyas’ e ‘o que trata de Colmêas’, também respectivamente.

- AGC: XV.
- IVPM: XV, (LOPF 49.18).
- VH-CPM: XV, *coxia* (LOPF, 49.18).
- BLem: XV, *coxia* (LOPF, LOPJ¹).
- MD-CF: XV, *coxia* (LOPF).
- Houaiss: XV, *coxia*, *coxya* (cf. IVPM).

Obs.: A data apresentada por Houaiss para a etimologia italiana (1492), ela é tardia²¹².

CRAVEIRO, s.m. (2) ‘chaveiro, claviculario; frade que, nas Ordens militares, tinha a chave do convento’.²¹³

e mandou aas villas e logares da hordem d’Alcantara que ouvessem por logoteente do meestre d’essa hordem Garcia Perez do Campo craveiro. (98.35).

e outro dia aa quarta-feira mandarom toda sua presa de gaado e prisioneiros pera Badalhouce, e os meestres com sua companha partirom pera as Broças, por teer o caminho ao prior do Crato e ao Craveiro, que lhes era dito que as tiinham cercadas; (424.38).

Etimologia: segundo CF², por *claveiro*²¹⁴ do lat. *clāvis*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, *clavário* “«ouuimos depois a Luis de Sousa, *clauero* d’ordem de Christo», Ceuta, cap. 41, p. 127. No séc. XIV como antr. *F. L., J., I*, cap. 93, p. 175; cap. 95, p. 182”.
- AGC: 1813.
- IVPM: XV, *craueiro* (LOPJ² 150.19), *craueyro* (LOPJ² 268.8).
- VH-CPM: XV, *craueiro* (LOPJ², 150.19), *craueyro* (LOPJ², 268.8).
- BLem: XV, *craveiro* (LOPF; LOPJ¹; LOPJ²).
- MD-CF: XV, *craveiro* (LOPF).
- Houaiss: XV, *craueiro*, *craueyro*. (cf. IVPM).

Obs.: O IVPM apresenta para esta palavra a primeira atestação em LOPJ², como substantivo masculino. Para JPM³, *clavário*, *claveiro*, *craveiro* “formações cultas sobre o lat. *clāvis*”, remetendo para Viterbo, que apresenta o seguinte significado: “Era propriamente hum Mordomo, Despenseiro, ou Porteiro-Mór, a quem estavam cometidas as chaves das principaes Officinas da Comunidade”²¹⁵. Em Moraes: “Officio no Covento do Carmo, do Padre que cuida das contas da Comunidade. *Claveiro*, ou alias *Craveiro*. *Elucidar*.”²¹⁶.

Na primeira ocorrência fica em aberto a utilização de antropónimo²¹⁷, mas não descarta a utilização de adjectivo, referindo-se às funções de Garcia Perez do Campo. Na segunda, a utilização como substantivo, apesar de maiúscula, com o significado apresentado por Viterbo parece ser aceitável.

²¹¹ RLor corrige a data apresentada por JPM, (s.v. *correr*: “*coxia*, do it. *corsia*, este do lat. tardio *cursīvu-*, pelo que é divergente de *cursivo*; séc. XVI, segundo Moraes²; a passagem –rs- > ss- > x- ter-se-ia verificado em port.? Cf.: Gonçalves Viana, *Apostilas*, I, p. 337”) do séc. XVI, para o XV com uma abonação de LOPJ¹, precisamente a que Machado apresenta na terceira edição. Verifica-se, pois, que algumas palavras antedatas por RLor foram tidas em consideração por Machado para a terceira edição do seu dicionário (como esta), mas outras mativeram a datação errada. De qualquer forma, a palavra *coxia* aparece registada em LOPF, anterior a LOPJ¹.

²¹² Cf. introdução a Houaiss, ponto 44.6.

²¹³ Segundo CF². Com indicação de “por *claveiro*, do lat. *clāvis*”.

²¹⁴ Do b. lat. *clavarius*.

²¹⁵ Viterbo, s.v. *clavario*.

²¹⁶ Moraes⁴, s.v. *clavario*.

²¹⁷ Grafado com maiúsculas na edição de 1895.

A data de AGC, sem significado, é inexacta e em Houaiss, pese embora as duas entradas, uma como substantivo e outra como adjectivo, penso nenhuma delas se aplicar às passagens de LOPF.

DESATRELAR²¹⁸, vb. (1) ‘soltar da trela; desprender’.

*E quando o porco assi naceo, o outro alaão Rrabez deu hũa arrancada, e o Bravor teve-se quedo; e quando Rrabez vio que sse o porco saya e que o nom **desatreellavom**, fez hũa grande arrancada per hũu mesto mato, levando após ssi o page e o outro alaão. (353.56).*

Etimologia: de *des-* + *atrelar*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- AGC: 1836, (SC).
- IVPM: XV, *desatreellar* (LOPF 99.56).
- VH-CPM: XV, *desatreellavom* (LOPF, 99.56).
- BLem: XV, *desatreellavom* (LOPF).
- MD-CF: XV, *desatreellavom* (LOPF).
- Houaiss: XV, *desatreellar* (cf. IVPM).

Obs.: JPM regista apenas *trela* 1474, depois de correcção de RLor (p. 363), e *atrelar* do séc. XVI: “Quero ila *atrelando*...” (*Eufr.*, II, 6, 96). A data de AGC é tardia.

O verbo está atestado no século XV, tal como o substantivo *trela* que lhe dá origem.

Ainda sem registo no CIPM.

DESAZADO, adj. vb. (1) ‘sem aptidão, inábil, negligente, desmazelado’.

*os outros disserom que aquell cardeall era **desaazado** e nom apto pera os trabalhos do papado por muitas rrazões, e nom fallarom mais em elle. (388.99).*

Etimologia: part. de *desazar* (de *des-* + *azar*).

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- AGC: XVI.
- IVPM: XV, *desaazado* (LOPF 107.99).
- VH-CPM: XV, *desaazado* (LOPF, 107.99).
- BLem: XV, vb. *desaazado* (LOPF).
- MD-CF: XV, *desaazado* (LOPF).
- Houaiss: XV, *desaazado* (cf. IVPM).

Obs.: O verbo está atestado no século XIV, tal como o substantivo *arzo* que lhe dá origem.

DESCENTE, adj. (1) ‘descendente, que descende, que desce’.

*E acontecendo que a iffante dona Beatriz morresse sem filho ou filha que d’el-rrei ouvesse ou outros legitimos **decentes** de linha direita, que os rregnos de Portugall se tornassem a algũa outra filha, (549.57).*

Etimologia: de *descer* + *-nte*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

²¹⁸ Cf. TRELA.

Registos:

- IVP: XV, *decente* (LOPF 158.57).
- VH-CPM: XV, *decentes* (LOPF, 158.57).
- BLem: XV, *decentes* (LOPF).
- MD-CF: XV, *decentes* (LOPF).
- Houaiss: XV, *descende, deçemte, decete* (cf. IVP).

Obs.: JPM³, RLor e AGC apenas registam o verbo *descender*, no séc. XIII. Houaiss, que averba *descende*, remetendo para IVP, não aproveita, no entanto, o significado lá constante de 'descendente, que descende, que desce; descida'.

O verbo está atestado em 1244.

DESEMBARCAR, vb. (2) 'sair de uma embarcação'.

Depois partirom e desembarcarom em Vallença, cidade d'Aragom, e tornarom-sse as naaos e gallees pera Portugall e trouverom conssigo dom Martinho castellaão, que era bispo do Algarve. (301.54).

Outras ocorrências: 418.37.

Etimologia: de *des-* + *embarcar*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- RLor: XV, *desembarcar* ««alli desembarcou o Meestre com os que levava» (D. João I, I, 356), «ata aquell logar hu desembarcara» (id.)».
- AGC: XV.
- IVP: XV, *desembarcarom* (LOPF 86.54).
- VH-CPM: XV, (LOPF, 86.54).
- BLem: XV, *desembarcarom* (LOPF), *desembarcou* (LOPF, LOPJ¹), *desembarcara* (LOPJ¹), *desembarquara* (LOPJ²).
- MD-CF: XV, *desembarcarom* (LOPF).
- Houaiss: XV, *desembarcar, desenbarcar* (cf. IVP).

Obs.: O verbo está atestado no século XIV, enquanto o substantivo *barca* que lhe dá origem ocorre já em 911.

Ainda sem registo no CIPM.

DESNATURAMENTO, s.m. (1) 'desnaturalização; perda da nacionalidade e dos direitos adquiridos por naturalização).

Estas vinte e cinco cidades e Touro e Madride e Exarez e Caceres e outras muitas villas que seeria longo de dizer, fezerom entom per seus procuradores preitos e menagões e desnaturamentos por guarda das fianças antre os rreis postas, as quaaes em cima ja teendes ouvidas. (584.98).

Etimologia: de *desnaturar* + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- AGC: XVI.
- IVP: XV, (LOPF 169.98).
- VH-CPM: XV, *desnaturamentos* (LOPF, 16998).
- BLem: XV, *desnaturamentos* (LOPF).
- MD-CF: XV, *desnaturamentos* (LOPF).

- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Esta é uma das muitas formas que têm por base o radical *natur-*, registado desde o séc. XIII, por exemplo em *natural*. Segundo Morais, o desnaturamento verificava-se “quando os vassallos ficavão por garantes, e asseguradores dos Contratos dos seus Reis *desnaturavão*-se para poderem ir contra o seu Rei, que faltasse ao contrato, sem incorrerem, ou caírem no caso de traição, e deslealdade a seus Reis, e Senhores”²¹⁹

O verbo está atestado no século XIV, enquanto o substantivo *natura* que lhe dá origem ocorre já no XIII.

DESTRANCAR²²⁰, vb. (1) ‘soltar ou retirar a tranca de; abrir’.

Hora assi aveo, como suas tristes fadas mandarom, que o iffante com os seus aa porta, e hũa mulher que aviia de lavar rroupa destrancou as portas e abrio-as de todo; (370.44).

Etimologia: de *des-* + *trancar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1813.
- IVPM: XV, (LOPF 103.44).
- VH-CPM: XV, *destrancou* (LOPF, 103.44).
- BLem: XV, *destrancou* (LOPF).
- MD-CF: XV, *destrancou* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Da base da palavra *tranca* encontram-se em Lopes duas derivadas: o verbo *destrancar*, aqui registado, e o adjectivo *trancado* (cf.), o que demonstra facilidade de construção de palavras com recurso a processos internos da língua. A data de AGC é tardia.

O verbo está atestado no século XV, tal como o substantivo *tranca* que lhe dá origem.

Ainda sem registo no CIPM.

EIVADO, adj. vb. (1) ‘enfraquecido; infectado, contaminado’.

Hũs dizem que vendo-sse el-rrei dom Fernando eibado de doores, que ja tempo avia, (533.13).

Etimologia: do part. de *eivar* (de *eiva* + *-ar*).

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, *eibado* “«...ante que o figuado e bucho seja *eivado* logo o falcão será guarido, mas se o falcão tiver o figuado e o bucho *eivado*, está en duvida se guarnecerá», P. M., p. 55; noutra versão da mesma obra: «e sabe sse esto ffor ffecto ante que o bucho e o fígado sejam *eibados*...», mesma p.”
- AGC: XVI.
- VH-CPM: XV, *elbado* (LOPF, 154.3)²²¹.
- BLem: XV, *eibado* (LOPF).
- MD-CF: XV, *eibado* (LOPF)..
- Houaiss: XV, *eibado* (cf. FichIVPM).

²¹⁹ Cf. Morais⁴ s.v. *desnaturamento*.

²²⁰ Cf. TRANCADO

²²¹ Cf. p. 35, palavras mal lematizadas.

Obs.: Houaiss não apresenta datação para *eivado* como adjetivo, mas identifica esta forma como participio de *eivar*. Para este verbo, o primeiro registo apresentado é precisamente a forma do participio *eibado*.

A datação de AGC é tardia quer para esta forma, quer para o verbo *eivar*, que data de 1881. Também em JPM³ a data é tardia. RLor não propõe antedatação.

O substantivo está atestado no século XV.

EMANQUECER, vb. tr. (1) ‘tornar(-se) coxeante, manco’.

Das cavallgadas e do seu quinto mandava el-rrei que tomassem o dizimo e mais hũu dia de solldo de todollos que em algũu mester fossem, pera paga dos cavallos dos aconthiados que emmaquecessem ou morressem. (305.71).

Etimologia: de *en-* + *manquecer*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- JPM³: XV, *emanquecer* “«E se lhe morrerem seus cavallos, ou lhe *emmanquecerem* de tal manqueira, ou door, que nom sejam pera servir...», *Ord.*, I, título LXXI, cap. 6, p. 489”.
- AGC: c1608, *enmanquecer* (NOReb 150.22).
- VH-CPM: XV, *emmaquecessem* (LOPF, 87.71).
- BLem: XV, *emmaquecessem* (LOPF).
- MD-CF: XV, *emmaquecessem* (LOPF).
- Houaiss: 1576, *emmanquescer* (DNLeO fº 45).

Obs.: As datações de AGC e Houaiss são tardias, pelo que o verbo *manquecer* está aí atestado em c1555, enquanto o substantivo *manco* que lhe dá origem ocorre já no XIII.

Ainda sem registo no CIPM.

EMPICOTAR-SE, vb. (1) ‘colocar-se no pico’.

aconteceo hũu dia que o iffante se encontrou com hũu mui grande husso, e juntou-sse tanto a elle pollo ferir amatenente que o husso firmou bem seus pees e levantou os braços por o arrevatar da sella; e o iffante quando esto vio, empicotou-sse tanto sobre a sella que foi de todo sobre o arçom deanteiro, (351.14).

Etimologia: de *em-* + *picota* ou *picoto* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- VH-CPM: XV, *empicotou-sse* (LOPF, 99.14).
- BLem: XV, *empicotousse* (LOPF)²²².
- MD-CF: XV, *empicotou-sse* (LOPF).
- Houaiss: 1899, (cf. CF¹).

Obs.: A datação de Houaiss é tardia.

Os substantivos *picota* e *picoto* estão atestados em 1145 e 1107, respectivamente.

Ainda sem registo no CIPM.

²²² Em BLem, eventualmente para uma lematização mais uniforme, foram eliminados todos os hífenes, o que em alguns casos causa ambiguidade, difícil de desfazer, uma vez que apenas apresenta a obra sem indicar a localização. Torna-se, assim, imprescindível ter as obras informatizadas, de outra forma é impossível localizar os passos e detectar diferentes significados.

ENCALHAR, vb. (2) ‘apoiar directamente a quilha da embarcação no fundo do meio em que flutua ou em algum obstáculo’.

*E seis gallees d’el-rrei de Graada estavom **encalhadas** em seco, com medo d’as de Bellamarim, e ouverom conhecimento das naaos que eram de Portugall per algũuas pinaças que hiam deante, e juntarom-sse todos, e forom sobre as gallees de Bellamarim e fezeram-nas tanto **encalhar** em terra que as defendiam os mouros de cima do muro.* (300.46, 50).

Etimologia: de *en-* + *calhar*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- JPM³: XVI, *encalhar* (cf. Morais²).
- RLor: XV, *encalhar* “aa frota de Portugall que jazia *emcalhada* acerca dos muros” (*D. João I*, I, 275)
- AGC: XVI.
- VH-CPM: XV, *encalhadas* (LOPF, 86.46), *encalhar* (LOPF, 86.50).
- BLem: XV, *encalhadas*, *encalhar* (LOPF); *emcalhada* (LOPJ¹)²²³.
- MD-CF: XV, *encalhadas*, *encalhar* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: A antedatação de RLor a JPM, com uma abonação de LOPJ¹, mas não a de LOPF, vem justificar a pertinência dos *corpora* informatizados²²⁴. Para Kremer 1510.

O verbo *calhar* está atestado em 1611, enquanto o substantivo *calha* que lhe dá origem ocorre em c1580, pelo que se verifica o registo gráfico do derivado antes da primitiva.

Ainda sem registo no CIPM.

ENFEITIÇAR, vb. (2) ‘submeter a acção de feitiço; seduzir, embruxar’.

*nem el nom avia por que lhe teer esto a mall, ca nom quiriam perder hũu tam boom rrei como elle por hũua maa molher que o tiinha **enfeitiçado**.* (210.50).

Outras ocorrências: 232.35.

Etimologia: de *en-* + *feitiço* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- AGC: 1614, (SGonç I.354.15).
- VH-CPM: XV, *enfeitiçado* (LOPF, 60.50).
- BLem: XV, *enfeitiçado* (LOPF).
- MD-CF: XV, *enfeitiçado* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: É um dos casos em que se utiliza primeiro o particípio e só depois as formas finitas do verbo²²⁵. Segundo o VH-CPM, *feitiço*, como substantivo, encontra-se atestado no século XIV (TROY, 17.39 e PART, IV.938), embora Houaiss não indique datação (o mesmo para *feiticeira*, REIX, II.158.98 no VH-CPM), uma vez que o século XV apresentado é para a classificação de

²²³ Forma lematizada para o verbo *encalçar*.

²²⁴ Veja-se a opinião de Robert Verdonk, face ao CORDE, p. 23.

²²⁵ A f. hist. do verbo *enfeitiçar* comprova esta situação. Cf. introdução de Houaiss, ponto 4.3.3.1.

adjectivo. JPM³ havia já indicado o mesmo século²²⁶. A data de AGC continua tardia, corrigida de 1813, na 1ª edição, para 1614, no suplemento da 2ª.

O substantivo está atestado no século XV.

ENSECAR, vb. (1) ‘pôr ou ficar (embarcação) em seco; encalhar’²²⁷.

*Joham Focim, quando vio que as gallees rremavom pera terra e que o almirante nom curava d’aferrar com ellas, desejoso de bem fazer terreou tanto por dar em hũa gallee ante que **ensecasse** que sse ouvera de perder, e nom lhe pode fazer nojo; (262.38).*

Etimologia: de *en-* + *seco* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- RLor: XV, “«terreou tanto por dar em huuma gallee, ante que *emsecasse*» D. Fernando (I,192)”.
- VH-CPM: XV, *ensecasse* (LOPF, 74.38).
- BLem: XV, *ensecasse* (LOPF).
- MD-CF: XV, *ensecasse* (LOPF).
- Houaiss: XV, *emsecar* (cf. FichIVPM).

Obs.: RLor apresenta a obra de LOPF como primeira atestação para o verbo *ensecar* com a indicação de que JPM não apresenta documentação para a palavra averbada (“1956b: sem doc.”)²²⁸. Em JPM³ não se encontra averbada a entrada *ensecar*.

O adjectivo está atestado no século XIII.

Ainda sem registo no CIPM.

ENTESOURAR, vb. (2) ‘guardar como tesouro, acumular’.

*o primeiro, gastamento em grande quantidade d’ouro e prata que antiigamente pellos rreis fora **entesourado**, do quall, por aazo d’ella, foi a Aragom levada mui gram soma d’ouro, como ja teendes ouvido; (187.7).*

Outras ocorrências: 191.126.

Etimologia: de *en-* + *tesouro* + *-ar*

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- AGC: XVI²²⁹.
- VH-CPM: XV, *entesourado* (LOPF, 55.7); *enthessoura* (SEGR, 18v).
- BLem: XV, *entesourado* (LOPF).
- MD-CF: XV, *entesourado* (LOPF).

²²⁶ Cf. JPM³ s.v. *feitiço* (vol. III, p. 32) “Como adj. no séc. XV: «...e como sse queria trabalhar d’aver chaves *feitiças* pera abrir as portas de noite...», *F. L., J.*, Iª parte, cap. 157, p. 334; na mesma época como s.: «...huu me falla em estrollomia, outro me falla em semelhança de *feitiços*», *Ceuta*, p. 58”. Não se percebe o porquê da nota 1 aí apresentada, dependente da classificação de adjectivo: “No séc. XIV a var. *feitiço*: «e pera esto ha de ter o dicto samcristam huum cesto grande *feitiço* em que andem os monges quando cortarem os dictos matos», no *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, V, p. 335”. Falta contexto à frase, mas a interpretação como substantivo também não me parece descabida.

²²⁷ Cf. os vários significados com as respectivas abonações de Morais⁴ s.v. *ensecar*.

²²⁸ Cf. RLor, p. 149 e JPM II.1956b, s.v. *seco*.

²²⁹ Com indicação de que “no port. med., na acepção de *entesourar*, ocorrem as formas *tesourar* e *thesaurizar*, ambas no XIV”. O VH-CPM indica estas duas formas com abonações de ORTO, 106.6 (*E a molher casou cõ outro e lograrõ os bêês que **tesourou** o auarêto*) e ORTO, 2.13 (*Aprende hu he a prudencia, [...] hu som os principes que das gentes que **thesaurizam** a prata e ho ouro [...]*).

- Houaiss: XV, *entesourado* (cf. FichIVPM).

Obs.: Nesta entrada *entesourar*, o VH-CPM apresenta ainda uma abonação de LEAL (114.25) para o verbo *tesourar*, abonação que repete na entrada *entesourar*, agora datando LEAL do século XIV²³⁰.

O substantivo está atestado em 1214.

Ainda sem registo no CIPM.

ERAMÁ, adv. (1) ‘em má hora’.

«Bem sabia eu que muito *eramaa* ca vehemos, pero ante lho eu dixeu». (431.60).

Etimologia: da loc. *em hora má*.

Tipo de unidade: composição.

Registos:

- JPM³: 1505, *eramá* “«Nam ouço com a cainçada, / rapaz dalhe hũa pedrada / ou fartos eramaa de pan», Gil Vicente, *Quem tem Farelos?*, na *Copilaçam*, fl. 193; notar agora na mesma obra (fl. 194) este passo onde coexistem duas formas, a anterior e a resultante: «Que, *ma ora* começara / os que maa sayda lhe sya / hi *eramaa* cantar aa praya». a var. *aramá*, também em Gil Vicente (em 1534): «Ora tu nã ves que he grilo / vay te di *arama* vas / que eu nam ey mester ouvido», Mofina Mendes, na *Copilaçam*, fl. 25 b”.
- RLor: “F. da Sylveira «conhecê-uos *eera ma*» (Crest. Arc. 495); G. Vicente «andar, *muytieramá*» (62b3), «guarde-te Deos, *earamá*» (104a30), «dá-me essa mão, *eyeramá*. / Tir-te, tir-te, *eramá* lá!» (303a18,19); «corremos a *yramá*» (407a34), etc.”
- VH-CPM: XV, *eramaa* (LOPF, 120.60).
- BLem: XV, vb + pronp *eramaa* (LOPF)²³¹.
- MD-CF: XV, *eramaa* (LOPF).
- Houaiss: 1505, (cf. GVic).

Obs.: JPM³ e RLor apresentam várias formas que este advérbio assumiu, sobretudo em Gil Vicente. JPM³ apresenta a data mais antiga como 1505, sendo que RLor faz referência ao poeta palaciano Francisco da Sylveira, como primeira atestação. Houaiss, na entrada *eramá*, que data de 1505, com a indicação de primeira ocorrência em Gil Vicente, apresenta ainda as seguintes variações: *aramá* (d1441 cf. FLJoa), *earamá* (a1534), *eremá* (sXVI), *ieramá* (1502-c1536 cf. GVic). De qualquer forma, todas posteriores a LOPF, uma vez que a indicação de ocorrência da forma *aramá* em LOPJI, se tivermos em conta a sua cronologia, é a última a ser escrita pelo cronista. A edição da organizada por Dias Arnaut para a Civilização Editora regista *era maa* e a da Bibliotheca de Classicos Portuguezes, de 1896 (3º vol), *hora má*.

O substantivo e o adjectivo estão atestados no século XIII.

ESTIMATIVO, adj. (1) ‘relativo a estima (sentimento de apreço)’.

*a primeira, porque aquello que em algũus he causa intrinseca das outras maneiras de sandice he em estes causa de taaes amores: a segunda porque a virtude **estimativa**, que he emperatriz das outras potencias da alma acerca das cousas senssivees, he tam doente em taaes homẽes que nom julga o ogeito da cousa que vee tall quall elle he mas tall quall a elle parece;* (220.43).

Etimologia: de estimado, sob a f. rad. *estimat-* + *-ivo*.

²³⁰ Cf. supra p. 35.

²³¹ Cf. supra p. 51.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, *estimativo* (cf. Morais²).
- AGC: XVI.
- VH-CPM: XV, *extimativa* (LOPF, 63.43).
- BLem: XV, *extimativa* (LOPF).
- MD-CF: XV, *extimativa* (LOPF).
- Houaiss: XV, *extimativo*, 1532 *jstimativo* (cf. FichIVPM).

Obs.: Rlor não propõe antedatação para a data apresentada por JPM, corrigindo, corrigindo apenas a datação para o verbo *estimar*, de 1349 para 1264.

O adjectivo está atestado no século XIII.

EXSUDAR, vb. (1) ‘suar, transpirar’.

Em este comeos sobreveo o gram porco, seguro e desacompanhado de sabujos e d’alaãos, exudrado por a gram calma que fazia, e veo nacer per a bicada de hũu monte junto com a armada hu jazia o iffante e seu page dormindo. (352.45).

Etimologia: do lat. *exsūdō*, *ās*, *āvī*, *āre*, *ātum*²³².

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: 1864, “«O potro *exsudava* a torrentes e tremia convulsivamente», Camilo, *Vinte Horas de Leitura*, cap. 9, p. 93”.
- AGC: 1881.
- VH-CPM: XV, *exudrado* (LOPF, 99.45).
- BLem: XV, *exudrado* (LOPF).
- MD-CF: XV, *exudrado* (LOPF).
- Houaiss: XV, *exudrado*, 1706 *exsudar* (cf. FichIVPM).

Obs.: Verbo datado a partir do particípio. As datações apresentadas por AGC e JPM³ são tardias. Rlor não propõe antedatação para a data apresentada por JPM.

Ainda sem registo no CIPM.

FEMENTIDO, adj. / s.m. (3) ‘que é desleal, que não cumpre a palavra, falso’²³³

e o principe, quando o vio, chamou-lhe treedor e fementido que merecia morte; e o mariscall rrespondeo dizendo: «Senhor, vós sooes filho de rrei, e nom vos rrespondo como poderia em este caso, mais eu nom ssom treedor nem ffementido». E o principe disse que quiria estar a juizo de cavalleiros, e que lho provaria, e ell disse que ssi: e forom juizes doze cavalleiros de desvairadas naçoões. E disse o principe contra elle que na batalha de Piteus, que ell vencera, hu fora preso el-rrei de França, fora elle seu prisioneiro e posto a rrendiçom, e lhe fezera preito e menagem, so pena de traiçom e ffementido, (37.10, 13, 19).

Etimologia: de *fé* + *mentido* (part. de *mentir*).

Tipo de unidade: composição.

²³² JPM³ apresenta etimologia intermédia “do fr. *exsuder*, este do lat. *exsudāre*” (cf. p. 519).

²³³ O significado apresentado por Morais⁴ é mais literal: “Que mente e falta à fé dada, à fidelidade” (s.v. *fementido*)

Registos:

- JPM³: XV, adj. “«...e o Príncipe, quando o vio, chamoulhe treedor e *fementido* que merecia morte, e o mariscal rrespondeo dizendo: «Senhor... mais eu nom som treedor, nem *fementido*...», *F. L., F.*, cap. 10, vol- I, p. 35”.
- AGC: XV, adj. e s.m..
- VH-CPM: XV, adj. e s.m. *fementido* (LOPF, 10.10); *ffementido* (LOPF, 10.13,19)
- BLem: XV, vb. *fementido*, *ffementido*, (LOPF).
- MD-CF: XV, *fementido*, *ffementido*, (LOPF).
- Houaiss: XV, adj. *fementido*, *ffementido* (cf. FichIVPM).

Obs.: Parece haver alguma confusão na classificação gramatical desta palavra. Das três ocorrências registadas em LOPF, e apresentadas acima, em nenhuma situação se verifica a utilização como verbo, como sugere BLem. AGC e o VH-CPM identificam, correctamente, a classe de adjetivo nas duas primeiras ocorrências, e de substantivo na última. É verdade que esta classificação parece forçada, mas se tivermos em conta o significado de ‘má fé, infidelidade’, parece aceitável. Falta pois a JPM³, e sobretudo a Houaiss, a introdução desta classificação.

O substantivo está atestado em 1111 e o verbo no século XIII.

FLECHEIRO, s.m. (5) ‘soldado que fazia uso de arco e flecha, seteiro’.

*assi que eram per todos dez mill homens d’armas e outros tantos **frecheiros**: (25.19).*

Outras ocorrências: 26.41; 43.79; 421.14; 453.61.

Etimologia: de flecha + *-eiro*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: c1539, *frecheiro* (JCasD 90.8).
- VH-CPM: XV, *frecheiros* (LOPF, 6.19).
- BLem: XV, *frecheiros* (LOPF, LOPJ², LOPJ²).
- MD-CF: XV, *frecheiros* (LOPF).
- Houaiss: XV, *frecheiro* (cf. FichIVPM).

Obs.: Em JPM³ apenas o registo e a indicação na entrada *flecheiro* “s. De flecha”.

O substantivo *flecha* está atestado no século XV, embora a sua variante *frecha*, da qual depende este derivado seja do XIV.

FORREJAR, vb. (2) ‘o mesmo que forragear; ceifar forragem’.

*e per esta guisa os capitaães que com el-rrei dom Henrrique viinham estendiam-sse pellos termos da cidade a **forrejar**, sem torva que de nẽhũu ouvessem, (270.28).*

Outras ocorrências: 467.61.

Etimologia: do fr. *fourrager*, segundo Morais⁴.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- BLem: XV, *forrejar* (LOPF).
- MD-CF: XV, *forrejar* (LOPF).

Obs.: O VH-CPM não apresenta qualquer forma ou variante deste verbo. Houaiss, AGC e JPM³ apenas registam o verbo *forragear*, datando-o todos do séc. XVII, mas JPM³ refere que “*forrejar* no séc. XVI era considerado antiquado (vj. Duarte Nunes de Leão, *Origem da Língua*

Portuguesa, cap. 17, p. 301, ed. De 1945)”²³⁴. Esta mesma observação, com a explicação do significado do verbo *forrejar* encontra-se em Moraes: “(do francês: *fourrager*.) Talar, roubar, fazer damno, como quasi sempre se faz pelos que vão forragear na terra inimiga. *Leão, Orig.* c. 17 pag. 105. col. 1. V. Forragear”²³⁵ e também em Viterbo “Furtar, roubar, andar á pilhagem. Hoje se diz *Forragear*: por buscar, e conduzir o pasto para as bestas do exercito; e a este pasto chamão *Forragem*. E como este provimento de fenos, palhas, cevadas, &c. com muita frequência se fazia nas terras dos inimigos, cujos campos se procuravam talar, roubar, e destruir, foi muito fácil a translação da palavra”²³⁶. Ainda sem registo no CIPM.

FORTES, s.m. (2) ‘moeda antiga’.

D’outras moedas que el-rrei dom Fernando fez, assi como fortes de prata, que valliam dez solldos, e outros de viinte, (191.116).

Outras ocorrências: 194.35.

Etimologia: do lat. *fortis*, is.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- BLEM: XV, adj. *forte* (LOPF).

- MD-CF: XV, *fortes* (LOPF).

Obs.: Como substantivo, com a acepção de ‘moeda antiga’, encontra-se em Viterbo e Moraes com a seguinte explicação: “Moeda de prata d’El-Rei D. Dinis com o valor de 40 réis, e *meio Forte* com o de 20 réis. De huma parte tinha a *Commenda de Christo* com o nome de Rei na orla, e da outra o Escudo Real com a Letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*. El-Rei D. Fernando fez bater *meios Fortes* com o valor de 29 réis cada hum, e dois ceitis. Depois ele mesmo a rebaixou a 16 réis”²³⁷ e “Moeda delRei D. Fernando que valia 29 reis, e 2 seitis, ou ceitis”²³⁸, respectivamente.

Quanto às obras/trabalhos que servem de suporte a esta pesquisa, nenhuma a regista como substantivo, com a acepção de ‘moeda antiga’. BLEM engloba todas as formas na classificação de adjectivo e MD-CF, como *corpus* de português, apenas apresenta as passagens da obra. O VH-CPM averba *forte* como adjectivo e advérbio, mas sem nenhuma abonação de LOPF²³⁹.

FUGIMENTO, s.m. (1) ‘fuga, saída, retirada’.

em guisa que per frio e fame e comer desacostumadas viandas veherom muitos a morte e fraqueza e continuadas doores; e sse algũus per morte ou fugimento falleciam da frota, logo era comprido o conto d’outros tantos que novamente tragiam a ella; (138.53).

Etimologia: de fugir + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *fugimento* (LOPF, 42.53).

- BLEM: XV, *fugimento* (LOPF).

²³⁴ JPM³, s.v. *forragear*.

²³⁵ Moraes⁴, s.v. *forrejar*.

²³⁶ Viterbo, s.v. *forrejar*.

²³⁷ Viterbo, *forte* II.

²³⁸ Moraes⁴, s.v. *forte*, s.m..

²³⁹ Em LOPF com 14 ocorrências como adjectivo. Cf. Índice Analítico.

- MD-CF: XV, *fugimento* (LOPF).

Obs.: Substantivo apenas averbado em CF².

O verbo está atestado em 1224.

HENRICADO, adj. (2) ‘relativo a pessoa chamada Henrique’.

*E quando el-rrei dom Fernando chegou a terra antre os seus, disse com geesto ledto contra elles: «Quanto eu **hanrricado** venho!». E esto dezia elle porque a todollos que tiinham com el-rrei dom Henrrique chamavom **hanrricados**; (291.62, 64).*

Etimologia: do antr. de Henrique + -ado.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *hanrricados* (LOPF, 83.64)..

- BLem: XV, *hanrricado*, *hanrricados* (LOPF)

- MD-CF: XV, *hanrricado*, *hanrricados* (LOPF).

Obs.: Houaiss regista apenas as variantes *henriquenho* (a1899 cf. CF¹.) e *henriquino* (1899 cf. CF¹).

O antropónimo Henrique (1334-1379), rei de Castela.

ORFANDADE, s.f. (1) ‘ausência de amparo, desamparo, privação’.

*e sse novamente chegavom algũus, posto adeparte todo fingimento, fazia seu planto com elles, mostrando-lhe a **horphaindade** do marido que perdera, com salluços e grandes lagrimas; (594. 27-28).*

Etimologia: de órfão sob a f. rad. *orfan-* + -dade.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV/XVI, *orfandade* “«...soo com saudade, / & sua gram orfyndade», C. Ger., V, pp. 360-361”

- RLor: XV/XVI, *orfandade*, “G. de Resende «e sua gram orfyndade» (Cr. Arc. 502)”.

- AGC: XV, *horphaindade* (LOPF 173.27), *orfimdade* (LOPJI² 197.33).

- VH-CPM: XV, *horphaindade* (LOPF, 173.27), *orfimdade* (LOPJI², 197.33).

- BLem: XV, *horphaindade* (LOPF), *orfỹdade* (LOPJI²).

- MD-CF: XV, *horphaindade* (LOPF).

- Houaiss: XV, *horphaindade*, *orfimdade* (cf. FichIVPM).

Obs.: O substantivo está atestado no século XIII.

JUSANTE, s.f. (1) ‘vazante, baixa, descente’.

*mas taaes avia hi dos mareantes que eram muito contrairos a esto, dizendo que as gallees per esta guisa hiam em muito gram periigo, porque quando vehesse a **jusante** da maree lança-llas-hia em poder da frota de Portugall, (143.19).*

Etimologia: do fr. *jusante*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- JPM³: 1513, “«...porque no Mar Roxo não há aí correntes de água, senão montante e *jusante*, que entra para dentro e sai para fora», Afonso de Albuquerque, *Cartas*, p. 210, ed. dos Clássicos Sá da Costa”.

- AGC: XVI.
- VH-CPM: XV, *jusante* (LOPF, 44.19).
- BLem: XV, *jusante* (LOPF).
- MD-CF: XV, *jusante* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: RLor não corrige JPM.

LÁSTIMA, s.f. (1) ‘compaixão, dó’.

Esta mensagem foi ouvida com grande door e lastima, (383.16).

Etimologia: regr. de *lastimar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Registos:

- AGC: 1549, (SNor 96.21).
- VH-CPM: XV, *lastema* (INFA, 91.15).
- BLem: XV, *lastima* (LOPF).
- MD-CF: XV, *lastima* (LOPF)²⁴⁰.
- Houaiss: XV, *lastema* (cf. FichIVPM).

Obs.: JPM³ apenas regista o verbo *lastimar*, após observação de RLor, com indicação de tal proveniência, com abonação da *Crónica Troiana*. VH-CPM não indica esta ocorrência em LOPF.

O verbo está atestado no século XIV.

LASTRAR, vb. (1) ‘espalhar lastro/balastro (cascalho ou saibro que se coloca no leito das estradas)’ ou ‘acrescentar peso a algo, para torná-lo mais firme’.

de guisa que muito aginha foi feita hũa grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d’area, tall per que folgadamente podiam hir a través seis homens a cavallo; (115.23).

Etimologia: de lastro + -ar.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«...e porque a naao nom *era lastrada*, e a gemte emtrou mais da que devera, nom podia rreger com compria», *F. L., J., I*, cap. 133, p. 261”.
- AGC: XV.
- VH-CPM: XV, *lastrada* (LOPF, 35.23).
- BLem: XV, *lastrada* (LOPF, LOPJ¹)²⁴¹.
- MD-CF: XV, *lastrada* (LOPF).
- Houaiss: 1958, (cf. CABr).

Obs.: Houaiss apresenta duas entradas para *lastrar*. A primeira (d1441 cf. FLJoa), embora mais relacionada com termos náuticos, aceitável neste contexto com a ideia de ‘espalhar lastro, camada na base de algo’. A segunda, datada de apenas 1958 (de *lastro/balastro*, de 1836), com o significado de ‘cascalho ou saibro que se coloca nas estradas’, é talvez até aquele que melhor se verifica aqui.

O substantivo, para a primeira acepção, está atestado em 1440 e, para a segunda, de 1836.

Ainda sem registo no CIPM.

²⁴⁰ Forma classificada como vb / nomc, lematizada para o verbo *lastimar*.

²⁴¹ Forma identificada como participio, mas lematizada para o verbo *lançar*.

LEVADIÇO, adj. (1) ‘que se pode baixar ou levantar com facilidade’.

E isso meesmo fez veer os castellos de que guisa estavom, e mandou-hos rreparar de muros e torres e cavas d’arredor e poços e cisternas onde compriam; e aas portas paredes travessas e pontes levadiças e cadafaises, e fornece-llos d’armas e cubas e d’outras vasilhas, segundo os logares honde cada hñus eram. (11.15).

Etimologia: de levado + -iço.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«...porque sobem ás casas per hñas levadiças de canas, que como são em cimaas poẽ ao longo das paredes & ficão muyto seguros...», Cast., VI, cap. 67, p. 142”.
- AGC: XV, (LOPF 1.15).
- VH-CPM: XV, levadiças (LOPF, 1.15).
- BLem: XV, levadiças (LOPF).
- MD-CF: XV, levadiças (LOPF).
- Houaiss: XV, levadiças, leuadiça. (cf. FichIVPM).

Obs.: Rlor não corrige JPM.

O adjectivo está atestado no século XIII.

LUGAR-TENENTE, n.2g. (1) ‘quem fica no lugar de outrem; pessoa que secunda um chefe e o substitui em caso de ausência’.

e mandou aas villas e logares da hordem d’Alcantara que ouvessem por logoteente do meestre d’essa hordem Garcia Perez do Campo craveiro. (98.34).

Etimologia: da loc. lat. *locum tenens*, *tenentis* ‘o que ocupa um lugar’, de *locus*, -i ‘lugar’ e de *tenens*, -entis, part. pres. de *tenēre* ‘ter’.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: regista “logo-tenente, s. Vj. lugar-tenente”. Mas depois não há entrada para *lugar-tenente*. Regista também *locotenente*, XVII “«Porém em quanto senhor do mundo com o governo de todos os animais, era locotenente do mesmo deus», Sermões, V, 6, § 4, 320, p. 352”.
- VH-CPM: XV, logo-teente (LOPF, 28.34).
- BLem: XV, logoteente (LOPF)²⁴².
- MD-CF: XV, logoteente (LOPF; ChUniPort, 1420-1460); logo teente (ChUniPort, 1420-1460).
- Houaiss: XV, logo teente, (cf. FichIVPM).

Obs.: São várias as formas para este composto. Houaiss, em entrada separada, *locotenente* (cf. OrdAf), regista as formas históricas 1446 *locotenente*, 1446 *loguo-teenente*, 1446 *logo-teente*, todas posteriores a LOPF. No entanto, MD-CF apresentam possível antedatação a LOPF.

Sobre o plural deste composto, Houaiss regista *lugares-tenentes*, mas não era esse o entendimento de Moraes na altura: “«os Reis são lugarestenentes de Deus» Pinto Ribeiro,

²⁴² Esta palavra tem também uma ocorrência em ZURD, aqui não registada por ser posterior. Como BLem não a identifica e como ele trabalha a obra, tinha de existir uma razão. A explicação reside no facto de, em ZURP, a palavra composta aparecer separada, ou seja, em vez dos dois elementos estarem juntos ou separados por hífen, ocorre um espaço em branco. O computador assume duas palavras e logo está classificado como advérbio e teente como presente do conjuntivo do verbo *ter*. O mesmo acontece com *pee terra*.

Relação 1. §. 47. Lugartenente diz Arraes, 5.2. e melhor; porque o lugar de Deus, que elles tem, é só um, e tal é a analogia nos vocabulos compostos, v.g. olhibrancos; eripedes, manietados, pern’altos, etc.; alias dizemos os vice, e não os vicesgerentes, e hoje de ordinario se diz as Republicas, e não Respublicas, com affectação pascassia”²⁴³.

MACHAFÊMEAS, s.f. (1) ‘dobradiça, charneira, gonzo’²⁴⁴.

ca el-rrei mandou tirar d’aquella torre do aver, que estava no castello da cidade, hũa coroa d’ouro feita de machafemeas, obrada com pedras de grande vallor e grossos graãos d’aljofer em muitos logares (166.26).

Etimologia: de *macha* + *fêmea*.

Tipo de unidade: composição.

Registos:

- JPM³: XVI, “«E quanto nisto se aventura, o tempo o aprua, não sem magoa, & escândalo: machafemea de amizades vidrentas, & e mal forjadas», *Aulrg.*, fl. 92”.
- VH-CPM: XV, *machafemeas* (LOPF, 49.26).
- BLem: XV, *machafemeas* (LOPF).
- MD-CF: XV, *machafemeas* (LOPF).
- Houaiss: 1452, (cf. ZT).

Obs.: RLor não corrige JPM. Houaiss regista duas variantes: *macha-fêmea*, sem datação, e *machafêmea* para a qual dá uma data diferente do VH-CPM, de 1452 ZT. Tendo em conta que LOPF é escrito “nos finais da quarta década do século XV ou no início da seguinte, em qualquer caso antes de 1443”²⁴⁵, e que o VH-CPM é a digitalização do FichIVPM, a que Houaiss recorre várias vezes, a data por ele apresentada é tardia. Para Kremer, forma ‘macho-fêmea’, 1544. O substantivo *macho*²⁴⁶ está atestado no século XIII e *fêmea* no XIV.

MALDESDITO, adj. (1) ‘desafortunado, desventurado; difamado’.

O almirante por esta rrazom foi muito culpado e maldesdito, (263.66).

Etimologia: de *mal* + *desdito*.

Tipo de unidade: composição.

Registos:

- VH-CPM: XV, *maldesdito* (LOPF, 74.66).
- BLem: XV, *maldesdito* (LOPF).
- MD-CF: XV, *maldesdito* (LOPF).

Obs.: Sem registo nos dicionários. O significado, com duas negações, mostra alguma irregularidade de formação face ao significado do contexto onde se encontra. O advérbio está atestado e 1255 e o adjectivo no XIV.

MANTEEIRO, s.m. (1) ‘funcionário responsável pela guarda dos mantéis da casa real’.

e elles hindo pello caminho, acharom hũu Fernam Gallego seu manteheiro que lhes disse como o iffante era partido e de que guisa, (383.8).

²⁴³ Cf. Morais⁴ s.v. *lugartenente*.

²⁴⁴ Cf. Morais⁴ s.v. *machafemea*: “Dobradiças, ou visagras de duas peças, n’uma das quaes há um macho, eixo, que se embebe na fêmea, ou cano da outra”.

²⁴⁵ Cf. T. Amado in Tavani, p. 179.

²⁴⁶ Para a entrada isolada *macha* ‘peça de dobradiça encaixável na outra, a fêmea’, Houaiss não apresenta datação.

Etimologia: de mantel + -eiro (com síncope do -l-).

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *manteheiro* (LOPF, 106.8), *mantieiro* (LOPJI², 220.14).

- BLem: XV, *manteheiro* (LOPF) *mantyeiro* (LOPJI²).

- MD-CF: XV, *manteheiro* (LOPF).

- Houaiss: *manteeiro*.

Obs.: Houaiss não apresenta datação para esta palavra.

Para Kremer 1402.

O substantivo está atestado em 1365.

MESTO, adj. (1) ‘lúgubre; espesso, basto’.

*E quando o porco assi naceo, o outro alaão Rrabez deu hũa arrancada, e o Bravor teve-se quedo; e quando Rrabez vio que sse o porco saya e que o nom desatreellavom, fez hũa grande arrancada per hũu **mesto** mato, levando após ssi o page e o outro alaão. (353.57).*

Etimologia: do lat. *maestus* (ou *moestus*), *a*, *um*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “«Em virtude do Rei, da pátria *mesta*, / Da lealdade ja por vos negada», *Lus.*, IV, 19”.

- AGC: 1572.

- VH-CPM: XV, *mesto* (LOPF, 99.57).

- BLem: XV, *mesto* (LOPF).

- MD-CF: XV, *mesto* (LOPF).

- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Houaiss não regista o segundo significado, mas parece-me ser o adequado.

RLor não corrige JPM, que o regista nesta 1º ed. como: “**Mesto**, adj. Do lat. *maestu-*, «abatido, profundamente aflito; severo, sombrio; que causa tristeza, fúnebre, sinistro»; por via culta. Séc. XVI: «Em virtude do Rei, da pátria *mesta*, / Da lealdade ja por vos negada», Camões, *Lusíadas*, IV, 19”. AGC apresenta também a datação d’ *Os Lusíadas* e ao contrário de outros casos, neste não propõe correcção no suplemento para a segunda edição, situação que normalmente se verifica.

NOTORIAMENTE, adv. (1) ‘de forma notória’.

*Outrossi mandava que quaaesquer que achassem andar vaadios, chamando-sse escudeiros e moços d’el-rrei ou da rrainha e dos iffantes e de quaaesquer outros senhores, e nom fossem **notoriamente** conhecidos por seus ou mostrassem certidom como andavom por serviço d’aquelles cujos se chamavom, que fossem loguo presos e rrecadados pellas justiças dos logares hu andassem (314.99).*

Etimologia: de notório + -mente.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *notoriamente* (LOPF, 89.99).

- BLem: XV, *notoriamente* (LOPF).

- MD-CF: XV, *notoriamente* (LOPF).

Obs.: Geralmente, R^Lor regista os advérbios de modo que JPM não apresenta, como *notavelmente* (*Ofícios*), *novamente* (*Cr. Gal.*). Neste caso isso não se verifica, embora JPM registre *notório* dentro da entrada *nota*²⁴⁷.

O adjectivo está atestado no século XV.

PALANCAR, vb. (2) ‘defender (um lugar) com palancas’.

*Outros diziam que era bem que **pallancassem** todallas rruas que sahiom ao rressio da cidade e que per alli a defendessem que nom entrassem os castellaãos em ella*, (258.38).

Outras ocorrências: 258.49.

Etimologia: de *palanca* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *pallancar* (LOPF, 73.49; LOPJI², 62.30); *pallancassem* (LOPF, 73.38).

- B^Lem: XV, *pallancar*, *pallancassem* (LOPF); *palamquar* (LOPJI²); *pallamcado* (LOPJI¹).

- MD-CF: XV, *pallancar*, *pallancassem* (LOPF).

- Houaiss: XV, *pallancassem* (cf. FichIVPM).

Obs.: Parece não existirem dúvidas sobre a formação deste verbo: do nome *palanca* mais o sufixo *-ar*. Estamos, portanto, perante um verbo denominal, cuja primeira atestação parece ser em LOPF. A questão que se coloca é que o nome de origem espanhola, *palanca*, que está na base da sua formação, só encontra registo, segundo Houaiss, quase três séculos mais tarde no vocabulário de Bluteau (1716 cf. RB). Assim, ou estamos perante um registo gráfico bastante tardio de *palanca*, em dicionário e não em obra, ou, então, a sua formação poderá ser de *palanque*²⁴⁸, do mesmo radical *palanc-*, forma preferida do português face ao espanhol, embora também assuma significado diferente: ‘estrado com degraus, para espectadores de festas ao ar livre; tablado’. Houaiss, no entanto, para *palanque*, regista também a acepção “m. q. ¹**palanca** (‘fortificação’)", portanto, mais aceitável na formação deste verbo.

O substantivo *palanca* está atestado em 1716 e *palanque* no século XV.

Ainda sem registo no CIPM

PÉ-TERRA, s.m. (2) ‘pequena moeda de ouro do tempo de D. Fernando’.

*O ouro que el-rrei lá mandou nom foi em pasta mas todo em moedas d’as que elle mandara fazer quando novamente começou de rreinar, scilicet, dobras das primeiras que chamavam **pee terra***, (162.39).

Outras ocorrências: 189.77.

Etimologia: de *pé* + *terra*.

Tipo de unidade: composição.

Registos:

- VH-CPM: XV, *pee terra* (LOPF, 57.7).

- MD-CF: XV, *pee terra* (LOPF).

²⁴⁷ Cf. também *peitoril*, s.v. *peito*; *peirnear*, s.v. *perna*; *teso*, s.v. *tender*. Este é um processo que mistura as entradas quer por ordem alfabética, quer por bases ou raízes. Será por esta razão que R^Lor diz que “a colocação das palavras é absurda no seu Dicionário e feita duma forma peregrina, o que faz perder muito tempo ao investigador.” p. II)

²⁴⁸ Com registo em REIX, INFA, LOPJI, ZURD.

Obs.: Apenas encontrei registo em CF²⁵ e Moraes⁴, embora este remetesse para Viterbo. Em BLEM não aparece registo porque a grafia é em duas palavras²⁴⁹, tal como a locução adverbial *a pee terra*, também com quatro registos em LOPF²⁵⁰. Esta mesma locução é também identificada uma vez pelo VH-CPM, com registo de ocorrência em REIX, e com a indicação do significado de ‘a pé’. MD-CF mostra-se o mais completo ao apresentar 16 registos de *pee terra*, onde é possível identificar 14 locuções (3 na *Crónica do Condestável Nuno Alvarez Pereira*, 1 na *Cronica de Portugal de 1419*, 5 na *Estoria de Dom Nuno Alvares Pereyra* e 5 em LOPF) e os dois substantivos do nome da moeda, precisamente em LOPF. Os substantivos estão ambos atestados no século XIII.

PEITORIL, s.m. (1) ‘parapeito’.

e no dereito onde entendeo que aviam de vïr derribou casas dentro na cidade, e fez encher cubas de terra e pedra, e grande bastida de madeira com peitoriis de portas das casas em ella, percebendo-sse do damno que lhe rrecrecer podia. (129.24).

Etimologia: do lat. **pectorile*²⁵¹.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “«...levando já os mouros diante, apesar de seu dano, té um *peitoril* que se fazia a maneira de terreiro soberbo sobre a praia», *Déc.*, II, III, cap. 2, p. 110”.
- AGC: XVI.
- VH-CPM: *peitoriis* (LOPF, 40.24).
- BLEM: XV, *peitoriis* (LOPF); *peitorill* (LOPJ¹).
- MD-CF: XV, *peitoriis* (LOPF).
- Houaiss: XV, *peitoril*, *peitoriis* (sXV cf. FichIVPM).

Obs.: RLor não corrige JPM (s.v. *peito*: “peitoril do lat. **pectorile*- (vj. Gonçalves Viana, *Apostilas*, II, p. 255); séc. XVI: “«...levando já os mouros diante, apesar de seu dano, té um *peitoril* que se fazia a madeira de terreiro soberbo sobre a praia», João de Barros, *Décadas*, II, III, cap. 2, p. 110”). AGC apresenta datação tardia sem correcção no suplemento.

PERNEAR, vb. (1) ‘agitar convulsivamente as pernas; espernear’.

e em cahindo assi ambos, começou o cavalo bullir rrijamente com as mãos e com os pees; e perneando assi rrijamente, acertou o canello da ferradura da mão ho tecido d’hũa fivella das solhas de Nun’Allvarez, (485.66).

Etimologia: de perna + *-ear*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«...sogigandolhe ho pescoço de modo que ele não era poderoso pera se levantar e *perneando* dava assopros e rinchos», *Memorial*, cap. 35, p. 232”.
- VH-CPM: XV, *perneando* (LOPF, 138.66).
- BLEM: XV, *perneando* (LOPF).
- MD-CF: XV, *perneando* (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

²⁴⁹ Cf. supra nota 242.

²⁵⁰ Cf. LOPF, 22.33; 25.4; 33.15 e 304.22.

²⁵¹ Houaiss justifica esta etimologia “segundo AGC, JM e Nascentes”.

Obs.: Rlor, que corrige a datação de *perna*, não corrige JPM em *pernear*, que se encontra na entrada *perna* (“pernear no séc. XVI: «...sogigandolhe ho pescoço de modo que elle não era poderoso pera se levantar e perneando dava assopros e rinchos», Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial da Távola Redonda*, cap. 35, p. 232, ed. de 1867”) e AGC apenas regista *espernear*, primeiro em 1844 e depois, no suplemento, 1836 SC.

Ainda sem registo no CIPM.

O substantivo está atestado no século XIII.

PETITE, adj. (1) ‘espécie de tornês que D. Fernando mandou cunhar; pequeno, secundário’.

*D’outras moedas que el-rrei dom Fernando fez, assi como fortes de prata, que valliam dez solldos, e outros de viinte, e torneses primeiros d’oito solldos, e torneses **petites**, e dinheiros novos avallidados a oito graãos, (191.118).*²⁵²

Etimologia: do francês *petit*²⁵³.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- VH-CPM: XV, *petites* (LOPF, 55.118).

- BLem: XV, *petites* (LOPF).

- MD-CF: XV, *petites* (LOPF).

Obs.: Sem registo na maioria dos dicionários. Morais⁴ apresenta: “adj. antiq. *Torneses*: torneses pequenos, moeda del-Rei D. Fernando. *Severim*, *Not.* f. 179”²⁵⁴.

PILARTE, s.m. (4) ‘antiga moeda portuguesa’.

*Fez lavrar mais outra moeda que chamavam **pillartes**, que eram de dous dinheiros de lei, (190.110).*

Outras ocorrências: 191.111; 194.28,34.

Etimologia: segundo Houaiss, “alusão aos soldados franceses que auxiliaram D. Fernando I (1345-1383) na guerra contra Castela”.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- VH-CPM: XV, *pillartes* (LOPF, 55.110).

- BLem: XV, *pillartes* (LOPF; LOPJ¹).

- MD-CF: XV, *pillartes* (LOPF).

- Houaiss: XV, *pillartes* (cf. FichIVPM).

Obs.: Em Viterbo, além da palavra averbada no segundo tomo (II.218), com indicação de também se dizer *pilastre*, *pilhastre* e *pillastre*, podemos encontrar uma pormenorizada descrição no suplemento, incluindo a sua origem: “(...) Lavrou-se em memoria dos pagens que traziam as *Celadas*, ou *Barbudadas* dos soldados estrangeiros, que o vierão auxiliar na guerra, aos quaes em Francez chamavam *Pilartes*.(...)”, (II.Sup.55).

²⁵² Cf. com LOPP: “e valia o tornês grande sete soldos e o **pequeno** tres soldos e meo, e chamavam a estas moedas dobra e mea dobra e tornês e meo tornês (11.55)”. Segundo o VH-CPM, s.v. *tornês*, também a antiga moeda de prata *tornês* é de origem francesa.

²⁵³ Segundo CF²⁵.

²⁵⁴ Cf. Morais⁴ s.v. *petites*.

POGEJA, s.f. (1) ‘moeda antiga, o mesmo que mealha’.

*E d’estes dinheiros velhos, quem quiria fazer moeda mais pequena, cortava hũu dinheiro pella meatade com hũua tesoura ou o britava com os dentes, e aa meatade d’aquell dinheiro chamavam mealha ou **pogēja**, e compravam com ella hũua mealha de mostarda ou d’alfelloa ou de tramoços e semelhantes cousas: (188.37).*

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- VH-CPM: XV, *pogēja* (LOPF, 55.37).

- BLem: XV, *pogēja* (LOPF).

- MD-CF: XV, *pogēja* (LOPF).

Obs.: Palavra registada em Viterbo, Morais e CF²⁵, com a forma *pojeja*, mas sem nunca indicar a sua origem.

POLPÃO, s.m. (1) ‘parte mais carnuda das coxas’.

*e entom foi feita a mais fremosa azcumada de seu braço que até ali fora vista nem ouvida antre monteiros, porque as cuitellas da azcuma entraram pellos **polpoões** da coxa e cortaram os ossos e as juntas e sahirom as cuitellas com toda a asta pello conto da azcuma da outra parte da calluga da espalda. (353.70).*

Etimologia: de polpa + -ão.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *polpoões* (LOPF, 97.70).

- BLem: XV, *polpoões* (LOPF).

- MD-CF: XV, *polpoões* (LOPF).

Obs.: Segundo Morais⁴, aumentativo de *polpa* (a parte mais carnosa do corpo animal, sem ossos), com abonação de LOPF²⁵⁵. Houaiss regista apenas polpa, para a qual apresenta a datação de 1563, o que prova o registo gráfico de um derivado antes da primitiva.

PRESTADOR, adj. (3) ‘que presta, que faz bem; prestável’.

*Amava justiça, e era **prestador** e graado, muito liberall a todos, e grande agasalhador dos estrangeiros. (3.18).*

Outras ocorrências: 347.20; 355.20.

Etimologia: do lat. *praestātor*, *ōris*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, (segundo Morais²).

- AGC: XV.

- VH-CPM: XV, *prestador* (LOPF, P. 18; 98.20; 100.20; LOPJI², 128.23).

- BLem: XV, *prestador* (LOPF; LOPJI¹; LOPJI²).

- MD-CF: XV, *prestador* (LOPF).

- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

²⁵⁵ Cf. Morais⁴ *polpão*.

Obs.: Primeira abonação dada por Morais. Se há palavras que com o passar do tempo, e com o estudo e conhecimento de mais obras, vão sendo antedatadas, outras há que são identificadas logo como primeiras atestações, como é o caso desta que conta com quase dois séculos.

PROPOEDOR, s.m. (1) ‘aquele que propõe, proponente’.

*os quaaes, fallando em esto, forom tanto per seu feito em deante que sse firmarom todos em conselheiro de lho dizer, enlegendo logo por seu capitam e **propoedor** por elles hũu alfayate que chamavom Fernam Vaasquez, homem bem rrazoado e geitoso pera o dizer: (210.27).*

Etimologia: de propor (propoer) + -dor.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *propoedor* (LOPF, 60.27).

- BLem: XV, *propoedor* (LOPF).

- MD-CF: XV, *propoedor* (LOPF).

Obs.: Bom exemplo para reforçar a ideia de domínio das regras de formação de palavras com base em processos internos da morfologia.

O verbo está atestado no século XIII.

RECOSSO, s.m. (2) ‘de recuo (?)’.

*ca honde aa primeira eram tantas por tantas e mais cinco de **rrecosso** que as de Portugall tiinham, ficarom estonce todas iguaaes e cinco de melhora aos castellaãos. (443.8).*

*tragia as gallees todas em escalla, iguaaes em batalha, e el na meatade; e como chegarom hũuas aas outras, aferrou cada hũua com sua, e duas de cada parte afastarom-sse de **rrecosso**, e honde compria mostravom sua ajuda. (444.28).*

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *rrecosso* (LOPF).

- MD-CF: XV, *rrecosso* (LOPF).

Obs.: Em CF²⁵ com a indicação de “Provavelmente o m. q. *recoice*. Cf. Fernão Lopes, *Crón. D. Fernando*”. Em Morais⁴ aparece registado “*Recosso, s.m. V. Recoso, *Ined. IV. f. 400 e 401*”²⁵⁶. Para *reco* regista “*antiq. Duas barcas que andão a reco*. *Ined. II, f. 345. Talvez recovo, á carga, ganhando fretes, escrito com s por f affim de v.*”. Estas duas localizações indicadas por Morais são, precisamente, as ocorrências nas obras em análise, uma em LOPF e outra em ZURP. O VH-CPM não regista esta palavra.

RESUMIR, vb. (1) ‘condensar em poucas palavras, sintetizar’.

*hũus contam que foi em Vallada, seendo el-rrei doente, outros dizem que foi em Portallegre em muito grande segredo, escrevendo isto per largos fallamentos que **rresumir** nom curamos; (377.68).*

Etimologia: do lat. *rēsūmō*, *īs*, *ēre*, *resumpsī*, *resumptum*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

²⁵⁶ No início da quarta edição do dicionário de Morais podemos encontrar a seguinte explicação: “Os asteriscos designão os Artigos que não pertencem a Morais”, cf. I.XIV.

- JPM³: XV, “«Senhor, vos mandaaes fazer esta carta, *rresumindolhe* quegenda era...», F. L., J., 1ª parte, cap. 3, p. 8”.
 - AGC: XV, *rresumir*.
 - VH-CPM: XV, *rresumir* (LOPF, 104.68).
 - BLem: XV, *rresumir* (LOPF); *resumidas* (LOPOJI²); *rresumindolhe* (LOPOJI²).
 - MD-CF: XV, *rresumir* (LOPF).
 - Houaiss: XV, *resomiir*, *rresumir* (cf. FichIVPM).
- Obs.:** Ainda sem registo no CIPM.

RIFÃO, s.m. (1) ‘adágio vulgar, provérbio’.

*assi que todo seu feito era de Santarem pera Coimbra, e depois tornar a Lixboa, em guisa que ja as gentes tragiam por **rriffam** em escarnho dizendo: «Ex-vo-llo vai, ex-vo-llo vem, de Lixboa pera Santarem». (121.63).*

Etimologia: de *refrão*, através da forma dissimilada **refão*.

Tipo de unidade: dissimilação regressiva.

Registos:

- JPM³: XVI, «...Affonso Lopez çapayo Christam nouo, que viuia em Tomar, fez hum *rifam* andaua no cancioneyro Portugues...», Gil Vicente, na *Copilaçam*, fl. 259 a”.
- AGC: XV, *rriffam* (LOPF 36.63).
- VH-CPM: XV, *rriffam* (LOPF, 36.63).
- BLem: XV, *rriffam* (LOPF).
- MD-CF: XV, *rriffam* (LOPF).
- Houaiss: XV, *rifam*, *rriffam* (cf. FichIVPM).

Obs.: Rlor não propõe antedatção.

O substantivo *refrão* está atestado no século XIV.

SEITOSO, adj. (1) ‘traíçoeiro’.

*e porque ella era muito **seitosa** e tiinha mortall odio aaquelles que foram em estorvo de tall casamento, (282.93).*

Etimologia: de *seita* + *-oso*²⁵⁷.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *seitosa* (LOPF, 81.93).
- BLem: XV, *seitosa* (LOPF).
- MD-CF: XV, *seitosa* (LOPF).

Obs.: Em JPM³ na entrada *seitosamente* refere: “Não consegui encontrar o adj. *seitoso* em que assenta esta palavra. Segundo Piel, em nota ao passo abonatório adiante apresentado, o correspondente vocábulo no texto latino original é *insidiose*. Séc. XV: «que se nom faça algũa cousa *seitosamente* nem fingidamente...», *Ofícios*, p. 180”. Machado não encontra este adjectivo porque utiliza a segunda edição do dicionário de Moraes. Na quarta edição, esta palavra é acrescentada (com asterisco antes, portando)²⁵⁸, por Theotonio José de Oliveira Velho. Esta mesma abonação é adicionada por Rlor a JPM, informação não referida.

²⁵⁷ Segundo CF²⁵.

²⁵⁸ Cf. nota supra 256.

Pelo que pude apurar para esta época, é um adjectivo apenas utilizado em LOPF, mas que tem em OFIC a utilização do advérbio *seitosamente*, o que mostra o registo de uma palavra derivada antes da primitiva.²⁵⁹

O substantivo está atestado no século XIII.

SESSENE, s.m. (2) ‘antiga moeda castelhana’.

Como el-rrei dom Henrique cercou a cidade de Leom, e mandou lavar a moeda dos sessenes (63.2).

Outras ocorrências: 64.31.

Etimologia: (?)

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Registos:

- VH-CPM: XV, *sessenes* (LOPF, 18.2,31).
- BLem: XV, *sessenes* (LOPF).
- MD-CF: XV, *sessenes* (LOPF).

Obs.: Apenas registada em CF²⁵ com a indicação de ‘antiga moeda castelhana’.

SOBREVELA, s.f. (1) ‘reforço de sentinelas’²⁶⁰.

*Começou el-rrei dom Fernando a guerra, e pôs seus fronteiros pellas comarcas, desi nos logares que sua voz tiinham, e mandava que todollos logares fossem vellados de certas pessoas em cada vella, e outras **sobrevellas** que as rrequeriam;* (101.6).

Etimologia: de *sobre* + *vella*.

Tipo de unidade: composição.

Registos:

- VH-CPM: XV, *sobrevellas* (LOPF, 30.6).
- BLem: XV, *sobrevellas* (LOPF)²⁶¹.
- MD-CF: XV, *sobrevellas* (LOPF).

Obs.: A base da palavra *vella*, ‘vigia, sentinela’, é de 1314, segundo RLor, mas a construção desta palavra, pelo que pude apurar, é de LOPF.

A preposição está atestada no século XIII e o substantivo em 1314.

SOL-LEVADO, s.m. (1) ‘nascer do sol’.

*e como era sol-posto, fechavam as portas de cada logar, e abrian-as **sol-levado**;* (101.8).

Etimologia: de *sol* + *levado* (part. de *levar*).

Tipo de unidade: composição.

Registos:

- VH-CPM: XV, s.m., *sol-levado* (LOPF, 30).
- BLem: XV, part., *sollevado* (LOPF).
- MD-CF: XV, *sol-levado* (LOPF).

²⁵⁹ Cf. introdução a *Houaiss*, campo da datação, ponto 4.3.3.3. “Quando tivemos em mãos datação de um advérbio de sufixo *-mente* anterior à de seu adjetivo formador, estendemo-la ao adjetivo, inserindo, no campo da etimologia, além das formas históricas, o comentário “datado a partir do adv.”, s.v. *súbito*.

²⁶⁰ Segundo CF²⁵ e o VH-CPM.

²⁶¹ Forma identificada como infinito pessoal/futuro do conjuntivo, seguida da forma de pronome, lematizada para o verbo *sobrevir*.

Obs.: Além da grafia diferente, podemos verificar para esta palavra também classificações distintas. O VH-CPM apresenta a classificação de substantivo e BLem, para a forma *solevado*, a de particípio do verbo *sublevar*. Na verdade, esta é a ideia geral, ou seja a de ‘mover de baixo para cima; erguer, elevar, sobrelevar’. A dúvida está na classificação, uma vez que a construção é elíptica. Assim, podemos entender esta forma como particípio se subentendermos que abriam as portas [quando o sol estava] *levantado*, *erguido*, ou então, com mais acerto, como substantivo, até pela antítese com *sol-posto*²⁶², ou seja, *abrian-as [ao nascer do sol]*. O substantivo está atestado no século XIII e o verbo em 1022-1065.

SUBDUQUE, s.f. (2) ‘subcomandante militar’.

e o so-duque de Latram e Tomas Simom alferes do duque d’Alancastro que trazia sua bandeira (453.55).

E os capitães eram estes: hũu filho bastardo d’el-rrei de Ingraterra que avia nome... o canom de Rrabi Sallas, o so-duc de lla Trava, mossé Joham Falconeth e outros; (519.10).

Etimologia: de *sub-* + *duque*.

Tipo de unidade: derivada prefixação.

Registos:

- VH-CPM: XV, *so-duc* (LOPF, 149.10); *so-duque* (LOPF, 128.55).

- BLem: XV, *soduc*, *soduque* (LOPF).

- MD-CF: XV, *soduc*, *soduque* (LOPF).

Obs.: O substantivo está atestado no século XIII.

TAVARENHO, adj. (1) ‘(?)’.

e o husso tendendo as pontas das mãos pollo filhar alcançou o arçom derradeiro da sella tavarenha, segundo estonces husavom, e arrancou o arçom com hũua grande aljava da anca do cavallo; (351.17).

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- VH-CPM: XV, *tavarenha* (LOPF, 99.17).

- BLem: XV, *tavarenha* (LOPF).

- MD-CF: XV, *tavarenha* (LOPF).

Obs.: Apenas encontrei este adjectivo averbado em CF² com uma abonação de LOPF, mas sem indicação de significado.

TERREAR, vb. (1) ‘aproximar-se da terra, navegando’.

Joham Focim, quando vio que as gallees rremavom pera terra e que o almirante nom curava d’aferrar com ellas, desejoso de bem fazer terreou tanto por dar em hũua gallee ante que ensecasse que sse ouvera de perder, e nom lhe pode fazer nojo; (262.37).

Etimologia: de *terra* + *ear*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

²⁶² Houaiss data *sol-posto* do séc. XV, segundo o FichIVPM, mas o VH-CPM apresenta três abonações do séc. XIV, uma delas do *Horto do Esposo*: “Poucas vezes comem ante do *sol posto*”, cf. ed. de Irene Freire Nunes, Colibri, 2007, p. 203, linhas 13-14.

Registos:

- JPM³: 1813, (segundo Morais²).
- VH-CPM: XV, *terreou* (LOPF, 74.37).
- BLem: XV, *terreou* (LOPF)²⁶³.
- MD-CF: XV, *terreou* (LOPF).

Obs.: BLem regista esta palavra em LOPF, mas indica como forma verbal do ver ‘ter’²⁶⁴. RLor não corrige JPM (s.v. *terra*: “terreal no séc. XIV: «nõ ousei a dizer meu pecado ante os *terreaes*», cit. por J. J. Nunes na *Rer. Lus.*, XXVII, p. 74, s.v.”)

O substantivo está atestado no século XIII.

Ainda sem registo no CIPM.

TESO, s.m. (1) ‘monte íngreme; cimo de monte’.

Veendo Nun’Allvarez que por entom lhe nom podia fazer mais damno, rrecolheo ante ssi os que hiam com elle e foi-sse poer em hũu teso ante a porta do moesteiro de Santos, logar onde os bem viiam os da frota; (314.95).

Etimologia: segundo Houiss, da mesma origem que *teso* (*tensus*, *a*, um ‘estendido, esticado, tenso’), “do qual diverge porque reduzido da locução *monte teso* ‘monte muito íngreme, difícil de subir’ e porque substv. com o signif. da loc.”.

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Registos:

- JPM³: 1107, adj. “«et in anplo habet III^{es} cubitos *tesos* », em D.M.P. III, p. 223”.
- RLor: 1107, “«et in anplo habet III^{es} cubitos *tesos*», (DMP 223.9)”²⁶⁵.
- AGC: XV, adj. *teso*.
- VH-CPM: XV, subs. *teso* (LOPF, 138.6); *tesso* (LOPJI², 148.13). XIV, adj. *teso* (GREG, 1.2.14); *tesos* (VERT, 65.40); XV, adv. *teso* (LOPJI², 10.24).
- BLem: XV, adj. *teso* (LOPF; LOPJI¹; LOPJI²); *tesa* (LOPJI¹)²⁶⁶.
- MD-CF: XV, *teso* (LOPF; ChPortDuarte); *tesas* (*Tratado de cozinha portuguesa*).
- Houaiss: XIV, adj. ¹*teso*: XV *tesso* (cf. FichIVPM); s.m. ²*teso*: 1552 (cf. JBarD).

Obs.: JPM³, RLor, AGC e BLem apenas registam esta palavra como adjectivo, datado para RLor (JPM³ não cita) de 1107 e para Houaiss do séc. XIV. A utilização em LOPF é, no entanto, como substantivo que Houaiss também regista e data de 1552, mais de um século depois. O VH-CPM, além de adjectivo e de substantivo, apresenta ainda a classificação de advérbio²⁶⁷, com o significado de ‘impetuosamente; rijamente’. MD-CF registam ainda a ocorrência em ChPortDuarte.

Para Kremer 1464.

²⁶³ Forma identificada como pretérito perfeito, lematizada para o verbo *ter*.

²⁶⁴ Cf. BLem 2007: 5932.

²⁶⁵ RLor antedata esta palavra que JPM apresentava do séc. XIV-XV, s.v. *tender*: “teso do lat. *tensu-*, pelo que é divergente de *tenso*; no séc. XIV-XV: «hũu dia caeu hũu grande penedo de cima d’ũu monte so que estava o sseu mosteiro e, vijndo muy *teso* pera destroyr todo o moesteiro...», *Diálogos de S. Gregório*, p. 7, ed. de 1950”

²⁶⁶ A forma *tesa*, identificada como adjectivo em CGE é, todavia, topónimo.

²⁶⁷ LOPJI², 100.24: “E mouendo teso contra huma parede, deu com as mãos nas faças [...]”.

TORNEADOR, adj. (2) ‘aquele que anda em torneio ou justa’²⁶⁸.

Era cavallgante e torneador, grande justador e lançador a tavollado; era muito braceiro, que nom achava homem que o mais fosse; cortava muito com hũa espada e remessava bem a cavallo. (3.15).

Outras ocorrências: 348.46.

Etimologia: do rad. de torneado + -or.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, adj. *torneador* (LOPF, P.15).
- BLem: XV, nomc. *torneador* (LOPF).
- MD-CF: XV, *torneador* (LOPF).
- Houaiss: XV, adj. s.m. *torneador* (cf. FichIVPM).

Obs.: Houaiss indica que a datação é para o adjetivo, mas BLem prefere a classificação como substantivo, à semelhança de Moraes: “s.m. O que sabe torneyar. *Chron. Del-rey D. Fern.* «era grande torneyador»”²⁶⁹.

O verbo está atestado no século XIV, enquanto o substantivo *torneio* que lhe dá origem ocorre no século XIII.

TOSSIDO, s.m. (1) ‘Acto de tossir voluntariamente, para dar qualquer sinal ou exprimir algum sentimento.

O conde dom Alvaro Perez de Castro, quando esto ouvio, deu hũu tossido e disse: «Arreall, arreall, cujo for o rregno leva-llo-á»: (603.58).

Etimologia: part. de *tossir* (do lat. *tussio*, *is*, *īre*, *īvi*, *ītum*).

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Registos:

- VH-CPM: XV, subs. *tossido* (LOPF, 175.58).
- BLem: XV, part. *tossido* (LOPF)²⁷⁰.
- MD-CF: XV, *tossido* (LOPF).
- Houaiss: XIII, adj. *tossido* (cf. FichIVPM). XV, s.m. *tossido*: XIII *tossindo*, XV *tossido*

Obs.: o verbo e o adjetivo são do século XIII, pelo que parece ser Lopes a introduzir o substantivo no XV, com recurso à derivação imprópria.

TRELA²⁷¹, s.f. (5) ‘correia de couro, cordel ou guia’.

ca el-rrei dom Fernando a seu rrequerimento lhe enviou estonce em presente seis allaãos e seis sabujos, todos com collares brollados e fozis de prata dourados, e as treellas d’elles d’ouro fiado, (142.38).

Outras ocorrências: 352.43; 353.5; 353.62,3.

Etimologia: do lat. **tragella* dim. de *tragula*²⁷².

Tipo de unidade: importação (latinismo).

²⁶⁸ Na Idade Média, jogo público e militar entre cavaleiros, em se que imitavam as escaramuças da guerra.

²⁶⁹ Moraes⁴ *torneyador*.

²⁷⁰ Forma identificada como participio do verbo *tossir*.

²⁷¹ Cf. DESATRELAR.

²⁷² Para CF² “Talvez contr. de *tarela*”.

Registos:

- JPM³: XV, “«Hũas *trelas* outras seguem / leuam varedas ezquerp[d]as», Alvaro de Brito, no *C. Ger.*, I, p. 219. (...). *Trenla* em 1474: «hua corda e hua *treenla*», na *Coí[l]ección Diplomática de Galiçia Histórica*, p. 71 (Lorenzo).”
- RLor: 1474, “«hua corda e hua *treenla*» (CDGH 71.22).
- AGC: XV.
- VH-CPM: XV, *treelas* (LOPF, 99.43)²⁷³.
- BLem: XV, *treellas* (LOPF).
- MD-CF: XV, *treellas* (LOPF).
- Houaiss: XV, *treellas*²⁷⁴ (cf. FichIVPM).

Obs.: O *Livro da Montaria* foi eliminado do VH-CPM, bem como todas as localizações que Cunha tinha apresentado nos primeiros três volumes do IVPM, como por exemplo, *ala*, *arvoredo*, *conjectura*. Ora, sendo este um livro didascálico, nas palavras de Manuel Simões²⁷⁵, sobre ‘o melhor e mais proveitoso dos jogos’ - a caça -, seria de esperar que tal palavra lá viesse registada, e vem²⁷⁶. Acontece que o *Livro da Montaria* nunca foi impresso e apenas se conhece uma cópia de finais do séc. XVIII, inícios do XIX, feita por F. A. C. que se encontra na Biblioteca Nacional, de uma outra cópia, crê-se, de 1626, feita pelo bacharel Manuel Serrão de Paz, de um manuscrito que existia na Livraria do Colégio da Companhia de Jesus em Monforte de Lemos, na Galiza. De facto, desde a sua produção até à cópia conhecida, que segundo o escrivão moderno só não copiou os borrões para não lhos atribuírem a ele (estaremos, portanto, a crer nestas palavras, na presença de uma cópia isenta de intervenção)²⁷⁷, a língua sofreu inúmeras alterações autóctones, mais aquelas que a cópia conhecida já possui, com clara influência da língua castelhana ou introduzidas pelo bacharel ou por outro copista, na hipótese da cópia da Bibliotec Nacional não ter provindo directamente da de 1626²⁷⁸. Estamos a falar de palavras como *tamanho* por *tamanho*, *palzer* por *prazer*, *naturaleza* por *natureza*, entre outras²⁷⁹. Eventualmente, será este o facto que estará na origem do seu afastamento dos *corpora* informatizados, como fonte para datar determinadas palavras do séc. XV. Neste caso em concreto, a palavra *trela*, atribuída a LOPF, devese-á mais ao infortúnio de muitos pergaminhos, para o qual contribuiu a passagem do tempo, mas também a incúria dos homens, do que ao seu conhecimento exclusivo do vocábulo ou capacidade de trasladar palavras, neste caso do castelhano para o português.

Este é um bom exemplo para demonstrarmos que o uso oral da palavra *trela* seria vulgar nas primeiras décadas do séc. XIV, mas apenas se considera o seu primeiro registo em LOPF.

²⁷³ Eventual gralha *tree[l]las*.

²⁷⁴ Normalmente, Houaiss apresenta todas as formas históricas registadas. Neste caso, falta a forma *trella*, que ocorre em ZURP, obra não trabalhada por AGC.

²⁷⁵ Cf. Tavani 1993:412.

²⁷⁶ Cf. *Livro da Montaria*, edição de Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918, p. (LXIV, onde refere este facto) e p. 88,1 ‘treela’. À semelhança de muitas outras que têm a ver com esta temática, como espécies de cães, *alão* e *sabujo*, e mesmo armas, como *ascuma* ou *ascumada*.

²⁷⁷ Cf. *idem*, p. 428.

²⁷⁸ Francisco M. E. Pereira, na introdução, alerta para o facto de esta cópia ter sido feita numa altura em que Portugal estava sob o domínio de Espanha e aponta como hipótese para estas alterações Manuel Serrão da Paz, até pelo nome, ser originário de Portugal a viver em Monforte de Lemos, ou então ter existido outra cópia feita ou por um português com domínio da língua castelhana, ou um castelhano que deixou transparecer para a escrita de um documento em português as particularidades da sua língua.

²⁷⁹ Cf. *idem*, pp. 11-12.

ULTRAMONTANO, adj. (3) ‘que ou o que está além dos montes; transmontano’

*E no mes de março, aos viinte e sete dias da era seguinte de mill e quatrocentos e dezeseis, morreo este papa Gregorio em Rroma. Elle morto, ficarom em Rroma dezeseis cardeaaes, scilicet, doze **ultramontanos** e os outros itallicos, aos quaaes perteencia o dereito de enleger; e juntarom-sse estes cardeaaes em algũus logares fallando apartadamente, e aas vezes juntos, quall d’elles socederia em seu logo, e nom concordavam em eleger pessoa **ultramontana**, scilicet, de França ou de Ingraterra ou das Espanhas. E faziam os **ultramontanos** de ssi duas partes; (386.31, 35, 36-37).*

Etimologia: de *ultra-* + *montano*²⁸⁰.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- JPM³: XVII, (segundo Morais⁸).
- VH-CPM: XV, *ultramontana* (LOPF, 107.35), *ultramontanos* (LOPF, 107.31).
- BLEM: XV, *ultramontana*, *ultramontanos* (LOPF).
- MD-CF: XV, *ultramontana*, *ultramontanos* (LOPF) (LOPF).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Rlor não propõe antedatação.

Houaiss regista *ultramontano* como adj. e s.m. no sXV, mas alerta para o facto de a datação ser para o adjectivo, embora na última ocorrência desta abonação se possa entender a sua utilização como substantivo, pese embora o nome *cardeais* estar subentendido. O adjectivo *montano*, sem prefixo, está atestado, segundo Houaiss, apenas em 1561 (cf. GBarCor), o que prova que o registo escrito está muito aquém do uso oral de determinadas palavras. Também JPM³ e AGC registam *montano* com datação do XVI.

²⁸⁰ Para Houaiss do lat. *montānus*, *a*, *um* e para JPM³ do it. *ultramontano*.

4.1.1. Comentários

4.2. Novidade de ‘pallavras’ na Crónica do Conde D. Pedro de Meneses

E por certo que em este livro tyve eu muito comtrayro cuidado do que allgũs outros estoriaes ã suas obras tiverão, espiçiallmente os gregos, os quaes supriam com ferosas pallavras o que na grandeza dos feitos mimgoava, e a mÿ foy neçessario fornecer a mimgoa das pallavras com grandeza dos feitos.

Gomes Eanes de Zurara,
Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (179.134-139).

ABALROAR, vb. (1) ‘atracar um navio a outro com balroas, para combate de abordagem’.

*E se porventura nos todos allcamçarẽ, **aballroemos** hũa com a outra, e atemo-llas ambas,* (547.336).

Etimologia: de *a-* + *balroar*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«...*abalroemos* huma coma a outra, e atemo-las ambas», *P. Men.*, II, cap. 5, p. 495 (*Alex.*)”.
- AGC: XV.
- IVP: XV, (M²)²⁸¹.
- BLem: XV, *aballroemos*, (ZURP).
- MD-CF: XV, *aballroemos*, (ZURP).
- CIPM: XV, *aballroemos*, (ZURP).
- Houaiss: XV, *abalroar* (cf. IVP).

Obs.: O VH-CPM não regista este verbo, eventualmente porque no IVP apenas está averbado com indicação de registo em Morais², faltando pois abonação para apresentar.

Os substantivos *abalroa* e *balroa* apenas aparecem atestados em 1552 e 1553, respectivamente, segundo Houaiss, pelo que se verifica a atestação de um derivado antes da primitiva.

²⁸¹ O IVP, bem como o VH-CPM, não trabalham esta *Crónica* de Zurara, pelo que o registo de quaisquer palavras nela constantes será sempre indicação com referência a outras fontes e não de forma directa. Por acréscimo, também Houaiss se inclui nestas circunstâncias, embora esta seja uma obra que conste na lista da ‘Bibliografia de datação e etimologia’ indicada no dicionário (DPMen). Houaiss apresenta mesmo como primeira datação para *bombordo* esta crónica de Zurara. Atendendo ao grande número de primeiras antestações que nela se verificam, será este um caso esporádico de consulta.

ABREVIADOR, adj. (1) ‘resumidor’²⁸².

o começo é a metade [e] mais que a metade da cousa, e não menos o rreza Vallerio Maximo, abreviador de Tito Livio. (543.243).

Etimologia: do lat. *abbrēviātōr*, *ōris*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: 1517, “«...como o fizera todo outro *abreviador* ou letrado», no *Corpo Dipl. Port.*, I, p. 493 (C)”.
- AGC: XVI.
- BLem: XV, *abreviador*, (ZURP).
- MD-CF: XV, *abreviador*, (ZURP).
- Houaiss: 1517, *abreuiador* (CDP I 493).

Obs.: Antedatação face a Houaiss.

AÇALMO, s.m. (2) ‘provisão, abastecimento’.

e, que elle all não faça senã mamdar desses catyvos que tẽ, por elles lhe daram açallmo com que se possa mamter. (530.1076[1077]).

Outras ocorrências: 715.1090.

Etimologia: de origem controversa. Para JPM de um árabe hispânico **aç-çalam*.

Tipo de unidade: importação (arabismo) (?).

Registos:

- JPM³: regista *açalmo*, mas apenas apresenta datação para o verbo, 1370.
- IVPM: XV, *açalmo* (ZURD 106.5).
- VH-CPM: XV, *açalmo* (ZURD, 106.5).
- BLem: XV, *açallmo* (ZURP).
- MD-CF: XV, *açallmo* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor.

ACUITAR, vb. (1) ‘agravar, agudizar’.

E estando sobre o çerco, acuito-se a ymfirmitade do comde, (716.1111).

Etimologia: Para Houaiss, de origem obscura; para o CIPM, talvez do lat. **acuitare*; para CF de *coitar* (de *coita* ‘desgarça’ < cast. *cuita*).

Tipo de unidade: importação (latinismo) (?).

Registos:

- BLem: XV, *acuitose* (ZURP).
- MD-CF: XV, *acuito-se* (ZURP)²⁸³.
- CIPM: *acuito* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. InedHist)²⁸⁴.

²⁸² Segundo Morais s.v. *abreviador*, ‘que resume matéria mais larga a menos razões’.

²⁸³ Lematizada para o verbo *acoitar*.

²⁸⁴ Em Houaiss, o volume da *Collecção de Livros Inéditos de História Portuguesa* referido na bibliografia de datação e etimologia parece ser o primeiro, pela indicação da publicação em 1970, correspondente aos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Afonso V, e D. João II, e onde se incluem três obras, *Livro da Guerra de Ceuta*, por Mestre

ADIBE, s.m. (1) ‘lobo, chacal’.

*e hũas anymallias que há naquella terra que se chamã **adibes** começará de ouvar,*
(686.360).

Etimologia: do ár. *adh-dhīb* (*ad-dīb*).

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “em port. só o consigo documentar nos princípios do séc. XVI: «...honde nom he ousado ninguem de ho tocar, e aly ho comem aues e hos *adibes*», *Barbosa*, 323 (cit. de *Dalg.*)”.
- AGC: XV; XVI, *adiue*.
- IVPM: XV, *adibe* (ZURD 87.11).
- VH-CPM: XV, *adibes* (ZURD, 87.11).
- BLem: XV, *adibes* (ZURP, ZURD).
- MD-CF: XV, *adibes* (ZURP)²⁸⁵.
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor.

ADUAR, s.m. (7) ‘povoação provisória e móvel dos mouros; acampamento’²⁸⁶.

*Loguo neste mesmo mes o comde mamdou Diogo Vazquez de Porto Carreiro em hũ seu bragantim a avisar hũ **aduar** que hera ã terra de Benyçaide,* (344.4).

Outras ocorrências: 344.15; 378.839; 401.365[364]; 402.385[384]; 420.815[812];
673.47.

Etimologia: do ár. *ad-dūar* (JPM), *ad-dawwar* (AGC) *dawwār* (Corominas).

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«...lhe trouxerom as escuitas recado, como em outro *aduar* que se chamava Beluazem, que era naquela mesma serra...», *D. M.*, cap. 11”.
- AGC: XV.
- IVPM: XV, *aduar* (ZURD 72.29).
- VH-CPM: XV, *aduar* (ZURD, 72.29).
- BLem: XV, *aduar* (ZURP, ZURD).
- MD-CF: XV, *aduar* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor, já segundo JPM³.

Mattheus de Pisano, *Chronica d’elRey D. Duarte*, por Ruy de Pina e *Chronica d’elRey D. Affonso V.*, pelo mesmo autor, como se pode ler no “Index”. Não há qualquer referência ao segundo volume, publicado em 1792, correspondente aos mesmos reinados, mas onde se inclui a *Chronica d’elRey D. João II*, por Ruy de Pina e a *Chronica do Conde D. Pedro de Meneses*, por Gomes Eanes de Zurara, bem como a referida forma verbal *acuitou-se* nesta última obra. Também em Moraes é possível confirmar a ocorrência neste segundo volume: “«acuitou-se a doença do Conde.» *Ined.* 2. 624. no Tom. 3. f. 80. diz erradamente «se acoutou a door no Conde tanto, perque conheceu em si sinaes de fallecimento»”.

²⁸⁵ O MD-CF não trabalha a *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*.

²⁸⁶ Segundo Moraes, s.v. *aduar*, “povoação movel de Arabios errantes. *B. Tenreiro*, cap. 4 consta de 50. a 100. tendas”. Já com registo no *Dict. Latinolusitanicum*, 1569-70, de Jerónimo Cardoso, s.v. *cateia(ae)* e *maga(ae)*.

AGOMER, s.m. (2) ‘arraís’.

E os mouros que nelle jaziã cuydaram que hera o lenho d’Allcaçer, e começou hũ delles a dezer “agomer, agomer”, que quer dezer em nosso lymgoagẽ "arraez, arraez". (408.529[526]).

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- BLEM: XV, *agomer* (ZURP).

- MD-CF: XV, *agomer* (ZURP).

Obs.: Pelo que consegui apurar será arabismo utilizado como hápax nesta única abonação.

AGRURA, s.f. (1) ‘aspereza’.

porque vio que sua gemte nõ podia seguyr avamte pella agrura do monte, (569.894).

Etimologia: de agro + -ura.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«Podem passar a pé enxuto ao longo desta *agrura* de penedia», *Déc.*, I, 3, cap. 8”.

- AGC: XV.

- IVPM: XV, *agrura* (ZURD 225.28).

- VH-CPM: XV, *agrura* (ZURD, 225.28).

- BLEM: XV, *agrura* (ZURP, ZURD, CP²⁸⁷).

- MD-CF: XV, *agrura* (ZURP).

- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor.

O adjectivo está atestado em 1344.

ALAR, vb. (1) ‘rebocar, puxar’.

e porque ho comde soube que aquella barca hera de Castella e que costramgidamente fora ally trazida, o que se mostrou bem ao tempo que os mouros saltaram em terra que a quizeram allar fora por hũa corda, (403.414[413]).

Etimologia: do fr. *haler*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«...a quizerom *allar* fóra por uma corda, o Arraes lha cortou...», *P. Men.*, em *Ined. Hist.*, I²⁸⁸, p. 386 (*Alex.*)”.

- AGC: XV, *allar*.

²⁸⁷ Também com indicação de ocorrência em *Castelo Perigoso* (CP) que não consegui localizar, datado do século XIV, XV para o CIPM.

²⁸⁸ A *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* aparece no segundo volume dos *Inéditos da História Portuguesa*. No entanto, há algumas discrepâncias, quer na omissão, quer na indicação dos volumes. Cf. as entradas *ABALROAR* (simplesmente *P. Men.*, II), *ALAÚDE* (*P. Men.*, nos *Ined. Hist.*, I), *ALBATOÇA* (*P. Men.*, nos *Ined. Hist.*, II), *CALA* (*P. M.*, nos *Ined. Hist.*, II), *ESCOL* (*P. Men.*, I, nos *Ined. Hist.*, I), *VELEIRO* (*P. Men.*, I, nos *Ined. Hist.*, II).

- BLem: XV, *allar* (ZURP).
- MD-CF: XV, *allar* (ZURP).
- CIPM: *allar* (ZURP).
- Houaiss: 1529, (ATenr 85).

Obs.: Antedatação a Houaiss, já segundo JPM³.

ALBATOÇA, s.f. (1) ‘embarcação de vela e remo’

*E fazendo-se logo prestes de pelleja, conhecerom que hera **albetoça**, a quall nõ poderam
ẽcallçar senão tam perto da terra (305.57).*

Etimologia: prov. do ár. *al-batāsa* ou ár. *batāx*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, “já se documenta no séc. XV: «...e seendo jaa sobre o quarto da alva sentiram voga de navio... e fazendo-se logo prestes de peleja conhecerom que era *albetoça*», *P. Men.*, cap. 32, nos *Ined. Hist.*, II, p. 311”.
- IVPM: XV, *albetoça* (ZURD 156.24).
- VH-CPM: XV, *albetoça* (ZURD, 156.24).
- BLem: XV, *albetoça* (ZURP, ZURD).
- MD-CF: XV, *albetoça* (ZURP).
- Houaiss: XV, m. q. *albatoça* (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor, já segundo JPM³.

ALGAZARRA, s.f. (1) ‘gritaria’.

*E nõ fezerom hii cousa nenhũa, somente amdarã fazendo suas **allgazaras** e dapnarão
allgũ pãao que ally estava. (599.446).*

Etimologia: do ár. *al-gazārā*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “As formas antigas eram *algazara* e *algaziar*, documentáveis no séc. XVI: «todos os *algazares* destes de se fazerem liberais é fofo», *Ulís.*, I, 6; «E sobre isto derão huma grande grita, fazendo suas *algazarras*, dobrando os braços, segundo elles costumão», *Déc.*, I, 8, 7”.
- AGC: XV, *algazara*; XVI, *algazar*.
- IVPM: XV, *algazaras* (ZURD 128.24).
- VH-CPM: XV, *algazaras* (ZURD, 128.24).
- BLem: XV, *algazaras* (ZURD); *allgazaras* (ZURP).
- MD-CF: XV, *allgazaras* (ZURP).
- Houaiss: XV, *algazara* (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor.

AMAÇAROCADO, adj. vb. (1) ‘emaranhado; embaraçado’.

*e avia a cara gramde e allva, e os cabellos louros e **amaçarocados**, (520.818[817]).*

Etimologia: part. de *amaçarocar* (a- + maçaroca + -ar).

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- BLeM: XV, *amaçarocados* (ZURP).
- MD-CF: *amaçarocados* (ZURP).
- Houaiss:

Obs.: Para este derivado, bem como para os verbos *maçarocar* e *amaçarocar*, Houaiss não apresenta nenhuma datação.

O substantivo *maçaroca* está atestado no século XV.

ANAZÃO, adj. (1) ‘de tamanho diminuto; anão’.

*O seu capitã, que hera Mulley Bucar, amdava ã hu cavallo **anazã**, (709.928).*

Etimologia: de *anão*, sob a forma do radical *anã-* + *-z-* + *-ão*²⁸⁹.

Tipo de unidade: derivação sufixal

Registos:

- BLeM: XV, *anazã* (ZURP).
- MD-CF: XV, *anazã* (ZURP).

Obs.: Vocábulo não encontrado. Pelo contexto, o significado parece ter na base *anão*. As referências mais próximas que consegui foram o verbo *anãzar* em JPM³ e Houaiss (ambos com abonações de Camilo) com remissão, por este, para *ananicar*. É possível ainda em Houaiss encontrar averbado *ananzar* e *anãzado*, com remissão para *ananzado*. Em todos, o significado está relacionado com grego *nános* ‘anão’, pelo lat. *nanus.*, com os respectivos afixos (*a-* protético e sufixo derivacional).

O substantivo está atestado no século XIV.

APORTALECER, vb. (1) ‘aportar, entrar no porto’.

*Os descobridores comprirã o que lhe foy mamdado, mas nã acharão o feito assy ligeiro como elles pẽsarã, porque aynda elles bem nã **aportalleçiã** quamdo hos mouros emdereçarã a elles, (663.810).*

Etimologia: de *a-* + *portal* + *-ecer*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- IVPM: XV, *aportellecyam* (ZURD 70.14).
- VH-CPM: XV, *aportellecyam* (ZURD, 70.14).
- BLeM: XV, *aportalleçiã* (ZURP), *aportellecyã* (ZURD), *aportellecyam* (ZURD).
- MD-CF: XV, *aportalleçiã* (ZURP).
- CIPM: *aportalleçiã* (ZURP).
- Houaiss:

Obs.: Sem datação em Houaiss, apesar do registo em IVPM.

O substantivo está atestado no século XI.

²⁸⁹ Por similitude com *anãzar*: *anã-* + *-z-* + *-ar*. Sufixo masculino aumentativo, com flutuação entre *-ã*, *-õ*, *-ão*, conforme *barã* (666.887), *barõ* (638.181) e *barão* (217.70).

ARNESADO, s.m. (1) ‘que possui arnês, armadura’.

*E a Bertollameu Affomso foy dada a guarda dell rrey, a Fernam Barreto ficou a guarda da Allmina, com ha quall ficarão os **arnesados** de Lixboa, que passarão de çemto afora gemte de pee, (202.686).*

Etimologia: part. de *arnesar* (arnês + -ar).

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1439, (MARR I.506.28).
- IVPM: 1439, p. adj. (MARR I.506.28).
- BLem: XV, adj. *arnesados* (ZURP).
- MD-CF: XV, *arnesados* (ZURP).
- Houaiss: 1439, adj. (cf. IVPM).

Obs.: apenas registado como adjetivo, mas em ZURP como substantivo. O VH-CPM não regista este vocábulo, uma vez que não trabalha MARR.

O substantivo está atestado em 1379.

ARREADO, adj. vb. (1) ‘provido de arreios, arneses; adornado’.

*Dom Duarte vio como herã homẽs bem corregidos e que traziã os cavallos bẽ **arreyados**; (708.916).*

Etimologia: part. de *arrear* (do lat.vulg. **arredāre*).

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “«De modo senhor que que vossa dama he fea & quereyla arrayar do alheo?»», Auleg., II, cena 10, fl. 77 vs.; em sentido metafórico: «Terçados, agomias guarneçadas de ouro e prata, anneis, e joias, de que se elles arreão»; *Déc.*, II, 2,3”.
- IVPM: XV, *arreyado* (ZURD 266.24).
- VH-CPM: XV, *arreyado* (ZURD, 266.24).
- BLem: XV, *arreyado* (ZURD); *arreyados* (ZURP)²⁹⁰.
- MD-CF: XV, *arreyado* (ZURP).
- Houaiss: XV, *arreyado*; 1450-1516 *riado* (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação em obra do mesmo autor.

ASTUCIOSO, adj. (1) ‘que revela astúcia; astuto, ardisoso’.

*homẽ de gramde coraçã, pero a mayor parte de suas obras heram **astuçiosas**. (658.699).*

Etimologia: de astúcia + -oso.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, (*Morais*²).
- AGC: XVI; XV, *astucjoso* (ZURD 111.32).
- IVPM: XV, *astucyoso* (ZURD 112.32).
- VH-CPM: XV, *astucyoso* (ZURD, 112.32).
- BLem: XV, *astuçiosas* (ZURP); *astucyoso* (ZURD).

²⁹⁰ Como particípio do verbo *arreigar*.

- MD-CF: XV, *astuçõesas* (ZURP).

- Houaiss: XV, *astucjoso* (cf. IVPM).

Obs.: Antedatação em obra do mesmo autor.

O substantivo está atestado no século XV.

ATEMORIZADO, adj. vb. (1) ‘assustar, amedrontar’.

E como quer que se os mouros ajuntassẽ pellas serras, tam atemorizados estavã jaa dos dapnos que cada hũ dia rreçebiã, que nõ ousavã deçer a fumdo. (716.1101).

Etimologia: part. de *atemorizar* (a- + temor + -izar).

Tipo de unidade: derivação parassintética.

- AGC: XVI.

- IVPM: XV, *atymorizado* (ZURD 106.14).

- VH-CPM: XV, *atymorizados* (ZURD, 106.14).

- BLem: XV, *atemorizados* (ZURP); *atymorizados* (ZURD).

- MD-CF: XV, *atemorizados* (ZURP).

- Houaiss: XV, *atymorizado* (cf. IVPM)²⁹¹.

Obs.: Antedatação em obra do mesmo autor.

Ainda sem registo no CIPM.

O substantivo está atestado no século XIII.

AZAGAIAR, vb. (1) ‘alvejar com golpes de azagaia’.

E os mouros vierom ally e azagayarã tres bois. (608.660).

Etimologia: de *azagaia* + -ada.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- IVPM: XV, *azagayar* (ZURD 26.30).

- VH-CPM: XV, *azagayarã* (ZURD, 260.30).

- BLem: XV, *azagayarã* (ZURP); *azagayarem*, *azagayarẽ* (ZURD).

- MD-CF: XV, *azagayarã* (ZURP).

- CIPM: *azagayarã* (ZURP).

- Houaiss: XV, *azagayada* (cf. IVPM).

Obs.: JPM³ apenas regista *azagaia*, remetendo para *zagaia*.

Antedatação em obra do mesmo autor.

O substantivo está atestado no século XIV.

AZAMBUJAL, s.m. (1) ‘extenso aglomerado de azambujos, zambujeiros’.

E os nossos começarã de hos seguyr per hũ azambujall basto, (703.776).

Etimologia: de *azambujo* + -al.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *azambujall* (ZURP).

²⁹¹ Cf. s.v. *atemorizar*. Verbo datado a partir do particípio.

- MD-CF: XV, *azambujall* (ZURP).
- Houaiss: 1540, *açambujaes* (FÁlv 18).

Obs.: Houaiss indica na etimologia, como base deste derivado, o masculino *azambujo*, que, no entanto, apresenta datação tardia (c1508), ocorrendo o mesmo com *azambujal* (1540). Estaríamos perante o registo gráfico de um derivado que precede a base que lhe dá origem. Por conseguinte, atendendo a que a datação apresentada para a variante feminina *azambuja* se encontra atestada em 1222, em JPM e utilizada por Houaiss, será preferível indicar esta forma como base. Regista ainda as variantes sem *a-* protético, *zambujo* e *zambujal*, de 1611 e 1765, respectivamente. JPM³ regista *zambujo*, com a seguinte informação, s.v. *zambujo*: “Tal como *azambujo*, é var. de *azambuja* (q.v.). O voc. berber donde todas estas formas derivam é *zabbūj*; vj. cast. *acebuche*. No séc. XVII, no *Dicionário* de Barbosa”. A história da base desta palavra não deixa de ser ainda mais curiosa se tivermos em consideração que a forma *azambujeiros* está atestada em 1086 em Houaiss, segundo JPM³, s.v. *azambuja*: “«quomodo diuimus cum sanson gudiniz per illum uallezinum de illis *azambujeiros* usque plicat in...», Dipl., doc. N.º 668, p. 399”.

AZEITONI, adj. (1) ‘da cor da azeitona; ligeiramente esverdeado; oliváceo’.

*O seu capitã, que hera Mulley Bucar, amdava ã hu cavallo anazã, com hũa barreta guarneçida de ouro na cabeça e hũ pellote de velludo **azeytony** (709.929).*

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *azeytony* (ZURP).
- MD-CF: XV, *azeytony* (ZURP).

Obs.: Forma averbada em Morais: “Comic. Azeitona. *Cancioneiro*. Como adj. «veludo *azeitoni*;» cor de azeitona. Ined. 2. 618”.

AZERVADA, s.m. (1) ‘cerca de troncos e galhos usada como defesa’.

*E ally quiseram fazer hũa **azervada**, em que pemsavã de se sallvar, (396.224).*

Etimologia: de *azerve* + *-ada*.²⁹²

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *azervada* (ZURP).
- MD-CF: XV, *azervada* (ZURP).
- Houaiss: XV²⁹³.

Obs.: A datação em itálico de sXV apresentada por Houaiss mostra que, efectivamente, o grande número de datações provêm de JPM³ e dos trabalhos de A. G. Cunha. No caso desta palavra em particular, JPM³ não a regista, verificando-se o mesmo com Cunha, até porque este não trabalha ZURP. Sendo assim, Houaiss não tem informação²⁹⁴. Todavia, encontra-se averbada em Morais,

²⁹² Para Morais, “talves de *acervo*”, mas remetendo para *azerve*, indicado como termo agricola, com o significado de “paravento feiro de ramos para emparar as eiras. *Blut. Vocab.*”.

²⁹³ Datação em itálico, como data provável.

²⁹⁴ Cf., no entanto, a palavra *infra* BOMBORDO.

precisamente com esta passagem de ZURP: “Cerca de madeiras á pressa para defensivo. *Ined.* 2. 380. *E ali quizerom fazer huma azervada, em que pensavam de se salvar*”²⁹⁵.

O substantivo está atestado no século XV.

BASTURA, s.f. (1) ‘que é espesso, basto’.

*em que rreçebia a mullydão das seetas e pedras que lhe de çima heram llamçadas, não sêdo menos ajudado da **bastura** dos rramos da arvore que ho sosteve*, (569.874).

Etimologia: de basto + -ura.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLEM: XV, *bastura* (ZURP).

- MD-CF: XV, *bastura* (ZURP).

Obs.: apenas Houaiss regista a palavra, com indicação de pouco usada, remetendo para *bastidão*, também sem datação.

O adjectivo está atestado no século XIV.

BOMBORDO, s.m. 1) ‘lado esquerdo de uma embarcação ou aeronave, olhando-se de ré para vante’.

*Mas não tardou muito que lhe aquelle rrogo foy comprido, porque a galliota de Allvaro Affonso êvestio de **babordo** pella popa perlomgãdo* (601.520).

Etimologia: do fr. *bâbord*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- BLEM: XV, *babordo* (ZURP).

- MD-CF: XV, *babordo* (ZURP).

- Houaiss: XV, *babordo* (cf. DPMen).

Obs.: Houaiss apresenta como primeira atestação desta palavra, precisamente, ZURP. Atendendo ao número de primeiras atestações em ZURP que Houaiss não leva em consideração, só poderá ser uma referência esporádica, tendo em conta que Cunha não a incluiu nos seus trabalhos.

BORDAR, vb. (1) ‘beirar, margear, orlar’.

*E ouverão tempo, e passarão da outra bamda, e vieram **bordar** a Allycamte, e dahy trouxeram a costa de lomgo ate Gibralltar*. (371.665).

Etimologia: de borda + -ar. JPM³ propõe também a hipótese do fr. *border* ou *broder*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, segundo Morais², “De *borda*, isto é, «guarnecer a *borda* a»”.

- BLEM: XV, *bordar* (ZURP).

- MD-CF: XV, *bordar* (ZURP)²⁹⁶.

²⁹⁵ Cf. Morais⁴ *azervada*.

- Houaiss: 1789, (cf. MS¹).

Obs.: Com esta atestação em ZURP, o verbo *bordar* tem ocorrência simultânea ao seu homónimo *bordar* ‘ornamentar pano ou estofos com fios’, antedatando em mais de três séculos a data apresentada por Houaiss, proveniente de Morais¹.

Ainda sem registo no CIPM.

O substantivo está atestado no século XV.

BRAGA, s.f. (1) ‘grilheta, calceta; argola de ferro fixada ao tornozelo dos prisioneiros, e que se ligava à sua cintura por meio de uma corrente de ferro ou ao pé de outro prisioneiro’.

Ex vem o cristão em forma de cativo, com sua braga de ferro, (417.750[747]).

Etimologia: Segundo Houaiss do lat. *brāca*, ae²⁹⁷.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “o sentido de «grilheta», (...), «...nove crianças de seis até oito anos, todos com bragas nas pernas, & algemas nas mãos...», *Pereg.*, cap. 43, vol. II, p. 48”.

- AGC: XVI, *braga*, ‘grilheta’.

- IVPM: XV, *bragua* (INFA 47.19).

- VH-CPM: XV, *braga* (INFA, 47.19).

- BLem: XV, *Braga* (ZURP)²⁹⁸.

- MD-CF: XV, *braga* (ZURP).

- Houaiss: XV, *bragua* (cf. IVPM).

Obs.: As ocorrências registadas dizem apenas respeito à acepção ‘grilheta’²⁹⁹, datada por JPM, AGC e Houaiss do século XVI. O IVPM apresenta nove abonações do século XV, mas todas para a acepção ‘calça(s) curta(s) e larga(s)’. O VH-CPM, que não indica qualquer significado, tem a vantagem de apresentar a abonação, ao invés da simples localização do IVPM. Assim, é possível ler na que corresponde a INFA: “Naquele dia foram a todos lançados feros em anbalas pernas, a maneira de *braga*, e o Ifante foy o postumeiro que ferarom.” Verifica-se, portanto, que esta abonação não se engloba dentro no conjunto apresentado por Cunha no IVPM e, inconscientemente, antedata em um século as propostas conhecidas. Assim, com esta ocorrência no *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso sor. ifante D. Fernando*, escrito por de Frei João Álvares entre 1451-1460, mais do que a primeira atestação em ZURP, será adequado colocá-la em simultaneidade com este *Trautado*³⁰⁰.

Morais apresenta uma abonação da *Historia da India, governanda-a D. Luiz de Ataíde*, de António Pinto Pereira, donde penso provirem todas as datações.

²⁹⁶ No corpus MD-CF, no século XIV, ChUniPort (1300), encontra-se mal digitalizada a forma *bordem*: “*Johanes doctor legum Dom Joham pella graça de deus filho do moy nobre Rey dom Pedro meestre da caualaria da bordem daujs*”. São mais os casos da troca do ‘h’ pelo ‘b’: “*E, como lhe comtasse por bordem todo o que avia passado*” (FRAD), “*ilhos de dom frey Nuno de goyos prior da bordem do espital Carta*” (ChPortDuarte).

²⁹⁷ JPM³ sugere também a forma mais antiga *brax*, *brācis*, mais usada no plural *braces*, com eventuais reminiscências no inglês *braces* ‘suspensórios’, neste caso em particular, ‘suspensórios de ferro’.

²⁹⁸ Classificada como nome próprio.

²⁹⁹ RLor corrige a datação de JPM para a acepção de ‘espécie de calças’, do século XV para 1083 “et unas brakas nobas cum sua inbragatoria” (Dipl. 369), mas que Houaiss não leva em consideração.

³⁰⁰ Existem outros casos com ocorrência simultânea em INFA e ZURP que não serão trabalhados, como *elche*, *passante*.

BRENSEDA, s.f. (1) ‘vento com neblina, e escuridão’.

*Ora tornando ao comto dos primeiros, elles assy partidos da çidade, como jaa dissemos, amdarão quamto poderõ em aquella noite, mas a gramde aspereza da terra e a **bremseda** da noite não comsemyo que chegassem sobre as alIdeas senão parte do dia passado, (328.638).*

Etimologia: do ital. *Brezza* (?).

Tipo de unidade: importação (italianismo (?)).

Registos:

- BLem: XV, *bremseda* (ZURP).

- MD-CF: XV, *bremseda* (ZURP).

Obs.: Com registo em Viterbo, precisamente com esta abonação de ZURP, e com os seguintes significados: “multidão de brenhas, silvados, matagais, brejos, paûis. *Andárão quanto poderão, mas a grande aspereza da terra, e a brensedda da noite* (i.e. que naquela noite passarão) (...)”³⁰¹. A mesma abonação também em Moraes, penso que com significado mais apropriado, e com a seguinte dúvida: “(talvez do Italiano, *Brezza*, alterado em *brenza*, e *brensedda*, deriv. Como olivedo, *azeredo*, *jaspedo*, etc. *alameda*, *figueredo*, ou *figueiral*, etc.) vento com nebrina, e escuridão”³⁰².

BROA, s.f. (2) ‘canal, estreito’.

*Ouve o comde sabedoria como se em Tamger armava hũa galleota e, porque rrecebesse primeiro o dapno que tentasse de o fazer, mamdou armar outra e dous bragamtis, os quaes, partidos da çidade naquella mesma noite, jazêdo ã mea **broa** do mar em rroda, vyram como vinha hũ carevo de contra Gibralltar e seguya pera Tamgere. (380.869;).*

Outras ocorrências: 381.890.

Etimologia: de origem controversa.

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *broa* (ZURP).

- MD-CF: XV, *broa* (ZURP).

Obs.: Os dicionários consultados apenas apresentam a acepção mais comum ‘pão de milho’³⁰³. Moraes, além do significado, apresenta a indicação de termo antigo de Roteiros³⁰⁴, com duas abonações, embora posteriores a ZURP: “Por meya bròa; i.é, por meyo canal. *Cast. 2.62. «arribando por meia boròa.» Chron. J. III. P. 4. c. 98. «indo os galeões a meia boròa, e a armada de remo de longo da costa»*”. A

³⁰¹ Viterbo, s.v. *brensedda*.

³⁰² Moraes⁴, s.v. *brensedda*.

³⁰³ Para Houaiss, a forma mais antiga *boroa* ocorrem em 1174 (JPM³) e a forma *broa*, apenas em 1652 (cf. Agiólogo). No MD-CF, com abonação de Textos notariais (sd,1243-1300) in *Docs. Notariais dos Séculos XII a XVI* (CIPM), pode encontrar-se já a forma *broa*: “sentindo-se agravados por lhes deitarem muita água no vinho e lhes diminuirem a ração de **broa**”.

³⁰⁴ Em Houaiss, s.v. *roteiro*: “publicação com descrição minuciosa de pontos e acidentes geográficos de regiões costeiras ou ilhas, com indicação de correntes, ventos, marés, faróis, cidades litorâneas, sugestão de rotas para cada época do ano etc., cujo conhecimento é necessário para se fazer uma viagem marítima”.

CABIL, s.m. (3) ‘almirante’.

E por comtarmos nossa estoria ã nossa dereyta ordenamça, diremos aquy como hũ mouro que se chamava Caçome Bomcane, que fora arraez [cabill] daquela çidade, fugio de noite per hũ cano - e arraiz cabill amtre os mouros he assy como allmyramte amtre os cristãos. (476.798[797],799[798]).

Outras ocorrências: 474.767.

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *cabill* (ZURP).

- MD-CF: XV, *cabill* (ZURP).

Obs.: Pelo que consegui apurar da pesquisa em vários dicionários, será ocorrência única, que forma com *arraez* o composto *arraiz-cabil*, pois a classificação de adjectivo parece-me forçada.

Caçoar, s.f. (1) ‘?’

E elle trazia dous cristãos que filhara a traves das Areas Gordas em hũ barco e, porque hũ delles lhe dissera que lhe daria hũa caçoar, levava-o comsygo, (622.1034).

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *caçoar* (ZURP).

- MD-CF: XV, *caçoar* (ZURP).

Obs.: Normalmente registado como verbo. Como substantivo, apenas em Moraes classificada de s. f. ant., precisamente com esta abonação de ZURP, mas com um ponto de interrogação.

CALA, s.m. (16) ‘pequeno porto ou enseada muito estreita, com margens íngremes ou entre rochedos’.

as quaes amte menham deram escalla em terra omde se acaba o muro d’Allmina, em hũa calla que he da parte do llevamte. (346.59).

Outras ocorrências: 335.803; 344.5,9; 356.305; 434.1159[1156]; 435.1183[1180]; 437.1221[1218]; 453.246; 346.57; 370.640; 377.814; 446.88; 473.732; 490.72; 624.1086.

Etimologia: Segundo Houaiss, “de orig. contrv.; do ár. *kallá* ‘ancoradouro protegido; margem do rio’ ou de orig. pré-romana”.

Tipo de unidade: importação (arabismo (?)).

Registos:

- JPM³: XV, “«levando porem assy o Bragantim arrombado até Mançor, em cuja *cala* demonstrarárom de noite a carrega, e estancarom sua Fusta...», P. M., cap. 59, em *Inéd. Hist.*, II, p. 408”³⁰⁵.

- AGC: XV.

³⁰⁵ Esta é uma sigla atribuída ao *Livro de Falcoaria* de Pero Menino (P. M.), cf JPM³, Abreviaturas e Siglas (1995:18). No entanto, a abonação é claramente de ZURP. Cf. observação, nota 288, s.v. ALAR.

- BLEM: XV, *calla*³⁰⁶, *callas*³⁰⁷ (ZURP).

- MD-CF: XV, *calla calla* (ZURP).

- Houaiss: XV, (cf. InedHist).

Obs.: O IVPM e o VH-CPM não aproveitam a informação constante em AGC, pois não apresentam entrada para esta palavra. Embora em alguns casos se justifique esta ausência, pois são apresentadas datações do século XVI e mesmo posteriores³⁰⁸, noutras a indicação dada é do século XV, como neste caso³⁰⁹.

CANAVEAR, vb. (1) ‘ferir, torturar, enfiando lascas de cana sob as unhas’.

comtanto que não sejam daquelles que se lamçarã per suas vomtades, porque taes nõ tomaria senão pera hos canavear. (417.741[738]).

Etimologia: origem duvidosa. Segundo Houaiss, “há quem proponha a form. *a-* + ²*cânave* + *-ar*; Nascentes deriva de *cânave* < lat. *cannābis, is* e *cannābus, i* ‘linho, cânhamo’, por sua vez, do gr. *kánnabis* e *kánnabos, os*; há, ainda, os que associam a *cânave* (desusado) ‘cana’ que, segundo DV, s.v. *canáve*, seria proveniente de *canna*, infl. na forma por *canave*, do lat. *cannābis* ‘cânhamo’ alguns relacionam ao ant. *canavea*, do qual tb. procederia *canavial*, antes *canaveal*;

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«... que lá seja prêso, com tanto que não sejam daqueles, que se lamçarom per suas vontades, porque taes nom tomaria senão pera os *cannavear*», *P. Men.*, cap. 56, em *Inéd. Hist.*, II, p. 396. A var. *acanavear* do séc. XVI: «... é dous dias que ho martyrizará, atado ã hua cruz feita ã aspa, em que ho *acanauearã*», *Gois*, IV, cap. 8, p. 19”.

- BLEM: XV, *canavear* (ZURP).

- MD-CF: XV, *canavear* (ZURP).

Obs.: Houaiss apenas apresenta a variante *acanavear*, com indicação de que “JM registra no sXV um v. *canavear*, com uma var. *acanavear* no sXVI”. É precisamente esta Houaiss utiliza com ocorrência em 1567 DGóis IV 21.

Ainda sem registo no CIPM.

O substantivo está atestado em 1338.

CÁRAVO, s.m. (57) ‘embarcação moura de vela latina, usada no Mediterrâneo’.

Estamdo jaa pera partir, vyram llargo ao maar, pera comtra omde elles estavã, hũa vella latyna, a quall rreconheçemdo que hera caravo vogaram a elle. (344.18).

Caravo caravos carevo carevos

Outras ocorrências³¹⁰: 320.436; 346.54; 380.865.

³⁰⁶ Forma classificada como vb / nomc e lematizada para o verbo *calar*.

³⁰⁷ Lematizada para *calha*.

³⁰⁸ Cf. *abreviador* (XVI), *expedição* (XVI), *quilate* (XVI), *recosto* (XVI), *alar* (XVII), *meda* (XVII), *muralha* (XVII), *entuna* (XVIII), *correspondente* (1813), *ladrilhado* (1813), *recrescimento* (1813)..

³⁰⁹ Cf. sobretudo, a partir da letra -E-, para o VH-CPM, palavras como *escol*, *espadim*, *falca*, *fragura*.

³¹⁰ Das 57 ocorrências em ZURP, além de *caravo*, apenas apresento o registo das três formas diferentes: *caravos*, *carevo*, *carevos*.

Etimologia: do lat. tar. *carābus*, i.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, s.v. Cáрабо “«... forão sobre o Porto de Tamger, e não achárom nenhuma cousa, senão num *Caravo*, que fezeraõ encalhar sobre huns penedos...», *P. Men.*, cap. 42, em *Inéd. Hist.*, II, p. 349. Antes, na p. 194, a var. *cárevo*: «a fusta... com hum *carevo*»”
- AGC: XX.
- IVPM: XV, *careuo* (ZURD 168.24).
- VH-CPM: XV, *careuo* (ZURD, 168.24 e 203.26).
- BLem: XV, *caravo*, *caravos*, *carevo*, *carevos* (ZURP); *careuo* (ZURD);
- MD-CF: XV, *caravo*, *caravos*, *carevo*, *carevos* (ZURP).
- Houaiss: XV, *careuo* (cf. IVPM).

Obs.: A data tardia apresentada por AGC é esclarecedora da investigação levada a cabo para efeitos de datação de palavras. Consta na primeira edição do seu dicionário etimológico, de 1982, sem correcção no Suplemento à segunda edição, 1986. Passados dois anos, no segundo volume do IVPM, 1988, é antedata cinco séculos com atestação em ZURD.

CARRASQUEIRA, s.f. (1) ‘carrasqueiro, carrasco’.

E, semdo a gemte fora, parece que os pastores jaziã dormyndo sob hũa carrasqueira,
(358.344).

Etimologia: de carrasco + *-eiro*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: 1555, “adj. De *carrasco*¹. (...) como apelido ou alcunha”.
- BLem: XV, *carrasqueira* (ZURP).
- MD-CF: XV, *carrasqueira* (ZURP)³¹¹.
- Houaiss:

Obs.: A indicação de JPM³ não se aplica neste contexto. Houaiss apenas regista a variante masculina, *carrasqueiro*, sem datação, cuja etimologia remete para o substantivo *carrasco*, datado de 1553 (cf. Susque III fº 60)³¹². Verifica-se pois, o registo gráfico de um derivado antes da primitiva, situação também comprovada pela indicação de *carrascal*, na forma *carascaes*, em AGC, com data do século XV.

CLIMA, s.m. (s.f.) (2) ‘conjunto de condições atmosféricas que caracterizam uma região’.

porque, emtramdo o sol no sygno da virgem, he naquella crima a força do Estio, omde todallas fruytas tẽ sua primçipall sazão. (225.246).

Outras ocorrências: 687.376.

Etimologia: do fr. *climat*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

³¹¹ Em ChPortDuarte como topónimo.

³¹² Para JPM³ de 1275 “«Petrus iulianj dictus carrasco», Portel doc. N.º 201, p. 116 da separata; cf. também p. 117. (...)”.

Registos:

- JPM³: XVI, “«... tem passados / na viagem, tam asperos perigos, / Tantos *Climas* & Ceos experimentados», *Lus.*, I, 29. A variante *Crima* no séc. XVI (...)”
- AGC: 1572.
- IVPM: XV, *clima* (ZURD 87.22).
- VH-CPM: XV, *clima* (ZURD, 87.22).
- BLem: XV, *crima* (ZURP); *clima* (ZURD).
- MD-CF: XV, *crima* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. IVPM).

Obs.: Houaiss não apresenta a forma histórica *crima*, uma vez que não trabalha ZURP. Porém, ela estava já identificada por JPM³ no século XVI, embora tardiamente face a ZURP. A datação do século XV indicada em Houaiss é de ZURD, proveniente do IVPM, com a forma *clima*. Antedatação a Houaiss em obra do mesmo autor.

CORRESPONDENTE, adj. (1) ‘adequado’.

*Elle avia o corpo de bõa gram-dura, cõ nẽbros **correspomdemtes** a sua gramdeza,* (520.816).

Etimologia: de corresponder + *-nte*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: 1813 *Morais*².
- AGC: 1813.
- BLem: XV, *correspondente* (ZURP).
- MD-CF: XV, *correspondente* (ZURP).
- Houaiss: 1563, (HPint I).

Obs.: Apesar de antedatar *Morais*, a abonação da *Imagem da Vida Christam* de Frey Hector Pinto, apresentada por Houaiss, continua a ser tardia. O verbo prefixado *corresponder* está atestado no século XV, derivado de *responder* já em 1152.

COVOADA, s.f. (1) ‘série de covas; depressão no terreno’

*E emtão emcaminho tras elles, os quaes allcamçou em çima do porto, ã hũa **covoada** que ally há, omde fez fazer synall a todos que deçessem e que dessem çevada a seus cavallos,* (384.967).

Etimologia: do rad. desnasalizado de *covão* sob a f. *covo-* + *-ada*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- IVPM: XV, *covada*, (ZURD 183.11).
- VH-CPM: XV, *couoada*, (ZURD, 183.11).
- BLem: XV, *covoada* (ZURP); *couoada* (ZURD).
- MD-CF: XV, *covoada* (ZURP).
- Houaiss:

Obs.: Parece haver alguma oscilação no registo desta forma. O IVPM apresenta *covada* e o VH-CPM *couoada*, para a mesma abonação, ambas registadas por Houaiss, datando a primeira do século XV com base no IVPM, e deixando esta última sem datação.

DESIGUALEZA, adj. (3) ‘desigualdade’.

*Porem, comprimdo vosso mamdado, me despus aa dita obra, pedimdo aaquelle Deus que em sy mesmo, com eternall ordenamça, ã persoall ternario sem **desygualleza**, (181.181).*

Outras ocorrências: 444.39; 635.121.

Etimologia: de *des-* + *igual*.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- VH-CPM: XV, *desygualleza* (ZURD, 52.33); *desigualleza* (ZURD, 171.33).

- BLem: XV, *desygualleza* (ZURP); *desigualeza*, *desigualleza* (ZURD).

- MD-CF: XV, *desygualleza* (ZURP).

Obs.: Houaiss, AGC e JPM³ apenas registam *igual*, este último com abonação de VITA, oriunda de Rlor sem o referir.

O substantivo *igual* está atestado no século XV³¹³, derivado de *igual* já desde o XIII.

DESPEJADAMENTE, adv. (1) ‘livremente; sem impedimento’.

*E os de cavallo ouveram llugar de sahir hũs e hũs, e assy como hiam saymdo assy hiam de rrosto aos comtrarios, e começavã de pellejar com elles, de guysa que os segundos, e terceiros, e assy os outros sayam jaa mais **despejadamente** (692.506-507).*

Etimologia: de absoluto + *-mente*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- IVPM: XV, *despeiadamente* (ZURD 90.27).

- VH-CPM: XV, *despeiadamente* (ZURD, 90.27).

- BLem: XV, *despejadamente* (ZURP); *despeiadamente* (ZURD).

- MD-CF: XV, *despejadamente* (ZURP).

Obs.: O adjectivo está atestado no século XV.

DOBREL, s.m. (1) ‘bortal (?)’.

*O comde mamdou que dessẽ aaquelle mouro muy bem de comer e em fim lhe fez emcher hũ **dobrell** que trazia de bõ pão allvo, (419.794[791]).*

Etimologia: do fr. *doublier*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- BLem: XV, *dobrell* (ZURP).

- MD-CF: XV, *dobrell* (ZURP).

Obs.: Apenas registado em Morais com esta passagem de ZURP, e com o significado de pano de mesa, ou guardanapo.

³¹³ Para Houaiss no século XIII, remetendo para o FichIVPM. No VH-CPM apenas são registadas abonações do XV. Atendendo à datação de Rlor, eventual gralha de Houaiss.

EMBRANDECER, vb. (1) ‘enfraquecer’.

*posto que nos queiramos [defemder] per força de nosso sangue, o temor do grande poderio e esperança de continuação, com a mimgoa da necessarydade, he neçessaryo que faça **embradeçer** nossos nembros e emfraquemtar nossas forças, (212.957).*

Etimologia: de *en-* + *brando* + *-ecer*.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- BLem: XV, *embradeçer* (ZURP)³¹⁴.

- MD-CF: XV, *embradeçer* (ZURP).

- Houaiss:

Obs.: Sem data em Houaiss. O VH-CPM apresenta a variante *brandecer*, com abonação de *Primeira Partida* de Afonso X.

O substantivo está atestado no século XIII.

Ainda sem registo no CIPM.

EMPIDOSO, adj. (1) ‘impedido, bloqueado; impidoso’³¹⁵.

*Desy comtarão-lhe toda a maneira da terra açerca dos caminhos e lugares **empidosos** pera aquelles de cavallo que lla ouvessem de hir. (310.198).*

Etimologia: talvez da base latina *pēs, pedis* ‘pé’, com o prefixo de negação *im-* e o sufixo adjectival *-oso* ‘que não pode por o pé, que não pode andar’.

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- BLem: XV, *empidosos* (ZURP).

- MD-CF: XV, *empidosos* (ZURP).

Obs.: Apenas registado em Morais.

EMPREITA, s.f. (1) ‘tira de esparto com que se fazem esteiras’.

*A primeira porque parecee, segundo diz sam Geronimo, que se eu fezera **empreita** d’esparto ou esteiras de jumco, que o ganho fora pouco, (178.112).*

Etimologia: Segundo Houaiss, de origem controversa “segundo Nasc., de *em-* + **preita*, este do gr. *plektê* ‘corda entrelaçada’, pelo lat. vulg. *plecta*; para A. G. Cunha e JM, do lat. **implicta*, por *implicītus*, *a, um* ‘entrançado, enlaçado, enroscado’ e, para JM, talvez pelo esp. *empleita* (sXVII), do mesmo lat.vulg. *plecta*”.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«...se eu fezera *empreita* d’esparto, ou esteiras de jumco...», *P. Men.*, cap. 2, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 117.”

- BLem: XV, *empreita* (ZURP).

- MD-CF: XV, *empreita* (ZURP; Foraes).

- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Sem registo no VH-CPM, apesar da remissão de Houaiss para o FichIVPM.

³¹⁴ Forma lematizada para *embranhar*.

³¹⁵ Segundo Morais⁴ s.v. *empidoso*.

ENCARAPUÇADO, adj. vb. (1) ‘que tem carapuça; acarapuçado’.

Emderençarão tras elles ate que os emcallçarão, caa os mouros nunca os vyrã nẽ semtyram, assy hiam emcarapuçados por causa da chuiva. (440.1286[1283]).

Etimologia: part. de *encarapuçar* (*en* + *carapuça* + *-ar*).

Tipo de unidade: derivação parassintética.

Registos:

- BLem: XV, *emcarapuçados* (ZURP).

- MD-CF: XV, *emcarapuçados* (ZURP).

- Houaiss:

Obs.: Sem data em Houaiss.

O substantivo está atestado 1452.

ENLEAMENTO, s.m. (1) ‘enleio, embaraço’.

O comde, vemdo o emlheamento de sua guia, fez estar quedos os de cavallo e assy os de pee, (384.974).

Etimologia: de *enlear* + *-mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *emlheamento* (ZURP).

- MD-CF: XV, *emlheamento* (ZURP).

- Houaiss:

Obs.: Sem data em Houaiss.

O verbo está atestado no século XV.

ENTUNA, s.m. (1) ‘entranha’.

E bem assy como os velhos liões levã os filhos aas etunas³¹⁶ das anymalias por lhe fazerẽ perder o temor, assy parecia o comde dom Pedro, que amdava cõ allgũs daquelles nobres homens mostrando-lhe como se danavão os ymigos. (554.515).

Etimologia: de *en-* + *tuna*³¹⁷.

Tipo de unidade: derivação prefixal.

Registos:

- AGC: XVIII.

- BLem: XV, *ẽtunas* (ZURP).

- MD-CF: XV, *ẽtunas* (ZURP).

- Houaiss: XVIII, (cf. AGC).

Obs.: O significado apresentado por Houaiss, proveniente de AGC, ‘caminhada pelos montes, caçando ou vagueando’, figurativamente, também parece fazer sentido nesta comparação do conde D. Pedro com os leões.

O substantivo está atestado em 1721.

³¹⁶ No manuscrito *G* *entranhas*.

³¹⁷ Em Houaiss, + ¹*tuna*, em vez de ²*tuna*.

ENXABEQUE, s.m. (2) ‘tipo de embarcação muçulmana’.

*E Allvaro Fernamdez ficava na fusta com XV., e vierã a ella hũa fusta e seys **emxabeques** (633.69).*

Outras ocorrências: 642.290.

Etimologia: alt. de *xaveco*, do ár.vulg. *xabbak*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, s.v. enxabeque: “veja-se *xávega*. Em 1873, D.V., mas deve ser mais ant. Há a variante *enxávega*”. Em entrada separada para *xaveco* é que se pose encontrar a datação do século XV com esta mesma abonação de ZURP.
- BLem: XV, *emxabeque*, *emxabeques* (ZURP)³¹⁸.
- MD-CF: XV, *emxabeque*, *emxabeques* (ZURP).
- Houaiss:

Obs.: Sem data em Houaiss, que remete para *xaveco* (1836 cf. SC).

ENXURRAR, vb. (5) ‘atacar de enxurrada; limpar a área (embarcação) de forma rápida’.

*Porẽ aquelles bõs capitães cõ allgũs que se estremaram amtre os outros cristãos salltarão em hũa fusta dos mouros e **ẽxullarã**-na toda, que nõ ficou nenhũ homẽ vivo sobre cuberta. E em esto os outros cristãos que estavã na proa **emxorarã** as outras ate çerca da metade. (577.1092,1094).*

Outras ocorrências: 577.1080; 578.1102; 627.1158.

Etimologia: de enxurro + -ar.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *emxorarã*, *emxorarão*, *emxorada* (ZURP)³¹⁹.
- MD-CF: XV, *emxorarã*, *emxorarão*, *emxorada* (ZURP).
- Houaiss: 1836 (cf. SC).

Obs.: O verbo *enxorar*, encontra-se registado em Morais também com uma abonação de ZURP³²⁰. A base deste verbo³²¹, *enxurro* ‘enxurrada’, que se encontra registado no VH-CPM com uma abonação de ZURC, e as formas *emxullarã* e *ẽxullarã*, preferidas por Brocardo, levam-me preferir a lematização para o verbo *enxurrar*, com a troca entre as líquidas <ll> por <rr>.

O substantivo está atestado em 1450³²².

Ainda sem registo no CIPM.

³¹⁸ Forma lematizada para *emxabeque*.

³¹⁹ Forma lematizada para *enxorar*.

³²⁰ S.v. *enxorar*: “Os nossos tomarão hum afusta, e **enxorarom**-na toda, antre os que matarão, e os que fizeram saltar ao mar”. Confronte-se esta mesma passagem com a edição de Brocardo “Os nossos salltarão em hũa das fustas e **emxullarã** na toda amtre os que matarão e os que fezerã salltar ao maar”.

³²¹ A etimologia proposta por JPM³ para o verbo *enxorar*, de xó!, interjeição para espantar aves, não se aplica neste contexto.

³²² Em Houaiss com datação exacta para a *Ceuta*.

ESCOL, s.m. (2) ‘elite’.

Caa ã este mesmo lugar foy jaa desbaratado o escolll dell rrey, (564.751[750]).

Outras ocorrências: 566.807[806].

Etimologia: regr. de *escolher*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Registos:

- JPM³: XV, “«...estes som tais, que com pouca ajuda de seus vizinhos desbaratarom jaa o escolll D’El-Rrey de Castella...», *P. Men.*, I, cap. 9, nos *Inéd. Hist.*, I, p. 509”.
- AGC: XV.
- BLem: XV, *escolll* (ZURP).
- MD-CF: XV, *escolll* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Sem registo no VH-CPM, apesar da ocorrência em AGC e remissão de Houaiss para o FichIVPM.

O verbo está atestado no século XIII.

ESPADIM, s.m. (1) ‘antiga moeda portuguesa’.

*e se comtará mais adiante omde fa-llarmos na mudança que fez este rrey dom Affomso, que este llyvro mamdou escrever, destes rreays brâcos ã outra moeda mais bayxa a que chamarão **espadis**. (525.943[942]).*

Etimologia: de espada + *-im*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«...fez este Rey Dom Affomso, que este Livro mamdou escrepver, destes rreaes brancos em outra moeda mais baixa, a que chamarom *Espadins*....», *P. Men.*, cap. 81, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 447”.
- AGC: XV.
- BLem: XV, *espadis* (ZURP).
- MD-CF: XV, *espadis* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Em AGC forma lematizada para *espada*, mas apenas com significado de ‘arma branca’ e sem registo no VH-CPM, apesar da remissão de Houaiss para o FichIVPM.

O substantivo está atestado em 954.

ESPIGÃO, s.m. (1) ‘parte mais elevada, topo’.

*Gomçallo Velho como vio que hera socorrido tornou llogo a coyraça, omde achou jaa hũ mouro sobre ho **espigam** do muro, (472.722).*

Etimologia: de espiga + *-ão*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«...hũa villa... cercada de tijollo, com espigões por cima do muro...», *Pereg.*, cap. 90, vol. II, p. 76”.
- AGC: XVI.

- VH-CPM: XV, *espigam* (ZURD, 352.13).
- BLem: XV, *espigam* (ZURP); *spigã, spigam* (ZURD).
- MD-CF: XV, *espigam* (ZURD).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: AGC, com uma primeira datação igual a JPM³, corrige depois no FichIVPM.

O substantivo está atestado no século XIII.

ESPÍRICO, adj. (1) ‘curva formada pela secção de um cilindro; em espiral’³²³.

*E, como quer que esta nação abitasse per toda Espanha, eu diria, segumdo a nobreza dos feitos passados, que, dos quatro rregnos cristãos inclusos nesta **espirica** rredomdeza, (460.421).*

Etimologia: do grego *speirikós*.

Tipo de unidade: importação (helenismo).

Registos:

- JPM³: 1873³²⁴.
- BLem: XV, *espirica* (ZURD).
- MD-CF: XV, *espirica* (ZURD).

Obs.: Um dos poucos helenismos directos encontrados, apenas registado em Morais sob a forma feminina do adjectivo *espírico* registado por JPM³.

ESPORÃO, s.m. (1) ‘saliência reforçada na proa de um navio, usada para danificar o casco da embarcação inimiga’.

*E sendo assy aferrados dous navios a hũ, porque o Rraposo hera aymda ao largo, como semtyo a pelleja voltou sobr’elles e emvestio hũa das fustas assy rrijo que meteo os **esporoes** todos em ella, em tall guysa que a mayor parte da gemte foy ao mar. (576.1065).*

Etimologia: Segundo Houaiss, do “provç. ant. *esporon*, der. do gót. ou do a.-al. ant. *esporo*; JM pressupõe a existência de uma f. lat. **sporōne*, com orig. no gót.”.

Tipo de unidade: importação (provençal).

Registos:

- AGC: c1539, *esporam* JCasD 122.3.
- VH-CPM: XV, *sporoões* (ZURD, 288.17).
- BLem: XV, *esporoes* (ZURD).
- MD-CF: XV, *esporoes* (ZURD).
- Houaiss: XV, *sporoões*, 1570 *sporão* (cf. FichIVPM).

Obs.: Em JPM³ apenas como topónimo em 1267. Claro exemplo de sucessivas antedatações de Cunha, desde a primeira edição em AGC (*sporão* 1570), passando pelo suplemento à segunda, (JCasD 122.3) até ao IVPM, com a abonação de ZURD.

³²³ Segundo Morais, s.v. *espirica*.

³²⁴ Segundo o *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, pelo Dr. Frei Domingos Vieira.

ESTRUGIMENTO, s.m. (1) ‘estrondo, estardalhaço; tontura, desmaio’

*E quando a companhia vio seu capitam derribado, rrefusou atras. Mas Gomçallo Vazquez, sendo fora daquelle **estorgimemto** que rreçebera, assy da queda como dos golpes das pedras, levamtou-se com grande esforço e foy-se a poupa, (444.30).*

Etimologia: de estrugir + *mento*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *estorgimemto* (ZURP).
- MD-CF: XV, *estorgimemto* (ZURP).
- Houaiss:

Obs.: Sem datação em Houaiss.

O verbo está atestado no século XV.

EXPEDIÇÃO, s.f. (1) ‘despedida’.

*Por çerto, aynda que eu quisesse, eu nom poderia escrever sem lagrimas a **espidiçam** que estas gentes fezerão hũas das outras, (210903).*

Etimologia: do lat. *expeditio*, *ōnis*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, (Morais²).
- AGC: XVI.
- BLem: XV, *espidiçam* (ZURP).
- MD-CF: XV, *espidiçam* (ZURP).
- Houaiss: 1501, *espediçam*, 1505 *expediçam*, 1513 *expidiçam*, 1539 *espydiçam* (CDP I 2)

Obs.: Em nenhum dos registos apresentados se verifica a acepção de ‘despedida’. De qualquer forma, são todos do século XVI.

FALCA, s.f. (1) ‘tábua superior do costado de embarcação miúda; pedaço de madeira’.

*E os mouros de sua parte começarã de se poer a pomto, metemdo rremos e **fallcas** pera averẽ mais allta defemsõ, (601.515).*

Etimologia: do ar. *falqâ*, em vez de *filqâ* ‘pedaço, bocado’.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«...e os Mouros de sua parte começaram de se poer a pomto metemdo rremos, e *fallcas* pera averem mais alta defemom....», *P. Men.*, cap. 16, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 536”.
- AGC: XV.
- BLem: XV, *fallcas* (ZURP).
- MD-CF: XV, *fallcas* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: sem registo no VH-CPM, apesar da remissão de Houaiss para o FichIVPM.

FEROZ, adj. (2) ‘bravio, selvagem; violento’.

Como diz Vegeçio que os cavalos que continuã as guerras se fazẽ mais ferozes (325.569).

Outras ocorrências: 521.848[847].

Etimologia: do lat. *fērox*, *ōcis*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, “Outro estrago & victoria clara & bella / Na gente, assim *feroz* como infinita, / Que entre o Tarteso & Goadiana habita», *Lus.*, VIII, 29; o latinismo *feroce* na mesma obra: «Posto que a rica Arabia, & que os *feroces* / Eniocos, & Colcos, cuja fama / O Veo dourado estende...», III, 72”.

- AGC: 1572.

- VH-CPM: XV, *ferozes* (ZURP, 350.15).

- BLem: XV, *ferozes* (ZURP, ZURD).

- MD-CF: XV, *ferozes* (ZURP, ZURD).

- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: O grande contributo de Camões para a renovação do léxico iniciara-se já um século antes, neste caso em concreto pela pena de Zurara.

FOLAR, s.m. (1) ‘fogaça’.

e assy se partyram com aquelles follares cada hũ pera sua parte. (323.515).

Etimologia: Segundo Houaiss “ligado a *fogaça*, prov. de uma base lat. *fovicūla*, à qual se prendem as f. sn. *focūla*, *ōrum* ‘braseiro’ e *focūlus*, *ī* dim. de *fōcus*, *ī* ‘fogo’ ”.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “na *Origem da Língua Portuguesa* de Duarte Nunes de Leão, cap. 16, p. 294, ed. de 1945”.

- BLem: XV, *follares* (ZURP).

- MD-CF: XV, *follares* (ZURP).

- Houaiss: 1606, (cf. DNLeP).

Obs.: Antedatação face a Houaiss, com datação igual em JPM³.

FOTO, s.m. (1) ‘(estar em foto) estar a boiar, flutuar’.

E porque ho mar é ally todo per allto, em tall guisa que a galle podia bem dar escalla em terra em estar ẽ foto, (420.824[821]).

Etimologia: de orig.obsc.

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *froto* (ZURP).

- MD-CF: XV, *foto* (ZURP).

- Houaiss:

Obs.: Sem datação em Houaiss apesar da abonação de ZURP em Morais⁴.

FRAGOSIDADE, s.f. (2) ‘aspereza de caminho; fragura’.

*Os mouros, vemdo como desfalleçiam cada vez mais e que a estreitura e **fragosydade** da terra nô lhe podia tanto aproveitar como elles cuydarão, começarão de se sahir* (367.575).

Outras ocorrências: 377.806.

Etimologia: fragoso + -i- + -dade.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1813.

- VH-CPM: XV, *fragosydade* (ZURD, 79.14, 188.22, 227.10); *fragosidade* (ZURD, 237.12, 305.15).

- BLem: XV, *fragosydade* (ZURP, ZURD); *fragosidade* (ZURD).

- MD-CF: XV, *fragosidade* (ZURP).

- Houaiss: XV, *fragosidade*, *fragosydade* (cf. FichIVPM).

Obs.: O adjectivo está atestado no século XIII em Houaiss, mas em 1127 e 969 em JPM³, corrigido por RLor.

FRAGURA, s.f. (1) ‘declive da montanha, com muitas fragas; aspereza, fragosidade’.

*pello quall os mouros em breve foram na serra, tiramdo seu gado o mais que podiam pera o sallvarem na **fragura** daquela momtanha.* (332.737).

Etimologia: de fraga + -ura.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«...em breve foraõ na Serra tiramdo seu gado, e o mais que podiam, pera o salvarem na fragura daquela momtanha...», *P. Men.*, cap. 38, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 332”.

- AGC: XV.

- BLem: XV, *fragura* (ZURP).

- MD-CF: XV, *fragura* (ZURP).

- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Sem registo no VH-CPM, apesar da remissão de Houaiss para o FichIVPM.

O substantivo está atestado em 1228.

FUMADA, s.f. (3) ‘fumo utilizado como meio de sinalização; fumaça’.

Porẽ muitos herã fora do lugar que amdavã fazendo suas fumadas cõ que avisavõ seus vezinhos do trabalho ã que estavã. (675.94).

Outras ocorrências: 512.626[625]; 513.635[634].

Etimologia: Segundo Houaiss, do fem.substv. de *fumado*. Para JPM³ de fumo + -ada.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«...Porem muitos eram fora do lugar, que amdavam fazendo suas *fumadas*, com que avisavam seus vizinhos do trabalho...», *P. Men.*, II, cap. 82, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 593”.

- AGC: XV.

- VH-CPM: XV, *fumadas* (ZURD, 178.15).

- BLem: XV, *fumadas* (ZURP, ZURD).

- MD-CF: XV, *fumadas* (ZURP).

- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: O substantivo está atestado no século XIII.

FURÃO³²⁵, s.m. (1) ‘instrumento pontiagudo de ferro usado nas embarcações para abalroar, fazer buracos nos inimigos’.

Outrossy tomo Allvaro Affomso outro carevo, em que ouve XII mouros e duas negras, o quall se perdeo, porque, do emvestir que a fusta fez ã elle no quartell da popa com hos frorões, alagou-se. (641.264).

Etimologia: do rad. do v. *furar* sob a f. *fur-* + *-ão*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1614, *forões* pl. (SGonç I.407.23).

- BLem: XV, *froroões* (ZURP).

- MD-CF: XV, *frorões* (ZURP).

- Houaiss:

Obs.: A acepção apresentada em 1166 por JPM, corrigido por RLor, não se aplica neste contexto. Sem data em Houaiss, ou melhor, com data de c1967, mas com a ressalva de que é para outra acepção.

FUZILAR, vb. (1) ‘emitir luz’.

E semdo tanto avante como Bulhões, hũ daquelles navios a que chamavã o Rraposso hia largo ao mar, e as outras seguyam atras e pouco ante sy virã fuzillar. (578.1049).

Etimologia: de *fusil* + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«Mas para o Ceo Vulcano *fuzilando*, / A frota co as bombardas o festeja», *Lus.*, II, 106”.

- AGC: 1572.

- BLem: XV, *fuzillar* (ZURP).

- MD-CF: XV, *fuzillar* (ZURP).

- Houaiss: 1572, (cf. IAVL).

Obs.: Primazia pela datação de Camões, já tardia em Houaiss. Sem registo no VH-CPM.

O substantivo está atestado no século XIV.

Ainda sem registo no CIPM.

GIRAR, vb. (5) ‘descrever um círculo, rodar para voltar’.

e sobre todo porque Diogo Vazquez vio muitos mouros na praya e conheço que, se fossẽ dentro, que o bragamtym nom poderia girar. (351.174). 406.466.

Outras ocorrências: 406.468[466]; 378.819; 421.829[826]; 622.1026.

³²⁵ Eventualmente FLORÃO (Houais, 1624 cf. FrElis), com o significado figurativo de ‘ferro’ da acepção gráfica de ‘ferro de dourador, usado para estampar ornato que imita flor ou folhagem’. De qualquer forma antedatção.

Etimologia: do lat. *gĕro, as, āre, āvi, atum*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«e acaeece-se ao diamte como a fortuna *gira* seus aquecimentos», *P. Men.*, cap. 54, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 387”.
- AGC: XV
- BLem: XV, *gira, girar, girou* (ZURP).
- MD-CF: XV, *gira, girar, girou* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Sem registo no VH-CPM, apesar da remissão de Houaiss para o FichIVPM.
Ainda sem registo no CIPM.

AGOMER, s.m. (2) ‘arraís’.

E os mouros que nelle jaziã cuydaram que hera o lenho d’Allcaçer, e começou hũ delles a dezer “agomer, agomer”, que quer dezer em nosso lymgoagê "arraez, arraez". (408.529[526]).

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- BLem: XV, *agomer* (ZURP).
- MD-CF: XV, *agomer* (ZURP).

Obs.: Pelo que consegui apurar, trata-se de um hápax.

JOB, s.m. (3) ‘o alto da proa de uma fusta’.

*e escapou hũa fusta daquela mesma villa que lhe ño quebrou senã a bamda de hũ cabo e ho **job** da proa. (393.169).*

Outras ocorrências: 628.1170 (2x).

Etimologia: Segundo Morais, do castelhano *joba*.

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Registos:

- BLem: XV, *job* (ZURP).
- MD-CF: XV, *job* (ZURP).

Obs.: Apenas registado em Morais e Viterbo, este com a indicação de locução *de job a job* “de popa á proa”³²⁶.

LADEAR, vb. (2) ‘acompanhar perseguindo’.

*E porque atras elles vinham allgũs outros mouros que os vinhã **ladiamdo**³²⁷, fez dom Samcho volta sobr’elles de guisa que hos fez afastar lomge de sy. (478.691).*

Etimologia: de lado + *-ear*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

³²⁶ Cf. Viterbo, s.v. *job*, suplemento, II volume.

³²⁷ No manuscrito G, nas duas ocorrências *ladrando*.

Registos:

- JPM³: XV, “«E porque atras elles vinham alguns outros Mouros, que os vinham *ladeamdo*, fez Dom Samcho volta sobr’elles», *P. Men.*, I, cap. 35, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 604”.
- AGC: XV.
- BLem: XV, *ladiando*, *ladiamdo* (ZURP).
- MD-CF: XV, *ladiando*, *ladiamdo* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. AGC).

Obs.: Sem registo no VH-CPM, apesar da ocorrência em AGC e da remissão de Houaiss.

O substantivo está atestado em 1280.

Ainda sem registo no CIPM.

LADRILHADO, adj. vb. (1) ‘revestido com ladrilhos’.

*Oo! Quem não averia piadade de ver a destroição de tamta nobreza? Porque ally cayam torres forradas d’oliveis pintados, e crastas **ladrilhadas** de marmores, e lladrilhos ydrados em que avia diversos lavores, (236.526).*

Etimologia: part. de *ladrilhar* (ladrilho + -ar).

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1813.
- BLem: XV, *ladrilhadas* (ZURP).
- MD-CF: XV, *ladrilhadas* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. InedHist).

Obs.: Sem registo no VH-CPM.

O substantivo está atestado em 1188.

Ainda sem registo no CIPM.

LEVADIA, s.f. (1) ‘agitação das águas do mar’.

*e o tempo começou-lhe de vemtar ao ponemte, e, porque omde ho carevo ficara se metya gramde **levadia**, não tor-narã laa, (603.560).*

Etimologia: de levado + -ia.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«...arreatou o mar de *levadia*, com tanto ímpeto que soçobrou o batel», Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, II, cap. 64, p. 413; vj *levadio*”.
- AGC: XVI,
- BLem: XV, *levadia* (ZURD).
- MD-CF: XV, *levadia* (ZURD).
- Houaiss: 1557, (cf. AAlbCom).

Obs.: AGC apenas regista *levadio*, do século XVI, adjectivo para o qual também JPM³ remete.

O participio *levado* está atestado no século XIII, derivado de *levar* já de 1022-1065.

MEDA, s.f. (1) ‘amontoado de feixes de trigo’.

E tamto que teverdes allgũa cousa feita, o fogo seja logo posto pella terra de todallas partes, espiçiallmente aos paes que estiverẽ pellas medes, (411.606[603]).

Etimologia: do lat. *mēta*, *ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- AGC: XVII.
- BLem: XV, *medes* (ZURP)³²⁸.
- MD-CF: XV, *medes* (ZURP).
- Houaiss: a1608, (cf. DNLeD).

Obs.: JPM³ apenas apresenta esta palavra como topónimo em 1059.

MILHEIRADA, s.f. (1) ‘aglomerado de milheiros; milharada’.

E ymdo assy, por acertamento foram dar em hũa milheirada de milho zaburro. (681.239).

Etimologia: de milheiro + *-ada*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *milheirada* (ZURD).
- MD-CF: XV, *milheirada* (ZURD).
- Houaiss: 1899, (cf. CF¹).

Obs.: JPM, AGC e VH-CPM registam *milharada* (ZURD 83.25), opção também do manuscrito G, apresentada no aparato.

O substantivo está atestado em 1712.

MINHOTEIRA, s.f. (1) ‘ponte, que consta de uma, ou duas tábuas, ou de uma trave, para passar uma cava, ou brejo, etc’³²⁹.

E tamto que foy fora da agua, pos-se a pee e chamou os outros, e despejão o porto muyto asynha, e assy passaram todolos de cavallo, caa os de pee passavã pellas minhoteiras, que hi avia muytas. (391.110).

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *minhoteiras* (ZURP).
- MD-CF: XV, *minhoteiras* (ZURP).

Obs.: O registo apresentado por JPM³ apenas diz respeito a *minhoto*, de *Minho*.

Morais apresenta três abonações para esta entrada, *Chro. J. 1. c. 69. Cast. L.7. c. 20. H. Naut. 2. f. 301*. Duas destas abonações são claramente do século XVI, Castanheda e *História Trágico-Marítima*, mas uma da *Crónica de D. João I*, que não consegui localizar, nem encontrei nos corpora informatizados.

³²⁸ Forma lematizada para o advérbio *medês*.

³²⁹ Segundo Moraes⁴

MISSIVO, adj. (2) ‘que se envia ou remete’.

*E esto primçipallmente foy porque aquelles que primeiramente começará d’ajuntar estes feitos nõ foram pellas heras, nõ costumavã naquelle tempo poer hera nas cartas **messyvas**, (634.94).635.104*

Outras ocorrências: 635.104.

Etimologia: de lat. medv. *missivus*, *a*, *um*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “«...assi com zargunchos, frechas, espingardas, e outras armas *messivas*, e principalmente com artelharia», *Déc.*, II, 3, cap. 6, p. 135”.
- BLem: XV, *messyvas* (ZURP)³³⁰.
- MD-CF: XV, *messyvas* (ZURP).
- Houaiss: 1553, (cf. JBarD).

Obs.: Antedatação a Houaiss.

MIUDEZA, s.f. (1) ‘pequenez’.

*por ã não curamos de escrever a **miudeza** de seus feitos. (422.858[855]).*

Etimologia: de miúdo + *-eza*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«E se me eu detive agora em particularizar as *miudezas* destes trabalhos, foy pelo sucesso que elles tiveraõ...», *Peregr.*, cap. 202, vol. VI, p. 131”.
- AGC: XVI.
- BLem: XV, *miudeza* (ZURP).
- MD-CF: XV, *miudeza* (ZURP).
- Houaiss: 1544, (cf. Palm).

Obs.: Antedatação a Houaiss.

O substantivo está atestado em 1269.

MURALHA, s.f. (2) ‘muro extenso, alto e espesso’.

*de guysa que quando os nossos ally chegarã jaa ally hera hũa gramde peça delles aparelhados pera defemder a fraqueza de sua **muralha**. (426.972[969]).*

Outras ocorrências: 486.1064[1063].

Etimologia: do it. *muraglia*.

Tipo de unidade: importação (italianismo).

Registos:

- JPM³: XVII, “«...resolveu desalojar os Mouros... primeiro que... chegassem a avistar as *muralhas* de Goa, cidade dominante», Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro*, IV, 58, p. 263”.
- AGC: XVII.
- BLem: XV, *muralha* (ZURP).
- MD-CF: XV, *muralha* (ZURP).
- Houaiss: 1690, (cf. AVSerm).

³³⁰ Forma lematizada para *missiva*, classificada como *nomc*.

NUMIDIANO, s.m. (2) ‘relativo à Numídia, antigo país do Norte da África’.

porque elles, como vê daquela amtiga geração dos numydanos, assy todas suas pellejas se passam per escara-muças. (542215).

Outras ocorrências: 686.343.

Etimologia: do lat. *numidiānus*, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- VH-CPM: XV, *numydyanos* (ZURD, 86.29).
- BLem: XV, *numydanos*, *numidanos* (ZURP); *numydyanos* (ZURD).
- MD-CF: XV, *numydanos*, *numidanos* (ZURP).
- Houaiss: XV, *numydyano* (cf. FichIVPM).

Obs.: JPM³ e AGC apenas registam *numida*.

Antedatação em obra do mesmo autor.

ODOROSO, adj. (1) ‘que exala um odor, odorante’.

Porque ally cayam torres forradas d’oliveis pintados, e crastas ladrilhadas de marmores, e lladrilhos vydrados em que avia diversos labores, tamtas arvores frutiferas e odorosas, (236.527).

Etimologia: de odor + -oso.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: 1873, D. V.
- BLem: XV, *odorosas* (ZURP).
- MD-CF: XV, *odorosas* (ZURP).
- Houaiss: c1750-1799, (cf. CSilPoes).

Obs.: Antedatação em três séculos face a Houaiss.

O substantivo está atestado no século XIII.

OURIÇAR, vb. (1) ‘eriçar-se’.

e, quando foy jumto com hũ oytero que he çerca de ho caminho que vem de Barbeche pera a çidade, açertou-se que hia amt’elle hũ gallgo de Lopo Vazquez, e parecee que semtyo os mouros e começou de se em ouriçar, (373.696).

Etimologia: de ouriço + -ar.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«tem os caminhos / de palhetos *ouriçados* / que andam como porcos espinhos», Sá de Miranda, 76, 31 (Lorenzo)”.
- RLor: Sá de Miranda, *ouriçado*.
- AGC: XVI, *ouriçado*.
- BLem: XV, *ouriçar* (ZURP).
- MD-CF: XV, *ouriçar* (ZURP).
- Houaiss: 1521-1558, *ouriçaro*, c1560 *ouriçar* (cf. MirOp).

Obs.: O substantivo está atestado no século XV.

Ainda sem registo no CIPM.

PALMITAL, s.m. (1) ‘aglomerado de palmitos (gomo terminal comestível do caule das palmeiras)’.

*E estamdo assy ã sua vella vyram vir hũ mouro mamçeebo, que seria de XXII ate XXIII annos, e trazia hũa soma de vacas amte sy, o quall, desviando seu gaado contra hũs **palmitaes**, Diogo Vazquez de Porto Carreiro, que ally hera, emcaminhou a elle e o filhou. (382.913).*

Etimologia: de palmito + -al.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “...o qual desviando o seu gado contra huns palmitaes...», *P. Men.*, cap. 50, nos *Ined. Hist.*, II, p. 370”.

- AGC: XV.

- VH-CPM: XV, *palmitaes* (ZURD, 274.26).

- BLem: XV, *palmitaes* (ZURD, 274.26).

- MD-CF: XV, *pallmitaes* (ZURP).

- Houaiss: XV, *palmitaes* (cf. FichIVPM).

Obs.: Sem registo em BLem, eventual gralha de digitalização.

O substantivo *palmito*³³¹ está atestado em 1500.

PALOMEIRA, s.f. (1) ‘cabo, fio’.

*E com este acordo foram viagẽ do porto, e a fusta e hũ carevo estavã largos, e outro jazia em [terra]. E Diego Vazquez vogou a elle e emvesty-o, desy salltaram dentro e cortaram-lhe as **pallomeiras**. (407.503[500]).*

Etimologia: de paloma + -eira.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “...forom viagem do porto, e a Fusta, e hum Caravo estavam largos, e outro jazia em terra, e Diogo Vazquez vogou a elle, e envestio, des y faltaram dentro, e cortaraõ-lhe as palomeiras», *P. Men.*, cap. 55, nos *Ined. Hist.*, II, p. 388-389”³³².

- AGC: XV.

- BLem: XV, *pallomeiras* (ZURP).

- MD-CF: XV, *pallomeiras* (ZURP).

Obs.: Houaiss apenas regista *paloma*, entre outras, com uma acepção marítima datada de 1720, e com o significado de ‘pedaço de cabo preso à verga, no qual se fixa a extremidade do cabo ou corrente ou a talha com que se iça a mesma verga’.

O substantivo está atestado no século XIII.

³³¹ JPM³ observa nesta entrada “só documento este voc. no séc. XVI, mas deve ser bastante anterior, como se deduz da abonação de *palmital*”. Houaiss confirmou parte das suspeitas ao apresentar data de 1500, proveniente de ACG. Metade da outra parte ficam aqui confirmadas, ficando a outra metade a aguardar eventual confirmação.

³³² Cf. a fixação do texto da edição que JPM³ segue com a abonação retirada da de Teresa Brocardo.

PERNADA, s.f. (2) ‘passada larga’.

*Mas aynda esta nõ acabava de fazer sua chegada, quando outro beesteyro que estava jumto com aquelle emviou outra, com que lhe ferio o cavallo em hũa ylharga, o qual con ha dor da ferida começou de llamçar muy grandes **pernadas** (317.380).*

Outras ocorrências: 592.287.

Etimologia: de perna + -ada.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, segundo Morais².
- VH-CPM: XV, *pernadas* (ZURD, 354.28).
- BLem: XV, *pernadas* (ZURP, ZURD).
- MD-CF: XV, *pernadas* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Antedatação em obra do mesmo autor.

O substantivo está atestado no século XIII.

PILOTAGEM, s.m. (1) ‘acção de pilotar, de conduzir seguramente uma embarcação no mar’.

*- Ora - disse o comde - se vos quiserdes filhar ėcarrego desta **pillotagẽ** e emtrar com hũa nossa barca de mer-cadoria de dia no porto, (423.889[886]).*

Etimologia: de pilotar + -agem.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: XVI.
- BLem: XV, *pillotagẽ* (ZURP).
- MD-CF: XV, *pillotagẽ* (ZURP).
- Houaiss: 1552, (cf. JBarD).

Obs.: JPM³ apenas regista *piloto*.

O verbo está atestado em 1881.

PORTALECER, vb. (1) ‘aparecer no alto de uma portela (passagem estreita entre montanhas)’.

*E em esto chegarão outros mouros e rremessaram-lhe o cavallo, e matarã-ho, e, em caymdo, foram os mouros sobre ho escudeyro e premderã-no. Mas Deus parecee que se quis lembrar delle e quis que ho comde **portalleçesse**, naquella hora, omde ho tinhã, pello qual em breve foy leixado dos ymigos. (614.822).*

Etimologia: de portela + -ecer.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *portalleçesse* (ZURP).
- MD-CF: XV, *portalleçesse* (ZURP).
- CIPM: *portalleçesse* (ZURP).

Obs.: Importância do estudo lexical de obras ainda não trabalhadas e dos *corpora* informatizados nas antedatações.

O substantivo está atestado em 919.

PUSILÂNIME, adj. (2) ‘fraqueza moral; covarde, medroso’.

O companha pusylanyma de corações molharigos e afiminados, dezei-me por que chorades. (218.78).

Outras ocorrências: 460.415

Etimologia: do lat. *pūsillānīmis*, e (do comp. do lat. *pūsillus*, a, um ‘pequenino’ + *ānīma*, ae ‘alma’.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«E, separados os *pusilânicos* (que todavia houve alguns, como são maus de trocar costumes frouxos e liberdades envelhecidas, os quais em poucos anos se extinguiram e acabaram), decaída e desmaiada que estava a Ordem...», *Arceb.*, III, cap. 13, vol. III, p. 122, ed de 1946. Não consegui verificar este passo em exemplar de 1.^a ed. da obra onde ele ocorre; sei, no entanto, que a forma corrente no séc. XVI era *pusilânimo* (...) «Os pusilanimos sintm isso assi», *Eufr.*, p. 128”.

- AGC: XV, *pusillanime* 1573 GLeão 333.18.

- BLem: XV, *pusylanyma*, *pusylanymo* (ZURP).

- MD-CF: XV, *pusylanyma*, *pusylanymo* (ZURP).

- Houaiss: c1543, *pusilanimos*, 1567 *pusilanime* (cf. JFVascE).

Obs.: O substantivo *pusilanimidade* tem registo anterior, com a forma *pusalamidade* em LEAL (VH-CPM) e *pusilanimidade* em CP (BLem e MD-CF).

QUILATE, s.m. (1) ‘unidade de medida de peso’.

e a mayor parte daquellas dobras heram feitas ã Tunez e herã XXIII quillates e terço de peso. (525.936[935]).

Etimologia: do ár. *qirāt*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XV, “«Mãdou laurar... hos Portugueses douro, de dez cruzados de valor cada hũ de vintequatro *quillates*, que era úa mesma lei dos cruzados...», *Góis*, cap. 86, p. 211”.

- AGC: XVI.

- BLem: XV, *quillates* (ZURP).

- MD-CF: XV, *quillates* (ZURP).

- Houaiss: XV.

Obs.: Dúvida de Houaiss, com a data em itálico, esclarecida com o registo em ZURP.

RACHADA, s.f. (2) ‘fenda ou racha na terra; passagem estreita encovada’.

E quando os vyram vyr mãdou Gomçallo Vazquez os cavallos e prisyoneiros diamte, e peça de homens com elles, ate passar hũa rrachada pequena que estava ao fumdo do porto, contra Bulhões. (413.652[649]).

Etimologia: fem. substv. de *rachado*, part. de *ranchar*.

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Registos:

- BLem: XV, *rachada* (ZURP)³³³.

- MD-CF: XV, *rachada* (ZURP).

Obs.: Entrada apenas averbada em Houaiss, mas com aceção diferente.

O verbo está atestado em 1344³³⁴.

RAMALHAR, vb. (1) ‘fazer sussurrar os ramos’.

e, quando sentio os passos dos escuitas e o rrama-lhar que faziã pello milho, cuydou que herã os porcos que vinhã comer, (681.241-242).

Etimologia: de ramalho + *-ar*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “E quando sentiu os panos dos escuitas, e o *ramalhar* que faziã pello milho, cuidou que eraõ os porcos que lho vinhaõ comer», *D. M.*, cap. 13, nos *Ined. Hist.*, III, p. 53³³⁵.

- AGC: XV.

- VH-CPM: XV, *rramalhar* (ZURD, 83.27).

- BLem: XV, *rramalhar* (ZURP, ZURD).

- MD-CF: XV, *rramalhar* (ZURD).

- Houaiss: XV, *rramalhar* (cf. FichIVPM).

Obs.: Antedatação em obra do mesmo autor.

O substantivo *ramalho* está atestado em 1616, derivado de *ramo* já no século XIII.

Ainda sem registo no CIPM.

RECOSTO, s.m. (1) ‘terra elevada em encosta; escarpa’.

E quys Deus que hymda ganharão ho porto e hũ rrecosto que se hy fazia, (597412).

Etimologia: regr. de *recostar*.

Tipo de unidade: derivação imprópria.

Registos:

- JPM³: XVI, segundo Morais².

- AGC: XVI.

- BLem: XV, *rrecosto* (ZURD).

- MD-CF: XV, *rrecosto* (ZURD).

- Houaiss: 1597, (cf. MonLus).

Obs.: Houaiss remete para a forma feminina *recosta*, datada do século XIII segundo o FichIVPM, registo também comprovado pelo VH-CPM. Ambas as formas são derivadas do verbo *recostar* cuja datação é de 1572. O que se verifica, no caso da forma feminina, é um registo de três séculos antes da forma derivada antes da primitiva.

³³³ Forma classificada como vb part e lematizada para o verbo *rachar*.

³³⁴ Para Houaiss século XV.

³³⁵ Passagem repetida em ZURP. Cf. abonação (681.241-242).

RECRESCIMENTO, s.m. (1) ‘aumento’.

Porẽ, porque o comde semtio que elle nom poderia tambem sahyr, pello rrecreçimemto dos mouros, (283.863).

Etimologia: de recrescer com alt. da vogal temática -e- > -i- + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: 1813.
- BLem: XV, *rrecreçimemto* (ZURP).
- MD-CF: XV, *rrecreçimemto* (ZURP).
- Houaiss: 1562 (cf. JC).

Obs.: O verbo está atestado em 1275.

REEDIFICAR, vb. (1) ‘tornar a edificar, construir’.

*E pervemtura, se vos leixasseys esta çidade e os mouros a tornassẽ a **rrehedeficar**, que elles averiam em breve tempo bõa emmenda de todo seu dano, (193.450).*

Etimologia: de lat. *rēaedificō*, *ās*, *āre*, *āvī*, *ātum*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: 1473, “«e foi o que raedificou e casi fizo com a sua torre», na *Colección Diplomatica de Galicia Histórica*, p. 31 (Lorenzo)”.
- RLor: 1473, “«e foi o que raedificou e casi fizo com a sua torre», (CDCH 31.8).
- AGC: XV.
- BLem: XV, *rrehedeficar* (ZURP).
- MD-CF: XV, *rrehedeficar* (ZURP).
- Houaiss: 1473, (cf. RLor).

Obs.: AGC e o VH-CPM registam *reedificaçam* (reedificar + -ção) no século XIV, com abonação de TEST.

Ainda sem registo no CIPM.

RETRAIMENTO, s.m. (1) ‘acanhamento’.

*Os fidallgos emtemderam bẽ que ho mouro vinha assy cautellosamente por fingir allgũ emgano, empero foram a elle por semtyrẽ o que queria fazer, o quall ẽ seu **rretraimemto** se mostrou mais temeroso do que ho caso rrequeria, (238.568).*

Etimologia: de retrair + -mento.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *rretraimemto* (ZURP); *retraymento* (EER).
- MD-CF: XV, *rretraimemto* (ZURP); *retraymento* (EER; Pina:Duarte).
- Houaiss: 1563, *retrahimento* (cf. JBarD).

Obs.: O verbo está atestado no século XIII.

RUTO, s.m. (1) ‘percurso, viagem; rota’.

E daquela vez soube o comde como se a frota dell rrey de Grada corregia pera vyrem çercar a çidade, ca o sabiam estes pellos messageiros que cada dia passavão a fazer seus rrutos³³⁶ de hũ rrey pera outro, o que se claramemte mostrou nos feitos que se seguiram adiamte. (353.466).

Etimologia: do castelhano *rota* (?).

Tipo de unidade: importação (castelhanismo) (?).

Registos³³⁷:

- MD-CF: XV, *rrutos* (ZURP).

Obs.: Apenas encontrei esta palavra com registo em Morais, precisamente com esta passagem de ZURP, com a seguinte observação: “será caminho de *route* Francez? E neste sentido a ouvi no Brasil, ou de *Ruta* Hespanhol derrota, viagem, jornada”. Para a entrada *rota*, Houaiss indica também esta origem francesa de *route*, “do latim *rupta* (*via*) ‘caminho rasgado, desbravado’, fem. substv. do adj. *ruptus*, part. pas. do v. lat. *rumpĕre* ‘romper’”. A entrada directa do latim não será de excluir.

SACERDOTISA, s.f. (1) ‘mulher que exercia as funções de sacerdote’

e assy amdavão de hũa parte a outra como homens fora de syso, queremdo em allgũa cousa parecer aaquella saçerdotisa Edonis, (225.257).

Etimologia: de sacerdote + *-isa*. Para AGC do lat. *sacerdōtissa*, *ae*.

Tipo de unidade: derivação sufixal / importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “«uma flaminica ou *sacerdotisa* teve (Évora) nobilíssima, ha qual non somente era flaminica de Evora, mas também de toda a Lusitania», André de Resende, História da Antiguidade da cidade de Evora, cap. VII”.

- AGC: XVI.

- BLem: XV, *saçerdotisa* (ZURP).

- MD-CF: XV, *saçerdotisa* (ZURP).

- Houaiss: 1574-1590, (cf. NaufSep).

Obs.: Será difícil atribuir a primazia a uma das opções do tipo de unidade.

O verbo está atestado no século XIII.

SAQUINHO, s.m. (1) ‘pequeno saco’.

E hũs e hũs se partyam, caa hos mais delles são homens de pouca fazemda, senão hũ saquinho de passas e de farinha, e assy lhe fica pouco cuydado da fardagẽ, (486.1047[1046]).

Etimologia: de saco + *-inho*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLem: XV, *saquinho* (ZURP).

- MD-CF: XV, *saquinho* (ZURP).

- Houaiss: 1720, (cf. RB).

³³⁶ No manuscrito *G tratos*.

³³⁷ Sem registo em BLem. Regista, no entanto, a variante *tratos* em ZURP.

Obs.: Derivado sem registo na maioria das obras consultadas. Antedatação de quase três séculos face a Houaiss

O substantivo está atestado no século XIII.

SARAMAGO, s.m. (1) ‘nabiça, nabo’.

*E porque ho comde avia novas que hũa ãculla de Gibralltar hera dentro na çidade, que hera hũ mouro naturall destes rreynos o qual fallava muyto bem assy o nosso lyngoagem como o castelhano, e pemsou que podya ser aquelle, ynda que hera pello comtrario, porque hera hũ besteiro que hia buscar **saramagos** e verga pera covões (438.1246[1243]).*

Etimologia: Segundo Houaiss, “prov. do ár. *sarmaq*. ‘armolão’, por sua vez do persa; a primeira forma esp. *xaramago* é de 1490, sendo o esp. *jaramago* do sXVII, o port. *saramago* é também do sXVIII, tardio, pois, em relação ao étimo, razão por que o admitem do esp., que dialetalmente ocorre como *zaramago* ‘erva-armoles’ ”.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: XVII, segundo Morais², “Do ár. *sarmaq*, (...) de origem persa, não parecendo impossível que o voc. nos tenha chegado por intermédio do ant. cast. *xaramago* (hoje *jaramago*). ”
- AGC: XVII. “Do ár. *sarmaq*, com provável interferência do castelhano antigo *çaramago* (hoje *jaramago*)”.
- BLeM: XV, *saramagos* (ZURP).
- MD-CF: XV, *saramagos* (ZURP).
- Houaiss: 1708, (cf. MBFlos).

Obs.: Com a atestação em ZURP, fica assim excluída a interferência do castelhado, e deixa de ser tardio em relação ao étimo como indica Houaiss.

SERTÃO, s.m. (9) ‘região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas’.

*E logo de começo se foy dereitamente a çidade com seys ou sete de cavallo e pareço assy sobre a carreira que se fazia amtre as portas que sayam da çidade pera o **sertam**, (237.552).*

Outras ocorrências: 337.861; 427.986[983]; 469.638; 484.1017[1016]; 499.276[275]; 501.329[328], 331[330]; 522.864[864].

Etimologia: Segundo Houaiss, de orig. obsc., com a seguinte observação de JPM “na opinião de certos autores, o voc. seria evolução do lat. **desertānu*-, com operações fonéticas ainda não suficientemente esclarecidas”.

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- JPM³: XV, “«...esta jemte traz hũas cabaças grandes en que leuam do mar pera o *sertaão* agoa salgada», Diário, fl. 14. *Sartão* na mesma obra: «...jas hũu rio que vem de dentro do *sartão*», fl. 3 (e também nas 19 e 35)”.
- AGC: XV, *sertaão*, *sartão*
- BLeM: XV, *sartão*, *sertam*, *sertão* (ZURP).
- MD-CF: XV, *sartão*, *sertam*, *sertão* (ZURP).
- Houaiss: XV, (sXV cf. FichIVPM).

Obs.: Sem registo no VH-CPM, apesar da ocorrência em AGC e remissão de Houaiss para o FichIVPM.

SOBRESSELENTE, adj. (2) ‘que está a mais e é próprio para suprir faltas; de reserva’.

Mas o patrão della, com hũa agumia, e outros ofyçiaes que o ajudavão cortavã braços e maãos a todos aquelles que viam travar nas bordas pera pojar açima, ou per outra quallquer parte contra sua hordenamça, de guysa que com pouco mais de çimquoemta sobressallemtes começou de vogar o mais a pressa que pôde (518.765[764]).

Outras ocorrências: 603.557.

Etimologia: segundo Houaiss, de orig. contrv.; com a indicação de três opiniões: “AGC registra, com dúvida, “talvez de um *sobressaliente < sobre- + saliente”; Nascentes deriva do esp. *sobresaliente* (1575) ‘que sobressai’, do v. *sobresalir* ‘sobressair, exceder’; JM oscila entre uma form. vern. *sobre-* + *saliente* e o cast. *sobresaliente*;

Tipo de unidade: importação (castelhanismo).

Registos:

- JPM³: 1512, “«...estas galés hão-de ser esquipadas de jáos, e sobressalentes vinte e cinco até trinta homens», Afonso de Albuquerque, *Cartas*, p. 52, ed. dos Sá da Costa”.
- AGC: XVI.
- VH-CPM: XV, *sobressallemte*, *sobressallemtes*, *sobressallentes* (ZURD, 284.16)
- BLem: XV, *sobressallemte* (ZURP); *sobressallentes* (ZURP, ZURD).
- MD-CF: XV, *sobressallemte*, *sobressallentes* (ZURP).
- Houaiss: XV, *sobressallentes*, *sobresalentes* (cf. FichIVPM).

Obs.: Com a data apresentada por Nascentes, 1575, a derivação do espanhol ficaria excluída com a atestação em ZURP. No entanto, no CORDE, é possível verificar 25 atestações anteriores, sendo a mais antiga de cerca de 1348-1379 da *Gran Crónica de Alfonso XI*.

SOVA, s.f. (2) ‘rasto, trilho’.

E por ã acordou de hyr açima daquela guysa que sohia hyr quamdo se a guarda [tinha] em çima, e que, achando-lhe a sova da passagẽ, entemdia que lhe nõ podiam escapar, (587175).

Outras ocorrências: 588.180.

Etimologia: regr. de *sovar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Registos:

- JPM³: XV, “«...achando-lhe a sova da passagem, entendia, que lhe nom podiam escapar...», *P. Men.*, II, cap. 13, nos *Ined. Hist.*, II, p. 525. O sentido de «pancada» é, evidentemente, posterior.”
- AGC: XV.
- BLem: XV, *sova* (ZURP).
- MD-CF: XV, *sova* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. *InedHist*).

Obs.: O verbo está atestado em 1552³³⁸.

³³⁸ Sobre esta datação, JPM³, s.v. *sova*, observa que “pela data desta palavra deduz-se que o uso do v. deve ser mais ant. do que a data para ele antes indicada [XVI, *Déc.*]”.

SOBCOIXA, s.f. (1) ‘(?)’.

*Partio todavia Joham Martiz cõ seu barinell essa noyte e foy a amaynar aalẽ a **sobcoixa** do momte. (353.233).*

Etimologia: (?).

Tipo de unidade: (?).

Registos:

- BLem: XV, *sobcoixa* (ZURP).

- MD-CF: XV, *sobcoixa* (ZURP).

Obs.: Apenas encontrei esta palavra com registo em Morais, com esta abonação de ZURP, mas sem a atribuição de qualquer significado.

SURGIR, vb. (3) ‘ancorar, fundear’³³⁹.

*E sendo amtre Larache e a Mamora quiseram aver terra por tomar sallto, e a folla do mar hera tamta que o nõ poderõ fazer. E afastamdo-se por ẽ da terra, **surgirã**, e não passou grande espaço quamdo vyram sahyr de Larache hũa vella. E Allvaro Fernamdez vogou a ella e filhou-ha, e hera hũ carevo, em que tomarã tres mouros, e muita louça de Mallaga, e pano, e outra mercadoria. E em tornamdo-se pera domde partyrã, queremdo **surgir** outra vez, virã como a fumdo de Larache amdava hũa barca. (601.502,507).*

Outras ocorrências: 603.559.

Etimologia: do cat. *sorgir*.

Tipo de unidade: importação (catalão).

Registos:

- JPM³: Fins do XV, “«...e ao sol posto obra de bj legoas de terra *surgimos* amcoras em XIX braços...», *Cam. Fl 1 vs*”.

- AGC: XV, *surgir*.

- BLem: XV, *surgido*, *surgir*, *surgirã* (ZURP)

- MD-CF: XV, *surgido*, *surgirã* (ZURP); *surgir* (ZURP);

- Houaiss: XV (cf. AGC)

Obs.: Ainda sem registo no CIPM. Uma vez que AGC não indica a fonte, presume-se que, pelas ocorrências registadas, seja também ZURP.

Ainda sem registo no CIPM.

SURTO, adj. vb. (1) ‘ancorado, fundeado’.

*E, leyxamdo ho carevo **surto** sobre ferro, vogarão a barca, (601.508).*

Etimologia: part. de *surgir* (lat. *surgō*, *ĩs*, *gẽre*, *surrẽxĩ*, *rectum*).

³³⁹ A justificação deste significado, bem como da etimologia, encontra-se em Houaiss: “no port. inicialmente o voc. era exclusivamente us. no campo da náutica e significava 'estar fundeada, aportar (falando de embarcação), lançar âncora'; nessas acp. o voc. vem do cat. *sorgir* (sXIII) e, este, do lat. *surgẽre*; segundo Corominas, a evolução semântica do lat. *surgẽre* 'levantar-se, erguer-se' teria seu começo em frases como esta em lat. *navis surgit in portu* 'a nave está erguida no porto', donde 'a nave está quieta, daí a nave está fundeada'; deste sentido com aspecto durativo passaria para outro, de aspecto pontual: *a nave surgiu a âncora* 'a nave lançou a âncora'; outra evolução semântica para este verbo foi 'fazer-se a nave ao mar, partir'; tal acp. parece vir do fr. ant. *sourdre* (< lat. *surgẽre*) e, diferentemente das primeiras, é bem próxima do significado do v. lat.”

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: 1513, “«Estivemos ali *surtos* até pela manhã...», Afonso de Albuquerque, *Cartas*, p. 168, selecção dos clássicos Sá da Costa”.
- AGC: XVI, *surto*.
- BLem: XV, *surto* (ZURP, Sacramental).
- MD-CF: XV, *surto* (ZURP).
- Houaiss: 1553, adj. (cf. JBarD). 1616, s.m.

Obs.: Antedatação face a Houaiss.

TAMARGAL, s.m. (1) ‘extenso aglomerado de tamargas, tamargueiras (arbusto)’.

E os outros escaparão em hũ tamagall,³⁴⁰ ã tall guisa que os de cavallo lhe ão poderã ãpeçer. (598.433).

Etimologia: de tamarga + *-al*.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- AGC: XV, *tamargual*.
- BLem: XV, *tamagall* (ZURP).
- MD-CF: XV, *tamagall* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. InedHist).

Obs.: JPM³ apenas regista esta palavra como topónimo, no século XV. Segundo AGC, também citado por Houaiss, *tamarga* (s.f. *tamargueira*) está documentado no século XX, pelo que se verifica a ocorrência da derivada cinco séculos antes da primitiva.

TENÊNÇIA, s.f. (1) ‘força, vigor; tenacidade, afinco’.

Pero o mouro fez ally sua fim, não por çerto come homẽ villão ãe que avia o coraçam fraco ãe femeniill, porque todas suas feridas foram por diamte, e jaa lhe a força de todo desfalleçia, jazemdo no chãõ e aynda com tenemça de contemder pera os comtrairos. (367.567).

Etimologia: do lat. **tenentia*, *ae*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVII, segundo Morais⁸.
- AGC: XVII, *tenência*.
- BLem: XV, *tenemça* (ZURP).
- MD-CF: XV, *tenemça* (ZURP).
- Houaiss: 1624, (cf. MSFarD).

Obs.: a datação e o significado apresentados por AGC são para ‘carga e/ou habitação de tenente’. Às datas apresentadas por Houaiss corresponde, para a primeira, os significados de ‘antiga repartição do tenente-general de artilharia’ e ‘posto de tenente’ e, para a segunda, ‘local onde habita o tenente’. Apresenta, no entanto, sob a indicação de *B infm.*, na acepção 7, o significado de ‘vigor, firmeza, força’, que penso ser o correcto nesta passagem de ZURP.

³⁴⁰ No manuscrito *G tamargall*.

TERÇADO, s.m. (1) ‘espada curta e larga’³⁴¹.

*O mouro hera mamçeebo e de gramde força e, juntamdo o desejo da vingança com ho temor da morte que via muy açerca de sy, llevamtou seu **terçado** queremdo errar o mais que podesse a seu ymigo. (569.887).*

Etimologia: de terço + -ado.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XVI, “«Por armas tem adagas, & tarçados», Lus., I,47. *Terçado* pela mesma época «traziam huas touquas... & terçados mouriscos cingidos...», Góis, I, cap. 36, p. 73”.
- AGC: XVI, *tarçado*.
- VH-CPM: XV, *terçados* (ZURD, 185.21); *traçado* (ZURD, 156.1).
- BLEM: XV, *traçado* (ZURD)³⁴²; *terçado* (ZURP); *terçados* (ZURD).
- MD-CF: XV, *terçado* (ZURP)³⁴³
- Houaiss: XIV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Houaiss apresenta o século XIV, remetendo para o FichIVPM. O VH-CPM apenas regista as duas abonações de ZURD, do XV, como entradas separadas e sem qualquer remissão entre elas. Pelas consultas realizadas, eventual gralha de Houaiss.

TIMBRE, s.m. (1) ‘insígnia colocada sobre o escudo das armas’.

*e que trouxesse as armas do comde em quarteyrões e ho **tymbre** que o comde trazia sobre as armas, que hera hũa cabeça de çervo com sua pelle, (645351).*

Etimologia: do fr. *timbre*.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- JPM³: XVI, “«eu vi ja cavaleiram dos da guarda, antigo como espada de lobo, contar por *timbre* de suas façanhas que tirara freira de moesteiro per chamine», *Eufr.*, p. 14”.
- AGC: XVI, *timbre*.
- BLEM: XV, *trymbre* (ZURP).
- MD-CF: XV, *trymbre* (ZURP).
- Houaiss: c1543, (JFVascE).

Obs.: A abonação de JPM³ não se aplica neste contexto, uma vez que o seu significado é figurativo ‘orgulho, honra’. A datação apresentada por Houaiss é para a “acp. *fig.* ‘orgulho legítimo’ ”.

TRAÇAR, vb. (1) ‘que se verifica como traçado, planeado; ocorrer, acontecer’.

*o que leda-memte se pos em obra, porque allem da homrra sempre se lhe seguya proveito quãdo lhe os feitos **traçavã** como elles queriã. (431.1091[1088]).*

³⁴¹ Segundo Bluteau, referido por Houaiss, assim chamada por ser uma espada curta e larga, à que faltava a terça parte de uma espada de marca, isto é, de uma espada de dimensões normais.

³⁴² Como forma verbal de *traçar*.

³⁴³ Com 40 abonações de *Foraes* (obra sem qualquer outra indicação), sempre como adjectivo e com o significado de ‘misturado’ (do século XIV), 39 em *pam terçado* e 1 em *casal terçado*.

Etimologia: do lat. *tractiāre, de tractus, a, um.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- JPM³: XVI, segundo D.V.
- AGC: XVI, *traçar*.
- BLem: XV, *traçavã* (ZURP)³⁴⁴.
- MD-CF: XV, *traçavã* (ZURP).
- Houaiss: 1540, (JBarJ).

Obs.: Antedatação a face a Houaiss.

Ainda sem registo no CIPM.

TROÇO, s.m. (1) ‘pedaço, de madeira ou ferro’.

e meteo a llamça toda em elle, de guysa que ao cayr do mouro ñ ha pôde tyrar e demtro lhe ficou o ferro cõ hũ troço da aste. (703773).

Etimologia: de orig.controversa. Houais, s.v. *troç-* indica, no entanto, que “é, porém, bastante seguro que se relacione com o fr. ant. e dialetal *trous* ‘tronco de planta; fragmento de lança, parte do fuste’ ”.

Tipo de unidade: importação (galicismo).

Registos:

- JPM³: 1553, “«...e com troços de escadas quebradas, atadas umas nas outras, pudemos socorrer aos do muro com uma escada», Afonso de Albuquerque, *Cartas*, p. 177, na selecção dos Clássicos Sá da Costa”.
- AGC: XVI, *troço*.
- BLem: XV, *troço* (ZURP).
- MD-CF: XV, *troço* (ZURP).
- Houaiss: 1513, (AAlbCar).

Obs.: Antedatação face a Houaiss.

TUNISINO, adj. (1) ‘relativo a Túnis, capital da Tunísia’.

E soube como ell rrey Buamar partyra de casa dell rrey de Tunez com DCC de cavallo e hũa carrega de dobras tuniçiz, (605602).

Etimologia: do top. Túnis + -ino.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: 1572, “Houve também a forma *tuneci*; «...e assi mesmo sabera dourar hũas estribeiras *tuneciis* de cobre de oiro moido...», em *Livro dos Regimentos dos Officiais Mecânicos*, p. 27, ed. de 1926”.
- AGC: XVI, *tuneciis*.
- BLem: XV, *tuniçiz* (ZURP).
- MD-CF: XV, *tuniçiz* (ZURP).
- Houaiss: XVI, *tuneciis* (cf. AGC).

³⁴⁴ BLem inclui, mecanicamente, no lema verbal *traçarduas* formas nominais: *traçado* ‘terçado; espada curta e larga’ (ZURD) e *traçom* ‘pedaço, fragmento’ (LOPF).

Obs.: A datação de AGC e Houaiss é para a variante *tunesino*.

VALEDIA, s.f. (1) ‘moeda mourisca’.

semdo naquelle tempo o vallor da coroa vellha do cunho de Frãça çem rreays e novemta, e as valledias, que hera moeda mourisca, LXXX novemta, (524.929[928]).

Etimologia: do rad. de *valido* com recuperação da vog. temática -e- + -io.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- BLEM: XV, *valledias* (ZURP).

- MD-CF: XV, *valledias* (ZURP).

Obs.: JPM³ (XV) e Houaiss (1446 (OrdAf)), registam apenas o adjetivo *valedio*.

VELEIRO, adj. (1) ‘que se desloca com rapidez, veloz’.

O iffante mamdou llogo avisar todos da maneira que aviam de ter ã sua sahida e desy que nenhũ não tomasse avemtagẽ da sua naao, por velleyra que fosse. (510.565[564]).

Etimologia: de *vela* + -eiro.

Tipo de unidade: derivação sufixal.

Registos:

- JPM³: XV, “«...e des y que nenhum non tomasse ventagem da sua Náo, por *velleyra* que fosse», *P. Men.*, I, cap. 78, nos *Inéd. Hist.*, II, p. 465”.

- AGC: XV, *velleira*.

- BLEM: XV, *velleyra* (ZURP).

- MD-CF: XV, *velleyra* (ZURP).

- Houaiss: XV, (cf. AGC).

Obs.: A datação de AGC e Houaiss do século XV é para ‘navio que anda à vela’. Para a acepção de ‘que se desloca com rapidez ou facilidade; ligeiro, veloz’, a que se verifica nesta passagem de ZURP, Houaiss apresenta a data de 1721, antedatação, portanto.

VILANAMENTE, adv. (1) ‘indignamente, sem honra; grosseiramente’.

dezemdo que amte se queriam lleyxar morrer que se deyxarẽ tã villanamente cativar. (610-611.736-737).

Etimologia: do lat. vulg. **villānus*.

Tipo de unidade: importação (latinismo).

Registos:

- BLEM: XV, *villanamente* (ZURP).

- MD-CF: XV, *villanamente* (ZURP).

Obs.: Advérbio formado directamente do termo latino. Houaiss e VH-CPM apenas registam a forma mais vulgar *vilãmente*.

VOGA, s.f. (3) ‘acto ou efeito de remar; remada’.

*E sendo jaa sobre o quarto da allva, semtyrã **voga** de navio que seguia per açerca delles,* (305.55).

Outras ocorrências: 509.535[534]; 509.539[538].

Etimologia: regr. de *vogar*.

Tipo de unidade: derivação regressiva.

Registos:

- JPM³: XVI, “«arremeteraõ de *voga* arrancada hũs aos outros», *Pereg.*, cap. 32, vol. I, p. 123. Pela mesma época corria a var. *boga*: «...mandou remar auante a *boga* arrancada...», *Cast.*, II, cap. 70, p. 233”.
- AGC: XVI, *voga*.
- BLem: XV, *voga*, *vogas* (ZURP).
- MD-CF: XV, *voga*, *vogas* (ZURP).
- Houaiss: 1552 (cf. FCastH).

Obs.: Antedatação face a Houaiss.

ZABURRO, adj. (1) ‘milho de grão avermelhado’.

*E ymdo assy, por acertamemto foram dar em hũa milheirada de milho **zaburro**.* (681.239).

Etimologia: do persa *gaures*, através do ár. *xaures*.

Tipo de unidade: importação (arabismo).

Registos:

- JPM³: Nos princípios do séc. XVI, em Valentim Fernandes, segundo L.V., *Etnografia Portuguesa*, II, p. 82.
- AGC: XVI, *zaburro*.
- VH-CPM: XV, *zaburro* (ZURD 83.25).
- BLem: XV, *zaburro* (ZURD, ZURP).
- MD-CF: XV, *zaburro* (ZURP).
- Houaiss: XV, (cf. FichIVPM).

Obs.: Em Houaiss apenas como substantivo, mas com a indicação de “empregado também apositivamente”.

4.2.1. Comentários

Conclusão

A análise lexical da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* permitiu verificar a existência de um número significativo de primeiras atestações, comprovando ser esta uma época de clara antecipação do Renascimento. Uma corte favorecedora à cultura, nas palavras de Rosa Virgínia³⁴⁵, não pode ficar subvalorizada na subida de mais um degrau³⁴⁶ para a transição entre o português antigo e o português moderno, contribuindo não só para um cada vez maior enriquecimento do léxico, mas também para uma maior sistematização da própria língua.

Ao longo dos pontos 3 4 e 5 do capítulo III foram sendo recolhidos dados, como a origem da importação das palavras ou a sua formação com recursos próprios da língua, que precisam de um tratamento exaustivo. A demora no tratamento desses dados, conjugada com o cumprimento de datas, impede-me, por agora, de realizar tal tarefa. Na defesa deste trabalho, em que “muy muytas cousas achey em elle que pareciam bem dignas de emenda e muitas mais que, a meu entender, en elle deviam seer acrecentadas”³⁴⁷, dela procurarei dar conta.

³⁴⁵ Matos e Silva (2008:41).

³⁴⁶ Cardeira (2005:35).

³⁴⁷ Cf. *Livro da Vertuosa Benfeytura*, Calado (1994:3,18-20).

Referências bibliográficas

Textos

- LOPES, Fernão (²2004). *Crónica de D. Fernando*. Edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi. Lisboa: IN-CM.
- ZURARA, Gomes Eanes de (1997). *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Edição e Estudo de Maria Teresa Brocardo. Lisboa: FCG-JNICT.

Dicionários

- AULETE, Caldas (⁵1987). *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Delta, 5 vols.
- BAILLY, A. (2000). *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette. Nova edição revista por L. Séchan e P. Chantraine.
- BARBOSA, Agostinho (2007). *Diccionarium Lusitanico Latinum*. Braga: Universidade do Minho. Org. e Introd. de Brian F. Head com fac-símile da edição de 1611.
- BIVAR, Artur (1948-1958). *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Porto: Edições Ouro. Publicado postumamente por M. dos Santos Ferreira e M. V. dos Santos Ferreira.
- BLUTEAU, Raphael (712-1727). *Vocabulário Portuguez e Latino*. CD-ROM com a edição fac-similada de 1712-1727, publicado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2000.
- CASTELEIRO, J. Malaca (dir.) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo / Academia das Ciências de Lisboa.
- CASTELEIRO, J. Malaca (dir.) (2008). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora.
- COROMINAS, Joan (⁴1997). *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Editorial Gredos.

- CUNHA, António Geraldo da (²1989). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- CUNHA, António Geraldo da (1986-1994). *Índice do Vocabulário do Português*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa (três volumes publicados: letra A, 1986; letras B-C, 1988 e letra D, 1994).
- Diccionario de la Lengua Española*, (¹¹1992). Madrid: Real Academia Española.
- Diccionario da Lingoa Portuguesa*, (1793). Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- FERREIRA, A. Buarque de Holanda (1999). *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FIGUEIREDO, Cândido de (²⁵1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Venda Nova: Bertrand.
- GAFFIOT, Félix (2000). *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Librairie Hachette. Nova edição revista e aumentada sob a direcção de Pierre Flobert.
- GONZÁLEZ SEOANE, Ernesto, dir. (2006). *Diccionario de Dicionarios do Galego Medieval*, anexo 57 da revista *Verba*, Universidade de Santiago de Compostela.
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão 2.0), 2007.
- HOUAISS, António (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas & Debates.
- MACHADO, José Pedro (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Publicações Alfa.
- MACHADO, José Pedro (1994). *Estrangeirismos na língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias.
- MACHADO, José Pedro (⁷1995). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 5 vols.
- MARTÍNEZ DE SOUSA, J. (1995). *Diccionario de Lexicografía Práctica*. Barcelona: Bibliograf.
- MESSNER, D. (1994-2006). *Dicionário dos Dicionários Portugueses*. Salzburg: Universidade de Salzburg. Home page:
<http://www.sbg.ac.at/rom/people/prof/messner/dddport.htm>
- NASCENTES, Antenor (1932), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.
- NEBRIJA, Elio Antonio de (1989). *Vocabulario Español-Latino*, facsímil da 1ª ed. (Salamanca, 1495?), Real Academia Española.
- Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (versão 5.0), 2004.
- QUICHERAT, L. (1984). *Dictionnaire Français-Latin*. Paris: Hachette. Revisto, corrigido e aumentado por Émile Chatelain.

- SILVA, António de Moraes (⁴1831). *Diccionario da Língua Portuguesa Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau reformado, e accreccentado por António de Moraes Silva*, Lisboa.
- SILVA, António de Moraes (1949-1959). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência. Actualização de Cardoso Moreno e José Pedro Machado.
- SILVA, António de Moraes (1980). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência.
- Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval* (versão 1.0), (2002). Fundação Casa de Rui Barbosa.
- TEIXEIRA, G. (dir.) (2004). *Grande Dicionário: Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Corpora informatizados

- Base de Datos da Lírica Profana Galego-Portuguesa*, (BDLPG-P):
<http://www.cirp.es/pls/bdo2/f?p=103:2:10502344926869441174::NO::>
- Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, (CHPTB):
<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>
- Centro Ramón Piñeiro, *Corpus de Referencia do Galego Actual* (CORGA):
<http://corpus.cirp.es/corga/>
- Davies, Mark, *Corpus del Español*, (CEDavies):
www.corpusdelespanol.org/x.asp
- Mark Davies e Ferreira Michael, *Corpus do Português*, (MD-CF):
www.corpusdoportugues.org/x.asp
- Instituto da Língua Galega, *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TILG):
<http://www.ti.usc.es/tilg/>
- Instituto da Língua Galega, *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* (TMILG):
<http://ilg.usc.es/tmilg/index.php>
- Real Academia Española, *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA):
<http://corpus.rae.es/creanet.html>
- Real Academia Española, *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE):
<http://corpus.rae.es/cordenet.html>
- Universidade de Aveiro, *Corpus Lexicográfico do Português* (DICIweb):
clp.dlc.ua.pt/DICIweb
- Universidade de Coimbra, *Corpus Electrónico do Português do Período Clássico* (CEPPC):
www1.ci.uc.pt/celga/servicos/sec-ppc.htm

Universidade Nova de Lisboa, *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*:

<http://cipm.fcsh.unl.pt>

Universidade de Vigo, *Seminario de Lingüística Informática (SLI) - Dicionario de dicionarios do galego medieval, DDGM*.

<http://sli.uvigo.es/DDGM/index.html>

Estudos

ALMEIDA, M. Lopes de e BASTO, A. de Magalhães (s.d.). *Crónica de D. João I de Fernão Lopes*. II volume. Porto: Livraria Civilização - Editora.

ALVES, Ieda M. (³2007). *Neologismo. Criação lexical*. Série Princípios. São Paulo: Ática.

AMADO, Teresa (1991). *Bibliografia de Fernão Lopes*. Lisboa: Edições Cosmos.

AMADO, Teresa (1997). *Fernão Lopes, Contador de História*. Lisboa: Editorial Estampa.

ARAÚJO, António Martins de (2001). O vocabulário histórico-cronológico do português medieval. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 5.

ARNAUT, Salvador Dias (1985). *A crise nacional dos fins do século XIV: contribuição para o seu estudo*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

ARNAUT, Salvador Dias (s.d.). *Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes*. Porto: Livraria Civilização - Editora.

ASENSIO, Eugénio (1974). *Estudios Portugueses*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.

ATKINSON, Dorothy M. (1962). O estilo narrativo de Fernão Lopes. Separata de *O Ocidente* LXII.

AZEREDO, José Carlos de (³2004). *Fundamentos para a Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

BALDINGER, Kurt (²1972). *La Formación de los Domínios Linguísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Gredos.

BARRETO, Luís Filipe (²1983). *Descobrimentos e Renascimento. Formas de Ser e Pensarem Portugal nos Sécs. XV e XVI*. Lisboa: IN-CM.

BASÍLIO, Margarida (1980). *Estruturas Lexicais do Português*. Petrópolis: Vozes.

BASTO, Artur de Magalhães (1960). *Estudos: cronista e crónicas antigas: Fernão Lopes e a "Crónica de 1419"*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis).

BATAILLON, Marcel (1950). *Erasmus y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. Trad. castellana de Antonio Alatorre. México: Fondo de cultura económica.

- BATAILLON, Marcel (1974). *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português.
- BEAU, Albin Eduard (1959). *Estudos*, vol. 1. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis).
- BECHARA, Evanildo (1991). As fases da língua portuguesa escrita. *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Vol. III. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 68-76.
- BECHARA, Evanildo. As palavras também escondem a idade. In: ELIA, Sílvio et al (org.) (1998). *Na ponta da língua 1*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português; Lucerna.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso (1999). *História Crítica da Literatura Portuguesa* (dir. de Carlos Reis) Vol. II: *Humanismo e Renascimento*. Lisboa: Verbo.
- BRAGA, Teófilo (1909). *História da Literatura Portuguesa*. Vol. I: *Idade Média*. Porto: Livraria Chardron.
- BRAGANÇA, José de (1973). *Crónica de Guiné de Gomes Eanes de Zurara*. Introdução, novas anotações e glossário (com correcções à edição de 1937). Porto: Livraria Civilização.
- BROCARD, Maria Teresa (1999). Sobre o português médio. *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt, 7, pp. 107-125.
- CALADO, Adelino de Almeida (1991). *Estoria de Dom Nuno Alvares Pereyra*. Edição crítica da «Coronica do Condestabre» com introdução, notas e glossário. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis).
- CALADO, Adelino de Almeida (1994). *Livro da Vertuosa Benfeytoria*. Ed. crítica, introdução e notas. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis).
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso (³1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CANO, Rafael (coord.) (2004). *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Ariel.
- CANTARELLA, Eva (1996). *El peso de Roma en la cultura europea*. Trad. esp. de Miguel Ángel Ramos Sánchez. Madrid: Ediciones Akal.
- CARDEIRA, Esperança (2005). *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: IN-CM.
- CARDEIRA, Esperança (2006). *O Essencial sobre a História do Português*. Lisboa: Caminho.
- CARVALHO, J. Herculano de (²1984). *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora.
- CARVALHO, Joaquim de (1949). *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis).
- CASARES, J. (1992). *Introducción a la Lexicografía Moderna*. Madrid: C.S.I.C.
- CASTELEIRO, J. Malaca (1981). Estudo linguístico do 1º Dicionário da Academia. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, XXII, pp. 47-67.

- CASTRO, Ivo (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CASTRO, Ivo (1993). Elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro. *Biblos*, LXIX, 97-106.
- CASTRO, Ivo (2006). *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri.
- CASTRO, Ivo e DUARTE, Inês (2003). *Razões e Emoções – Miscelânea de estudos em homenagem A Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: IN-CM.
- CASTRO, Maria Helena Lopes de (1998). *Leal Conselheiro*. Edição crítica e anotada. Lisboa: Bertrand.
- CHAVES, Maria A. G. Arola (1970). *Formas de pensamento em Portugal no séc. XV*. Lisboa: Livros Horizonte.
- COSTA, Avelino de Jesus (1979). Os mais antigos documentos escritos em português. *Estudos de Cronologia, Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*. Porto.
- CRISPIM, Maria de Lurdes (2002). *O Livro das Tres Vertudes – a Insinância da Damas*, ed. crítica. Lisboa: Caminho.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (2004). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- CURTIUS, Ernst Robert (1989). *Literatura europea y Edad Media latina*. Trad. esp. de Margit Frenk Alatorre y Antonio Alatorre. México: Fondo de Cultura Económica.
- DIAS, Aida Fernanda (1998). *História Crítica da Literatura Portuguesa* (dir. de Carlos Reis) Vol. I: *A Idade Média*. Lisboa: Verbo.
- DINIS, António J. Dias (1949). Vida e obras de *Gomes Eanes de Zurara*, Introdução à *Crónica dos Feitos da Guiné*, I. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- ERNOUT, Alfred (1974). *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck.
- ESTRADA, Francisco López (1987). *Introducción a la literatura medieval española*. Madrid: Gredos.
- FERREIRA, José de Azevedo (1995). Subsídios para o estudo da formação da prosa em Portugal. *Actas do XIX Colóquio Internacional de Linguística Funcional*. Coimbra: Faculdade de Letras, pp. 51-57.
- FREIRE, António (1983). *Lições de Filologia e Língua Portuguesa*. Braga: Faculdade de Filosofia.
- FREIRE, António (1984). *Helenismos Portugueses*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- GÂNDAMO, Pêro de Magalhães (1981). *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- GEADA, Maria Emília Duarte (1964). *Fernão Lopes e a influência de Pero López de Ayala na Crónica de D. Fernando. Outras fontes*. Coimbra: dissertação de Licenciatura.

- GODINHO, Vitorino Magalhães (2004). *Portugal, a Emergência de uma Nação (Das Raízes a 1480)*. Lisboa: Edições Colibri.
- HERNÁNDEZ, H. (ed. (1994). *Aspectos de Lexicografía Contemporánea*. Barcelona: Bibliograf / Universidad de Murcia.
- HIGHET, Gilbert (1954). *La tradicion clasica: influencias griegas y romanas en la literatura occidental*. Trad. esp. de Antonio Alatorre. México: Fondo de Cultura Económica.
- História da Expansão Portuguesa*. Vol. 1. (1993). Direcção de Francisco Bethencourt e Chaudhuri Kirti. Lisboa: Círculo de Leitores.
- HUBER, Joseph (1986). *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Gulbenkian.
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. (2000) *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Linguagem - Linguística Aplicada apresentada à Universidade do Minho. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. (2001). A palavra como unidade lexicográfica? In Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, pp. 459-468
- KING, Larry (1978). *Gomes Eanes de Zurara. Crónica do Conde D. Duarte de Meneses. Edição diplomática*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (org.) (1993). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- LAPA, Rodrigues (¹¹1984). *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- LAPA, Manuel Rodrigues (¹⁰1981). *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*. Coimbra: Coimbra Editora.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1930). *Froissart e Fernão Lopes*. Lisboa: Impr. Beleza.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1965). *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1972). *Historiadores quinhentistas*. Lisboa: Seara Nova.
- LAPESA, Rafael (⁹2001). *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Gredos.
- LAUSBERG, Heinrich (1974). *Linguística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LÁZARO, António Manuel (1990). *Gomes Eanes de Zurara. Crónica do Conde D. Pedro de Meneses Continuada à Tomada de Ceuta. Edição diplomática e crítica*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (dissertação de mestrado).
- LEITE, Yonne de Freitas (1980-81). Reordenamento ou analogias? (Algumas evidências da História do Português). *Boletim de Filologia*, Lisboa, XXVI, pp. 51-68.

- LIDA DE MALKIEL, Maria Rosa (1975). *La Tradición Clásica en España*. Barcelona: Editorial Ariel.
- LIDA DE MALKIEL, Maria Rosa (1978). *Estudios sobre la literatura española del Siglo XV*. Madrid: José Porrúa Turanzas.
- LLEAL, Coloma (1990). *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova.
- LLOYD, Paul M. (2003). *Del Latín al Español*. Trad. esp. de Adelino Álvarez Rodríguez. Madrid: Gredos.
- LORENZO, Ramón (1977). *La Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. II volumes. Ed. crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosário. Orense: Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijóo, 1975-1977.
- LOZOYA, Marqués de (1931). *El cronista Don Pedro López de Ayala y la historiografía portuguesa*. Madrid.
- LÜDTKE, Helmut (1974). *Historia del léxico románico*. Madrid: Editorial Gredos.
- MACCHI, Giuliano, (2007). *Crónica de D. Pedro de Fernão Lopes*. Edição crítica, introdução e índices (com revisão do texto por Teresa Amado). Lisboa: IN-CM.
- MACHADO, José Pedro (1967). *Origens do Português (Ensaio)*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986). *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: INIC.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1994). O tratado de Tordesilhas: algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do século XV. *Biblos*, LXX, 33-91
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1997). *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Lisboa: Gulbenkian.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1985). *História de Portugal*. vol. I: *Das Origens ao Renascimento*. Lisboa: Palas Editores.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1971). *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. Lisboa: Sá da Costa.
- MARTINS, Ana Maria (2001). *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*, Lisboa: INCM.
- MARTINS, José V. de Pina (1970). *Sobre o Conceito de Humanismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARTINS, José V. de Pina (1974). *Cultura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo.
- MATEUS, M^a Helena Mira (2010). *Vida e Feitos de Júlio César*. III volumes. Edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista de «Li fet des Romains». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- MATEUS, M^a. H. Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub (⁶2004). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (2008). *O Português Arcaico - Uma Aproximação*. I volume: Léxico e morfologia; II volume: Sintaxe e fonologia. Lisboa: IN-CM.
- MATTOSO, José (1992-93). *História de Portugal* (dir.). Lisboa: Círculo de Leitores.
- MEIER, Harri (1943). A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas. Separ. da *Biblos*, XVIII, tomo II.
- MEIER, Harri (1948). *Ensaio de Filologia Românica*. Lisboa: Edição da Revista Portuguesa.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (⁹1980). *Orígenes del Español. Estado Lingüístico de la Península Ibérica hasta el Siglo XI*. Madrid: Espasa-Calpe.
- MESSNER, D. (2007). Os dicionários portugueses, devedores da lexicografia espanhola. *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, n^o4, pp. 147-151.
- MONTEIRO, João Gouveia (1988). *Fernão Lopes. Texto e Contexto*. Coimbra: Minerva.
- MORENO, Humberto Baqueiro (s.d.). *Crónica de D. João I de Fernão Lopes*. I volume. Porto: Livraria Civilização - Editora.
- NADAL, Gloria Clavería (1991). *El latinismo en español*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- NASCIMENTO, Aires do (1993). As livrarias dos príncipes de Avis. *Biblos*, LXIX, pp. 265-287.
- NEMÉSIO, Vitorino (1930-31). Alguns aspectos da prosa medieval, *O Instituto*, 80.
- NETO, Serafim da Silva (1956). *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- NETO, Serafim da Silva (⁶1992). *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- NUNES, Irene Freire (2007). *Horto do Esposo*. Edição crítica. Lisboa: Edições Colibri.
- NUNES, José Joaquim (⁹1989). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- PAIVA, Dulce de Faria (1988). *História da Língua Portuguesa*. Vol. II: *Século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Editora Ática.
- PARKINSON, Stephen (1976-79). Os Tabeliães, o seu título e os seus documentos. *Boletim de Filologia*, Lisboa, XXV, pp. 195-211.
- PAUL, Herman (²1983). *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Trad. port. de Maria Luísa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, Francisco Maria Esteves (1915). *Crónica da Tomada de Ceuta por el Rei D. João I composta por Gomes Eanes de Zurara*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

- PIEL, Joseph M. (1980). Um difícil verbo medieval português: *amo(o)rar*. *Revista Portuguesa de Filologia*, Lisboa, LXIII, pp. 41-47.
- PIEL, Joseph Maria (1989). *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: IN-CM.
- PIEL, Joseph-Maria (1942). *Leal Conselheiro, o qual fez Dom Eduarte Rey de portugal e do algarve e senhor de Cepta*. Edição crítica e anotada. Lisboa: Bertrand.
- PIEL, Joseph-Maria (1948). *Livro dos Ofícios de Marco Túlio Cícero, o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra*. Edição crítica, segundo o ms. de Madrid, prefaciada, anotada e acompanhada de glossário. Coimbra: Universidade de Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis).
- PIEL, Joseph-Maria (1986). *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar toda Sela, que fez El-rey Dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta*. Edição crítica, introdução e notas. Lisboa: IN-CM.
- PIMPÃO, Álvaro J. da Costa (²1959). *História da Literatura Portuguesa: Idade Média*. Coimbra: Atlântida.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa (1939). *A historiografia oficial e o sigilo sobre os descobrimentos*. Coimbra: Biblioteca Universidade.
- PORTO DA PENA (2002). *Manual de Técnica Lexicográfica*, Madrid: Arcos / Libros.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1984). Algumas observações sobre a noção de «língua portuguesa». *Boletim de Filologia*, Lisboa, 29, pp. 585-592.
- REBELO, Luís de Sousa (1982). *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- RIBEIRO, Orlando (1987). *A Formação de Portugal*. Lisboa: ICALP.
- RIBEIRO, Orlando (⁴1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Sá da Costa.
- RICO, Francisco (1993). *El sueño del humanismo: (de Petrarca a Erasmo)*. Madrid: Alianza.
- ROHLFS, Gerhard (1979). *Estudios sobre el léxico Románico*. Madrid: Gredos.
- RUSSEL, Peter Edward (1941). *As fontes de Fernão Lopes*. Trad. port. do original inédito inglês de A. Gonçalves Rodrigues. Coimbra: Coimbra Editora.
- RUSSEL, Peter Edward (1985). *Traducciones y Traductores en la Península Ibérica (1400 - 1550)*. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona.
- SAID ALI, Manuel (³1964). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- SANTOS, Maria José de Moura (1980). Importação Lexical e Estruturação Semântica. *Biblos*, LVI, pp. 573-598.
- SANTOS, Maria José de Moura (1996-97). Cultismos ou Moçarabismos. *Revista Portuguesa de Filologia*, Lisboa, 21, pp. 287-323.

- SARAIVA, António José (³1996). *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva.
- SENA, Jorge de (1988). *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio M. (1938). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1972). *A Historiografia Portuguesa. Doutrina e Crítica*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (²1989). *Cronistas do Século XV posteriores a Fernão Lopes*. Lisboa: ICLP.
- SILVA, Carlos Eugénio Corrêa da (1972). *Ensaio sobre os Latinismos nos Lusíadas*. Lisboa: IN-CM.
- SOARES, Torquato de Sousa (1977). *A Historiografia Portuguesa no Século XV. Crónicas e Cronistas*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- SOUSA, Fr. João de e MOURA, Fr. Joze de Santo Antonio (2004). *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal*. Lisboa: Livraria Alcalá.
- TARRÍO, Ana MARía (2001). Tradução e nobilitação literária: uma estratégia não re- latinizadora no português quinhentista. *Evphrosyne*, 29, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 157-170.
- TEYSSIER, Paul (1980). *História da Língua Portuguesa*. Trad. port. de Celso Cunha, (⁸2001). Lisboa: Sá da Costa.
- VASCONCELOS, José Leite de (³1966). *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VERDELHO, Telmo (1992). Aspectos de diacronia lexical do Português. A inovação entre o *Dicionário de Moraes Silva* e o *Vocabulário de Português Fundamental*. *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Românicas*, vol. II: *Lexicología e Metalexicografía*, Corunha: Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 133-147.
- VERDELHO, Telmo e J. P. Silvestre (org.) (2007). *Dicionarística Portuguesa. Inventariação e Estudos do Património Lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- VIDOS, B. E. (1963). *Manual de Linguística Romana*. Trad. esp. de Francisco de B. Moll. Madrid: Aguilar.
- VILELA, Mário (ed.) (1979). *Problemas de Lexicologia e Lexicografia*. Porto: Livraria Civilização.
- VILLAVA, Alina (2000). *Estruturas Morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- WAGNER, M. L. (1941). Aditamentos às Nótulas sobre alguns arabismos do português. *Biblos*, XVII, tomo II, Coimbra, pp. 601-612.

- WILLIAMS, Edwin (⁴1986). *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. port. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- YEBRA, Valentín García (2004). *Traducción y enriquecimiento de la Lengua del traductor*. Madrid: Gredos.

ANEXO

Índice analítico da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*